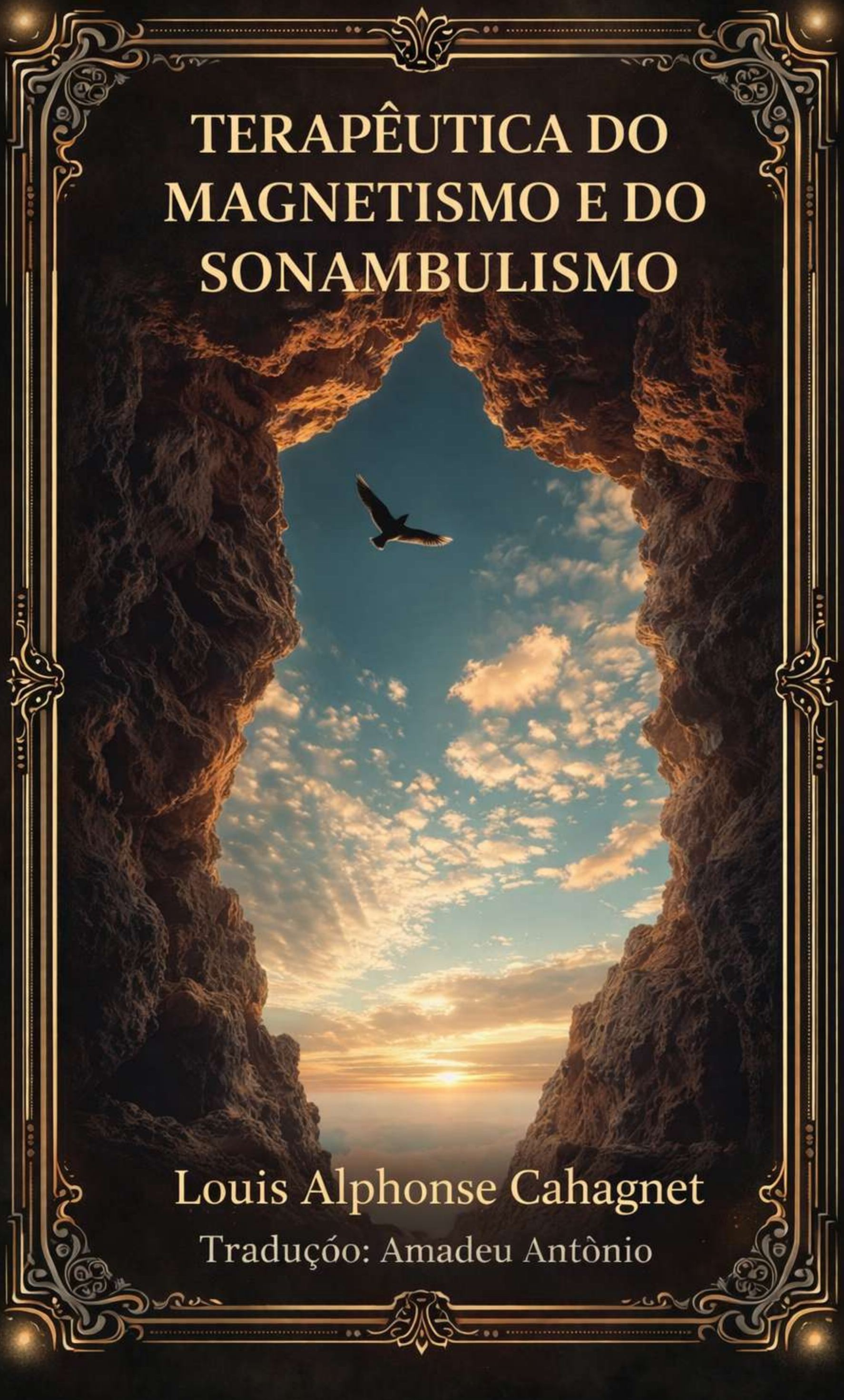
TERAPÊUTICA DO MAGNETISMO E DO SONAMBULISMO



Louis Alphonse Cahagnet

Traduçóo: Amadeu Antônio

ADEQUADA ÀS DOENÇAS MAIS COMUNS

AUXILIADA PELO EMPREGO DAS PLANTAS MAIS USUAIS EM MEDICINA. INFORMAÇÕES SOBRE A COMPOSIÇÃO E SOBRE A APLICAÇÃO DOS REMÉDIOS RECOMENDADOS. PRANCHAS ANATÓMICAS COM EXPLICAÇÃO FILOSÓFICA.

Por Alphonse CAHAGNET

Paris 1883

INTRODUÇÃO

Apresentamos hoje aos nossos leitores o fruto de observações conscienciosas que acreditamos ser úteis para a instrução e a felicidade de todos, tanto pelas luzes que supomos que elas contêm, como pelo quadro o mais completo possível das questões que tratam.

Muitos honrosos estudantes nos precederam nestas questões com um talento e um sucesso que a nossa educação imperfeita não nos permite esperar; no entanto, sentimos a necessidade de juntar algumas novas observações às daqueles estudantes e de encorajar o leitor a dirigir a sua atenção para o que lhe vamos dizer. Desejamos reunir tanto quanto possível estes estudos aos que os precederam, para que o leitor tire deles um melhor proveito para a sua instrução.

Desejamos sobretudo estudar seriamente as questões (as faculdades e as dependências do homem em particular, assim como as dos constituintes da natureza dos três reinos; não queremos circunscrever estes estudos aos do magnetismo humano mais do que àqueles da terapêutica que dele decorre. Invejamos estendê-los a toda a questão concernente aos conhecimentos que o homem deve adquirir pela sua própria individualidade, depois terminá-los-emos com apreciações e com conselhos médicos ao alcance de todas as inteligências.

Esperamos vir em socorro do maior número por um simples formulário tratando de um grande número de doenças; da virtude, da preparação e do emprego dos remédios mais usuais que lhes são opostos. É sobretudo a este estudo que nos aplicaremos, em vista do bem que pode resultar para cada um, de saber manipular convenientemente estes tópicos às nossas dores e de os aplicar.

Fomos ajudados nestes estudos por diferentes videntes, mas mais particularmente pela nossa lúcida superior, tanto conhecida sob os nomes de Adèle Maginot, faremos observar que o nome de Adèle não é o seu verdadeiro nome, que é Thèodule Maginot, nomes inscritos no Registo Civil.

Durante trinta e cinco anos, tivemos ocasião de apreciar a sua alta lucidez, sobretudo no tratamento das doenças para o qual ela tinha e ainda tem uma verdadeira afeição... Pôde-se conhecer o seu valor na nossa obra:

Arcanes de la vie future dévoilés, pelos numerosos sucessos nas evocações dos defuntos, assim como pelo seu conhecimento tão precioso da virtude das plantas medicinais de que se pôde julgar na obra com o título: Traitement des maladies, onde mais de cento e cinquenta plantas são ensinadas assim como as suas virtudes medicinais. Esta obra estando esgotada há vários anos, levou-nos a dar-lhe uma continuação naquela que propomos hoje aos nossos leitores, por um quadro muito mais extenso.

Publicamos pois esta obra, baseada em estudos e em factos novos que encorajamos o estudante a meditar e a conceder-lhes toda a confiança. Podemos enganar-nos, mas nunca enganaremos conscientemente pobres sofredores que, como nós, invocam a saúde aos altos brados, e a instrução com amor.

Somos um aluno da natureza, estudamos, argumentamos e concluímos à nossa maneira, sem nos submetermos cegamente a nenhuma Escola. Que o leitor siga o nosso exemplo ao estudar o que lhe vamos submeter, que argumente as nossas proposições, se o desejar, e que conclua em toda a liberdade...

Não vimos a ele para ser lido, para ser crido e não contraditado; pelo contrário, vimos a ele para propor e para ser estudado. Somos apenas um estudante como ele, tão pronto a aprender o que não conhecemos como a ensinar o que sabemos. Vimos muito, meditámos muito, praticámos muito, e sofremos muito, é por isso que decidimos, antes de deixar a terra, comunicar aos nossos irmãos o que acreditamos ser útil à sua saúde e à sua felicidade.

CAPÍTULO PRIMEIRO

MAGNETISMO DA NATUREZA E MAGNETISMO ANIMAL.

Não empreenderemos dar uma definição da palavra magnetismo oficialmente admitida pelos sábios: deixamos-lhes o direito de conhecer a raiz das palavras, o que nada adiciona à coisa; mas diremos que o magnetismo oficial é uma potência de relações simpáticas e antipáticas dos corpos celestes e de todos os da natureza entre si, relações que se manifestam por efeitos de atração e de repulsão gerados reciprocamente por emissões fluídicas, que se trocam de globo a globo e de corpo a corpo, para manter a sua forma, as distâncias que os separam, e as trocas ocultas que garantem a sua existência.

(O magnetismo, ou este agente vital da criação, gera além das resistências e das dependências que se estendem dos globos à sua esfera e destas a todas as frações do universo.

Torna-se sensível à nossa observação, na nossa posição astral:

1º Pela influência vivificante dos raios solares sobre o reino vegetal em primeiro lugar como sobre o reino animal, que não poderia existir sem o seu socorro.

2º Pelo estado elétrico em que faz entrar todos os corpos, o que mantém o seu movimento particular como o universal.

3º Engendra e dissolve as nuvens, gera, agita e apazigua os ventos.

4º Ilumina os céus e os obscurece... transporta os globos no seu vasto manto azul... branqueia os nossos telhados no inverno e verdeja os nossos prados na primavera; é a influência do íman sobre a bússola; é a afinidade dos metais entre si, por combinações químico-galvânicas que se oferecem aos nossos olhos sem que conheçamos a lei; gera a eletricidade, o raio e enfim tudo o que se procura e se foge; se harmoniza e se perturba. E DO SONAMBULISMO.

Magnetismo animal.

Este magnetismo não reconhecido oficialmente não é de outra natureza que o primeiro. Pertence ao domínio do nosso reino e da nossa espécie em particular; é produzido conjuntamente pelo espírito e pela matéria; é o espírito, a força e o agente invisível que ligam todas as moléculas dos corpos; é o fio condutor que faz levar o olhar inquieto do homem das nebulosas às estrelas, destas aos planetas e destes últimos ao nosso vasto foco solar que o força a baixar-se com respeito e submissão.

É ele que faz reencontrar ao cão fiel o dono que perdeu; ao pombo o ninho de que o roubaram; à andorinha climas mais suaves; é ele que atrai e transporta a imensas distâncias o pólen das flores cujo cálice o chama com volúpia; é ele que faz relinchar o cavalo no lugar onde o seu irmão foi abatido; que faz mugir o touro ao contacto do carniceiro; balir o vitelo à vista do matadouro, e o cordeiro à do punhal que o deve imolar;

O homem como todos os seres do seu reino possui a sua parte deste agente de vida, de amor e de ciência.

Mesmer, sábio doutor alemão, foi o primeiro dos científicos dos tempos, que, não direi descobriu, mas observou, analisou, apreciou e definiu o magnetismo humano do ponto de vista médico (1)... é o primeiro que elevou o seu estudo à altura de uma ciência à espera que se eleve à altura de um sacerdócio.

Mesmer encontrou no seu caminho o que todo o homem mais avançado que os seus irmãos encontra ordinariamente: isto é, argumentos e contestações apaixonadas geradas pela ignorância ou pelo orgulho ferido... Os cavaleiros do Apagador tentaram apagar a luz que este sábio oferecia aos seus olhos; mas não possuíram um sopro bastante poderoso para realizar tal obscuridade!

Mesmer morreu no esquecimento, longe da sua pátria e ridicularizado pelos sábios cujos conhecimentos veio ampliar. O invólucro deste filósofo repousa sob alguns pés de terra, num canto deste globo que enriqueceu com o seu saber! A sua memória está gravada em milhares de corações reconhecidos!

Não faremos aqui o histórico do magnetismo humano, noventa anos de existência atestam que atingiu uma idade respeitável em França; e dois mil volumes escritos sobre esta ciência provam-nos que os tolos como os sábios podem fornecer o seu contingente à biblioteca dos conhecimentos universais.

MM. Desion, de Puységur, Deleuze, Chardel,

(1) Ler os seus aforismos.

Despine, sobretudo o Barão du Potet foram os primeiros a produzir, ensinar e defender corajosamente a nova ciência.

O marquês de Puységur, ao provocar e dirigir o sonambulismo magnético; M. Deleuze, bibliotecário no Jardim das Plantas, em Paris, discutindo por correspondência com o doutor Billot, as altas faculdades humanas geradas pelo estado sonambúlico; M. Chardel entrevendo as relações dos seres do além-túmulo connosco; o doutor Despine e M. Possin pressagiando os factos maravilhosos dos médiuns dos nossos dias; depois M. du Potet demonstrando corajosamente e generosamente, durante sessenta anos, em cursos públicos, os meios de magnetizar e todo o socorro médico que se pode esperar deste precioso agente. É a este sábio que se devem seguramente as primeiras manifestações do estado mediúnico que está tão difundido nos nossos dias sob o nome de médiuns: Estado misto entre o estado do sono, ambulismo natural e o provocado pelo magnetismo.

Em todos os tratados de magnetismo, vê-se que este agente se troca:

1º Ao meio de passes feitos à distância e de toques diferentes localmente ou geralmente, segundo as necessidades dos corpos que reclamam a sua ação;

2º Sem nenhum contacto dos corpos, pelos só efeitos do olhar e do pensamento;

3º A sua ação pode ser igualmente depositada sobre objetos intermédios preparados para esse efeito, para suprir todo o relatório direto entre os seres.

Presume-se que, em todos os corpos do reino animal, a vida faz a sua ascensão mais particularmente das bases aos cumes como acreditamos notar nas produções do reino vegetal, o agente magnético de que falamos introduz-se geralmente numa direção contrária a esta ascensão (embora haja exceções).

Quase todos os males ou os distúrbios acidentais ou crónicos não parecem ser ocasionados senão pela ascensão demasiado brusca da vida para os cumes nos seres ou pela sua estagnação nas localidades diferentes dos corpos: num e noutro caso, perturba ao dar demasiado ou ao não dar o suficiente. É então que é preciso suprir este defeito de harmonia pela direção e pela potência deste agente chamado vital ou magnético, nomes sinónimos.

Meios gerais de magnetizar.

Sem esperar ser tão demonstrativo, nem tão detalhado como alguns autores que trataram desta questão, vamos dar uma visão suficiente das noções indispensáveis a conhecer sobre este assunto, completaremos estas informações na ocasião.

O magnetismo no homem não é senão o que é em todo o fluido, sendo modificado pelos meios, que atravessa em todos os seres e em todas as substâncias. Existe em cada corpo em doses e em graus mais ou menos extensos. Contém propriedades curativas, estimulantes, fortificantes, benfazejas e mesmo maléficas.

Este agente pode ser comparado nas suas manifestações ao aroma que sai de todos os corpos da natureza; pois não conhecemos um corpo aqui em baixo que não produza, na esfera que o rodeia, uma emanação aromal qualquer.

Esta emanação no homem é muito abundante e constante. O homem pode acumulá-la pela potência da sua vontade sobre as localidades perturbadas em proveito destas localidades.

Este agente administra-se, como dissemos, de diferentes maneiras, que são: por passes magnéticos feitos à distância do sujeito; por toques, sem nenhum contacto, pela potência do olhar e da vontade; por uma magnetização de objetos intermédios que suprem o relatório direto dos seres.

Passes magnéticos

Chamam-se passes magnéticos uma maneira de magnetizar que consiste em que o magnetizador se mantém a uma certa distância do doente estando de pé ou sentado, mantendo as mãos abertas, a ponta dos dedos dirigida para a parte que deseja acionar. Após cerca de um minuto nesta posição, desce-as lentamente para as extremidades que quer atingir. Recomeça assim várias vezes até se sentir fatigado; quinze a trinta minutos bastam no entanto ordinariamente a cada magnetização.

Estas sortes de passes têm três nomes diferentes; as primeiras chamam-se passes volantes ou a grandes correntes. Estas passes são as que se começam à altura da testa, e que se terminam na ponta dos pés sem ponto

de paragem. Colocam-se ordinariamente dois a três minutos no percurso de cada passe. As segundas são passes locais que se fazem a partir de uma localidade qualquer do corpo, fazem-se sempre descendo às extremidades destas localidades; por exemplo, para o peito, começar no pescoço e terminá-las no ventre, se for o ventre, descer até aos joelhos, etc. As terceiras chamam-se passes transversais: estas passes servem para desobstruir, em toda a ocasião, uma localidade qualquer do corpo, do fluido que aí se acumulou, com ou sem o vosso consentimento: como isso acontece no sonambulismo de que falaremos mais tarde.

Estas passes fazem-se horizontalmente com uma certa velocidade, em frente à parte que se quer desobstruir, aproximam-se para esse efeito o dorso das mãos uma contra a outra, a palma para fora; depois afastam-se bruscamente como se se quisesse ventilar esta parte. Repetem-se estes gestos várias vezes. Estas passes fazem-se à distância de alguns centímetros, a alguns metros.

Em todas as magnetizações, é preciso evitar colocar a mesma intenção no relatório das mãos para as partes que se quer desobstruir, que aquela que se colocou para acionar estas partes; é por isso que nunca se sobem as mãos na mesma posição em que se baixaram: afastam-se do corpo para que não tragam com elas os corpúsculos fluídicos, sanguíneos, nervosos ou mórbidos que se desejou atrair para desobstruir a localidade onde estão acumulados.

No fim de cada passe, é bom sacudir e soprar nas mãos e nos dedos como se alguma poeira aí se tivesse agarrado. É bom igualmente, no fim de cada sessão, lavar bem as mãos numa água fracamente acidulada por uma substância preservadora; seja vinagre, água de Colónia, essência de limão, água-de-vida canforada ou água fenicada a dez gramas por mil de água.

Aqueles que não tiverem nenhum meio de lavar assim as mãos, farão bem em continuar, a fazer alguns passes para um móvel qualquer, ou ao ar livre, tendo a intenção de se desobstruir de toda a má absorção de fluido. Recomendamos esta precaução, que não é admitida por muitos magnetizadores, e à qual recorrem quando já não é tempo.

Nunca se deve magnetizar uma doença menos grave, num segundo doente, que aquela que se acaba de atacar no primeiro, sem colocar pelo menos três ou quatro horas de intervalo; pois poderia transmitir-se ao segundo o que se teria retirado ao primeiro, se sobretudo não se tivesse bem desobstruído depois de o ter magnetizado; os doentes são muito mais sensíveis que nós a este género de absorção; e os magnetizadores, em geral, fazem menos curas do que fariam, se tivessem alguma confiança neste conselho.

Todos os seres de boa saúde podem ser magnetizadores: mas entre o magnetizador observador e o magnetizador mecânico, há uma enorme

diferença. Um procede com saber e prudência; o outro procede, ou descuidadamente, ou com orgulho. — Grandes escolhos, como grandes arrependimentos, atingem estes últimos sobretudo cedo ou tarde.

Magnetismo por toques

Os toques dividem-se: 1º pela imposição das mãos de um a alguns minutos sobre a parte doente, ou sob esta parte, se o sujeito não pode sofrer nenhum toque sobre ela; 2º em fricções sobre uma parte ou sobre todo o corpo, à pele nua ou coberta dos seus vestuários; 3º por pressões locais ou gerais sobre todo o corpo, seja num defeito de circulação do sangue ou dos fluidos, como na paralisia, chamam-se estas pressões massagem. Começam-se muito suavemente, depois exigem um aumento de pressão tão forte quanto pode suportá-la o ser sobre o qual se age.

É recebido, que em todas as maneiras de magnetizar, se deve agir descendo das partes superiores às partes inferiores, como dissemos: da cabeça aos rins, aos joelhos, etc.

Os toques ordinários fazem-se pousando uma mão sobre a localidade sofredora e a outra mão em oposição, isto é, se for, por exemplo, a testa que se aciona para acalmar uma enxaqueca ou outro distúrbio, pousa-se o interior das mãos sobre a testa e atrás da cabeça os dedos elevados durante cinco a dez minutos; se esta imposição não produzir o resultado desejado, apresenta-se então a ponta dos dedos mal reunidos um contra o outro, nos lugares onde se tinha pousado o interior das mãos, depois descem-se estas na posição em que se encontram até aos rins e ao oco do estômago, ou até à ponta dos pés, segundo se encontre conveniente.

Nunca se deve empregar nenhuma força, nem nenhuma rigidez dos braços em toda a ação deste género; pelo contrário, a sua flexibilidade facilita o escoamento do dito fluido. É mesmo necessário sentar-se neste género de magnetização, seja diante ou ao lado do doente, segundo a parte que se aciona para experimentar menos fadiga.

Obtém-se igualmente um bom resultado na enxaqueca, ou na invasão do cérebro pelo sangue, ou por vapores deletérios soprando sobre a testa a dez centímetros de distância, com a intenção que este sopro penetre até ao cérebro, o refresque e o acalme.

Não citaremos aqui outra maneira de magnetizar, cada magnetizador tem a sua na qual tem fé. Imitai-os tendo a vossa, se ela produzir os efeitos que desejais obter; pois se o fluido magnético é de um grande socorro nas doenças, duplica em virtude, administrado e recebido com confiança, esta confiança levada ao máximo fez operar curas inesperadas, e parece libertar o homem das leis impostas à matéria.

Pode-se consultar sobre este assunto as obras cheias de factos deste género, mas para bem operar nos limites dos factos ordinários, é preciso ter

apenas o desejo de fazer o bem. O que já dissemos, e o que nos resta dizer sobre esta questão, facilitará ao estudante obter tanto quanto possível os resultados desejados.

Magnetismo pelo olhar e pelo pensamento

Se não podeis ver uma bela mulher sem experimentar desejos lascivos; um quadro de pestíferos sem vos enternecerdes; um ser em aflição sem voar em seu socorro; pensar num assassinato sem vos animardes de uma legítima vingança; pensar num subornador, sem experimentardes uma justa indignação; nas torturas sofridas por Campanella sem amaldiçoardes os seus algozes; não podeis desconhecer nem negar que estes quadros têm a potência de introduzir pelos vossos olhos, ou por toda a outra parte do vosso corpo um agente que vem estimular os vossos sentidos e perturbar o vosso espírito.

Não podeis igualmente desconhecer, que os pensamentos historiados pela escrita ou pela imprensa têm a mesma potência estimulante: no entanto não são seres agindo com vontade sobre vós; se o fazem assim sem o querer, porque não faríeis a mesma coisa querendo-o? porque não agitaríeis como sois agitado? Se me responderdes que não são estas coisas que vos agitam, mas que sois vós mesmos que vos agitais à sua vista, não reconhecereis menos que elas são as causas determinantes destas agitações.

Se não vos tivésseis encontrado em contacto com elas pelo olhar ou pelo pensamento, não teríeis experimentado este distúrbio. Pois bem! podeis sobre outrem o que outrem pode sobre vós. Não dizemos que podereis sobre outrem o que quiserdes, mas podereis na proporção da sensibilidade magnética do ser que vos for submetido.

Sabei que não podeis olhar nem tocar um ser por mais ínfimo que seja na criação, sem adicionar, ou sem subtrair ao seu estado uma sensação de um estado diferente. Podeis pois também bem magnetizar pelo olhar e pelo pensamento como pelos gestos materiais; pois a ação que produzis sobre o vosso sujeito, está na proporção do acordo ou do desacordo das vossas almas. As almas entre si estão onde estão os seus pensamentos e sentem instantaneamente o contacto dos ditos pensamentos, contacto que a observação só constata após a apreciação dos sentidos materiais!

Não queremos estender-nos sobre esta questão neste estudo primeiro; teremos ocasião de voltar a ela nos seguintes. Dizemos ao estudante, fazei seguir ao vosso olhar com a mesma vontade o mesmo trajeto que aos passes pré-citados, obtereis os mesmos resultados.

Magnétismo pelo recurso a objetos intermediários.

Este género de magnetismo emprega-se ordinariamente em relação às pessoas atingidas por doenças contagiosas, ou às quais as manipulações desagradam. Satura-se então de fluido benfazejo os objetos destinados a esse fim, procedendo-se da mesma maneira, isto é, segurando esses objetos entre as mãos, e fazendo passes sobre eles com a mesma intenção que se teria se se agisse diretamente pelo contacto sobre a pessoa que se quer aliviar.

Todos os efeitos pliantes ou não pliantes, assim como os líquidos, são magnetizáveis; é assim que se magnetiza com muito sucesso as bebidas destinadas aos doentes, ou a água pura. Esta água é um excelente recipiente do pensamento humano, ela é um fiel executor dos nossos desejos, também todos os magnetizadores lhe fazem o maior elogio. Os seus efeitos são superiores quando bebida em jejum do que entre as refeições. —

Basta, para as bebidas em geral, segurar numa mão pelo fundo o vaso no qual elas estão contidas; ou pousá-lo sobre os joelhos e agitar* suavemente os dedos à sua superfície durante um tempo variando de três minutos, para um copo de líquido até trinta minutos para um grande banho, agitando a água com as mãos, sempre com a intenção de saturar os líquidos de uma emissão benfazeja; aqueles nos quais se poderá agitar ligeiramente a ponta dos dedos sem desgostar o doente, como as mãos nos grandes banhos, assim como soprar sobre eles várias vezes, não serão senão mais saturados e mais eficazes.

Nas magnetizações em geral feitas de perto ou à distância, seja pelo olhar ou pelo pensamento, assim como para os objetos intermédios, é preciso sempre ter apenas uma única intenção que é curar ou pelo menos aliviar se Deus o permitir; Neste caso, a oração mental (oração do coração) é de um grande socorro, na medida em que ela chama em vossa ajuda uma potência superior à vossa de que não se pode duvidar, que sustenta a vossa fé e que nunca é invocada em vão nessas circunstâncias.

Adjuvantes empregados no magnétismo

Não tentaremos dar conhecimento dos adjuvantes que foram propostos e empregados até aos nossos dias, para ajudar, fortificar ou produzir uma ação magnética superior à ação simples. Baldes de toda a composição, reservatórios de toda a espécie, correntes magnéticas de todas as disposições, foram empregados com mais ou menos sucesso, mas nenhum meio que saibamos pôde, até ao dia de hoje, substituir o reservatório do homem, que é um reservatório permanente deste agente sempre à sua vontade, tanto quanto ele próprio está de boa saúde.

Os meios de que acabamos de falar estão indicados na biblioteca magnética do último século, em obras cheias de informações nesse género. Todos

esses meios estão abandonados hoje, na medida em que os resultados não corresponderam à expectativa dos magnetizadores. •

O fluido magnético é em toda a ocasião emitido e absorvido com mais sucesso algumas horas após as refeições, do que saindo delas.

Ele é curativo na razão dos bons órgãos que se opõem aos maus. A harmonia produz a harmonia, e a desarmonia produz a desarmonia. É por isso que nos tratamentos pela corrente dita magnética, por exemplo, corrente composta de doentes atacados por doenças diferentes, como pelo socorro dos reservatórios e baldes magnéticos à volta dos quais os doentes faziam círculo, via-se aí produzir crises que se tornavam contagiosas; crises nas quais certos doentes se encontravam curados e onde outros viam duplicar os seus males.

A troca feita desses fluidos saindo de doentes mais ou menos afetados de males diferentes tornavam contagiosos sobretudo aqueles que afetavam o sistema nervoso; era o mesmo com os baldes contendo plantas medicinais. A mistura dessas plantas convinha pouco aos doentes afetados de doenças diferentes; as plantas excitantes convinham pouco aos doentes que pediam plantas calmantes; uns e outros encontravam-se portanto mais ou menos aliviados pela absorção desses fluidos heterogéneos.

A ideia que tivera o marquês de Puységur primava sobre as precedentes, na medida em que ele tinha, no seu parque, adotado uma bela tília, a fizera rodear de bancos, prendera cordas aos ramos, e convidava cada doente a pegar uma na sua mão, e a sentar-se pacificamente sob a espessa folhagem dessa árvore, que ele magnetizara previamente com todo o amor e toda a energia de que era capaz. Seguiram-se algumas curas que o inverno veio interromper. Este meio como os precedentes foi abandonado.

Dissemos o que há de mais útil a conhecer para aquele que quer fazer ensaios, ou entregar-se a praticar com o fim de vir em socorro dos seus irmãos, que ajudado por algumas leituras e pelas observações que fará nos resultados dos seus tratamentos, não tardará a tornar-se um praticante mais esclarecido do que se tivesse tido a cabeça recheada de proposições que, pela sua multiplicidade e divergência entre elas, tivessem anulado, desde o início, o seu desejo de continuar, consequentemente de ser útil aos seus semelhantes.

O agente magnético julgado ao ponto de vista do alívio das doenças do corpo material resume-se nestas palavras:

Queirais curar, ou acalmar o vosso irmão que sofre, pelos meios que acabamos de ensinar; ativareis por esta simples ação, uma circulação que se encontra entravada, e restabelecereis uma harmonia perturbada.... quanto menos bem souberdes fazer, melhor fareis, o que parece ser um paradoxo; mas o que estabelece a preponderância da vossa humildade sobre o vosso orgulho... tanto quanto fordes humilde sereis bom... bom

sereis fraterno... não querereis senão fazer o bem e fareis... tornar-vos-eis bastante depressa orgulhoso da vossa potência para acreditar possuir mais do que outro; é aí onde magnetizareis menos bem. Se se julgar pelos resultados que obtiverdes, observai bem as vossas obras, e não tardareis a conhecer que o aprendiz nesta ciência, produz muitas vezes o que não pode mais produzir sendo operário.

Quais são os melhores magnetizadores!

Acabamos de dar alguns esclarecimentos sobre a maneira de magnetizar nos casos em que se quer fazê-lo, estando privado dos socorros de um médico, ou para tentar uma experiência. Cada um perguntará seguramente se possui as faculdades? se pode fazê-lo com toda a segurança? se não há naturezas mais ou menos magnetistas, e mais ou menos magnetizáveis? ... Responderemos que é difícil estabelecer uma teoria sobre este assunto: teoria que seja tão verdadeira quanto estável; pois o magnetizador muito poderoso hoje, pode ser fraco amanhã.

O fluido magnético não é uma substância ponderável que possa ter um valor intrínseco, como o dos metais, ou o de todas as produções do nosso globo; é uma potência fugitiva, que se manifesta dia a dia, caprichosa como uma jovem condessa, boa, viva, petulante, e sã hoje, depois amanhã irritada, pesada, lenta e inativa .... não conhecemos nada de mais inconstante do que o fluido magnético: além disso, não pode nada produzir sem aliança, o que faz dele um mestre-escravo que não pode dominar sem depender ele próprio do estado de recetabilidade que lhe é oferecido.

Ele comanda na condição de que se queira obedecer-lhe! Ele é abundante e benfazejo, na condição de que tenha meios de emanação tão ricos quanto sãos. É menos questão para ele do volume da corpulência de um ser, do que de harmonia e de eletricidade. Tal corpo que pesa trezentos, não poderá bastar para perder durante dez minutos este precioso fluido, e tal outro que pesa uma pena de ministro, poderá produzir durante algumas horas esta emanação.

Reconhecemos até ao dia de hoje que os temperamentos biliosos estavam mais providos deste agente do que os temperamentos glutinosos; mas entre biliosos e glutinosos, há graus muito apreciáveis e dignos de serem estudados.

1° As naturezas magras com bile forte, de cor morena, que se chama bile negra, são muito elétricas; magnetizadores, são poderosos; videntes, são extáticos.

2° Os temperamentos com bile de cor verde-amarela, são menos elétricos, mas não possuem menos um fluido estimulante como magnetizadores, e como magnetizados, são muito videntes.

3° As naturezas bilo-sanguíneas, têm um fluido fortificante e estimulante. Elas são magnetizáveis pelas precedentes.

4° As pessoas gordas, de forte corpulência, de natureza sanguínea, são mais magnetizáveis, do que magnetistas.

5° Aquelas igualmente poderosas, de natureza glutinosa, são muito sensíveis à ação magnética, e esgotam consideravelmente os seus magnetizadores. Estas naturezas são muito providas de glicerina e de albumina, substâncias um pouco gordurosas, possuem pouca eletricidade, não fazem, nem são bons videntes, esgotam-se facilmente ao magnetizar, e no sono magnético, as suas ideias são muito preguiçosas, caem num torpor difícil de vencer.

Acreditamos portanto que para aliar convenientemente estes diferentes fluidos, é preciso acoplá-los segundo os seus graus de parentesco, diremos, juntando um fluido bilioso pronunciado, a um bilioso-sanguíneo, e mesmo a um glutinoso, visto que tem a preponderância sobre todos os outros, pela sua natureza elétrica.

Mas também o bilioso pronunciado encontra-se bem por sua vez se puder ser magnetizado por uma natureza glutinosa cujo fluido não consumirá antes de o ter absorvido, pois é muito difícil a uma natureza húmida dominar uma natureza seca.

Está fora de dúvida para nós que a bile é um recipiente da eletricidade que contém o nosso corpo e que, na repartição dividida que dela faz, se encontra ser o fluido magnético em graus mais ou menos apreciáveis? Segundo a composição perfeita ou imperfeita desta licor se encontra ser a sua potência sã ou malsã: no magnétismo sobretudo.

A bile é o agente ou o paciente da eletricidade terrestre, do magnetismo astral. Se não é nem um nem outro, é seguramente o recipiente. Não ousamos dizer que esta eletricidade poderia ser da mesma natureza que a do mundo espiritual; como supomos que este mundo procede ele próprio da eletricidade celeste, seria fazer uma proposição sem prova caindo sob os nossos sentidos: paremos aí e voltemos à ação magnética.

Para nos resumirmos sobre esta questão, diremos a cada um: pedi à fonte de todas as vidas o que falta à vossa própria, quando sentis a necessidade de a fortificar nos outros e de a entreter em vós, ser-vos-á respondido, pois embora todas as manifestações da natureza saiam de uma única fonte de que não se pode duvidar, elas não seguem menos condutas indiretas que lhes impõem as leis desconhecidas que as dirigem.

É assim que a criatura obtém tudo do seu criador, tudo o que lhe é razoável esperar. Ao falar deste criador, não lhe damos uma definição, que se saiba; mas entendemos dizer que, procedendo de um produtor qualquer, devemos ligar-nos a ele, como o ramo à árvore de onde sai.

CAPÍTULO II

QUAIS SÃO AS DOENÇAS MENOS REBELDES AO MAGNETISMO HUMANO

Seria cair num profundo erro admitir que o magnetismo pode curar todas as doenças que existem, pode-se dizer que ajuda à sua cura, e alivia quase em todos os casos: mas fazer dele uma panaceia, é generalizar o que não pode sê-lo.

A definição que tentámos dar deste agente, diz bastante a sua virtude primordial. É um vigor, uma eletricidade, um propulsor da vida em geral. É consequentemente um estimulante, aplicável a tudo o que dele precisa; é por isso que o emprego do magnetismo humano é de um sucesso quase certo em todos os males causados pela estagnação do sangue, dos líquidos, dos fluidos, e dos troubles nervosos. À semelhança do fluido eletro-galvânico, dissolve por vezes tumores, bubões e embaraços sanguíneos, cicatriza igualmente, em certas circunstâncias, os tubérculos pulmonares, no seu nascimento, as úlceras dos intestinos, das vias urinárias, das

partes exteriores do corpo.....É menos

poderoso nas obstruções do fígado, os escirros, e as aglomerações de corpos pétreos de que são afetados tantos hidrópicos, gravosos, goitrosos, etc., etc. Quanto ao domínio da nossa observação pessoal, não temos a mencionar insucessos nos casos seguintes:

Congestões cerebrais, no seu início.

Fluxões de peito igualmente no seu início.

Embaraços intestinais.

Supressão das menstruações nas mulheres.

Fogos das vias urinárias.

Agitações nervosas do estômago, determinando espasmos, síncopes, gerados por gases ou ventos que provocam convulsões muito pronunciadas deste órgão.

O magnetismo é igualmente de um grande socorro contra a epilepsia, as dores reumatismais e as ciáticas. Dizer a quantos males os magnetizadores o aplicaram seria-nos impossível, aconselhamos a recorrer sobre este assunto às obras que relatam essas curas, ficar-se-á tão espantado pelas perseverantes tentativas dos magnetizadores nesse género quanto pela multidão de curas obtidas por este agente: mas num grande número de casos; os medicamentos sonambúlicos aí jogam um papel auxiliar que não oferece menos admiração ao espírito humano. Também, para ser justo, não

se deve generalizar o que quer que seja e não se passionar por um agente que se tem a sua potência, tem igualmente limites.

Ainda estamos nesta questão apenas no início; nas primeiras observações, esperemos que sábios magnetizadores nos sucedam e fortifiquem, por uma prática mais feliz que a nossa, a crença neste novo meio terapêutico que pode tomar um lugar honroso entre os da medicina oficial, o que anulará os funestos efeitos desta maçã de discórdia lançada pelas paixões entre a medicação diplomada e a popular.

Cada vez que pudemos fazê-lo empregámos o magnetismo de que tratamos, aliado à água magnetizada, ao sopro e à saliva.

Empregamos a água magnetizada, nos embaraços intestinais, os fogos das vias urinárias, que têm um lugar muito marcado nas doenças que nos assediam, empregamos o sopro nas congestões cerebrais, soprando a alguns polegadas de distância na testa e nas têmporas do congestionado. Várias vezes, fazemos igualmente passes lentos, sobretudo nas crianças, partindo da cabeça, indo até aos pés aos quais nos detemos pegando um em cada mão, o seu interior tocando a planta dos pés que seguramos assim alguns minutos; este género de magnetização chama-se banho de pé magnético, e emprega-se sobretudo na febre tifoide nas crianças, como em toda a agitação do cérebro.

Nas síncopes que experimentam as mulheres histéricas sujeitas às estrangulações, dobramos um pano branco que pousamos na garganta, soprámos através desse pano os lábios colados sobre ele, e em pensamento imaginamos inundar de um doce calor esta parte que sabemos estar contraída pelas ramificações nervosas que a estreitam. O que satura estas últimas de um fluido untuoso e quente que as facilita a distenderem-se. Este género de convulsão do esófago, era chamado outrora bola histérica, atribuía-se à matriz que subia até aí... o que não pode ser.

Este mal deve ser atribuído a convulsões do estômago e não a esse órgão. Gases contidos no estômago assim como nos intestinos produzem muitas vezes essas convulsões. Soprámos ainda, neste caso da mesma maneira sob o seio esquerdo, com a mesma intenção de dilatar o orifício deste órgão chamado piloro, que se encontra convulso e não deixa mais uma livre passagem ao ar contido nos intestinos... pousamos também a mão plana sob o seio esquerdo os dedos um pouco elevados para o oco do estômago, o interior da mão apoiado à pele nua ou sobre a camisa contra as falsas costelas, alguns minutos bastam para devolver a calma ao doente.

Na ação do sopro, desejamos que ele entre no estômago de alto a baixo isto é que desça para os intestinos... quando os gases saem pelo alto ou pelo baixo, fazemos alguns passes a uma fraca distância partindo do pescoço, passando sobre o seio esquerdo, voltando para o oco do estômago por uma curva, depois contornando para o flanco esquerdo, com a intenção

de tocar o baço que se encontra colocado nesse lugar e descer até à virilha esquerda a fim de facilitar a sua descida para o reto.

Nunca vimos uma síncope desta natureza resistir cinco minutos a este género de insuflação e de magnetização. Se a pessoa não está na cama será mais fácil pousar as mãos em oposição nesta circunstância, isto é, uma no oco do estômago e a outra nos rins, fazendo-as seguir a ambas o mesmo trajeto no seu percurso.

Se a síncope é causada pela permanência dos alimentos no estômago, eles passarão em breve para os intestinos.

Nos embaraços intestinais soprámos da mesma maneira sobre a barriga, sempre com a intenção de acalmar. É com a intenção de destruir esses males que fazemos beber ao doente, de manhã em jejum; um copo de água magnetizada, o copo de água raramente faltará de provocar uma evacuação conveniente; centenas de factos deste género provaram-nos a eficácia desta água, sobretudo quando se teve o pensamento, ao magnetizá-la, de obter tal resultado.

Três ou quatro insuflações sobre esta água, ou sobre as partes do corpo de que acabamos de falar, bastam para obter o resultado desejado.

Nos acessos de epilepsia, soprámos a cinquenta centímetros do que sofre crise na direção da testa, sendo animado por uma muito forte vontade de dominar o mal, isto é, de fazer penetrar o sopro até ao cérebro, a fim de o acalmar refrescando-o, pois quase em todas essas crises há congestão momentânea, ocasionada pela tensão dos ramos nervosos, sobre as artérias e as veias que os avizinham.

Soprámos igualmente sobre o oco do estômago como o ensinámos, os lábios colados sobre um pano, a fim de distender os nervos que estreitam este órgão, visto que joga um grande papel nessas crises.

Não deixamos ninguém tocar o epilético, senão para suavizar os seus movimentos escorregando almofadas, ou palha sob as partes do seu corpo que estão agitadas. Notámos que quanto mais se empregava força para manter os membros dos que sofre crises em repouso, mais estes últimos obtinham e despendiam; o que nos fez presumir que absorviam em seu proveito a força que se prodigava para os manter em repouso e que eram mais agitados.

O que nos confirmou nesta opinião, foi uma vizinha tomada um dia de tal ataque aos quais estava muito sujeita; em cada um deles, o seu marido (homem que carregava um fardo de novecentas libras), não podia manter em repouso um dos seus membros, três a quatro homens encontravam-se assim esgotados antes que esta mulher estivesse acalmada, as suas crises durando duas a três horas.

Um dia que ela estava nesse triste estado, entrámos em casa dela, e colocámo-nos ao pé da sua cama, fixando-a com um forte desejo de a acalmar, tivemos a ideia de soprar dessa distância para a sua testa, num momento em que ela se sentava na cama, e em que gesticulava com força, o nosso sopro deitou-a de costas como um fraco caniço se curva sob o furacão; pedimos então às pessoas que a seguravam para a deixar livre, após alguns minutos, ela tinha voltado ao seu estado normal.

Tivemos a felicidade, em outras crises, de a acalmar procedendo da mesma maneira fechado sozinho com ela. Ignoramos se este sopro é geralmente tão poderoso em e sobre todos os seres, mas quanto ao que nos concerne, não conhecemos nada acima da sua força.

A nossa lúcida, Adèle Maginot, à qual deixámos a liberdade de apreciação, de discussão, e de ação nos seus sonos magnéticos como a todos os videntes que fizemos, liberdade que teríamos desejado para nós próprios, aproveitou um dia na sequência de uma altercação que tínhamos tido juntos no seu sono, para se levantar do seu assento sem permitir que a devolvêssemos ao seu estado normal, querendo ir-se embora nesse estado!

Como sabíamos que a sua vista nesse momento, não lhe permitia conduzir-se na rua, não julgámos dever ceder a esse capricho. Após ter usado inutilmente a paciência que possuímos para a fazer voltar atrás na sua ideia por palavras demonstrativas e concludentes, ela desafiou-nos a impedi-la de se ir embora, encontrámo-nos assim colocado perante a necessidade de nos pegarmos corpo a corpo com uma mulher de primeira força, ou de a abandonar nesse estado na via pública onde sabíamos que não poderia conduzir-se, visto que não queria ser acordada, tentámos vãmente a nossa vontade e a nossa força magnética, colocámo-nos então resolutamente diante dela, pensando que não passaria além, não tardámos a ter a prova do contrário ao vermo-nos atirado brutalmente para o lado, assim como o botão de cobre da porta que ela tinha arrancado!

Uma boa ideia ofereceu-se ao nosso espírito, saímos imediatamente por outra porta dando por um corredor para o patamar da escada, pronto a sermos aí atirado, encontrámo-nos assim a fazer-lhe face de novo, apesar de uma distância de dois metros aproximadamente que nos separava, soprámos-lhe para a testa, com tal força que ela vacilou no instante, e só tivemos tempo de a receber nos braços! grande foi a nossa surpresa então ao ver esta mulher, tão irritada e tão voluntariosa, levar a mão à testa, como se tivesse aí recebido um golpe qualquer, a calma voltou aos seus pensamentos.

Aproveitámos este sucesso, a ameaça nos lábios, e a cólera longe do coração, para lhe significar que se alguma vez quisesse, como nesse dia, não apreciar os nossos sábios e devotados conselhos, arrepender-se-ia. Os videntes têm por vezes desses caprichos que põem o seu magnetizador

num funesto embaraço, aconselhamos a não lhes ceder, sobretudo no caso citado.

CAPÍTULO III

PROPOSIÇÕES DE EXPERIÊNCIAS FÍSICAS, VINDO EM APOIO DA EXISTÊNCIA E DOS EFEITOS DO MAGNETISMO ANIMAL

Aqueles que negam a existência ou a virtude curativa do magnetismo humano não têm as menores noções das leis da vida animal em particular, e da natureza em geral.

Esses homens não observaram nunca as sensações simpáticas ou antipáticas que cada ser experimenta ao contacto, à vista, ou à audição de um ato, desta vida. Esses homens cheios do seu saber, consequentemente vazios do dos outros, observam apenas o que não lhes causa pena, nem fadiga, e sobretudo o que não traz nenhuma nuance de ridículo à sua nobre reputação. Nós pobres proletários, escravos de todas as penas, e de todas as misérias, procurando em todos os lugares o que não encontramos em parte alguma; devemos conhecer os sulcos desta existência, pois sem cessar esses soberbos nos atiram aí com desprezo.

Se pudéssemos aproximar-nos desses inabordáveis, perguntar-lhes-íamos, haveis alguma vez rido ou chorado num teatro, ou numa sociedade à vista de uma cena bufa ou triste? quem vos fez rir assim ou chorar? É o que dizia esse bufão, ou o seu riso pessoal? Se me responderdes que é a originalidade das suas palavras: perguntar-vos-ei o que tem de comum esta originalidade com os movimentos nervosos que ela gera em vós!

Basta-vos portanto ver um risonho em perfeito estado de alegria para rirdes vós próprios. Como este riso pôde ser compreendido num piscar de olhos pelo vosso pensamento para que ele agite assim todo o vosso sistema nervoso a fim de o fazer assim gesticular? Que troca, que união oculta se estabeleceu entre o risonho e vós para parecerdes não fazer senão um único ser de dois? Esta questão é insolúvel como muitas outras?

É o mesmo nas lágrimas: uma jovem rapariga, de figura cândida, vem cobrir as suas faces com este orvalho da alma, ou um homem de figura austera e máscula deixa rolar uma lágrima sobre o seu bigode, que sentis a sua dor de que não conheceis o sujeito. Para não chorar com eles, fazeis-vos violência. Isto é magnetismo humano, duplamente humano, na medida em que prova que não sois insensível aos males alheios!

Haveis alguma vez assistido a uma disputa seguida de pancadas e ferimentos, sem tremer nas pernas, endurecer o braço pela causa de um dos dois combatentes? Experimentastes uma agitação qualquer causada por esses homens, à vista do golpe recebido por um deles, esse golpe feriu-vos

o coração: Esta sensação é toda oculta, a razão não a gera, nem a dirige, cumpriu o seu fim sem o vosso concurso. Eh! bem esta sensação é toda magnética, ou simpática como quiserdes, pois a diferença entre estes dois nomes é tão fraca que não se pode apreciar.

A ação do magnetismo humano, não é outra coisa senão uma semelhante troca oculta de sensações diversas, troca invisível de uma potência, que dispõe de outra maneira do que estão presentemente, o corpo e o espírito do homem. Esta potência estende-se e domina de um a todos os vossos órgãos como de um a todo um grupo dos vossos pensamentos. É uma contágio de sensações recíprocas, emanadas e recebidas sob os nomes de agente imponderável que chamamos fluido, por falta de ter melhor nome a dar-lhe.

Se nos atos que acabo de vos citar não houvesse toque ondulatório entre os corpos, não haveria sensação, consequentemente, se experimentais uma sensação nos atos citados; é que esses atos se estenderam até vós por uma oculta continuidade de vibração.

A vista e a audição são as duas portas mais abertas a essas sortes de introduções, porque o seu mecanismo é o mais complicado, o mais delicado e o mais impressionável do nosso organismo. É assim que a música e todos os sons nos impressionam em graus diferentes, mas existem muito poucas organizações insensíveis aos sons que não são senão leves ondulações aéreas. Que ideia podemos então formar-nos dessas ondulações, com as pressões que exercem sobre o nosso espírito e sobre os nossos órgãos?

Ali, é um ser que, à audição dessa música, se torna corajoso como um leão, este outro doce como uma pomba, um terceiro poético como um anjo, um quarto, irritado como um danado, um quinto, agitado como um convulsionário. O mesmo ar de música pode produzir esses efeitos em organizações diferentes, de que depende isso? Responder-me-eis: isso depende da disposição das fibrilhas nervosas cometidas à audição desse género de música!

Ah! meu Deus, é o que respondemos nós próprios àqueles que nos dirigem as mesmas questões sobre os diferentes efeitos do magnetismo humano. Esta resposta prova, mais do que pensais, pois que concede a esses nervos disposições quaisquer, que irisam um tanto ou quanto o capricho dos nervos que saltam e são agitados segundo as suas disposições, representam-nos individualidades, que sabem sentir e apreciar.

Não pretendemos estender-nos sobre essas comparações a fim de as fazer virar em vantagem do magnetismo humano, poderíamos acumulá-las de maneira a fazer vários volumes, que não teríeis a paciência de ler.

Se entrámos nesta via, é para reconduzir à observação de todas as nossas sensações diárias, sensações que esquecemos demasiado geralmente. Fixamos, palpamos, ouvimos continuamente com demasiada indiferença o

que merece mais atenção da nossa parte. Sabemos que é muito mais fácil dizer, isso é engraçado, isso é incompreensível, inexplicável, derruba as leis recebidas, etc., etc., do que estudar, mesmo o que são as leis recebidas; nem, se o que é bem recebido hoje, não será recusado amanhã; não seria sobre a questão que tratamos que a negação dos sábios! quantas vezes lhes aconteceu dizer não ao meio-dia, e dizer sim à uma hora!

Mas vós, aos quais não nos fazemos a honra de ser um dos seus, pois que ledes as observações do homem privado de toda a ciência, permitir-nos-emos em bom irmão, e em simples estudante, de vos confessar que quanto mais observamos, menos sabemos, mais apercebemos a grandeza do desconhecido, mais esta grandeza é imensa e inenarrável.

Vamos oferecer à apreciação do leitor algumas citações de experiências físicas, a fim de servirem de ponto de comparação sobre a questão de que tratamos neste momento, pois em todo o estudo, nunca se deve esquecer que os olhos precisam de ver para fortificar o espírito.

Primeira proposição. Tomemos uma agulha de costura e pousemo-la sobre uma folha de papel. Passeemos em sentidos diversos sob esta folha de papel um fraco íman. Este íman será seguido pela agulha em todos os seus movimentos, nesta simples experiência, perguntamos quem pode agir assim sobre esta agulha, se não for uma corrente invisível aos nossos olhos, mas bastante ponderada no entanto para mover o corpo desta agulha?

Dir-nos-ão que há uma afinidade entre estes dois corpos, que engendra uma troca corpuscular que imprime o movimento notado! Isso não é responder à questão de o fazer assim, ou esta resposta é demasiado extensa para ser admitida sem mais exame: Na medida em que não tende a nada menos do que fazer mover o rochedo pela formiga que ele esmaga com o seu peso! esta resposta é demasiado maravilhosa para aqueles que não querem maravilhoso.

Alguns argumentadores dir-nos-ão se achais bom provar-nos a existência do fluido magnético pela comparação citada, queirais mover vós próprio esta agulha para que acreditemos no vosso pretenso fluido?

Responderemos: 1° que o fluido magnético humano ainda não deixou entrever uma tal afinidade com o aço para que aceitemos o desafio. Um magnetizador provou no entanto já publicamente a afinidade deste fluido, com a agulha da bússola, ao ponto de a fazer desviar de um décimo; mas virando o argumento, perguntaremos por nossa vez, porque é que o dito íman, não move da mesma maneira uma agulha de cobre?

Se este íman tem as suas afinidades e os seus limites de potência, o homem assemelha-se-lhe na ação magnética: É assim que este último pode atrair a si o seu semelhante, com o qual há homogeneidade de constituintes, e que não poderá atrair a si uma pena.

Agora que os fenómenos das mesas giratórias agitam todos os espíritos; e que algumas gotas de água vaporizadas arrastam atrás de si centenas de presumidos reis da criação, a questão da potência do imponderável sobre o ponderável resolve-se por si mesma, a do magnetismo humano já não é então a pôr em dúvida?

Segunda proposição. Pondo em contacto um simples disco de cobre com um disco de zinco, por meio de um pouco de ácido e de água, obtemos uma corrente que, sem ser semelhante à do íman, não é menos ativa. Podemos, pelo socorro desta combinação, reagregar os sais de cobre, de prata, de ouro em muito menos tempo do que o que foi preciso para os extrair desses metais, observemos que pela junção dos dois metais citados, um desses sais repassa ao estado metálico em algumas horas como já o fez, mas em milhares de anos.

Obtemos, além disso, cópias fiéis e muito delicadas, em algumas horas, de medalhas ou de todos os desenhos que nos agrada fazer recobrir por este sal metálico, vivo e atuante, vemos formar-se esta agregação sob os nossos olhos sem que possamos apreender os seus meios de coesão! e isso num copo de água saturada de alguns gramas deste sal, e de alguns gramas de ácido!

Diz-se a si próprio, Deus comandando aos mundos para se moverem à sua voz, sob os seus olhos, experimentou ele uma satisfação mais perfeita do que a do homem ao ver uma tal maravilha neste momento? Este só facto prova-nos que a vida está em tudo e por toda a parte dotada de saber manifestar-se de mil maneiras, e, pelo seu trabalho incessante e eterno, cauciona a sua imortalidade.

Quem então, no caso presente, conduz este belo trabalho da galvanoplastia? Quem dá a palavra de ordem, a vida, o movimento, o saber agrupar-se a todos estes corpúsculos que se unem com tanto amor como harmonia? Responder-nos-ão, conhecemos isso: conhecemos isso; diremos, nós, que vedes isso e não o conheceis. Diremos que a simpatia que preside a este trabalho grandioso é a mesma que preside à ação do magnetismo humano; àquela que gera o estado sonambúlico e lucidifica as ideias dos sujeitos suscetíveis de entrar nesse estado.

Terceira proposição. Se pusermos num vaso poroso, cheio de ácido nítrico, um pedaço de carvão preparado para esse fim: que rodeemos o vaso poroso de um tubo de zinco de uma certa espessura, e que mergulhemos estes dois objetos num segundo vaso cheio de água estendida apenas de alguns gramas de ácido sulfúrico: que atemos ao carvão assim como ao zinco um fio de latão e que façamos passar um destes fios por uma bobina chamada condensador ou multiplicador, depois, atando uma bola de cobre a cada um dos dois fios citados; que se peça a uma pessoa terceira para pegar uma destas bolas em cada mão, que acontecerá nesta experiência? um mal indescritível apoderar-se-á do ser que segura estas bolas, e

provocará uma catalepsia completa dos braços e do alto do corpo que não poderá cessar senão reunindo estas duas bolas!

Quê alguns copos de água, um pouco de ácido e alguns gramas de mineral e de metal vos passarão algemas semelhantes? vós o rei da criação, vós deixar-vos-eis acorrentar assim por um fluido invisível e quereis recusar ao vosso irmão que é ele próprio uma pilha galvânica típica de fazer o mesmo a vosso respeito? Ó! enganais-vos, pois ele pode mais ainda, pois pode fazer essas coisas sem vos tocar.

Nós próprios, ser fraco, ao exemplo do Senhor du Potet, dominámos assim homens de primeira força a vários metros de distância, virando-lhes as costas, tendo os braços cruzados sobre o peito, pelo só socorro da nossa vontade; lutámos assim com estes homens (de acordo uns com os outros), que tomavam as posições mais vantajosas e não eram senão mais surpreendidos sendo derrubados ao chão. O poderoso magnetizador Donato fez dessas experiências publicamente em Paris em 1882 que suscitaram contra ele as cóleras dos sábios, e as diatribes insensatas dos jornalistas bastante pouco instruídos sobre essas questões para as combaterem deslealmente.

Quarta proposição. Se montarmos um prato de vidro sobre uma árvore disposta para esta experiência, que cerremos as bordas deste prato entre almofadas untadas de uma mistura preparada, que isolemos do solo o aparelho que porta este prato, e que lhe façamos fazer alguns giros por meio de uma manivela que está atada à árvore, obteremos os efeitos mais surpreendentes! pegando na mão o condutor que aí está atado, e estando nós próprios isolados do solo, acontecerá que dos nossos cabelos como da nossa barba sairá uma chama de cor azulada e de uma vizinhança pouco tranquilizadora, alguns giros de prato a mais, a morte seguir-se-ia.

Onde este fluido toma nascimento? ou onde busca a sua força? vemos todos os dias produzir-se nas nossas praças públicas desses factos, e quer-se recusar ao homem, possuir e emitir um fluido seu semelhante mas análogo? dizemos que o que pode fazer este aparelho, o homem pode fazê-lo igualmente, em graus inferiores é verdade, mas em graus bastante sensíveis para não poderem ser negados.

Certas organizações tais como a da pequena Cotin, chamada a rapariga elétrica, que vimos em Paris nos tempos, assim como as jovens Alés gregas de que o mundo científico se ocupou anteriormente, que produziam descargas elétricas desta natureza, provaram-nos a existência nelas, como no prato citado, do fluido de que falamos.

Encontramos esta propriedade em certos animais tais como a torpedilha, o gato, etc.

Com que fim, perante tais factos, se negaria a existência do agente magnético no homem? não é tornar-se ridículo a si próprio querendo

ridicularizar os outros? Se se admite um deve-se admitir o outro! Se não há fluido na aceção desta palavra, há um agente: agente composto de quê? de vibrações dir-se-á, vibrações saindo de onde? do grande reservatório das vibrações. Eh bem! não somos nós um entreposto dessas vibrações saindo da mesma fonte? Recebendo-as e emitindo-as como ela? Sede pois mais estudantes e mais justos para connosco.

Quinta proposição. Se depositarmos um pouco de limalha de zinco numa garrafa a metade cheia de água, saturada de algumas gotas de ácido sulfúrico, e que ajustemos hermeticamente ao gargalo desta garrafa um bico de gás; esperando alguns minutos que a capacidade vazia da garrafa seja preenchida do gás que produz a dissolução do metal que contém, depois que se abra o bico de gás e que se lhe apresente a chama de um fósforo, obtém-se então uma luz muito ardente e muito bela, produzida pelos corpúsculos inflamáveis que contém a garrafa, sob a aparência de gás. Maravilhado perante este fenómeno que já não o é nos nossos dias, perguntamo-nos como pode encontrar-se um fogo tão ardente e uma luz tão bela na mistura deste metal que

parece ser tão inerte, esta água e este ácido que não oferecem mais atividade? perguntamos além disso como esta dissolução do zinco passando ao estado gasoso invisível aos nossos olhos pode ter a força de penetrar a camada húmida que pesa de todo o seu peso sobre esta dissolução, para chegar à sua superfície e daí encontrar-se em estado de formar esta incandescência!

Não podemos contentar-nos em dizer: o zinco contém tal quantidade de carbono, de hidrogénio, de oxigénio, de azoto, etc.,-o ácido sulfúrico, tal dose de enxofre; a água tal quantidade de oxigénio e de hidrogénio, que reunidos preenchem as condições de todos os corpos inflamáveis. Responde-se-nos aí, por nomes que eles próprios precisam de explicações sobre a sua própria natureza para serem melhor compreendidos e definidos.

Vemos, nós, neste trabalho de desagregação e de mudança de estado dos componentes; este zinco uma maior maravilha que é a de um verdadeiro combate, de uma verdadeira batalha travada entre os constituintes, este zinco e aqueles que compõem o ácido e a água com que se os cobre; constituintes dos quais somos forçados a fazer seres vivos e sabendo o que fazem! que se lhes conceda os nomes de mónada, de volvox, de rotífero, de átomo, de corpúsculo, de molécula, etc., não nos importamos com os nomes, mas com os factos.

O que vemos operar-se na experiência citada, prova-nos pela espécie de salve-se quem puder dessas partes do zinco desagregadas, que há heterogeneidade entre elas e aquelas com as quais se as põe em contacto; que tendem a separar-se delas para se agruparem noutro lugar. Não se pode duvidar desta proposição! Se a experiência de que falamos produz os factos citados, só se pode tirar daí esta solução, que o contacto de todos os

corpos em geral produz resultados se não semelhantes mas análogos; consequentemente que o homem pela sua razão podendo dispor de tais emanações saindo continuamente do seu corpo, não fossem elas fornecidas senão pela combustão permanente dos alimentos e do ar que absorve, poderia, neste caso, ativar ou paralisar certos correntes contrariando o movimento dos corpúsculos, que perturbam o corpo sobre o qual age pela sua ação magnética, como notamos na experiência citada.

Sexta proposição. Se tomarmos um espelho côncavo de cobre, de 60 centímetros aproximadamente de diâmetro, que coloquemos junto ao seu centro um fogareiro cheio de carvão incandescente e, que a dois metros de distância deste espelho, coloquemos um semelhante, ao centro do qual colocaremos um pedaço de isca que dele estará afastado de alguns centímetros, que veremos operar-se?

Veremos a isca pegar fogo quase instantaneamente, o que não teria podido fazer-se sem esta disposição. Os físicos, saturados de fazer esta experiência, dizem-nos, há um transporte dos corpúsculos inflamados do foco que contém o carvão, sobre o pedaço de isca, o que o inflamou, eis tudo.

Esta resposta é tão curta quanto incompreensível; que nos revela ela?

1° Revela-nos que o fogo é composto de corpúsculos, que sabem franquear assim um espaço relativamente grande sem se extinguirem nem serem vistos dos nossos olhos; são assim transportados sem que saibamos como, por quem ou porquê?

2° Que esses corpúsculos inflamados deviam encontrar, neste percurso horizontal, outros corpúsculos ligados uns aos outros e oferecendo por esse facto uma certa resistência a este transporte.

3° Que tiveram a potência de atravessar esses obstáculos para chegar em linha direta para o centro do segundo espelho, que os repercutiu por sua vez sobre o pedaço de isca citado, que, então, se inflamou ao seu contacto.

Neste fenómeno, a questão não menos curiosa, é conhecer porque esses corpúsculos se dirigem de preferência ao espelho mais afastado, do que à isca que devem franquear para voltar sobre ela?

Acreditais que não tenhamos direito, perante uma experiência tão concludente, de admitir que o que parece passar-se assim mecanicamente (diz-se), entre estes dois discos, de matéria pretendida ser inerte, não possa passar-se consequentemente entre dois seres organizados cuja vontade não tem nenhum relatório com a inércia que se concede aos metais sujeitos desta experiência? uma proposição prova a outra.

Sétima proposição. Se pusermos num frasco, um pouco de ácido sulfúrico, que deitemos sobre este ácido a mesma quantidade de essência de

terebintina, que tapemos esta mistura e a agitemos um segundo, que acontecerá? uma explosão espantosa que poderá fazer correr os maiores perigos: perigos dos quais faltámos ser vítima nós próprios.

Oitava proposição. Se fizermos fundir sal de prata numa dissolução concentrada de amoníaco, que sequemos este sal, e que, por descuido, algumas parcelas se encontrem atadas ao colo do frasco que o contém e, que ao tapá-lo, premamos um pouco essas parcelas, corremos igualmente os maiores perigos! deste sal saído deste pesado metal cuja inércia parece ser-nos demonstrada, desta mistura, sairá o pó fulminante, do qual Orsini fez um tão triste uso.

Que é então este amoníaco? sal tirado da urina. Que é este sal de prata? uma peça

de cinco francos fundida num pouco de ácido nítrico sobre um fogo muito brando; quê, estes dois sais reunidos produzirão um tão enérgico fenómeno de explosão!

Um pouco de salitre e de glicerina produzirão os mesmos efeitos.

Um pouco de algodão cardado, mergulhado durante quinze minutos em ácido nítrico e bem lavado a várias águas, terá a mesma virtude.

De ácido picrato e de potassa, têm a mesma propriedade! Quem pode causar essas espantosas explosões? Um degengajamento do gás contido nessas substâncias, respondem os químicos.

Perguntamos então que é este gás; esta substância fluídica, invisível, cuja imponderabilidade pode quebrar envoltórios tão fortes como aqueles nos quais estão encerradas?

Porque esta separação, ou esta transformação, do estável, do inativo, numa manifestação tão inesperada, de uma força que se estava longe de lhes conceder.

Encontramos ainda nestes factos, uma vida, uma ação, uma inteligência coletiva de miríades de corpúsculos que, recobrando a sua liberdade de agir, dela usam de maneira a provar-nos quanto erramos nas nossas apreciações e nos nossos juízos. Quanto conhecemos pouco a composição da matéria, a escravidão das partes que a compõem, as forças e a inteligência que essas partes contêm, e sabem demonstrar-nos à ocasião.

Quando se é tão pouco instruído como nós o somos sobre essas questões, só se deve estudar humildemente, e não negar a existência do que não se conhece. Os relatórios, as trocas; a ação magnética do homem não podem ser mais negados, do que aqueles que acabamos de admitir nos corpos dos reinos dos quais não somos senão um composto nós próprios!

Manifestações da tormenta.

Eis para as experiências dos físicos. Mas as dos Etéreos são inferiores? Não comandam igualmente a nossa observação? A sua potência sobre a matéria pode ser contestada? A inteligência que parece presidir às suas manifestações está a pôr em dúvida? Ali, já não são dois seres vis-à-vis um do outro que buscam influenciar-se de uma certa maneira.

Os físicos dizem-nos que o que compõe a tormenta é uma acumulação de eletricidade na atmosfera, subtraída da terra, comprimida pelo atrito dos glaços flutuando nesta atmosfera uns contra os outros (ignoram-no ao certo), o fluido elétrico é da mesma natureza que aquele que eles engendram eles próprios pelo atrito de um prato de vidro entre almofadinhas apropriadas a esse fim?

Admitamos esta proposição que a analogia parece provar; mas observemos que os efeitos entre estas duas espécies de eletricidades não se assemelham de modo nenhum. Os mecânicos poderão ajudar os físicos a produzir certas combinações: certos movimentos automáticos, mas estão longe de produzir e explicar os factos que seguem.

1° Passa fantasia a este fluido de fundir a lâmina de uma espada ao lado de um oficial, sem alterar a bainha que a contém, nem deixar nenhum resíduo desta fusão. Isso ultrapassa o nosso entendimento.

2° Uma cinquenta de devotas, de joelhos numa igreja de uma aldeia da Normandia, levando pregos sob os seus socos como é o uso nessas regiões, por medida de economia. Agrada a este fluido fazer desaparecer esses pregos de todos os socos sem ferir ninguém nem lhes procurar sensação penosa. Não se encontra rasto dessa ferragem. Isso roça o maravilhoso!

3° Uma sessenta de pombos tomam os seus folguedos no seu pombal a engordar os seus pequenos. O fluido em questão tem a fantasia de os depenar todos. Assim concebido é feito. As nossas cozinheiras gostariam bem por vezes de ter ao seu serviço tais invisíveis que lhes evitariam essa enfadonha tarefa.

4° Uma boda composta de uma cinquenta de pessoas, está em plena farra numa sala da Courtille, quando agrada a este fluido, de cobrir a cabeça do noivo com a sopeira vazia e de depositar nos joelhos de cada conviva, vasos e fricassés que estão diante dele... O nosso fluido torna-se faceto.

5° Um bom cura no meio do seu sermão, vê-se retirar a sotaina por este fluido que no entanto não tem a entrada da presumida casa de Deus. Esta sotaina é posta em pacote, depositada a alguns passos do seu proprietário. Isso prova que este fluido não é um ladrão, mas um destro prestidigitador.

6° Em Argenteuil, quase sob os nossos olhos, duas irmãs casam-se ao mesmo tempo: enquanto o cura oficiava, o fluido sem direito de entrada na

igreja, entra no entanto; retira o barrete de uma das noivas, e o xale à outra, atira o bravo cura ao chão e vai furar um buraco perfeitamente redondo no mais forte sino; desce passear na rua sob forma de bola de fogo, na praça da igreja, rindo sem dúvida da surpresa do cura, que apesar da santidade do lugar, e da potência da água benta, não pôde evitar a sua queda e o seu medo. A lição não fez vítimas, o fluido estava num dia de bom humor.

7° Um homem encontra-se um dia surpreendido por uma tormenta de primeira ordem, põe-se ao abrigo sob uma árvore, pois as ondinas metiam-se nisso; outra árvore lhe fazia vis-à-vis, a um golpe fulminante, o nosso homem crê-se morto, sai quite por ter uma prova fotográfica sobre todo o seu peito da árvore que estava vis-à-vis dele, nem um ramo, nem uma folha aí faltavam. O sábio Daguerre encontrava-se ultrapassado nesse momento.

8° Na floresta de Rambouillet, lenhadores em plena tarefa de fazer ripas, ficam todos espantados de ver este fluido debitar de um só golpe uma das mais fortes carvalhos do lugar em ripas como não fizeram na sua vida. Numa outra manifestação, é a casca de outra árvore que é propriamente retirada do tronco às últimas ramas dessa árvore. O homem ainda não chegou a um tal grau de destreza.

9° Este fluido parece ter raiva às igrejas desde que elas fazem parecer dominá-lo em nome de um Deus do qual o olham como sendo o agente da sua justiça (o que é entre nós um contrassenso), este fluido dizemos, teve um dia a ideia de raptar uma pedra de cantaria da torre de uma igreja e de a levar através da rua numa casa da qual quebrou a janela para entrar e a depositou no soalho. Os nossos médiuns têm transportes de objetos nas suas comunicações com os Espíritos, onde estes últimos trazem, dizem, flores e menus objetos; mas não pedras de cantaria.

10° Um homem encontra-se um dia surpreendido por este caprichoso fluido acompanhado de numerosos agentes de Neptuno. Põe-se ao abrigo sob uma árvore; um mestre golpe faz-lhe crer que passou da vida à morte! Não é nada disso. O fluido vai para outro lado exercer a sua indústria, e o nosso homem vai ao vendedor de vinho mais próximo para se recompor do seu susto por meio de um copo. Vindo a pagar o preço, apercebe-se que tem na sua bolsa, duas peças de vinte francos quando está assegurado de não possuir senão uma.

Procura uma peça de um franco que sabe ter, e não a encontra. Olha duas vezes as suas duas peças de vinte francos e reconhece que a peça de um franco se encontra recoberta de uma camada de ouro, que deveu destacar-se como pelo processo da galvanoplastia da peça de vinte francos para se pousar sobre ela. Mas o que não o surpreende menos, é que as duas peças estavam separadas pelo diafragma da bolsa. Sabemos que os nossos sábios quererão explicar estes fenómenos ou os negarão. Explicá-los está acima do

seu saber. Repetimos que este fluido saindo de dois presumidos glaços encontrando-se em sentido contrário, deve poder sair do mesmo modo de dois seres melhor organizados acreditamo-lo, que, pela sua inteligência, e a sua vontade podem fazê-lo produzir efeitos em relação com as suas necessidades.

CAPÍTULO IV

OBSERVAÇÕES SOBRE OS DIFERENTES ESTADOS PRODUZIDOS NO HOMEM PELO AGENTE MAGNÉTICO, INCLUINDO O SONAMBULISMO

Não se deve espantar na ação magnética de ver o sujeito sobre o qual se opera, experimentar alongamentos nervosos; bocejos; sensações de calor ou de frio; um riso louco ou lágrimas abundantes; irritações, espasmos, soluços; agitações nervosas; crises de catalepsia e de tétano.

Nos primeiros casos, não se deve ter nenhuma inquietude e continuar a magnetização, fazendo notar esses efeitos ao sujeito magnetizado assim como às pessoas presentes, a fim de determinar a sua crença neste agente, e aos fenómenos que produz.

Nas crises nervosas, deve-se afastar as pessoas presentes impressionáveis, afastar-se a si próprio do que sofre crise e magnetizá-lo assim a um metro ou dois de distância, por passes lentos, feitos na intenção de o acalmar e de restabelecer, da cabeça aos pés, uma livre circulação do fluido que, neste caso, parece acumular-se ao cérebro e sobre os plexos. Após um certo número de passes, deve-se fazer outros transversais, com uma certa velocidade, na intenção de desimpedir o cérebro, e de afastar do sujeito o excesso de fluido que o agita.

É ainda neste caso onde se deve fazer a experiência do sopro soprando à distância na direção da testa do magnetizado com a intenção de o refrescar e de o acalmar. Não se deve no entanto fatigar-se a fazê-lo voltar ao seu estado normal, se oferece resistência a fazê-lo, pois poderia decorrer um tempo mais ou menos longo, entre o começo e o fim desta crise; tempo que pode durar até algumas horas; o magnetizador esgotar-se-ia pois em vão se o magnetizasse durante todo este tempo; pelo contrário, é por vezes útil colocar o agitado

— que muitas vezes está mergulhado num estado de sonolência vizinho do sonambúlico

— numa poltrona ou sobre uma cama, numa posição conveniente, para ir a si próprio ao exterior refrescar-se e romper assim uma corrente oculta que age à vossa revelia.

O que é útil sobretudo observar, nesta circunstância como em todas as deste género que poderiam apresentar-se ao magnetizar sujeitos

demasiado sensíveis ao agente magnético, é conservar o maior calme possível de espírito e penetrar-se da ideia que as sequelas não serão perigosas, pois o mal ou a inquietude que se experimentaria, contribuiriam para complicar a crise, em vez de a acalmar.

Os bocejos acalmam-se pousando a mão no oco ou para o oco do estômago, soprando a quente sobre este órgão, como já o ensinámos.

As suores e os tremores são estados fugitivos que não exigem nenhuma atenção.

O riso e as lágrimas, pedem que não se lhes oponha obstáculo, pois poderia conduzir-se o sujeito para uma crise nervosa, mais temível. Este estado dura apenas um momento, e exige ser respeitado.

As irritações, espasmos e soluços acalmam-se por passes lentos, feitos da cabeça ao baixo do busto, ou dando a beber ao que padece de crise um copo de água, magnetizada a essa intenção. O sopro emprega-se igualmente a quente, (isto é, a boca pousada sobre um pano aplicado sobre a parte mesma que se deseja acalmar). No soluço e os espasmos do estômago, este sopro emprega-se sobre a garganta e sobre o oco do estômago a várias reprises.

O tétano e a catalepsia, são dois estados nos quais entram as pessoas muito nervosas, entendemos dizer, tendo o sistema nervoso seco, consequentemente impressionável. Estes dois estados são quase idênticos, salvo que o tétano se manifesta por uma rigidez do corpo e de todos os membros, rigidez que faria crer que o indivíduo neste estado é feito de uma peça, visto que não pode servir-se das suas articulações. Quebrar-se-iam antes os seus membros do que fazê-los dobrar.

A catalepsia manifesta-se da mesma maneira; mas, ordinariamente, não afeta senão a metade do corpo; um lado, um membro ou dois; nestes dois casos, deve-se ter muito cuidado dos que padecem de crises. Se entraram nestes estados, de pé e sem nenhum ponto de apoio, deve-se tentar deitá-los ou colocá-los o mais convenientemente possível, a fim de que não aconteça pior acidente, depois magnetizá-los com um grande cuidado, fazendo ligeiras pressões sobre os membros, sobretudo para as partes musculares, chamadas vulgarmente o gorduroso do braço, as coxas, os gémeos; depois soprar a quente sobre todas as articulações e os plexos com a intenção bem pronunciada, de humedecer, de distender, de adoçar e de acalmar a rigidez dos tendões, dos nervos e dos músculos.

Deve-se pôr perseverança em querer tirar o sujeito deste funesto estado, e magnetizá-lo por passes a grandes correntes quando dele saiu, para lhe tirar a dor muscular que dele se segue ordinariamente. Alguns magnetizadores servem-se como adjuvante, para tirar o que sofre crise deste estado, de carvão de lenha, como sendo um bom absorvente, põe-se um grande pedaço em cada mão do que sofre crise, e um igualmente sob

cada pé; toma-se um pedaço em cada mão a si próprio, dos quais se apresenta as pontas ao que sofre crise, fazendo os passes aconselhados, da cabeça aos pés. Estes pedaços de carvão absorvem, no seu trajeto, o fluido eletro-magnético, do qual o sujeito está demasiado saturado, e ajudam a chamá-lo ao seu estado normal. Os casos que acabamos de citar são muito raros, não são na maioria das vezes produzidos senão pelo ardor que põe o magnetizador em agir sobre o seu sujeito.

Sonambulismo

No sonambulismo, o primeiro estado que se manifesta ordinariamente para o magnetizado é um abatimento geral, uma grande pesadume das pálpebras, e a necessidade de as fechar, segue-se então um adormecimento mais ou menos longo, e mais ou menos profundo. À primeira questão que lhe dirigis, sai em sobressalto deste estado e responde que o que experimenta é o que sentimos todos no momento de nos adormecermos. Como nós, combate este género de sono que seria ordinário, ou sonambúlico.

Acontece por vezes que esta oclusão dos olhos é tão poderosa que o indivíduo não os pode abrir; apesar de assegurar que não dorme: É então onde há algumas observações a fazer; pois este estado é a primeira fase do sonambulismo. Uma mais longa magnetização, uma segunda ou várias sessões podem completá-lo.

O sujeito, uma vez sonambulizado, pode acusar ouvir apenas o ruído que fazeis junto dele, e da vossa voz, embora várias pessoas possam dirigir-lhe a palavra: como pode acontecer também que ouça muito melhor tudo o que se diz junto e ao longe dele, do que antes de entrar neste estado. Todos os seus sentidos podem ser consideravelmente exaltados, estendidos, e mesmo transpostos.

É assim que acontece que o sentido da audição, da visão ou do olfato podem estar localizados no epigástrio, sob o pé ou em outro lugar, em vez de estarem nos seus lugares respetivos.

Há neste género manifestações infinitas, cada uma oferecendo um fenómeno mais ou menos conhecido. Pretender tratá-las num simples estudo seria prolongá-lo até ao fim dessas manifestações, e só Deus sabe quando será o fim: basta-nos atrair a atenção para elas simplesmente, e concluir a seu respeito que são tão diversificadas como os seres nos quais se notam. Trata-se, portanto, de um novo estudo a fazer com cada sujeito, sobre o género de fenómeno que se manifesta nos seus sonos.

Recomendamos especialmente ser muito desconfiado em relação a uma grande quantidade de macaquices, de ideias delirantes e de caprichos de que nos tornam testemunhas muitos sonâmbulos. Há frequentemente uma infantilidade neste género da parte deles, na qual não se deve deter; mas, pelo contrário, que se deve dominar com toda a potência da vontade.

Acreditamos ser útil entreter o estudante mais especialmente sobre os fenómenos seguintes, como merecendo toda a sua atenção.

1° Um vidente que não desse nenhum sinal de audição apresenta um obstáculo que não basta constatar, mas que é preciso tentar vencer; cabe, portanto, ao magnetizador tentar libertar a audição do fluido de que estaria carregada, ou do sangue que a obstruiria, ou de uma tensão nervosa que comprimisse o conduto auditivo. Se não se conseguisse fazer-se ouvir pelo sujeito, seria então preciso procurar o sentido da audição, tocando todos os órgãos do corpo, uns após os outros, onde se pudesse duvidar que estivesse localizado, questionando o sujeito a cada toque, a mão servindo assim de condutor, acabando por fazer-se ouvir pelo adormecido.

É então que se deve questioná-lo sobre a maneira de o dirigir no futuro, visto que ele vos ensinará certamente sobre esta questão o que tendes a fazer. Neste caso, tende o cuidado de controlar as suas informações e, se apresentarem algo de ridículo, não acedais; forçai-o a ouvir de outra forma, pois este género de transposição das faculdades deste órgão não é demasiado frequentemente senão uma fantasia do vidente, sempre invejoso de apresentar o maravilhoso!

2° Pode acontecer, além disso, que o sujeito, vos ouvindo, não possa responder-vos, porque teria as maxilas paralisadas, convulsas ou catalépticas; é então que empregaríeis o sopro quente sobre as articulações das maxilas que se encontram sob as orelhas, agindo com a intenção de relaxar os nervos e os músculos de tensão que se encontram demasiado rígidos. Podeis igualmente apresentar os dedos reunidos em ponta para as lábios, tendo a intenção de extrair o excesso de fluido que pudesse ter-se acumulado para eles e manter a língua numa espécie de paralisia.

Consagraremos um estudo especialmente a tratar a questão do sonambulismo, contentando-nos nesta, de o entrever apenas nas suas fases mais aparentes.

O estado sonambúlico pode igualmente declarar-se sem que o magnetizado feche os olhos, e, pelo contrário, os mantenha numa fixidez que não é ordinária. Pode permanecer assim durante toda a duração desta crise, ou as pálpebras elas mesmas parecem ser retidas tão fixas como o olho, ao ponto de não mais operar nenhum movimento. Acontece também, por vezes, que as pálpebras cobrem lentamente o globo do olho, a várias reprises durante este estado, para se reabrirem a cada vez e permanecerem numa imobilidade perfeita, mais ou menos tempo. Pode-se passar impunemente diante do olho do que padece de crise uma luz tão perto quanto possível, sem recear produzir-lhe nenhuma sensação, o que não teria lugar no seu estado normal.

Esta fixidez do olho é muito ordinária no estado extático do qual falaremos na sua vez.

Em certas fases do sonambulismo, o indivíduo não possui mais o sentido tátil, e acusa a insensibilidade a todo o toque, até submeter-se a provas que os homens levaram bastante longe, para só se deterem perante o assassinato! Um delírio, mais do que um sentimento de fraternidade, domina estas ridículas experiências; embora o sujeito acuse não sentir nada, não é o mesmo à saída deste estado, onde a vida sensitiva vem reanimar todas as fibrilhas da sua envoltura material; é então que acusa as dolorosas consequências que lhe impuseram aqueles nas mãos dos quais tinha confiado a guarda da sua pessoa.

As crises que precedem ordinariamente o estado sonambúlico são muito frequentes, e enchem de esperança aqueles que as provocam; mas também é preciso muitas vezes muita paciência e coragem para as levar a bom fim; entendemos dizer ao sonambulismo completo.

Nestas crises, há sujeitos que, tendo os olhos um momento fechados, acusam ver cores de diferentes nuances indo do preto ao vermelho. Outros veem nuvens esbranquiçadas que passam por diferentes nuances ao amarelo. Aqueles que estão mais perto de entrar completamente neste estado veem horizontes imensos, de uma cor azul tendendo para o violeta, horizontes iluminados por instantes de centelhas luminosas. Acontece mesmo que estes jatos luminosos iluminam quadros fugitivos que enchem o vidente de uma emoção da qual não se dá conta.

Gostaria de rever por tudo no mundo esta faísca do mundo espiritual; mas não o pode. O seu horizonte ou o seu belo céu azul desaparecem, e é forçado a rever o nosso que não é tão belo, longe disso. Descarrega-se então o sujeito, para que não se fatigue a querer ser vidente apesar de tudo. Este desejo é, pelo contrário, muito prejudicial ao desenvolvimento da lucidez; seria preferível para ele, neste caso, submeter-se com indiferença ao que acontecer. A sua saúde como a ordem das suas ideias só se encontrarão melhor.

Sonambulismo magnético (continuação).

Maneira de produzir este estado e de desenvolver as faculdades; enganos dos videntes; argumentos dos sábios contra este estado, seguidos de refutações; maneira de questionar e de conduzir os videntes cuja especialidade é tratar de doenças.

Propomo-nos, como devemos, estudar mais amplamente a questão do sonambulismo magnético do que acabamos de fazer. Não nos dissimulamos a dificuldade de tal estudo que muitos outros tentaram fazer antes de nós. Seremos nós mais felizes do que eles? Poderia ser, juntando as suas luzes às que possuímos: mas seria imprudente esperar um sucesso completo.

Faz o que podes, aconteça o que deve. Todos os seres conhecem o sono ordinário. Este sono é a passagem de uma maneira de ser para outra para o corpo e para a alma, maneira que difere do estado habitual do corpo em

que põe este último numa espécie de inércia, e deixa errar a alma em criações imaginárias (dizem os sábios).

Sabemos todos que este sono não tem nenhum precursor; que chega a certas horas; ou em certas circunstâncias por uma necessidade irresistível de abaixar as pálpebras, e de esquecer momentaneamente a existência das sensações terrestres para entrar na das sensações do espírito. A passagem deste estado para o outro é tão súbita, que nunca nos lembramos do último pensamento que agitava o organismo antes de entrar no sono. Se alguém nos desperta bruscamente, mal adormecidos, exclamamos com espanto: Estava eu a dormir? Há muito tempo que perdi a consciência? Oh! Meu Deus, já sonhava estar em tal lugar, e falar com tal pessoa.

Basta, portanto, como acabamos de dizer, um só minuto a todo o ser, indistintamente, para passar assim de um estado para outro, e viver de duas existências diferentes um mesmo número de horas num dia.

É o mesmo a respeito do sonambulismo magnético, a rapidez com que se entra neste estado não é mais extraordinária do que a que determina o sono natural.

Este género de sono do corpo e de despertar do espírito é produzido com a ajuda do fluido magnético; como a eterização, a cloroformização o são com a ajuda dessas substâncias, como de muitas outras. O estado de sonambulismo magnético tem o mesmo direito de existência que os precedentes, assim como os gerados pelas bebidas capitosas, os álcoois, certos movimentos circulares, certas músicas religiosas, etc.; da simples emoção produzida pelos agentes precedentes ao estado de exaltação, há apenas graus muito pouco distanciados uns dos outros. Cada um de nós esteve em condições de apreciar alguns e pode, consequentemente, dar-se conta do estado sonambúlico pelo efeito de uma simples comparação. A única diferença que há entre o sono ordinário e o sonambúlico, pretendido extraordinário, é que se está mais habituado a ver um do que o outro.

O sonambulismo magnético é para nós o repouso da carne, e a atividade do espírito. Este estado, na ação magnética, pode declarar-se sem ter sido provocado; como é mais frequentemente o efeito de uma maneira particular de o provocar.

Antes de tratar de alguns fenómenos, nos milhares que produz este estado, vamos dizer como se obtém facilmente.

Há organizações muito preparadas para entrar nele, como há que são muito renitentes; mas a nossa opinião é que todos os seres indistintamente são suscetíveis de entrar neste estado; apenas os meios, as afinidades dos fluidos e as disposições físicas não são as mesmas em todos os seres. Pedimos para ver neste estado apenas uma operação semelhante do nosso espírito à dos nossos sonhos; mas uma operação organizada, dominada e conduzida pelo magnetizador estudioso a fim de reprimir os desvios. Não é

que pretendamos dizer por aí que o magnetizador é superior ao sonâmbulo, não, queremos dizer que ao ponto de vista das leis e dos interesses da existência material, o magnetizador pode, com mais sucesso, chamar a atenção do vidente sobre esta existência da qual se crê libertado, e à qual faz bastante pouca atenção para comprometer a ordem. Se se deixasse o sonâmbulo livre de gozar, errar e agrupar ao seu bel-prazer as sensações que experimenta e as observações que faz, não estaria mais em rapport connosco senão pelo corpo; pois o espírito, nadando no meio desta existência fantasista e incompreensível à nossa razão, não ofereceria mais às nossas observações senão factos sem valor.

Alguns sonâmbulos que têm a faculdade de se lembrar das fases deste estado ao seu despertar, aproveitam, à revelia do seu magnetizador, para buscar soluções que creem poder obter assim; mas estão longe de estar satisfeitos no futuro com a sua maneira de estudar, visto que se encontram apenas perante factos gerados pela sua faculdade de ver, segundo o seu desejo, o que lhes convém, sem fazer passar estes estudos pelas exigências da razão ordinária, que deve controlar estas visões e estas combinações, sem pensar no que poderão experimentar de resistência na sua execução material.

Ignoramos se a propensão a entrar neste estado pode ser notada em tal ou tal fisionomia, como creem alguns magnetizadores; quanto a nós, encontramos esta disposição na criança como no velho. Na natureza mais seca e na mais húmida: isto é, no bilioso como no glaireux; no raquítico como no hercúleo! O olhar mais doce como o mais vivo nos ofereceram os mesmos resultados, não pudemos deter-nos em nada de matemático a este respeito, pomos a mão durante dez minutos sobre a cabeça que o deseja, sabemos mais nesses dez minutos do que por todas as observações possíveis.

Para obter mais facilmente este estado, pomos o interior da mão sobre a parte do crânio que se nomeia nas crianças a fontanela, durante dez a quinze minutos, depois buscamos, pelo pensamento, saturar todo este cérebro da emanação fluídica que supomos sair da nossa mão. Neste pouco tempo, a pessoa acusa uma sensação qualquer, ou diz não sentir nada. Passa-se a outro sem mais pesquisas nem teimosia.

Não há apenas esta maneira de sonambulizar em magnetismo, cada praticante tem a sua; se, quanto a nós, pomos a mão sobre a cabeça do sujeito, é que não queremos fortificar a sua incredulidade, não fazendo nenhum toque ou nenhum gesto sobre a sua pessoa; pois podemos, e toda a gente pode obter o mesmo resultado pela simples fascinação: isto é, fixar os olhos do paciente com uma forte intenção de lhos fechar. Eis qual é o estado do nosso pensamento nesta ação, supomos, isso vai sem dizer, que dos nossos olhos sai o mesmo fluido que dos nossos dedos, se não mais puro e mais narcótico, saturamos o globo do olho do sujeito ao mesmo

tempo que desejamos ardentemente carregar o bordo das pálpebras, a fim de as forçar a abaixar como por um efeito de peso material; desejamos ainda influenciar o nervo ótico, que levanta o globo do olho no sono ordinário como no sono sonambúlico, a fim de que permaneça nesta posição.

Quando vemos que as pálpebras estão indecisas e agitadas, dirigimos o nosso olhar para a região do coração. Para saturar este órgão do agente magnético, visto que ouvimos os videntes no seu início, como em todos os seus sonos, acusar sentir um ligeiro mal ao coração, mal que atribuímos mais ao nervo grande simpático do que ao coração, visto que há aliança entre este nervo, o estômago e o coração. Saturamos portanto esta localidade do fluido que lhe é necessário, tendo no entanto atenção de não estabelecer uma corrente entre esta parte e o cérebro, que tomamos sempre por sede principal da inteligência humana e que acionamos mais particularmente pelo pensamento!

Há magnetizadores que tomam apenas os sujeitos pelos polegares das mãos, ao exemplo do bom Deleuze, aplicando contra o seu interior o interior dos seus, e fixando igualmente o paciente ao mesmo tempo, com a intenção de obter o resultado desejado. Sentam-se para isso diante dele.

Outros põem, como nós, uma mão sobre a fronte e a outra em oposição para o cerebelo, lugar que se nomeia vulgarmente a covinha do pescoço.

Há os que põem uma mão sobre o esterno (osso do peito), e a outra mão sobre o plexo um pouco mais abaixo, visto que este plexo é formado de uma ramificação nervosa comunicando com todo o sistema nervoso.

Há outros que carregam toda a cabeça e mesmo todo o corpo por passes lentos.

Quando se quer agir em sentido contrário, isto é, libertar o sujeito da dose de fluido que se depositou nele ou despertá-lo, se se teve a felicidade de o adormecer, fazem-se passes transversais muito vivos diante dos órgãos que se saturaram, depois passes igualmente vivos, da cabeça aos pés com a intenção de atrair para estas extremidades o fluido magnético, e de descolar as pálpebras que se fecharam, ou a metade paralisadas. Sopra-se mesmo sobre a fronte do magnetizado, a alguns centímetros de distância, se isso não lhe repugna, e que seja útil fazê-lo a fim de refrescar a cabeça e de a libertar completamente, antes de o deixar, de toda a sensação penosa, pois uma crise mais ou menos inquietante e desagradável poderia sobrevir algumas horas após esta magnetização.

Existem casos onde o sujeito se encontra com os olhos tão fechados, que é bom, se está em sonambulismo, pedir-lhe uma maneira rápida de lhos abrir, pois só se consegue com pena; mas não aconselhamos entrar nesta dependência para com um sujeito que deve pelo contrário ser totalmente dependente de vós. Sois ou não sois o seu diretor, cabe-vos forçá-lo a

submeter-se à vossa vontade, sobretudo no que ela tem de leal e de respeitoso para a sua própria liberdade; comandai-lhe então fortemente que desperte, quando há resistência calculada da sua parte, e que o haveis libertado tanto quanto possível. Diremos em breve porque recomendamos desde os primeiros sonos dos videntes conduzi-los com uma firme vontade da qual, no entanto, não seja excluída a benevolência. É preciso sempre tentar que entre os dois não haja nem mestre nem escravo, mas uma troca recíproca de bons procedimentos que serão favoráveis aos estudos que se propõe fazer juntos. É preciso observar no entanto que é o sujeito que deve ser dominado e não o magnetizador, pois, neste estado, o vidente possui uma potência superior da qual poderia fazer um mau uso para com o seu magnetizador.

Faremos ainda observar que, magnetizando um doente ou um curioso, pode-se, sem o esperar, produzir os fenómenos de que acabamos de falar, como pode igualmente acontecer que mal se começou a magnetizar, o sonambulismo se declare e que se veja o sujeito fechar os olhos, cessar toda a comunicação com as pessoas que o rodeiam e, vos dizer: Estou bastante carregado.

Pode-se ainda vê-lo manter os olhos abertos e muito fixos com ou sem movimento das pálpebras; há nestes dois casos sonambulismo a um grau mais ou menos vidente, e mais ou menos clarividente; dizemos vidente e clarividente, pois o vidente é aquele que, neste estado, diz conhecer sem ver tudo aquilo de que vos entretém, e o vidente diz ver tudo o que quer. Estes dois estados estão ordinariamente unidos um ao outro; como acontece também que ouçam vozes de seres espirituais que os instruem sobre o que desejam conhecer.

Cabe, portanto, ao magnetizador apreciar estes diferentes estados, conduzir o vidente em consequência e tirar dele o melhor partido possível questionando-o aproximadamente da maneira seguinte.

Maneira de questionar os videntes.

Primeira ordem de perguntas

Seguidas de respostas supostas.

P. — Como se encontra?

R. — Muito bem, ou: sofro em tal lugar.

(Calma-se então esse lugar por alguns passes magnéticos).

P. — Está melhor?

R. — Sim.

P. — Em que estado pensa estar?

R. — Não sei; não posso abrir os meus olhos, e no entanto não durmo.

P. — Ouve o ruído que se faz na rua, ou ouve apenas a minha palavra?

R. — Ouço tudo tão bem como no meu estado ordinário, repito-vos, só tenho os olhos fechados.

P. — Embora tendo os olhos fechados, vê algumas cores, ou algum objeto?

R. — Não vejo nada.

Repouse um momento, abrir-vos-ei os olhos em dez minutos. Este tempo decorrido, liberta-se esta pessoa como ensinei, e deixa-se, tendo regressado ao seu estado normal, contar-vos as suas impressões. Se não se lembrasse de ter falado, haveria esperança de obter um melhor resultado numa ou várias outras sessões. Se, pelo contrário, acusa não ter mudado de estado para o poder apreciar, a esperança é menor.

Segunda ordem de perguntas

Seguidas de respostas supostas.

P. — Como se encontra?

R. — Muito bem.

P. — Está bastante saturado de fluido?

R. — Sim.

P. — Em que estado pensa estar?

R. — Não sei, mas encontro-me tão bem, tenho pensamentos tão agradáveis, e vejo coisas tão belas, que gostaria de estar sempre neste estado.

P. — Que pensa então?

R. — Não poderia dizer-vo-lo, a minha inteligência estende-se e torna-se imensa.

P. — Que vê que lhe parece tão belo?

R. — Vejo o que quero.

P. — Vê-me?

R. — Vejo-vos muito bem, ou: não vos vejo.

P. — Se me vê, pode dizer-me em que atitude estou neste momento?

R. — Vejo-vos de tal maneira (julga-se se há exatidão).

P. — Se não me vê junto de si, pode talvez ver-me à distância como este fenómeno se apresenta no vosso estado, tente ver onde eu estava a tal hora?

R. — Vejo-vos, fazíeis tal ou tal coisa, etc.

P. — Procure ver do mesmo modo o Sr. M... R. — Não sei onde está.

P. — Está onde soubestes encontrar-me, chamai-o pelo nome, e ides vê-lo aparecer de imediato.

R. — Ei-lo.

P. — Dai-me a sua identidade assim como a sua idade, a cor dos seus cabelos, a dos seus sobrolhos, dos seus olhos, dizei como vedes a sua testa, o seu nariz, a sua boca, o seu queixo, o conjunto da sua fisionomia, a sua corpulência, a sua estatura, o seu vestuário.... Depois procurai descrever-me igualmente o lugar onde o vedes, e o que faz neste instante.....

Que se tome nota da identidade dado e que se verifique se o vidente foi exato nos seus informes. Segundo a bondade desta experiência tendes diante de vós um sujeito superior ou inferior, que pode, neste último caso, tornar-se muito bom no futuro.

Cada vez que estamos diante de um vidente, agimos assim, segundo a especialidade que possui, pedimos-lhe provas da sua clarividência, para saber se estamos diante de um que padeça de crise, um vidente ou um impostor. Logo que adquirimos a prova da sua lucidez, mais ou menos extensa, não temos mais do que conduzi-lo com prudência.

Estudamos a sua afeição por tal ou tal género de experiência, e não o questionamos mais senão sobre esse género, que, frequentemente, é aquele no qual encontramos o menos de erros possíveis, erros que são muito comuns nos melhores videntes, como falaremos mais tarde.

Quando se tem apenas um sujeito em crise, isto é, metade vidente e metade cego, procura-se corrigir os seus erros fazendo-lhos aperceber para fortificar os seus estudos; não se deve ir até desanimá-lo, longe disso, faz-se esperar melhores sucessos.

Quando se está diante de um impostor ou um mistificador como há muitos, trata-se este farçante com o desprezo que comanda a sua má ação.

Faculdades sonambúlicas.

O melhor sonâmbulo é aquele que se engana ou vos engana o menos, e não aquele que preenche tal ou tal condição.

Gosta-se ordinariamente de encontrar neste estado um recolhimento dos sentidos para o interno do ser em vez de os ver estendidos, isto é, ver o vidente isolado não ouvindo senão as pessoas com as quais se põe em rapport pelo contacto ou pelo pensamento.

Qualquer ruído que se faça à sua volta, prefere-se que não ouça nenhum, e que junte a um pouco de insensibilidade física uma parte de liberdade de apreciação bastante grande para não se deixar abusar até acreditar, provar, sentir ou tocar tal substância por tal outra como se comprazem em lho fazer fazer as pessoas presentes; este género de experiência abre a porta aos erros, que se deveria pelo contrário procurar evitar por todos os meios possíveis.

Estas condições não são no entanto indispensáveis, pois encontram-se muito bons videntes que não as possuem, mas são procuradas.

Há outra que é indispensável encontrar num vidente que trata de doenças, ou de questões de intimidade, que é a da perda, ao seu despertar, da lembrança do que fez, viu ou disse durante o seu sono; sente-se toda a importância deste esquecimento, é preciso assegurar-se bem, por todos os meios possíveis, se este vidente se lembra ou não se lembra, pois veem-se diariamente aparecer ignorar, à sua reentrada no estado normal, o que viram, disseram ou fizeram durante o seu sono, e possuir assim segredos que não devem conhecer, esta questão é muito séria e delicada, chamamos com força a atenção dos interessados sobre ela.

Possuímos vários sujeitos tendo esta faculdade cuja vista apenas era sonambulizada, os outros sentidos permaneciam no seu estado normal; lembravam-se ao seu despertar de tudo o que haviam podido conhecer durante o seu sono, e despertavam no momento em que menos esperávamos. Estes sonâmbulos deram-nos provas de uma muito grande lucidez por visões à distância retrospetivas e proféticas.

Possuímos ainda dois neste momento que estão nas mesmas condições. Que se saiba que não se deve esperar nada de idêntico neste estado sem que saibamos nem o porquê nem o como.

Sim, o sonambulismo é um estado que compreende uma infinidade de faculdades devolvidas, cada uma a tantos seres diferentes.

O que um pode, o outro não o pode. Cada um tem as suas aptidões e as suas potências de estudos; assim, se se pode dizer que este estado conduz ao conhecimento universal das ciências humanas, deve-se adicionar que este conhecimento é repartido, como no estado material, entre um número infinito de indivíduos.

Tal vidente pode conhecer e tratar as doenças.

Outro ver através dos corpos opacos, sem por isso ver através de todos os corpos opacos.

Um terceiro vê junto de si e não à distância.
Um quarto vê a distâncias muito grandes, e não vê junto de si.
Um quinto vê melhor o passado do que o presente.

Um sexto vê melhor o presente do que o passado.
Um sétimo vê muito bem o futuro, e não vê nem o presente nem o passado.
Um oitavo vê os vossos pensamentos.
Um nono sente-os por uma espécie de toque inexplicável.
Um décimo tem a intuição.
Um décimo primeiro sabe sem ver nem sentir o que sabe.
Um décimo segundo fala línguas que lhe são estrangeiras.
Um décimo terceiro poetiza, sem conhecer as regras da versificação.
Um décimo quarto é músico, e executa muito bem num instrumento que lhe é desconhecido.
Um décimo quinto resolve instantaneamente dificuldades algébricas, sem conhecer os algarismos.

Um décimo sexto desenhará muito bem sem noções de desenho.

Um décimo sétimo raciocinará química sem conhecer as substâncias.

Um décimo oitavo fará o mesmo em mecânica e em física, etc., etc.
Não podemos citar todas estas faculdades diversas, que, sendo estudadas, desenvolvidas e aplicadas às artes como às ciências, produziriam os melhores resultados.

Outros videntes têm afeições muito pronunciadas, consequentemente meios muito extensos para tratar das ciências ocultas, operar prodígios incríveis e inenarráveis. Este agrada-se em tomar posições contra todas as leis conhecidas do equilíbrio e da anatomia do corpo.

Tal outro apresenta um género de estigmatização que não é menos curioso do que inexplicável.

Um terceiro inchará subitamente a barriga, ao ponto de imitar um hidrópico ou uma mulher grávida.
Um quarto tornar-se-á pesado ao ponto de não poderdes levantá-lo.
Um quinto fará o contrário ao encontrar-se suspenso no ar, sem nenhum ponto de apoio.
Um sexto fará truques de destreza que, se não vos fascinar, vos parecerão inadmissíveis.
Um sétimo operará aportes, sem que se possa dar conta de como os objetos que agarra no ar diante de vós entraram no apartamento fechado.
Um oitavo quebrará um anel de ouro e ressoldá-lo-á sem que saibais como.
Queimará o vosso lenço e, das cinzas, reproduzi-lo-á tal como era.
Dar-vos-á a sua camisa para torcer, sem que as suas outras roupas estejam húmidas.

Mostrar-vos-á o seu corpo coberto de arranhões sangrentos, sem que a sua camisa esteja rasgada, nem que saibais como essas feridas foram feitas debaixo dos vossos olhos. Poderá ter um membro partido que será ressoldado em três dias para poder servir-se dele. Estes fenómenos

parecer-vos-ão contos; mas podemos afirmar-vos que tiveram lugar na presença de indivíduos que nos certificaram a realidade. Se quiserdes vasculhar nos anais dos santos, dos possessos, encontrareis factos não menos maravilhosos, a possibilidade dos uns faz admitir a dos outros, tratámos suficientemente destas matérias na Magia magnética à qual vos remetemos para as apreciar, assim como às manifestações espirituais dos médiuns que têm lugar nos nossos dias.

Um nono tornar-se-á invisível e irá buscar-vos objetos a tal lugar, numa hora de tempo, quando o espaço exige materialmente alguns dias para o atravessar.

Um décimo diz-se inspirado por tal santo, tal sábio ou tal sábio.
Um décimo primeiro só vê defuntos e dá-vos provas irrecusáveis da sua existência.
Um décimo segundo só trata de teologia, etc., etc.

Não acabaríamos se quiséssemos descer em todas as subdivisões das especialidades e das faculdades que têm os sonâmbulos.

O fraco aperçu que acabamos de citar deve dar uma ideia da imensidade de estudos que nos está reservado fazer: mas, também, deve dar-nos uma ideia semelhante de desconfiança; pois quanto mais existem no homem meios de conhecer ou de produzir, mais devem existir meios de errar e de enganar. É desta questão que desejamos tratar um momento.

Quando dissemos, há um instante, de não acreditar na lucidez de um sonâmbulo assim como no seu verdadeiro estado senão após um facto irrecusável, é que sabemos que o excesso de confiança em certos videntes, como em certos prestidigitadores, é uma grande falha e pode conduzir aos mais funestos desordens. É que sabemos que em cem adormecidos, há cinquenta em más condições e um grande número nos outros cinquenta cuja retidão de espírito e o devotamento aos seres que parecem afeiçoar são muito suspeitos.

O vidente não é como nós senão um ser cheio de fatuidade e de vícios, não pensa diminuí-los diante das potências postas à sua disposição. Pelo contrário, o seu orgulho é ordinariamente muito lisonjeado, e muitas vezes sente-se muito à vontade para se divertir com a nossa boa-fé, como vós mesmos podeis divertir-vos com a credulidade de uma criança.

Ao lado do seu necessidade de provar mais saber do que por vezes possui, encontram-se erros que não são da sua autoria, e dos quais seria pouco justo acusá-lo; trataremos da fonte involuntária, para ele, desses erros.

Encontram-se igualmente, ao lado dos videntes cuja superioridade é provada, os adormecidos por profissão; oh! esses pululam como os falsos médicos em todos os lugares, são os mais renomados, os mais clarividentes, ou para falar mais verdade, os mais hábeis e os mais

impostores. Ajudados por comparsas ou comparsas, por certas palavras ditas sem reflexão nem lembrança, certas perguntas habilmente feitas, e sobretudo certas caretas roçando ataques nervosos, chegando a propósito para responder a certas perguntas que embaraçam a sua falsa lucidez, tiram-se por este facto habilmente deste mau passo, metendo-vos a vós mesmos mais fundo no lamaçal da sua impostura. Não ousamos dizer-vos o que se faz neste género, respeitamos demasiado a espécie humana para lhe desvendar estes factos.

É verdade que o nosso respeito é forçado; mas é necessário para o bem dos nossos estudos. Diremos mais, quanto mais olhos fechardes, mais deveis abrir os vossos.

Argumentos dos sábios contra as faculdades sonambúlicas.

Os antagonistas dos sonâmbulos e da sua faculdade fizeram ressaltar que o vidente podia vasculhar nas suas próprias recordações, como nas dos questionadores, e por isso dizer coisas que tendo o selo do desconhecido, não seriam menos reminiscências, ou leituras nos pensamentos alheios.

Querer combater este argumento pela negação seria roçar a má-fé, no que isso se pode em certas circunstâncias; e acreditamos mesmo que são forças de que se servem habilmente os sujeitos astuciosos e devorados pela necessidade de parecerem ser superiores e de tronar... dizemos mais, aconselhando a todo o magnetizador que forma um vidente, a tomar em consideração este argumento e a servir-se dele como de um farol para o iluminar na rota obscura que se propõe percorrer, guiado por ele, será mais desconfiado.

Não sabemos até onde podem atingir estas faculdades de reminiscência ou de cognição? Com efeito, a contar do primeiro dia em que a ótica assim como o sentido auditivo são abertos desta maneira no homem, e que alimentam as faculdades imaginantes que possui, faculdades que formam a sua memória, rica de todos os quadros, de todas as ações, de todas as palavras pronunciadas, os escritos, os ruídos e os sons ouvidos durante toda a sua existência, encontramo-nos diante de um estudo oferecendo as mesmas dificuldades de solução que todas as que apresenta este estado, e perguntamos o que é esta imensidade aberta ao vidente destas coisas, e quanto a sua faculdade mais ou menos franca de historiar esta leitura à primeira vista não deve fornecer-lhe meios de se divertir com a nossa boa-fé neste estado?

Reforçamos mesmo o argumento destes sábios dizendo que uma criança ao seio da sua mãe suga com o seu leite os próprios pensamentos dela, as próprias palavras e os próprios gestos e que os daguerreotipa em si! É o mesmo de tudo o que vê, ouve e toca, enriquece o seu jovem álbum de todos estes quadros que pode reencontrar mais tarde!... quadros com a ajuda dos quais tratará de coisas que parecerão ao primeiro aspeto ser

totalmente estranhas à sua instrução. É por esta faculdade que uma jovem lúcida que tive, e da qual mantive um diário não publicado, se via receber o batismo, e citava uma certa quantidade de factos muito curiosos que se tinham passado na refeição do batismo, factos verificados e reconhecidos mais tarde como muito exatos. Este simples facto dá razão ao argumento citado, mas não autoriza aplicá-lo a tudo o que sabe e diz o sonâmbulo.

Os corpos sábios, os médicos, os filósofos, os livres-pensadores, assim como os publicistas, sempre foram hostis ao magnetismo humano e aos magnetizadores. Fomos muitas vezes magoados pelos maus procedimentos de que usaram a nosso respeito; os sábios têm nisso a fraqueza dos homens em geral, fraqueza que é apressarem-se a pronunciar um julgamento antes de causa ouvida.

Fomos mais sensíveis a este género de discussão do que somos agora, no que apreciamos melhor as causas determinantes destas hostilidades que gera a má educação religiosa que existe na terra, educação retendo o homem nas trevas mais espessas, e empurrando-o à admissão do absurdo em vista de falsear o seu julgamento.

O magnetismo humano, produzindo o sonambulismo e o espiritualismo, apresenta de novo, sob outro aspeto, os mesmos germes de entusiasmo, de crença no maravilhoso e rico de religião para não se poder duvidar, mas de religião sem padre, de religião primitiva, de religião natural; faz temer aos livres-pensadores ver erguerem-se diante deles, por séculos ainda, esses altares tão ridículos como desmoralizadores que querem derrubar a todo o custo...

Não podemos ainda negar o valor deste argumento diante de todos estes cenáculos e estes deuses em erva que o magnetismo contém na sua mala de viagem: não vimos demais com os nossos olhos, e ouvimos demais com os nossos ouvidos, os novos evangelhos que devem ridicularizar Deus de outra maneira. Encolhemos os ombros diante destas coisas, e lamentamos que os livres-pensadores não tenham distinguido entre o bom e o mau deste novo professorado, e tenham consequentemente sentido mais a necessidade de uma hecatombe geral do que de um julgamento imparcial.

Em segundo lugar, os pretensos professores religiosos, vendo os seus altares ameaçados de mediania, condenaram-nos por sua vez no interesse bem entendido do seu futuro.

Em terceiro lugar, os médicos vendo-se também ameaçados por estes Argos Esculápios, e tendo surpreendido o defeito da sua couraça, enfiaram aí o ferro a fim de combater o mais cedo esta jovem universidade não oficial.

Em quarto lugar, os publicistas jornalistas, que pensam e dizem ao dia a dia, como o comité de redação ordena, encontram-se forçados a guardar silêncio, ou a romper uma lança contra este novo monstro de misticismo

que volta à terra, tendo sem dúvida atrás de si o idiotismo por fim, e a exploração por resultado. Dizemos a todos, desconfiai-vos, é o vosso direito, dos erros ou das imposturas dos professores e agentes desta nova ciência, como o químico, o físico, o mecânico, o médico, o juiz mesmo se desconfiam dos resultados das suas combinações, dos seus trabalhos, das forças e das potências que empregam, mas não negueis as nossas proposições antes de ter feito uma sábia e perseverante leitura.

CAPÍTULO V

MANEIRA DE QUESTIONAR E DE CONDUZIR OS SONÂMBULOS CUJA ESPECIALIDADE É TRATAR DE DOENÇAS

Entre as numerosas faculdades de que demos um simples aperçu, não há nenhuma mais útil, nem mais digna de ser cultivada do que a de conhecer e tratar as doenças. Como já dissemos, a simples ação do fluido magnético pode curar e aliviar um grande número de doentes; mas não pode bastar a tudo, sem o socorro dos remédios ordinários da medicina. É nisso que o vidente que possui esta especialidade, e a pratica com amor para com os seus semelhantes, é por vezes superior, não diremos ao consciencioso médico, que faz do seu estado um sacerdócio, mas ao prático que faz desta sublime ciência uma questão de dinheiro.

Vamos, como em todas as observações que apresentámos, ser, sobre este assunto, o mais lacónico que nos for possível, mas no entanto tanto por dever como por justiça, devemos dizer o que pudemos conhecer neste género até ao dia de hoje.

Quando se pôs em sono magnético um sujeito cuja lucidez foi provada, assim como deu à vossa observação marcas sinceras da bondade do seu coração, raciocinai com ele, aproximadamente da maneira seguinte:

P. — Pois que no estado em que vos encontrais, podeis ver com os olhos fechados, através das vossas pálpebras, assim como através das vendas de que se pode cobri-los, certos objetos, a certas distâncias, poderíeis igualmente ver através das minhas roupas o interior do meu corpo, assim como os seus órgãos?

R. — Não sei.

P. — Experimentai.

R. — Isso sorri-me pouco... ou, se o pudesse como esses bons sonâmbulos que veem, e que tratam tão bem aqueles que sofrem, fá-lo-ia com prazer.

Após a primeira resposta, não forceis este vidente, nunca fará um bom médico; após a segunda pelo contrário, encorajai-o por doces e fraternais palavras a entrar nesta via.

Embora possa acontecer que estejais bem de saúde neste momento, não deveis no entanto estar sem possuir algumas dores crónicas; pois não sabemos se existe um só ser na terra que, de tempos a tempos, não lance o seu grito de dor, como quota-parte à universalidade das dores. Se o vidente consequentemente vê bem, dir-vos-á até ao mais simples distúrbio que experimentais, com detalhes que vos espantarão: Poderá mesmo remontar às fontes deste distúrbio, e instruir-vos-á.

Se lhe pedirdes igualmente alguns meios de alívio, aconselhar-vos-á um remédio qualquer, com uma minuciosa maneira de o preparar e de o tomar. Segui este conselho, e julgai da feliz combinação e do saber do vidente, pelo resultado que dele obtiverdes.

Há videntes que, doentes eles mesmos, veem muito bem o seu mal, quando se os encoraja a fazê-lo, ordenam-se geralmente remédios convenientes, a julgar pelos resultados, embora esses remédios sejam muitas vezes contrários aos meios empregados pela ciência artificial. É raro que um bom vidente não se cure, não se acalme ou não se condene com uma precisão digna de admiração.

Acontece também, por contragolpe, que há os que veem o seu mal muito mais perigoso do que efetivamente é, o que leva o distúrbio aos seus pensamentos, os faz desesperar de si, e anunciar um fim próximo, que não chega de modo algum. Estas falsas perceções decorrem da ordem dos seus pensamentos, no seu estado de vigília, estado no qual se creem muito mais doentes do que são, e consequentemente as deduções que deles tiram representam-lhes no seu sono magnético imagens em rapport com esta ordem de pensamentos.

Bons videntes bem organizados não oferecem nenhuma dificuldade a ser conduzidos nesta especialidade; mas os videntes inferiores, entusiastas, crédulos, medrosos ou maliciosos, astutos, dissimulados no seu estado de vigília, são muito difíceis de conduzir, pelas mil e uma desordens de ideias que lhes passam pela cabeça no seu sono magnético. Não saberíamos enumerar as absurdidades, as caretas, as macaquices e as provocações de que são capazes, seja em vista de se tornarem mais interessantes, ou de inquietar a prazer o seu magnetizador, assim como as pessoas que lhes têm interesse e que caem nas suas armadilhas.

Vimos alguns videntes deste género entre as mãos de magnetizadores confiantes que, até então, tinham sido as dupes de tais macaquices! magnetizadores aos quais, numa só sessão, abríamos os olhos e lhes devolvíamos a calma, forçando esses pretensos bons videntes a falar mais baixo, mais razoavelmente e a cessar a sua loucura. Para dar um exemplo, sobre muitos outros que são do nosso conhecimento, citaremos que no instante mesmo em que começávamos a preparar esta obra, fomos chamado a casa de um bom amigo, o Sr. Lejeune, rentier, 12, rue Saint-Germain, em Argenteuil, que era todo devotado a aliviar os seus irmãos

pelo magnetismo. Este magnetizador cuidava de uma jovem de dezoito anos, hidrópica há perto de quatro anos, tendo passado perto de três anos nos hospícios de Paris e tendo sido tratada pelos melhores médicos, sem sucesso, nem mesmo sem experimentar abrandamentos às suas sofrimentos.

O meu amigo empreendeu magnetizá-la e, desde a primeira sessão, entrou em sono magnético, visitou-se e descreveu-lhe o seu mal assim como a sua causa, com bastante verosimilhança, assegurando que seria cada vez mais lúcida, e que se trataria muito bem. A partir deste momento, esta jovem, vendo sem dúvida quão grande era a bondade do meu amigo para com ela, assim como a sua confiança nos seus remédios e nas predições das suas crises, entrou numa ordem de ideias incrível, anunciando tal dia que seria surda, que noutro seria muda, outra vez que seria paralítica, depois que se enforcaria ou se atiraria à água, que correria louca nos campos a passar a noite, etc., etc., enfim tudo o que lhe passava de ridículo pela cabeça.

A primeira vez que a vimos, o meu amigo fez-nos aperceber que não podia falar, visto que o laringe estava tão contraído que dele saía um ruído semelhante a pancadas dadas por um dedo ou uma varinha num corpo duro, palpei esse lugar e disse ao meu amigo, por uma inspiração de desconfiança: o que vedes não será nada, posso fazê-lo eu mesmo; o que executei no instante por um movimento sacudido do laringe, a jovem ouviu-me e cessou de imediato este pequeno maneio, que não reproduziu mais.

Noutro dia tinha os braços paralisados, e vinha a cada instante fazer magnetizar-lhos para lhes devolver a liberdade, o meu amigo estava exausto, pensei que esta paralisia se iria por si mesma, como a contração do laringe se não se prestasse atenção. Aconselhei o magnetizador, diante dela, a não mais magnetizá-la a este respeito, visto que era uma crise salutar; os braços tornaram-se livres, à paralisia sucedeu a surdez: a jovem não ouvia mais ninguém.

Fui vê-la, e diverti-me às suas custas, fazendo entrever ao meu amigo diante dela quão feliz devia estar por não mais ouvir os seus pais gritarem com ela, e as suas vizinhas tagarelarem sobre a sua conta, pedi fortemente ao seu magnetizador para não lhe devolver a audição, pelo contrário de duplicar a surdez pela ação magnética, a pobre criança não foi mais surda desde este momento.

À surdez sucedeu o mutismo, depois tornou-se cega. Descobri que em vez de se fazer despertar inteiramente permanecia em estado de sonambulismo com os olhos abertos; neste estado, errava na desordem dos seus pensamentos, e inquietava toda a gente pelas suas ameaças de suicídio, os seus atos bruscos e coléricos, os seus gritos e as suas tolices, dominava até os seus pais, e o meu amigo temia bem não poder remetê-la no seu estado normal. Fui ver de novo esta terrível jovem, acompanhado do Sr. Deloche, farmacêutico do lugar, durante cerca de meia hora, raciocinou muito justo

connosco sobre o seu mal, e do que pressagiava de feliz para o futuro; mas mal o seu magnetizador lhe perguntou se a sua cegueira duraria como anunciara até ao dia seguinte à noite, a cabeça desta jovem exaltou-se e debitou-nos uma ladainha de coisas absurdas nas quais não se tratava de nada menos para ela do que atirar-se ao poço nessa mesma noite. Procurei raciocinar com esta jovem aproximadamente assim:

P. — Se vos atirardes ao poço esta noite a vossa cegueira não durará até amanhã à noite, vede pois bem pelo contrário se não será sem este suicídio que cessará.

R. — Não é um suicídio.

P. — É um remédio?

R. — Sim, e um bom.

P. — Que fareis no poço?

R. — Ora, ficarei lá.

P. — Sempre?

R. — Pois, estarei morta.

P. — E após a vossa morte que fareis?

R. — Nada mais. Estarei bem morta.

P. — Não é o que me dissestes estes dias, fazendo aparecer a vossa mãe, bem reconhecestes que ela estava tão viva como na terra, e que não vos aconselhava a destruir-vos?

R. — Pois bem, enforcar-me-ei esta noite a uma árvore.

P. — Enforcar-vos ou atirar-vos ao poço é sempre destruir-vos.

R. — Não, irei à ponte, e enquanto menos se pensar nisso atirar-me-ei à água.

P. — Desejais continuar neste tom?

R. — Quero ir-me embora, pôs-se a gritar, quero ir-me embora, e logo, empurrando móveis e magnetizador, quis sair do apartamento. Pedi ao meu amigo para a tomar fortemente pelos ombros e fazê-la sentar. Recomecei de novo as minhas exortações, falando-lhe da sua

saúde, do distúrbio da sua família que as suas loucuras desesperavam, da inquietação em que lançava o seu magnetizador, enfim de Deus que, se quiser unir-se a nós e rezar-lhe, poderá sozinho remediar o seu mal, etc., etc. Quanto mais a minha voz tinha de doçura, e as minhas palavras de ternura, mais este pequeno diabo acreditava ter-nos dominado e que eu estava preso na armadilha como os outros. Os seus gritos, as suas

contorções e as suas loucuras não tiveram mais limites, levantou-se de novo para ir-se embora, dizendo-nos que seríamos quinze, não conseguiríamos impedi-la.

Fiz sinal ao magnetizador que ia apoderar-me dela por minha vez e como se tivesse a ver com um homem da minha força, apoiei-lhe sobre os ombros dizendo-lhe com o acento de um firme desprezo. Basta de astúcia, não estais aqui diante de um operário que acredita em todas as vossas macaquices. Sim, ireis-vos embora; mas será quando os vossos olhos estiverem abertos e que a vossa cegueira calculada estiver curada..... Não foi mais uma jovem sofredora e tímida que tinha diante de mim, mas uma verdadeira possessa, que ameacei de esbofetear se não se calasse.

Ai! pobre criança pedir-te-ia perdão toda a minha vida se fosse a ti que tivesse feito esta ameaça, eu que nunca tive de me reprovar uma tal brutalidade, mas tinha a ver com um espírito diabólico, pois ria com desprezo do nome de Deus, e com indiferença ao nome das cinzas da sua mãe. Estava pronto a tudo fazer, esta rapariga verá, não fará mais loucura, ou não a deixarei.

Disse-lhe: Se daqui a um quarto de hora não vos deixardes despertar e que não nos prometais que vereis e não fareis mais loucura, mandarei chamar o comissário de polícia que vos fará entrar de imediato num hospício, pois não quero confiar-vos à via pública no estado em que estais. Depois recomecei as minhas exortações, facilitando-lhe um retorno a si mesma, visto que pareci crê-la vítima de algum acesso febril de que não a tornava responsável.

A minha severidade e a minha fingimento foram tomadas em consideração, e a jovem deixou-se despertar, mal o foi que acreditou ter dormido apenas uma hora, e pareceu ou fingiu ignorar tudo o que tinha feito de insensato até esta hora. Desde esse tempo o meu amigo não teve senão um reproche a endereçar-lhe, a ingratidão.

O que acabo de contar não é raro, encorajo em circunstâncias semelhantes a reprimir estes desvios da razão com uma grande severidade. Em todos os casos, que se ponha nesta ocasião mais oposição do que complacência; por aí, evitar-se-ão bem crises por encomenda às quais acreditaram muitos magnetizadores e, ao mesmo tempo, ver-se-á avançar mais seguramente a cura.

Outro magnetizador apresentou-me uma jovem lúcida que o atormentava por fantasias semelhantes: pedi-lhe para a pôr em sono diante de mim, o que fez no instante. Mal adormecida, vi esta jovem estender horizontalmente as pernas; o seu magnetizador disse-me: Só pode dormir nesta posição, disse-lhe rindo: É assim que toda a gente dorme, não vos ocupeis disso, esta menina cansar-se-á nesta posição. A maliciosa compreendeu e não recomeçou.

Outros videntes, neste estado, têm um desgosto bastante pronunciado da vida terrestre para induzir em erro o seu magnetizador sobre a sua verdadeira posição, e, por aí, assistem com indiferença à decomposição do seu corpo diria eu. É preciso ainda ser severo para com esses, e chamá-los ao amor da existência, tanto pela persuasão de uma boa cura como por tudo o que pode concorrer para dominar neles alguma afeição outrora viva, afeição que pode, neste momento, ser ainda uma mola muito poderosa para mudar este estado de desgosto.

Disse que o sonâmbulo médico pode tratar de uma maneira feliz e digna de ser estudada, no entanto nem sempre é assim, quando trata de doentes que lhe são aliados ou estranhos. Embora tendo um coração muito humano, e tratando por uma pura afeição de fazer o bem, há momentos em que lhe falta lucidez, outras vezes em que é muito preguiçoso, ou que as esferas dos doentes não lhe convêm; é então que é preciso sempre vigiar as suas prescrições com um olho vigilante, pois não se encarrega impunemente do tratamento de um irmão sofredor que vem reclamar o vosso socorro com confiança, contando com o vosso devotamento.

Há nesta ação uma responsabilidade que deve sentir toda a consciência honesta e fraterna.

Embora não ordeneis vós mesmos os remédios aconselhados, não sois menos o diretor do sujeito que os prescreve: deveis passar sobre eles o vosso controlo não de conhecedor nas suas virtudes e na sua justa aplicação, mas a fim de apreciar o estado de espírito e de lucidez em que se encontra o vidente. É por isso que aconselho a proceder assim, sem por isso assegurar que será sempre possível fazê-lo com sucesso.

Quando um vidente se devota ao tratamento das doenças alheias, que está ele mesmo num estado de saúde para poder fazê-lo sem incorrer em perigos e que possui a lucidez e o sonambulismo requeridos, deve-se conversar por vezes com ele da maneira seguinte, longe de toda a testemunha bem entendido.

D. — Como acha o doente que acaba de visitar?

R. — O peito está muito doente.

D. — O que entende por peito doente?

R. — Os pulmões.

D. — Em que estado se encontram?

R. — Congestionados de sangue, inflamados ou cheios de tubérculos.

D. — Como julga que estão carregados de sangue?

R. — Porque estão inchados além da medida.

D. — O que lhe prova que é mais pelo sangue do que pelo ar?

R. — Porque o vi bem, o sangue está estagnado e mal pode circular nos vasos que atravessa.

D. — Como julga que os pulmões estão inflamados?

R. — Pela sua cor mais escura, pelo seu inchaço, assim como por uma dor que senti bem não ser natural.

D. — Como vê os tubérculos de que falou?

R. — Como pequenas bolhas cheias de uma água avermelhada, que não é senão sangue decomposto... ou cheias de uma matéria espessa mais ou menos purulenta.

D. — No primeiro caso, aconselha, por exemplo, uma infusão de flores de papoila, o que lhe diz que esta flor convém a este congestionamento?

R. — Porque me reporto ao momento em que é absorvida pelo doente. Vejo que estimula o sangue nos pulmões que estão congestionados com ele, e que o seu aroma narcótico acalma os vasos por onde passa o ar, depois a pessoa parece-me estar menos oprimida.

D. — No segundo caso, aconselha uma infusão de flores de malvavisco (*Althaea officinalis*, da família das malváceas) e de violetas, o que lhe diz que estas flores são apropriadas a esta inflamação?

R. — Administro-as espiritualmente, isto é, pelo pensamento uma após a outra separadamente, vejo que o malvavisco suaviza a irritação causada pelo calor do sangue e que a violeta estimula um pouco este sangue, restabelece o seu curso ao mesmo tempo que o refresca como faz o malvavisco.

D. — No terceiro caso, aconselha tisanas compostas de plantas aromáticas e aquecedoras, assim como uma alimentação tónica. Outras vezes aconselha o contrário, explique-me este contrassenso.

R. — O que lhe parece ser um contrassenso, não o é para mim, estes tubérculos podem provir de diferentes causas, seja por transições contrárias de calor ou de frio, um sangue mais ou menos rico, fresco ou quente; bilioso ou mucoso, etc. É nisso que encontro conveniente aconselhar remédios que têm virtudes diferentes.

Quando um vidente lhe responde desta maneira com uma certa segurança, acalma a sua desconfiança e põe a sua responsabilidade a salvo; mas nem sempre é tão claro, especialmente do ponto de vista das exigências da ciência oficial. Poderá responder-lhe: Sinto, sei, dizem-me que estes remédios são úteis. Vê-os por si mesmo, pressente-os onde lhe são mostrados, por uma mão invisível! Conhece ou ignora os nomes: neste último caso, é muito difícil fazê-lo dizê-los. Se quiser forçá-lo, dir-lhe-á o

primeiro nome que lhe passar pela cabeça, nome ao qual não deve dar qualquer crédito.

O mesmo acontece quanto à sua maneira de conhecer as doenças. Pode sentir o mal, vê-lo ou conhecer por um meio oculto o estado dos órgãos doentes. Prefiro os videntes àqueles que sentem simpaticamente os males alheios, visto que estes últimos, sendo agitados por esta sensação simpática, são influenciados por ela como nós mesmos quando sofremos. Não é neste estado que nos entregaríamos com amor a qualquer estudo. Estes videntes não podem, portanto, senão experimentar uma dupla dificuldade quando são obrigados a pesquisar os remédios salutares para o mal que sentem neste estado.

Estes mesmos videntes pela sua sensibilidade nervosa são igualmente suscetíveis de se inocularem com fluidos perigosos, dos quais o magnetizador deve libertá-los, o que nem sempre faz, mas deve fazê-lo por prudência, se não tomar as mesmas precauções a seu respeito, está sujeito a inocular-se com estes fluidos dos quais mais tarde gostaria de se livrar por sua vez. Um vidente que conhece assim as doenças pelo efeito de sensações simpáticas, é um ser doente que deve curar-se a si mesmo antes de curar os outros.

Há outros que apalpam o corpo doente, até que, tocando o local doloroso, o doente diga ele mesmo o que sente: que se suspeite desta pretensa faculdade.

Não é assim com o vidente, este raramente sente o mal alheio, sabe melhor isolar-se da influência dos fluidos malsãos e raciocina muito melhor, do ponto de vista do doente, que fica satisfeito por vezes em questionar e argumentar, tanto sobre o que lhe diz o vidente como sobre os remédios que lhe aconselha.

Muitos sonâmbulos apresentam outra especialidade que é a de só ver o órgão ou os órgãos afetados; mas não lhes perguntem onde se situam estes órgãos no corpo humano; pois poderia acontecer que respondessem ver estes órgãos isolados aquém ou além do lugar que ocupam. Ver-nos-ão ainda de tal lado quando estão de tal outro. Neste último caso, dizem que isso acontece pelo efeito de identificação que fazem do seu corpo com o corpo que visitam, identificação que lhes faz dizer que o órgão ou a dor estão à sua direita porque a esquerda do doente que lhes faz face, não faz senão uma naturalmente com a sua direita: mas quando lhes fazem aperceber esta erro, reconhecem-no de imediato.

No caso em que o vidente vê o órgão transposto aquém ou além do lugar que ocupa, não se deve ver neste erro senão um efeito do grau de luz com o qual vê assim através dos corpos opacos, luz que pode atravessar tal órgão sem o iluminar nem o fazer aperceber ao vidente, visto que este órgão não está doente. Há nesta visão um efeito de atração, diria eu, que

se ataca apenas ao mal: mas que não é menos admirável quanto incompreensível. O mesmo acontece quando só vê os órgãos doentes, mas isolados do corpo que os contém: ignoramos porquê assim é. O que nos prova que a visão do órgão afetado é boa, é o próprio diagnóstico do vidente sobre o sofrimento deste órgão. A exatidão da visão da parte afetada faz admitir naturalmente a da visão dos remédios aconselhados nesta ocasião.

Porquê os videntes tratam de uma maneira e de outra? Porquê cada vidente tem o seu género de medicação que parece preferir?

O que fez dizer aos médicos que as receitas dos sonâmbulos não eram senão uma cópia mais ou menos modificada das suas; e que os seus tratamentos não ultrapassavam os seus conhecimentos em remédios caseiros, etc., etc. Há verdade neste argumento e há exceções, há mesmo nos videntes como no médico remédios favoritos, que prevalecem um tempo mais ou menos longo sobre os outros.

Os videntes parecem aplicar estes remédios indistintamente a todos os males como faz o médico que segue o modo de tratamento que lhe ensina o jornal que lê, em vez do que lhe ditaria a sua consciência bem esclarecida. Quando se pergunta aos videntes porquê agem assim, não deixam de encontrar nos constituintes do sangue as causas que veem as mesmas em todas as doenças crónicas. É preciso combater o mais possível esta maneira de tratar por remédios da moda ou de afeições momentâneas, e ameaçá-los de não mais os escutar se perseverarem nesta medicação.

Para resumir, diremos: os videntes não podem criar medicamentos desconhecidos, só podem aconselhar os que existem, modificam apenas as doses ou as misturas, nisso não apresentam nada de superior ao médico; mas para aquele que vê os resultados há uma grande diferença entre a medicação sonambúlica e a da ciência oficial.

Quando esta medicação provém de bons videntes, é toda em seu proveito. Não pretendemos com este julgamento dizer que o médico consciencioso se encontra responsável pelos seus erros, ou que lhe falta instrução: semelhante ao relojoeiro a quem se proibisse abrir um relógio para conhecer a causa que o impede de marcar a hora certa, o médico não pode, tal como o relojoeiro, apreciar o que não vê, falta-lhe portanto meios e não amor nem saber.

Entende-se bem que só falamos de bons videntes e não de cérebros desequilibrados, ou destes videntes que não têm outra lucidez senão a de se entenderem com o farmacêutico do lugar para encaixar as generosas marcas de gratidão dos seus doentes.

Vamos dar uma ideia da maneira de dirigir um vidente nesta ocasião, para que não se caia na armadilha destes esvaziadores de bolsas de que a

Europa pulula nos nossos dias, esvaziadores de bolsas que exploram impunemente os pobres doentes que se confiam à sua alma miserável.

Dissemos que exploram os pobres doentes, não entendemos dizer com isso que há exploração porque há remuneração para com os videntes, entendemos dizer que há exploração cada vez que a questão do dinheiro domina a do amor de aliviar; é o que acontece na maioria dos videntes que tratam doenças com este fim. É triste dizê-lo, e não menos prová-lo, nenhum serviço é prestado na terra senão em vista de uma retribuição equivalente, seja em espécie ou em reconhecimento.

Dos reis que tosquiam as ovelhas que governam, aos padres que vivem do altar que incensam; dos magistrados que vivem da má-fé dos seus irmãos, aos médicos que vivem dos distúrbios causados pelas deboches humanos, cada um dá com uma mão para receber com a outra. Se o homem não cora de ser pago para governar os seus irmãos, rezar por eles, defendê-los contra as suas próprias injustiças, ou curá-los dos seus males, o magnetizador não deve corar mais do que eles e talvez menos do que eles, pois dá seguramente mais do que recebe. Ter-se-ia portanto torto em fazer um crime aos sonâmbulos de serem retribuídos, especialmente quando a retribuição está sempre em proporção com os meios daqueles que lhes marcam assim a sua gratidão.

Quanto ao que nos concerne, eis como conduzimos estas sessões: adormecemos o vidente diante do doente, fazemos colocar este último diante do primeiro a cerca de um pé de distância, dispensamo-los por medida de segurança de se tocarem, dirigimos as seguintes perguntas ao vidente.

D. — Como se sente?

R. — Muito bem.

D. — Sente-se disposto a visitar o doente que está diante de si?

R. — Farei o possível.

Recomendamos ao doente que não diga uma só palavra ao vidente sobre a sua doença, fazendo-lhe entender que este último deve ao contrário descrevê-la com detalhes escrupulosos, que tenha apenas a gentileza de dizer: isso é verdade, ou não é exato, cada vez que o vidente mencione um foco de dor. Quando o sonâmbulo terminou a sua exploração, e está pronto a aconselhar remédios, interrompemo-lo para saber do doente se tudo o que lhe foi dito é exato, e se não sofre noutro lugar?

Sobre a sua resposta afirmativa, fazemos-lhe observar que atribuímos um grande preço a esta exatidão pela qual reconhecemos o estado perfeito de lucidez do vidente, o que nos faz augurar bem da mesma lucidez para a pesquisa dos remédios. Depois de o doente não desejar mais nada saber,

deixamos o vidente aconselhar-lhe os remédios que crê úteis à sua cura. Fazemos observar então ao doente que não tendo diploma de médico, não podemos ordenar remédios, o nosso papel não podendo ir mais longe do que o estudo dos corpos; ou de todas as outras questões. Perguntamos ao vidente se quer prosseguir, que efeito espera desta primeira medicação, e em que tempo o resultado será apreciável? Segundo a sua resposta, engasgamos o doente a tomar nota e a não voltar se o efeito prometido não tiver lugar; pois, no sonâmbulo, deve haver exatidão, ou então seria cair nas mesmas obscuridades da medicina oficial, e esgotar a sua fé ao mesmo tempo que o seu corpo.

Não adormecemos tanto quanto possível os nossos videntes senão uma vez por dia, à mesma hora, e não lhes permitimos senão duas ou três visitas nesta sessão, não lhes submetemos quase nunca nenhuma questão que esteja fora do estudo pelo qual começaram. Cada uma das sessões é consagrada a estudos diferentes. Esta prudência da nossa parte é ditada pela razão que diz que se deve agir para com o vidente como para com o homem acordado, em matéria de estudos sérios onde se trata muito mal uma questão de arte colada a uma questão doméstica. A fadiga da inteligência conduz, além disso, a erros prejudiciais, à razão como ao interesse pessoal.

O bom vidente pode igualmente tomar conhecimento das doenças pelo socorro de cabelos ou de objetos usados pelos doentes; mas reconhecemos demasiadas vezes erros por este meio para aconselhar recorrer a esta maneira de se fazer tratar. Sente-se toda a importância desta questão, não se pode, nem se deve brincar indiferentemente com o pouco de vida que ainda possui o doente. Uma só erro faz supor cem, e quando não há ninguém junto do vidente para corrigir a sua visão, retificando os seus erros pelo conhecimento que se tem da doença que deve tratar, segue-se que pode cair num caminho falso.

Se o doente não pode apresentar-se, pedimos apenas ao consultante os nomes e apelidos do dito doente; depois chamamo-lo e pedimos ao vidente que nos dê o sinalético detalhado. Se este sinalético é reconhecido exato, passamos ao conhecimento da doença, se tocamos justo, continuamos pela dos remédios, etc.. Nunca nos servimos de cabelos nem de nenhum objeto usado pelo doente, diremos a razão.

Antes de terminar esta questão, devemos ainda dar um conselho, que é o de não magnetizar toda a pessoa, ou de se deixar a si mesmo magnetizar por pessoas de quem não se conhece nem a saúde, nem a probidade. Não confie igualmente as suas mulheres nem as suas filhas senão a magnetizadores puros e incapazes de abusar do seu poder sobre estes sujeitos, dos quais, apesar do que se disse de parte a parte, a liberdade de pensar e de agir é consideravelmente alienada nestes rapports.

A nossa intenção não é assustar quanto a uma ciência que é tão pura em si mesma como o orvalho do céu; mas que, como este último contido em vasos impuros, se corrompe muito depressa e causa os maiores desordens naqueles que o absorvem com demasiada confiança.

Recomendamos ainda não acreditar no sono magnético, senão após factos de lucidez à prova de tudo; pois existe mais de uma coquette que se sente bem à vontade em fechar os olhos sobre as lubricidades dos seus pensamentos, captar a sua confiança, e torná-lo responsável além disso de atos que o arrasta a fazer no interesse das suas paixões e do seu pretenso honor, que, desta forma, parece estar salvo. É o sedutor seduzido, e a virgem ri por baixo do manto da sua confiança na clausura das suas pálpebras.

Terminamos avisando igualmente que a ação magnética desperta na mulher sábia como na coquette (galante) pensamentos de apego que podem ir até ao amor, é por isso que em tal caso que seja, preferimos ver os mesmos sexos entre-magnetizarem-se, do que misturar homem com mulher. Não queremos estender-nos sobre esta questão de que os magnetizadores parecem ter-se feito uma lei de não tratar, ou de negar a oportunidade. Sustentamos o contrário, por isso achamos bom ter dito uma palavra.

Poder da ótica nos sonâmbulos videntes através dos corpos opacos.

Maneira de dispor desta faculdade. Questionário apropriado a este estudo. Opinião de Buffon sobre a matéria e sobre o homem. Relações da matéria com o imaterial; da alma com a imensidão. Mecanismo detalhado da ótica humana no estado de sono. Causas dos erros de ótica dos videntes, argumentos dos sábios contra as faculdades dos sonâmbulos magnéticos. Refutação destes argumentos.

Quando o homem se apalpa, ouve falar, vê agir e se compara às formas que o rodeiam, diz a si mesmo, existo sem saber bem como, porquê, nem por quem existe.

Tendo necessidade de acreditar na sua individualidade, é preciso que esteja convencido da sua existência. Só pode encontrar esta convicção no que deve determiná-la, que são as formas que o rodeiam, formas destacadas da sua. Estas formas estão mais ou menos distanciadas dele: estão agrupadas segundo certas necessidades que determinam entre elas leis. Estas leis sendo a consequência das necessidades de todos, da observação e da decisão de todos, tornam-se potências às quais a razão geral e isolada, são forçadas a obedecer.

São estas potências que se chamam leis tanto em física como em metafísica, em religião como em filosofia, em política como em moral, em ciência como em estudos. O homem sabe e julga: segundo os estudos estudiosos dos nossos antecessores e das suas observações, assim como

pelo cuidado que põe em reconhecer, e em estabelecer as leis que presidem a todas as nossas ações.

Não admitimos em física que haja uma verdadeira criação objetiva para o homem que tem os olhos fechados, no que é admitido que o véu das pálpebras interposto entre as formas materiais, e o globo do olho é um meio que permite aos sábios negar o que chamamos segunda visão. Esta negação da ciência é fundada? Podia sê-lo nos tempos de ignorância, no que faltava ou parecia faltar meios de apreciação.

Enquanto a ciência limitou a visão das formas para o olho do homem, à bondade deste olho, e à potência dos meios que lhe eram conhecidos, pôde pronunciar com conhecimento de causa, mas há mais de noventa anos, que a faculdade sonambúlica artificial é concedida ao homem pela bela descoberta de Mesmer, e de Puységur, (embora esta faculdade remonte à mais alta antiguidade; nas sibilas, nas pitonisas, nas druidas, nos profetas, e mais perto dos nossos tempos observada pelos Van-Helmont, os Maxwel, os Swedenborg, etc.), seria de muito má-fé à ciência perseverar na sua negação sobre este sujeito, e recusar admitir nos seus estudos a mais interessante de todas, no que é a chave do conhecimento dos meios empregados por este órgão na fotografia da memória humana.

Não podemos compreender que em qualquer ciência que seja, o homem pare diante de uma dificuldade de estudo. Se se tivesse parado assim onde os nossos antecessores cessaram os seus trabalhos, estaríamos, em astronomia, a negar o movimento da terra, em física, à inércia da matéria, em mecânica aos aríetes romanos, em química, à maceração das substâncias, em medicina, a tomar um vomitivo por um calmante (o que ainda se faz infelizmente nos nossos dias).

Se só se quer admitir o que se compreende, quantos entre nós compreendem a potência do vapor; da eletricidade, das pólvoras de guerra, das misturas químicas de onde saem potências e forças novas.

O homem é digno de um estudo mais sério, especialmente se é, como afirmam os católicos, a imagem perfeita do Eterno, consequentemente a obra-prima da criação.

Que sabemos nós hoje desta obra-prima, senão que é mais ou menos vivo, e mais ou menos orgulhoso, de nada conhecer? Que nos dizem do homem interno, senão que não existe, que é uma ficção; um ser ideal, necessário apenas aos gente de igreja que vivem à custa desta criação feérica. Que nos dizem sobre o nascimento e sobre a morte deste homem? Que é um pouco de podridão, que retorna à podridão! Ó! sacrilégio da razão!

Atrás, homens pretensos sábios que admitis tais conclusões, atrás pensamentos preguiçosos que sujais assim as maravilhas da vossa existência! Tende pois o bom saber de vos calar sobre o que não conheceis, pois não quereis conhecer os nossos estudos, nós os cegos videntes; os

entusiastas observadores, os crédulos argumentadores. Sabei e crede que as leis da ótica que conheceis e admitis são transbordadas e ultrapassadas pelas que conhecemos e admitimos.

Sabei que quanto mais os nossos olhos estão fechados, mais eles ultrapassam as distâncias que nos separam dos lugares afastados de nós, e os imaginam no nosso interno; sublime trabalho muito superior ao da câmara escura de Daguerre no que o universo pode assim encontrar-se imaginado num ponto.

Crede pois uma boa vez que é fechando-nos os olhos que vemos melhor e mais justo... que é paralisando os cinco modos de sensação que nos concedeis que sentimos melhor, e isso pelo meio muito simples da imposição das mãos durante alguns minutos sobre o encéfalo humano., sim, senhores, o agente magnético produz o estado sonambúlico no qual as leis que regem a carne são momentaneamente paralisadas e no qual as leis desconhecidas até então da alma reinam em todo o seu esplendor!

Este estado demonstra a priori dois seres não formando senão um sob uma mesma forma, um composto de carne tendo um eu coletivo e uma existência especial, o outro composto de uma substância indefinida e indefinível, tendo igualmente um eu coletivo e uma existência especial... digo que o eu dos dois seres é coletivo no que a unidade absoluta não pode ser controlada por nós.

Estes dois seres, ou maneiras de ser do homem devem o seu movimento e as suas ações aos pensamentos de que é composta a substância precipitada, são dependentes um do outro todo o tempo que estão unidos, e recuperam a sua liberdade no seio do túmulo. São uma criação maravilhosa, saindo de uma oficina, e da mão de artistas que nos são e que nos serão talvez para sempre desconhecidos. Na ignorância em que estamos sobre este sujeito, não abandonemos os meios de estudo que nos são oferecidos, pelo menos, se não na esperança de engrandecer o nosso saber, entretê-lo nas suas observações e na sua admiração de uma obra tão complicada e misteriosa!

Vimos de dizer que o homem é duplo: alma e corpo; segue-se portanto que o corpo sendo escravo sob a ação magnética, a alma reencontra a sua liberdade. Parece então a esta última que um amigo se pôs-se previamente à guarda desta envelope incómoda, também não tem pressa senão em deixar-lhe a direção, e em entrar no estado da sua primeira, da sua única e verdadeira pátria.

É, pois, num tal estado que está liberta das leis conhecidas e admitidas em física e que nos demonstra outras que causam o nosso espanto e a nossa admiração. Tem olhos com os quais percebe de um polo ao outro da terra! Tem sentidos com os quais aprecia o passado, o presente e o futuro! Sabe a língua das línguas e vê o universo num ponto! É com tais propriedades,

como já disse, que o sonâmbulo é um ser maravilhoso, e que pode tudo o que avançámos; mas o que faz mais comummente são visões à distância, pesquisas no passado, no desconhecido e no porvir. É nisso que excela, e é diretamente o conhecimento desta incompreensível faculdade, que nos forçou a fazer novas estudos, tanto em física como em metafísica.

É geralmente reconhecido e atestado pelos mais hostis como pelos mais devotados à ciência de que tratamos que o homem no estado completo de sonambulismo não tem absolutamente necessidade de estabelecer nenhum rapport, com o lugar, o ser ou o objeto afastado que quer conhecer para dar sobre eles, as noções mais precisas e mais irrecusáveis.

Quando outrora se queria fazer perceber à distância uma pessoa ou um lugar qualquer a um vidente, tomavam-se precauções minuciosas conduzindo-o pelo pensamento, etapa por etapa, para o lugar ou para a pessoa que se desejava que visse.

Abria-se a si mesmo por este meio a porta deste lugar, e pela multidão destas precauções, fatigava-se de antemão a sua lucidez, e obtinha-se muitas vezes apenas erros, a facilidade com que vimos que a alma das pessoas falecidas aparecia ao apelo do seu nome, assim como as descrições que nos eram feitas dos lugares onde haviam falecido estas pessoas, deu-nos a ideia de agir assim com os homens da terra pedindo-os simplesmente pelo seu nome.

Pelo resultado que obtivemos pudemos pôr a nada o argumento da comunicação de pensamentos, e fatigar menos os nossos videntes em proveito da sua clarividência que não foi então senão maior.

Dizemos que pusemos a nada o argumento posto pelos céticos contra a realidade da viagem, no que o vidente vê estes lugares mesmo no pensamento do consultante. Não pretendemos dizer que os argumentadores desta ordem não estavam no seu direito de fazer esta suposição, visto que a maneira de conduzir estes videntes assim como os minuciosos detalhes prévios que se lhes faziam dos entornos dos lugares a explorar, lhes facilitava naturalmente uma comunicação de pensamento com o seu condutor, comunicação que podia muito bem existir.

Estes mesmos céticos eram menos justos em nunca citar as experiências nas quais havia detalhes que não podiam ser conhecidos dos videntes, do demandante, nem dos assistentes. Propomos, pois, agir segundo o método seguinte que, cremos, não deixa mais presa a nenhum argumento sério deste género.

Eis como falamos ao vidente quando cremos que está em estado de nos responder.

D. — Como se sente?

R. — Muito bem.

D. — Está disposto a fazer uma visão à distância?

R. — Sim.

D. — O Sr. *** aqui presente está muito inquieto sobre a saúde do seu amigo do qual não recebeu notícias há algum tempo, quereria ter a gentileza de pedir este amigo, chama-se Martin, etc., (não esquecer os nomes próprios).

R. — Ei-lo.

D. — Queira dar-me o seu sinalético? Que idade tem aproximadamente?

R. — Quarenta anos.

D. — Que estatura?

R. — Alta.

D. — O que chama alta?

R. — Mais ou menos que a sua.

D. — De que cor são os seus cabelos?

R. — São pretos.

D. — A sua testa?

R. — É baixa.

D. — As suas sobrancelhas?

R. — São pretas e espessas.

D. — Os olhos?

R. — São castanhos, grandes, ou pequenos; olhar vivo ou doce.

D. — O nariz?

R. — É forte, e de tal forma.

D. — A boca?

R. — É pequena, lábios finos ou grossos.

D. — O queixo?

R. — É de tal forma.

D. — O conjunto da fisionomia?

R. — É redondo, ou oval.

D. — O pescoço?

R. — É curto, ou longo.

D. — A corpulência?

R. — É forte, ou frágil.

D. — Como está vestido?

R. — De tal maneira.

D. — Nota na sua pessoa alguma particularidade, ou algum sinal dignos de ser citados?

R. — Não vejo nenhum, ou vejo tal coisa.

D. — Qual é o caráter deste homem?

R. — Calmo, violento, risonho, meditativo, franco ou dissimulado, etc., etc.

D. — Quais são as suas afeições dominantes?

R. — Ama tal estudo, ou tal coisa.

Se todas as respostas que lhe são feitas são exatas, não podemos duvidar que o vidente vê bem, e que está em rapport, de qualquer maneira que seja, com a pessoa pedida; continuamos então pelas perguntas seguintes que o rogamos transmitir à dita pessoa, e de nos transmitir por sua vez as respostas que são feitas por ela.

D. — Lembra-se do Sr. D...?

R. — Sim.

D. — Porque não lhe escreve?

R. — Fi-lo há tanto tempo, sem dúvida que a minha carta se extraviou, não recebendo resposta da minha parte, enviei-lhe uma nova carta há tal tempo.

D. — Quando receberá ele esta carta?

R. — Tal mês, e tal dia, suponho.

D. — Que lhe diz nesta carta?

R. — Informo-o sobre a minha posição atual, e comunico-lhe, entre outras coisas, que sou pai de um bonito menino.

D. — Terá a bondade de nos mostrar a senhora sua esposa, assim como o seu filho?

R. — Ei-los ao meu lado. Segue-se a sua descrição, que se pede ao vidente para dar com os detalhes acima mencionados, para verificar a exatidão na ocasião.

D. — Poderia mostrar-nos a sua habitação, assim como os lugares mais curiosos desse local?

R. — O vidente responde: Ele leva-me!

D. — Após um momento de espera, perguntamos-lhe: O que observou nesses lugares que mereça ser mencionado?

R. — Este senhor foi muito amável para comigo, ao conduzir-me a casa dele, um amigo esperava-o para jantar, fui convidada a sentar-me à mesa, mas como não tinha tempo, recusei, etc., etc. Seguem-se alguns detalhes sobre o interior desta habitação.

D. — É tudo o que viu de notável? R. — Apressei-me a continuar as minhas observações quando me chamaram de volta: Notei que faz muito calor nesse país, pois estou todo suado. Não se encontram aí alamedas de tílias como as nossas, são grandes árvores altas como o céu e que parecem ter crescido ali por capricho, pois não se encontram muitas, e o sol obriga a procurá-las, garanto-vos (1).

D. — Não me disse o que viu de notável na casa do Sr. Martin?

R. — Na verdade não... Contudo, vi lá um grande pássaro empalhado, que estava sobre a lareira, debaixo de um vidro, a sua plumagem pareceu-me muito bela, nunca vi semelhantes.

D. — Como era ele?

R. — Segue-se a descrição.

D. — Quando pediu pelo Sr. Martin, exclamou: Ei-lo! Onde o vê?

R. — Ali, perto de mim.

D. — Quando partiu com ele, que caminho fizeram aproximadamente?

R. — A sua morada ficava a poucos passos, onde caminhámos alguns minutos.

D. — Agradecemos a sua complacência.

A sessão que acabamos de descrever é uma das mais comuns nos casos de pura lucidez. Que se leiam os numerosos obras que a biblioteca do magnetismo contém, encontrar-se-ão mil semelhantes, ou mais ou menos curiosas. (1) Suponho que seja uma visão nas colónias.

Interroguem os milhares de magnetizadores que a França possui, todos vos dirão que estão saturados destas visões. Interroguem o número não menos grande de curiosos que consultaram videntes. Cada um vos contará um facto semelhante a este, se não superior, façam vós mesmos a experiência, não tardareis em obter semelhantes. Não é, pois, mais possível ao mais

subtil argumentador destruir estes factos. Eles são para todos o que o sol é para todos os olhos.

Na circunstância que acabamos de citar, cada um não tem nada mais a peito, como se deve pensar, do que assegurar-se da exatidão dos detalhes obtidos. Escreve-se para esse efeito ao amigo, ao qual se dirigem todas as perguntas necessárias para esclarecer esta. Segundo a resposta obtida, surge a convicção. No caso de sucesso, que pensar, como explicar esta faculdade do vidente? A dificuldade parece tão grande que cada um prefere limitar-se a dizer: isto é engraçado! isto é surpreendente! Após se cansar de repetir, a quem quiser ouvi-los, os detalhes desta sessão, o consultante acaba por não falar mais deles, visto que uns riem, e que os outros os negam, até que cada um obtenha semelhantes.

Entre este caos de ideias, mais ou menos contrárias ou favoráveis ao estudo desta questão, encontram-se homens que se chamam sábios, porque são sempre os primeiros a tomar a palavra numa conversa, e os últimos a cedê-la.

Estes homens entretêm ordinariamente o seu auditório apenas com os seus estudos, os seus trabalhos, o seu saber e o dos outros que se apropriam. São pontos angulosos contra os quais todos os factos que não lhes agrada admitir se prendem e se rasgam. Estes homens têm uma resposta para tudo, explicam tudo, exceto a sua tola vaidade. Parecer-lhes-ia cair do seu estatuto de homem se tivessem de se humilhar um momento perante um facto desconhecido deles.

Estes homens nunca voltam aos bancos da escola. Sabem o que contém a eternidade, por isso foram os primeiros, como dissemos, a exclamar que as visões à distância feitas pelos videntes não eram senão uma comunicação de pensamento do consultante com o dito vidente. Outros, mais acomodatícios, dizem: o vidente dispõe nesse estado de um certo raio visual que lhe permite ver a distâncias maiores do que se pensaria. Deve-se dispensar responder a este último argumento até que se tenha obtido pessoalmente, como nós fizemos, provas contrárias.

Responderemos ao argumento da comunicação de pensamentos: 1° Que não pomos o consultante em rapport com o vidente. 2° Não damos a este último nenhuns detalhes sobre os lugares ou sobre as pessoas a perceber assim à distância, detalhes que poderiam fazê-lo penetrar no pensamento do consultante, supondo que o pudesse fazer, pois os videntes que comunicam assim pelo pensamento com o seu magnetizador ou os seus consultantes são tão raros que não se encontram dez bons em cem.

Supondo que estivéssemos perante um desses dez, ele não poderia sempre dizer senão o que pode ser conhecido de nós, consequentemente se temos um amigo em Pondichéry, cidade que nos é totalmente desconhecida e que o vidente dá a descrição desse amigo, assim como detalhes sobre os

principais monumentos do lugar; que vá até nos dizer o que faz presentemente o nosso amigo, o que orna o seu quarto, o conteúdo da carta em trânsito, como acabamos de dizer, não se pode ser suficientemente de má-fé para dizer que estas coisas que nos são desconhecidas são uma comunicação de pensamentos! Se assim fosse, quem poderia definir e compreender este fenómeno dos fenómenos?

Por outro lado, se a carta predita chega no dia marcado, iremos dizer que o vidente não pode ver nem o passado, nem o futuro? Não é um navio que deve trazer esta carta? Este navio não está sujeito a incidentes opostos à sua marcha? É, pois, indubitável que, se o vidente pode, em certos casos, nem que seja apenas uma vez na vida, fazer-nos uma sessão semelhante, ou desta natureza, coloca-nos perante o desconhecido, desconhecido que, receamos, nunca será conhecido.

Obtivemos estes factos na nossa prática do sonambulismo, e todos os magnetizadores, pensamos, obtiveram como nós. Não podemos, pois, negá-los, não podemos senão encorajar a estudá-los, e a obter semelhantes (1).

Resta-nos uma dificuldade entre todas a superar, aquela que demos a conhecer, dificuldade que não é pequena e que merece ser estudada. É esta. O vidente pede o Sr. Martin, entre os milhares de Martin que povoam a nossa terra, e instantaneamente o Martin pedido está perante ele! Queremos bem supor, e mesmo admitir com os nossos antagonistas, que Martin cuja imagem está daguerreotipada espiritualmente no domínio da memória do consultante, seja vista pelo vidente, em vez de Martin, o tipo desta imagem. Mas se o vidente vê apenas a imagem que lhe apresenta o pensamento do consultante, como poderá esta imagem conduzi-lo a um lugar desconhecido dela e do inquiridor, lugar no qual ela se encontra. (1) Ver os Arcanos da vida futura desvendados, e a Enciclopédia magnética espiritualista.

Se nos puderem objetar que esta imagem atrai para si o seu tipo que é Martin; a dificuldade é a mesma, pois perguntaremos como esta imagem sabe o que não sabe aquele que a emanou? Diremos ainda mais, é necessário igualmente que esta imagem atraia com o Sr. Martin tudo o que o rodeia no presente, visto que obtemos uma descrição exata? Diminuímos com estes argumentos a dificuldade de responder? Não, cremos ao contrário que a complicamos bastante.

No primeiro caso, recusa-se ao vidente a faculdade de conhecer por um meio inapreciável para nós aquilo de que acabamos de falar, e pelo segundo, concede-se esta faculdade a uma imagem daguerreotipada na memória do consultante, num tempo bem anterior a este. O ponto de

partida ou de atração é o mesmo, salvo que concede à parte o que recusa ao todo, que recusa conceder ao tipo o que concede à imagem.

Segunda proposição. O vidente OU esta imagem foram até esses lugares. Esses lugares vieram até eles, ou o homem possui em si lugares e imagens?

Não se pode responder a esta questão, se não se recorrer ao estudo que fizemos do homem no Santuário do espiritualismo, e os Arcanos da vida futura desvendados.

Se os lugares e as coisas vêm até ao vidente, a criação material não preenche, pois, as condições de fixidez que lhe são atribuídas, e as suas produções não são o que se crê que sejam? É aí que repetiremos a este propósito estas belas palavras de Buffon (1).

Lemos na página 88 do tomo III das obras deste sábio: «a existência da nossa alma está-nos demonstrada; ou antes, não fazemos senão um. Esta existência somos nós: ser e pensar são para nós a mesma coisa: esta verdade é íntima e mais do que intuitiva; é independente dos nossos sentidos, da nossa imaginação, da nossa memória e das nossas outras faculdades relativas.

A existência do nosso corpo e dos outros objetos exteriores é duvidosa para quem raciocina sem preconceitos; pois esta extensão em comprimento, largura e profundidade que chamamos o nosso corpo, e que parece pertencer-nos tão de perto, que é ela senão uma relação dos nossos sentidos? Os órgãos materiais dos nossos sentidos, que são eles mesmos senão conveniências com aquilo que os afeta! e o nosso sentido interior, a nossa alma tem ela algo de semelhante, algo que lhe seja comum com a natureza dos seus órgãos exteriores?..... (1) Obras de Buffon, História natural, etc., adotada pelo governo para a instrução pública, edição de 1804, tomo III, artigo. História do homem.

«Somos, pois, certos de que a sensação interior é totalmente diferente daquilo que pode causá-la, e vemos que, se existem coisas fora de nós, elas são em si mesmas totalmente diferentes daquilo que julgamos; pois a sensação não se assemelha de modo algum àquilo que pode causá-la. Daí não se deve concluir que aquilo que causa as nossas sensações é necessariamente e pela sua natureza algo totalmente diferente daquilo que cremos?

Esta extensão que percebemos pelos olhos, esta impenetrabilidade de que o tato nos dá ideia, todas estas qualidades reunidas que constituem a matéria poderiam bem não existir, pois a nossa sensação interior e aquilo que ela nos representa pela extensão, a impenetrabilidade, não é de modo algum extensa nem impenetrável, e não tem mesmo nada de comum com estas qualidades.

Se se prestar atenção ao facto de que a nossa alma está muitas vezes, durante o sono e a ausência dos objetos, afetada por sensações; que estas sensações são por vezes diferentes daquelas que experimentou pela presença desses mesmos objetos ao fazer uso dos sentidos, não se virá a pensar que esta presença dos objetos não é necessária a estas sensações e que consequentemente a nossa alma e nós podemos existir sozinhos, independentes desses objetos: pois no sono e após a morte, o nosso corpo existe, e tem mesmo todo o género de existência que pode comportar, é o mesmo que era anteriormente; no entanto, a alma não se apercebe mais da existência do corpo: deixou de ser para nós, ora, pergunto se algo que pode ser e depois deixar de ser, se esta coisa que nos afeta de uma maneira totalmente diferente daquilo que é, ou daquilo que foi, pode ser algo suficientemente real para que não possamos duvidar da sua existência?»

«Contudo, podemos crer que há algo fora de nós; mas não estamos certos disso; ao passo que estamos assegurados da existência real de tudo o que está em nós: a da nossa alma é, pois, certa, e a do nosso corpo parece duvidosa, logo que se começa a pensar que a matéria poderia bem não ser senão um modo da nossa alma; uma das suas maneiras de ver! a nossa alma vê desta maneira quando velamos, vê de outra maneira durante o sono; verá de uma maneira bem diferente ainda após a nossa morte, e tudo o que causa hoje as suas sensações? a matéria em geral poderia bem não existir mais para ela do que o nosso corpo, que não será mais nada para nós.»

«Mas admitamos esta existência da matéria, e embora seja impossível demonstrá-la, prestemo-nos às ideias ordinárias, e digamos que ela existe, e que existe mesmo como a vemos; encontraremos ao comparar a nossa alma com este objeto material diferenças tão grandes, oposições tão marcadas, que não poderemos duvidar um instante de que ela não seja de uma natureza totalmente diferente e de uma ordem infinitamente superior.»

«A nossa alma tem apenas uma forma muito simples, muito geral, muito constante, esta forma é o pensamento, é-nos impossível perceber a nossa alma de outra maneira senão pelo pensamento. Esta forma não tem nada de divisível, nada de extenso, nada de impenetrável, nada de material; logo, o sujeito desta forma, a nossa alma, é indivisível e imaterial. O nosso corpo, ao contrário, e todos os outros corpos, têm várias formas; cada uma destas formas é composta, divisível, variável, destrutiva, e todas são relativas aos diferentes órgãos com os quais as percebemos; o nosso corpo e toda a matéria não têm, pois, nada de constante, nada de real, nada de geral pelo qual possamos apreendê-la e esperar conhecê-la».....(1) (1) As palavras sublinhadas são-no por nós. (N. do autor)

Que lucidez, que riqueza de reflexões e de deduções? Não tínhamos lido mais Buffon do que Platão, quando fomos conduzidos pelos fenómenos

magnéticos a concluir que o universo não era senão um composto de pensamentos caindo sob as suas maneiras de sentir a si mesmo, pensamentos portando formas tão divididas quanto apresentam de imagens à nossa ótica interna. Voltemos às nossas faculdades sonambúlicas dizendo: Se, ao contrário, é o vidente que vai até aos lugares de que falamos, os resultados são os mesmos.

Se se admitisse, como fizemos o possível para demonstrar nos obras citadas, que o homem espiritual é um representativo em pequeno do universo, ou um microcosmo, um ponto simpático a todos os pontos da criação, um teatro onde se representam em pequeno todas as fases da vida individual e coletiva dos seres, não haveria senão levantar o pano para ver a que passagem do seu papel Martin se encontra, o que já recitou dele, e o que lhe resta ainda recitar. Se esta proposição muito antiga (que parecem fazer reviver as faculdades dos videntes) não é mais verdadeira do que todas as apresentadas para esse efeito, abala mais o estudante ao oferecer-lhe os atrativos de uma compreensão mais fácil.

Permitir-nos-emos, contudo, opor alguns factos ao argumento em favor da extensão da vista do vidente nestas experiências feitas que são: 1° Para ver alguém ou algo assim à distância, é necessário ter uma direção que o vidente não tem. 2° Não é apenas a sua vista que adquire nos casos citados a faculdade de conhecer o que cita, pois afirma ouvir, sentir, agir nesses lugares, e que está bem completo neles! Se se opuser a esta afirmação que estas coisas se manifestam imaginariamente aos seus sentidos, seria dizer o mesmo que se imagina ver tudo o que vê.

O controlo desmente vitoriosamente este argumento. Obtivemos provas palpáveis e visíveis pelos espectadores de que o vidente estava bem completo com os seus cinco sentidos nos lugares ou no estado dos lugares que visitava assim, ou que o laço simpático que une esses lugares ao seu representativo nele é suficientemente poderoso para manifestar no seu corpo impressões visíveis do seu contacto com o clima dos ditos lugares. (Ver o segundo volume dos Arcanos, Adèle recebendo um golpe de sol na América, estando à procura de uma pessoa desaparecida.) Que responder a estes factos? Repetimo-lo, não respondamos nada, se quisermos ser sábios.

Dissemos que o vidente via através dos corpos opacos. A experiência que acabamos de citar deveria prová-lo a priori, mas os argumentadores de quem queremos combater a todo o custo os falsos raciocínios foram até nos dizer que a alma elevando-se no ar como o faria uma águia, e planando assim nos espaços, poderia conhecer tudo sem estar submetida às leis da nossa ótica. Ai, em riqueza de argumentos, o mais capcioso não é sempre o mais forte.

Aqueles que argumentam assim esquecem que as pessoas vistas pelos videntes não estão a cavalo no telhado das suas moradas, que, ao contrário, pode acontecer que estejam cobertas por vários soalhos. Seria

então necessário que esta alma, águia de uma nova espécie, tivesse uma vista mais penetrante do que a desse pássaro. Em todos os casos, faça-se a experiência seguinte: ela destruirá sozinha este argumento capcioso.

Tomemos um livro ainda não cortado, e peçamos ao vidente que leia dentro dele a tal página, sem o abrir, como Alexis Didier e tantos outros bons videntes o fizeram cem vezes. Se a experiência tiver sucesso, é mais do que suficiente para destruir este argumento. O vidente pode igualmente nomear uma carta num baralho trazido para esse fim, sem olhar minimamente para o baralho, dizendo-vos: É a décima ou a undécima. Estas experiências são mais concludentes do que as de encerrar um objeto qualquer numa caixa, visto que se pode argumentar que o vidente vê esse objeto no pensamento da pessoa que o coloca na caixa.

Acontece ainda a alguns videntes descobrir fontes de água, assim como tesouros enterrados a grandes profundidades, coisas desconhecidas então de todos; argumentou-se igualmente sobre esta faculdade, dizendo: É um facto da sensibilidade nervosa do vidente.

Esta fonte ou este metal reagem sobre o sistema nervoso do adormecido, fazem-lhe experimentar certos puxões, certas comoções! Recusamos com força este argumento, visto que este vidente pode descobrir esta fonte de água ou um tesouro não estando nos lugares: dizer mesmo a que profundidade estão, que espécie de metal, que peças de ourivesaria, ou de ouro e prata cunhada, contém este tesouro: o que não tem nenhuma relação com os seus nervos; mas com a vista. Isso pode contudo existir: mas não pode ser generalizado, não encorajamos a fazer estas pesquisas onde grandes deceções igualam os sucessos.

Mecanismo da ótica humana no estado sonambúlico.

Foi-nos permitido ver por nós mesmo o mecanismo desconhecido da visão sonambúlica; sendo por vezes sujeito a comunicações espirituais que nos são feitas, tanto por quadros como por intuições! Em duas ocasiões diferentes, colocaram-nos no estado necessário para observar muito distintamente o jogo do órgão visual espiritual. A primeira vez sentimos, não abrir as nossas pálpebras materiais, mas abrir suavemente uma pequena polpa, que parece cobrir a parte de trás da íris, como poderia fazer um leve véu separando-se ao meio, sendo composto de duas partes, deslizando horizontalmente de cada lado do olho, e aproximando-se da mesma maneira, notamos o mesmo género de oclusão no olho do gato.

Ao meio-dia a íris do olho deste animal apresenta apenas uma forma de azeitona muito apertada e alongada, quando à meia-noite apresenta a rotundidade ordinária. É desta maneira que se oferece esta abertura no sonâmbulo. A separação desta polpa é tão frágil e tão impressionável a toda a emoção interna ou externa do ser, que se fecha com uma mobilidade e

uma vivacidade incrível! É então que o vidente acusa ter perdido a sua luz; ou que ela se enfraqueceu e se tornou vacilante.

Eis como nos mostraram a primeira vez o mecanismo; mas, na segunda, adicionaram um detalhe a mais. Esta polpa não se abria francamente como da primeira vez, retirou-se delicadamente do meio, de maneira a produzir apenas um pequeno buraco do diâmetro de uma agulha; o que nos permitiu contudo ver muito distintamente os quadros que nos apresentaram; mas esta visão foi um clarão e nada mais. Compreendemos, por esta segunda experiência, porque certos videntes veem apenas às escondidas os objetos que chamam a sua atenção!

Visto que estudamos o mecanismo da ótica do sonâmbulo, diremos que não nos está demonstrado que esta ótica se transpôs da cabeça aos calcanhares, por exemplo, como disseram o sábio Pétetin e muitos magnetizadores que trataram desta questão! Se estes praticantes tivessem prestado atenção ao facto de que o vidente vê apenas o que lhe pedem para ver, e que o vê apenas onde lhe dizem que está o objeto proposto, depressa se convenceria de que não é o olho do vidente que se transpõe para outras partes do corpo, mas que são, ao contrário, os objetos que se depositam debaixo ou sobre essas partes que se apresentam a ele pelo simples facto da sua vontade, pois, geralmente, tudo o que o vidente deseja ver, vê-o, mas diante de si.

Que o objeto esteja colocado atrás ou de lado, oferece-se diante dele. Para ter a certeza, diga-lhe: 1° De tentar saber o que coloca atrás da sua cabeça, quando ao contrário coloca o objeto entre as suas pernas; acusará vê-lo atrás da cabeça. 2° Coloque um baralho de cartas totalmente brancas debaixo dos seus pés, se ele acusa ver por eles e peça-lhe que nomeie a primeira ou a segunda dessas cartas; quando colocar um verdadeiro baralho de cartas noutro lugar; nomear-vos-á, se for muito vidente nesse momento, as cartas primeira e segunda que se encontram no verdadeiro baralho de cartas, colocado noutro lugar que não debaixo dos pés. 3°

Coloque-lhe um objeto inodoro no oco do estômago, se acusa que é por esse ponto que sente os odores, e pergunte-lhe que aroma porta esse objeto? Nomear-vos-á um aroma qualquer, o que vos dará a prova de que estas transposições dos sentidos não são senão um erro do vidente, uma fantasia dos seus pensamentos; mas vê, aí está o positivo, pouco nos importa por onde?

Faremos observar sobre esta importante questão que, se o vidente se obstina em ver, por exemplo, pelo calcanhar, empurrará esta crença até não ousar pousar o pé no chão por medo de furar o olho ou de introduzir uma sujidade; ver-se-á então empurrar este medo até andar apenas sobre um pé, saltitando como uma criança.

É, pois, lamentável ver tais alterações de espírito, e sobretudo suscitá-las. O verdadeiro estudante não pode senão lamentar magnetizadores e videntes que se divertem a produzir coisas tão tristes em público!

Que não se creia sempre submeter estas proposições a estudantes conscienciosos e estudiosos, ao contrário, nenhum estudo encontrou mais má vontade e mais espírito de partido; foi necessário que o Eterno tivesse decidido, na sua alta sabedoria, que esta ciência misteriosa triunfaria dos seus inimigos, dando aos seus professores a coragem e os meios de combater de frente adversários tão rancorosos!

Nunca pensámos ensinar nem fazer aceitar uma ideia qualquer que não pudéssemos apoiar com todas as demonstrações necessárias ao seu sucesso; por isso lançámo-nos na contenda com a fé que nos forneceram os nossos estudos sobre a dita questão. Nós mesmos fizemos outrora em relação aos nossos adversários o que estes fazem ao nosso neste momento. Mas pusemo-nos a fazer um estudo consciencioso das suas proposições, e não insultámos o seu autor. Argumentámos lealmente, argumentamos ainda, que nos argumentem por sua vez.

Os estudos que tratamos neste momento e que propomos fazer aos nossos leitores são de uma necessidade absoluta, cremos, à sua educação física e psíquica. Voltemos à questão da qual nos afastámos.

Pedimos que se observe que o vidente, nas visões à distância como através dos corpos opacos, está sujeito aos mesmos erros que nas doenças. O erro não destrói a verdade, é, ao contrário, segundo nós, o seu complemento e a sua prova mais evidente; assim, em todas as experiências que fazemos neste género, tenhamos sempre o cuidado de trazer o exame mais escrupuloso a cada facto que parece superior, a fim de estarmos em condições de estabelecer com força e sucesso a sua existência.

As precauções que tomamos a seu respeito, ao mesmo tempo que fortificam a nossa fé, colocarão nas nossas mãos armas que, mais tarde, nos servirão para combater com vantagem os argumentos que nos serão apresentados.

Que não se creia que sejamos um inimigo dos argumentos, ao contrário, é apenas pelos que nos foram apresentados que chegámos ao estado de convicção no qual nos encontramos. São os argumentadores que encontramos que fizeram toda a riqueza desta convicção. Não é quase sempre de uma falsa adição de substâncias em química que resultam as descobertas mais úteis à humanidade? Habituemo-nos, pois, a estas explosões do espírito humano que se chamam argumentos, ao contacto de toda a proposição mais ou menos nova e útil à felicidade de todos. Aprendamos a reargumentar os argumentadores, a convicção e o acordo dominar-nos-ão em breve, uns e outros.

Dizemos que os sábios, que os filósofos, que os livres-pensadores, que os médicos que repelem as nossas proposições se encontram assim impelidos pelo medo de serem ridicularizados, se confessassem dignamente em público a verdade das suas observações neste estudo; pois um grande número deles conseguiu como nós, estudou e pronunciou como nós. Mas em pequeno comité e não em público, o que entristece o honesto estudante, e o que obsta ao progresso desta ciência nova, a mais consoladora entre todas as deste género que os homens cultivam.

Os nossos contraditores, ao gritar à ignorância, geraram a necessidade de estudar.

Ao gritar ao misticismo, conduziram ao estudo de uma força, de uma inteligência, de uma harmonia dignas de serem conhecidas e respeitadas!

Ao aceitar apenas positivismo em todo o estudo, fizeram-nos agir como eles, mas com mais largueza e mais coragem do que eles, ao não temer ensinar aos homens o que querem esconder-lhes, sob pretexto de os arrancar à dominação do padre! Estamos de acordo sobre este assunto; mas não pensamos que a luz deva ficar debaixo do alqueire, porque interessados em deixá-la tal qual receiam o seu uso.

Aqueles que gritam ao charlatanismo generalizam demais. Sim, há charlatães, mas não é razão para não admitir honestos professores. Aqueles não menos a temer são os cérebros fracos, entusiastas, que aceitam sem exame e que afirmam sem conhecimento de causa. Esperamos vencer este transbordamento de falsos estudos, presididos pelo orgulho, a tolice e más paixões, que ameaçam anular todo o verdadeiro saber e toda a verdadeira verdade em proveito diretamente desses mesmos professores religiosos de quem se sente a necessidade de se afastar.

Causas dos Erros no Sonambulismo Antes de deixarmos de falar das faculdades sonambúlicas, devemos algumas explicações sobre a causa dos erros que surgem, não nos piores momentos de lucidez do sujeito, mas muitas vezes nas suas melhores disposições; compreender-se-á facilmente quando tivermos tratado disso. É diretamente como complemento deste estudo que devemos estes detalhes. 1° Acabámos de dizer que o vidente no estado sonambúlico pode ver a grandes distâncias, como a distâncias muito próximas, através dos corpos opacos.

Devemos pensar que, ao conceder-lhe o poder de fixar exatamente a sua visão no objeto que se deseja que ele perceba, a exatidão ou o erro estão aí. Se o vidente pode fixar os seus olhares na décima segunda carta do baralho, por exemplo, e se lhe perguntarmos como vê essa carta, ele responderá que vê conforme o seu desejo. Se lhe dirigirmos esta outra pergunta: Não vê as cartas que a cobrem e as que estão por baixo dela? Ele responderá: Não as vejo porque nem o senhor o deseja mais do que eu. Eu veria todas as trinta e duas se tal fosse a nossa vontade comum.

Resulta portanto destas respostas que são unânimes, como acabámos de dizer, que todos os videntes que só veem o que lhes pedem para ver, só estão onde se deseja que estejam, não podem consequentemente estudar senão o que lhes propõem. Se o vidente, dizemos nós, se detém exatamente na décima segunda e não vê as outras cartas, nada diz que, se a sua visão fosse menos lúcida, ele não se deteria na quinta ou, se fosse vidente extraordinária, que não iria até à vigésima. Eis portanto erros aparentes, que seriam devidos ao excesso ou à falta de lucidez do vidente!..

Ter-se-ia o direito de dizer que este vidente não vê? Não, só se poderia dizer que ele não vê exatamente o que se deseja que veja. 2° O mesmo acontece nas visões à distância, onde as montanhas, onde as muralhas materiais não existem para o vidente, pois ele está no instante onde deseja estar; e que a sua visão só se detém nos sujeitos pedidos, ou que ele deseja ver ele próprio. Não pode portanto ser o material destas coisas que ele vê assim, só pode ser o espiritual, o tipo, a forma imortal, que chamamos alma, não pode existir, disso se pode estar certo, nenhum dos objetos que ferem os nossos olhares, sejam fabricados pela mão dos homens ou pela natureza, que não sejam a cópia de um pensamento qualquer vestido, pintado e tornado sensível pelo homem ou pela natureza, aos nossos olhos materiais, segue-se portanto que o pensamento desse objeto se encontra algures no estado latente e inapreciável, de imagem viva, esperando apenas o momento de entrar em rapport espiritualmente ou materialmente com os seres em geral, que entrarão num estado semelhante ao seu.

É assim que a alma humana, cuja forma é inapreciável aos nossos sentidos materiais pela sua não ponderabilidade, se torna sensível ao encerrá-la no menstruo material e ao vesti-la nesse menstruo por meio de uma substância mais ponderada em aparência do que a sua. O que a alma humana faz nesta circunstância, para se tornar visível e sensível aos sentidos materiais, os germes de todas as coisas fazem-no geralmente, assim como todos os pensamentos de que somos possuidores. É assim que um ebanista, por exemplo, monta tábuas para fazer um móvel cuja alma viu a imagem com o auxílio de um pensamento que tem em si ou que a rodeia, e pela necessidade que essa alma sentiu de tornar a imagem desse pensamento objetiva aos olhos do seu corpo material.

Ela só pode chegar a esse fim à custa da substância ponderada que modela e que chama um móvel. Nesta operação, o que fez ela? Ela não fez seguramente senão copiar a forma do pensamento que lhe representou esse móvel no estado de forma. Pensamento imortal, visto que não depende das desagregações da matéria, consequentemente que não pode ser mais danificado do que uma luz é empobrecida porque se tiram do seu foco centenas de luzes semelhantes. Se conseguimos tornar o nosso pensamento bem apreensível, compreender-se-á que, para que assim seja, deve existir dois géneros de substâncias diferentes em todas as

manifestações da natureza, uma no estado de almas ou de pensamentos invisíveis aos nossos olhos e impalpáveis aos nossos sentidos, substância que se chama espiritual, e a outra visível e palpável, que forma os corpos, que se chama substância material.

Estes dois géneros de substância não fazem senão uma segundo nós, na medida em que a sua imponderabilidade e a sua ponderabilidade não são senão um efeito de agregação ou de desagregação atómica e molecular. Poderíamos ir mais longe, dizendo que elas não são senão um estado da nossa ótica. Não vamos até lá, na medida em que os trocistas nos espiam! Não podemos deixar de tratar talvez longamente do poder ótico dos sonâmbulos, e da sua fraqueza ao mesmo tempo, mas isso é útil.

Não há nenhum de nós, pensamos nós, que, quando a sua memória se dirige para um lugar, um ser ou um objeto qualquer, que há muito tempo não viu, não veja, instantaneamente, essas coisas presentes em imagens mais ou menos objetivas interiormente em si. O que todos vemos assim incompletamente, é verdade, é uma visão da alma, e não uma visão dos olhos do corpo material. O vidente cuja visão é superior, encontra-se portanto em relação a nós como um ótico, que, com um instrumento preparado para esse fim, veria a uma maior distância do que poderíamos fazer com a nossa visão material.

O olho do vidente encontra-se portanto modificado, como o é o microscópio em relação aos óculos, ele vê com mais facilidade e detalhes essas mesmas imagens, que nós as vemos imperfeitamente. Mas nele, acontece que as exigências são as mesmas que para o ótico, se é preciso, num, que os vidros do instrumento estejam bem limpos, é preciso, no vidente, que o seu olho esteja bem puro.

2° Quando pensamos num lugar, numa pessoa ou num objeto que ainda não vimos materialmente, temos menos facilidade em perceber a imagem verdadeira dessas coisas, e só lá chegamos, diremos nós, vestindo-as à nossa fantasia: também estamos bem mais longe da verdade do que no primeiro exemplo que acabámos de citar. O mesmo acontece com o vidente, se ele segue os mesmos caminhos errados, isto é, se, em vez de chamar a si essas imagens com desinteresse e indiferença, ele se diz, pelo contrário, este lugar ou este ser não seriam como isso?

Oh! estas únicas palavras não seriam como isso já são a adição de uma segunda imagem que cobre aquela que a sua lucidez não lhe permitiu ver, embora estivesse diante dele ao seu chamamento. Ele erra então numa sucessão de adições semelhantes que se chamam criações imaginárias muito impropriamente, e que são, pelo contrário, uma agregação de imagens estrangeiras, nas quais enterrou a verdadeira que desejava ver. Há ainda, pois, nestas duas proposições, uma fonte infinita de erros.

3° Se interrogardes um vidente que tenha a faculdade de comunicar de pensamento convosco, isto é, de perceber o vasto panorama da vossa memória no qual todas as imagens dos lugares, dos seres e das coisas que pudestes ver durante a vossa existência estão impressas, daguerreotipadas, tornadas imagens, enfim, é indubitável que ele só verá as imagens, e só vos dará uma descrição em rapport com o que eram os seus tipos no momento em que entraram em vós. Esta visão satisfar-vos-á para o passado, mas parecer-vos-á falsa, bem entendido, para o presente, embora no entanto tenha o seu lado exato.

4° Para dar alguma força à nossa segunda proposição, diremos que se fizerdes pelo pensamento o que o vidente pode fazer, vestindo os lugares, os seres e os objetos de imagens que lhes são estrangeiras, ele só verá essas coisas tais como lhas apresenta o vosso pensamento: tê-lo-eis vós mesmo lançado no erro.

5° Se os assistentes, que assistem a este estudo, pensam e apresentam interiormente tais imagens ao vidente (que, não estando num completo isolamento aos seus olhares), ele verá as ditas falsas imagens como sendo aquelas que lhe pedem para ver. Que se julgue por esta fraca perceção a multidão de erros que podem surgir de um falso ponto de partida, mesmo num excelente vidente?

6° Dissemos, no estudo tratando da faculdade médica dos videntes, que não gostamos de consultar sobre cabelos ou objetos portados pelos doentes: se agimos assim, é porque reconhecemos erros nessas perceções que exigem, pelo contrário, no interesse dos doentes, que haja uma grande exatidão neste estudo! Aconteceu-nos, como a todos os magnetizadores, ouvir videntes darem descrições de doenças totalmente estrangeiras àquelas para as quais eram consultados, as doenças assim descritas encontravam-se a afetar diretamente a terceira pessoa que trazia esses objetos ou aquela que os tinha preparado!...

Aconteceu-nos igualmente receber o sinalético exato de várias pessoas que tinham tocado na carta na qual estavam encerrados os cabelos do doente e de não poder obter o seu... Obtivemos ainda detalhes sobre doenças passadas ou futuras que o doente tinha sofrido ou sofreria sem poder ter detalhes sobre a presente. Estes factos que são muito comuns provam-nos portanto irrecusavelmente: 1° a existência de tais imagens cuja permanência de existência parece assegurar-lhes uma imortalidade relativa.

2° Elas provam-nos igualmente que o simples toque de um estrangeiro basta para que a imagem desse estrangeiro seja vista, ao gosto do vidente, em todos os tempos que lhe agradar chamá-lo a si, que ele pode agir da mesma forma em relação a todos os objetos que puder tocar.

O doutor Teste relata sobre este assunto, que um dia adormeceu a sua lúcida num salão, onde esta lúcida viu seis meninas sentadas em seis

cadeiras que guarneciam esse salão. Não compreendendo nada desta visão, falou disso aos donos da casa, e soube que a sua filhinha tinha, um instante antes do sono da lúcida, saltado sobre cada cadeira como fazem as crianças quando brincam. Vemos por este único facto que as imagens das quais falamos podem ser tomadas por realidades, na medida em que não são apenas imagens automáticas, mas sim imagens possuindo em si tudo o que possuem o ser ou o objeto dos quais saem, elas têm ainda o movimento, a palavra e o pensamento como nós os possuímos.

Quanto mais queremos tratar deste fenómeno, mais o tornamos incompreensível! No entanto, existe tal como o descrevemos!... Como, perante tais factos, não admirar a imortalidade das obras da criação, e não acreditar na da alma; do ponto emanando essas imagens, nem que ela existisse apenas nelas? Como essas imagens têm o mesmo poder de emanação, quando pode existir o aniquilamento? Quantas combinações semelhantes possui o grande livro no qual lê o vidente que, sendo mal apreciadas, podem conduzir a erros que duplicam as dificuldades já tão grandes deste estudo?

É verdade dizer que elas trazem mais fadigas ao espírito do que satisfação; mas não é razão para as deixar aí. Indicámos os erros que podem cometer os melhores videntes pela falsa rota que muitas vezes tomam neste imenso labirinto de imagens espirituais, assim como os erros que podem provocar conscientemente ou inconscientemente os consultantes, por mais benevolentes que sejam para este género de estudos; mas não falámos daqueles provocados de propósito pelos nossos antagonistas. Esses são numerosos e podem ser produzidos com tanta facilidade, pela grande fragilidade do sujeito, que não ousamos falar deles.

Que aqueles que desejam os erros para pôr em defeito a clarividência do vidente se tranquilizem, podem provocá-los à vontade: assim se viu trazer pelos de animais a bons videntes, para os consultar sobre pessoas afastadas ou doentes, às quais pertenciam os cabelos! Esses incrédulos encontravam então o que procuravam, o vidente via alguma pessoa na qual pensava o consultante, dando-lhe o sinalético talvez exato, mas que fazia sorrir o nosso sábio mistificador, que então desenvolvia o seu pacote e mostrava aos assistentes a essa sessão, pelos de cão ou de outro animal, exclamando: A lucidez do sujeito é perfeita!

Ai! talvez por este acesso de ironia se tivesse obtido uma revanche para o vidente, que não está isento de orgulho e que, vendo-se apanhado em defeito de lucidez, pudesse melhor dispor da sua luz à qual, em certa circunstância, nada pode ser escondido, e que pudesse confundir o seu agressor, citando-lhe algum facto da sua existência que este queria esconder, mas tendo mais generosidade do que ele, o vidente guardava o silêncio! Remetemos ao próximo capítulo para completar este, tratando da alma humana e da sua imortalidade.

CAPÍTULO VI

IMORTALIDADE DA ALMA HUMANA.

EVOCAÇÃO DAS ALMAS PELOS SONÂMBULOS.

MANEIRA DE OBTER ESSAS EVOCAÇÕES

REALIDADES E ERROS QUE ELAS APRESENTAM

CONDIÇÕES NAS QUAIS ELAS TÊM MAIS CHANCE DE SUCESSO SEGUNDO EXPERIÊNCIAS DE TRINTA E CINCO ANOS SOBRE ESTE ASSUNTO!...

ÊXTASE! FACULDADES DOS EXTÁTICOS! MEIOS DE FAZER ENTRAR OS VIDENTES EM ÊXTASE

PERIGOS DESSE ESTADO! RESUMO SOBRE O SONAMBULISMO

Nos capítulos precedentes, abordámos graves questões metafísicas que nos conduzem naturalmente a tratar das psicológicas. Estas não oferecem nada de extraordinário para aquele que acredita na existência da alma e na sua imortalidade, mas são muito contestadas por aqueles que não se apercebem dessa existência, ou que não querem aperceber-se dela!

Se conseguimos provar nas proposições precedentes, pelos detalhes que demos sobre as faculdades sonambúlicas: que há em cada um de nós duas individualidades, uma agente, a outra paciente; devemos interessar-nos por essas individualidades e procurar conhecer o que elas se tornam na cessação da sua união terrestre?

Não tivéssemos o socorro do sonambulismo, que teríamos o das religiões em geral, e da razão em particular. As religiões pelo socorro da revelação, afirmam-nos a imortalidade da alma humana, habitando, após a sua saída do estado material, lugares destinados ao resultado das suas ações materiais; e a razão afirma-nos esta proposição pela mais simples das observações que é a do nosso nascimento a este mundo! Com efeito, antes de nos ocuparmos para onde vamos, ocupemo-nos de onde viemos? quem somos? quem nos preparou para esta existência.

Questões às quais responde o nome de um criador! Se não fosse assim, seria preciso admitir que a ação menos refletida da nossa vida geraria sozinha esta obra-prima do reino animal, sem que tivéssemos nenhuma noção dela! Se é pelo contrário um criador, uma força, uma inteligência primeira que nos criou a todos, elas devem tê-lo feito de toda a eternidade, ou seria preciso que o fizessem continuamente!

Se o fizeram de toda a eternidade, depositaram-nos algures, num estado do qual não temos nenhum conhecimento, se pelo contrário, o fazem dia a dia,

seria preciso admitir nesse caso, que esses criadores esperariam a necessidade de copulação em dois seres, para criar um terceiro? Não podendo fazer descer a obra desses criadores a tal condescendência, é mais sábio deixar essas duas questões pendentes! Não podemos negar, no entanto, que pré-existíamos de alguma maneira antes de tomar a forma material que portamos neste momento.

Pré-existir é uma vitalidade anterior que faz supor uma ulterior, que tem lugar quando nos embalam entre cinco tábuas cobertas de lágrimas vertidas pela verdadeira amizade ou pela hipocrisia! momento em que nos creem morto, poeira, e aniquilado para sempre! Esta palavra tem algo que não desperta nos homens a vontade de conhecer esse estado, assusta-os tanto, que nenhum deles, pelas maiores riquezas da terra, seria tentado a passar por aí para conhecer os seus misteriosos segredos!

Mas o estado misto do sonambulismo encontrou-se felizmente posto ao alcance do homem para interrogar esse caixão assustador representando o nada, o nada absoluto! caixão que nos prova o oposto para consolar o nosso coração desesperado, pondo-nos, pelo seu intermédio, em rapport com o ser que ele continha! Ser, que, neste dia, vive tão bem como nós, ser que se lembra de nós, e nos continua a sua terna amizade! Sim, pelo estado sonambúlico podemos melhor apreciar o estado material e o espiritual, os nossos estudos recomeçam com mais esperança de sucesso. Uma nova luz inteligente nos ilumina, sentimo-nos melhor, e sentimo-nos ser menos infelizes!

Como muitos homens, tínhamos sofrido, e o sofrimento tinha-nos feito blasfemar contra tudo o que não compreendíamos, especialmente em religião. O nome de um dos numerosos deuses, dos professores religiosos que conhecíamos não podia ser pronunciado diante de nós, sem nos provocar horripilações! Tínhamos sido por eles tornado Ateu! consequentemente, o Deus do nosso ser. Contente com esta maneira de ver, vivíamos bastante penosamente do nosso estado de torneiro de cadeiras, na cidade de Rambouillet. H

avia nesse lugar, como em todas as regiões do mundo, pessoas que acreditavam em feiticeiros, o que provocava no nosso espírito momentos de severas zombarias. Citava-se, entre outros, um senhor Renard, empregado nas hipotecas dessa cidade, como sendo um bem-amado de Belzebu. Não nos foi preciso mais para desejar encontrar-nos com esse senhor. Facilitaram-nos uma entrevista com ele: Fomos logo desenganados ao ouvir um homem de espírito muito cético e muito reto em todas as suas observações!

Ligámo-nos um ao outro, ao ponto de não nos podermos mais separar. O ceticismo do Sr. Renard convinha-nos na medida em que nunca afirmava sem restrição, o que era sabedoria, e o que lhe deu um grande império sobre o nosso espírito fogoso, e muito menos instruído do que o seu. Este

senhor pôs à nossa disposição a sua rica biblioteca cheia de livros de escolha tratando de ciências ocultas. Bebemos dela a plenas mãos, ficámos quites por absorver tanta poeira desses velhos livros quanta luz eles continham. Pudemos em breve tentar algumas experiências magnéticas que foram coroadas de pleno sucesso, não foi preciso mais para trazer uma revolução incrível no nosso espírito.

Compreendemos em breve toda a extensão desta poderosa faculdade! Podemos dizer que o dia em que depositámos um pensamento num simples copo de água, pensamento que foi seguido de uma plena manifestação, vimos nesse simples facto, mais do que conhecemos ainda hoje. Tivemos de voltar atrás, para tomar outra rota! O senhor Renard indicou-no-la, pondo-nos nas mãos uma obra de Emmanuel Swedenborg. Mas ai! não estávamos ainda suficientemente preparados para ler com fruto esse sábio autor, que relegámos para um canto; pedimos-lhe perdão neste dia.

Voltámos a habitar Paris, onde nos ocupámos mais especialmente dessa ciência. Tivemos a sorte de aí encontrar Bruno Binet, o extático citado nos Arcanes da vida futura desvendados, era um vizinho de infância tão louco e turbulento como nós éramos, consequentemente, preferindo frequentar um teatro a um templo.

Quando este jovem entrou em perfeita lucidez, tornou-se um missionário em relação a nós, que empreendeu fazer-nos acreditar noutro Deus que aqueles que conhecíamos e pedir humildemente perdão ao verdadeiro Deus, à causa, à força, à inteligência primeira, ao desconhecido enfim das nossas ofensas e das nossas dúvidas! Muito emocionado, os olhos húmidos, e o medo no coração de não ser absolvido, vínhamos ao menos de fazer ato de uma inteligência ágil extraviada, que, ao menor raio de luz apercebido por ela, estava pronta a seguir outra toda!

A extática Adèle Maginot completou a nossa educação sobre este novo estudo. Ela tinha-nos sido anunciada por Bruno, como devendo produzir grandes coisas. A nossa nova lúcida, mal sob a nossa direção, foi tomada de êxtases celestes nos quais estava continuamente em rapport com as almas dos seus parentes falecidos. Conversando com essas almas durante horas inteiras, e mergulhando-nos numa dúvida que não podíamos anular por falta de o saber.

Falámos deste estado ao senhor Renard que nos aconselhou a pedir a aparição de Emmanuel Swedenborg, que não tínhamos podido ler, e de recomeçar a estudar pelo socorro de Adèle, o que disse tão claramente e com uma precisão tão matemática esse grande rei dos Extáticos. Seguimos o conselho do nosso amigo, pondo Adèle em rapport com esse bom espírito.

Tomámos nota do minucioso sinalético que ela nos deu desse sábio, sinalético cuja exatidão só pudemos apreciar mais de seis meses após esta primeira aparição, era muito exato. Um venerável abade da igreja de Saint-

Sulpice consultando Adèle um dia sobre questões estrangeiras às aparições, encontrou-se muito espantado com o sinalético que esta lúcida lhe deu de um padre dos seus amigos falecido há alguns anos, que se encontrava, afirmava ela, junto dela e respondia às questões científicas que o venerável abade punha a esta lúcida.

Como se pode ler na obra dos Arcanes, o consultante demorou vários dias antes de poder reencontrar o nome desse amigo falecido; amigo que tinha querido ocultá-lo por razões a ele conhecidas. Esta aparição, que se repetiu muitas vezes, não foi a única que o senhor abade desejou, pediu outra, de outro padre igualmente falecido, a fim de se assegurar por esta última experiência que não havia nenhuma comunicação de pensamento entre ele e a lúcida. Esta nova aparição foi conforme aos seus desejos, e encontra-se relatada na obra citada.

Não nos foi preciso mais então para entrar nesta nova rota, explorá-la em todos os sentidos, e admitir que Adèle tinha podido tão bem ver e conversar assim com os membros da sua família durante mais de seis meses, como o fazia com espíritos que lhe eram estrangeiros. Demos dessas aparições a quem no-las pediu, eis hoje perto de trinta e cinco anos, sem aí encontrar o que quer que fosse que pudesse destruir a nossa convicção a seu respeito. Recolhemos assim, em apoio deste novo estudo, processos-verbaux que foram assinados pelos homens mais humildes como pelos mais céticos.

Notabilidades em todas as ciências e de todas as condições, foram também satisfeitas como os mais obscuros proletários: podemos dizer que do trono ao altar, fomos postos em situação de provar as nossas proposições sobre este assunto e que todo o mundo ficou satisfeito. Publicámos essas experiências sob o título Arcanes da vida futura desvendados em três volumes nos quais figuram oito extáticos diferentes.

Esta obra contém mais de cem questões metafísicas, psicológicas e teológicas às quais respondeu quase sempre o mesmo espírito, Swedenborg, sob cujo patrocínio tínhamos colocado Adèle especialmente; preferimos este espírito, visto que tendo sido ele próprio, enquanto existia na terra, uma trintena de anos em rapport e em contínua sociedade com um grande número de espíritos, e tendo publicado uma certa quantidade de obras tratando desta questão; não podíamos melhor nos dirigir para ser informados sobre aquelas que nos agradaria tratar com esse sábio, talvez sem igual no seu século.

Bem nos saiu sem dúvida, pois a obra citada dos Arcanes, escrita quase sob o seu ditado, recebeu a honra de várias traduções em diferentes línguas e encontra-se muito difundida neste dia. Sentimos que fazemos aqui uma confissão que levantará bem dos dúvidas que, no entanto, ousamos esperá-lo, não atingirão a nossa honestidade nem a nossa boa fé, mas que comandarão um exame, que o que nos resta a dizer elucidará, cremo-lo. Não nos deteremos a citar o que os sábios, os ignorantes e as pessoas de

má fé disseram desses estudos e do seu autor; louco aos olhos de uns, idiota aos olhos de outros, charlatão para muitos, e um pouco espírito infernal para as pessoas de igreja, não fomos estudado geralmente como a questão o merecia e o comandava.

Não ensinávamos no entanto nada de novo aos homens, os seus livros religiosos estão cheios de factos semelhantes: os livros científico-filosóficos não estão desprovidos deles. Os do magnetismo não lhes faltam. Encontrámo-nos portanto a fazer, em relação às aparições, o que Mesmer tinha feito ele mesmo em relação ao magnetismo, assim como o que Puységur tinha feito em relação ao sonambulismo.

Apresentávamos um estudo novo, no sentido em que ensinávamos os meios de provocar os factos em vez de esperar do tempo ou do incidente a sua manifestação. Este plano da nossa parte fez-nos cobrir do anátema das sumidades da ciência que nos ocupa. Sumidades ciumentas talvez de ver tal papel cabido a um homem iletrado, sem outras pretensões que partilhar esta joia com os seus irmãos! Atacaram-nos também deslealmente como injustamente.

Não ficámos quites por algumas páginas de grosserias injúrias; este vergonhoso processo foi levado até ao tribunal de Roma onde puseram no index três das nossas obras num só dia! Este arresto, juntado às tribulações políticas do tempo em que publicámos essas obras fizeram-nos perder o fraco benefício ligado ao fruto de tantas vigílias? Mas o que não perdemos, foi a coragem e a esperança de dizer um dia ainda mais publicamente o que não podíamos dizer senão imperfeitamente; cumprimos hoje esta tarefa, ensinando mais completamente a maneira de provocar essas aparições si-mesmo, como o fizeram, seguidas de um inteiro sucesso até este dia, todos os magnetizadores que aprenderam a fazê-lo pela leitura dos ditos Arcanes.

As manifestações das mesas giratórias, dos espíritos batedores, etc., que tiveram nascimento na América, só tiveram lugar após as traduções dos Arcanes nesse país. Existe ainda, nos nossos dias, nessas regiões, um jornal tendo por título o dado aos Arcanes que é o Celestial telegraph. Davis, sonâmbulo natural, foi o primeiro que ensinou aos Americanos o meio de obter dos defuntos manifestações mais sensíveis para a matéria do que aquelas provocadas pelos nossos videntes.

Foi o médium sonâmbulo que ensinou, numa obra que publicou em 1850, o meio de fazer a cadeia à volta de uma mesa, e de entrar, por este outro meio de apelo, em rapport com os espíritos. Esses estudos adquiriram tal desenvolvimento na América hoje, que aí contam duzentos e cinquenta mil adeptos, e que dezassete publicações mensais e diárias desenvolvem, com grande sucesso, os misteriosos efeitos.

Em 1865, os irmãos Davenport, médiuns de grande força, desejaram provar aos Franceses, que rapports entre os dois mundos podem existir

dependendo de certas condições; mas os irmãos Davenport encontraram no seu caminho o que nós mesmos tínhamos encontrado: má fé engendrada por falsas estudos; esses jovens médiuns foram acusados de fraude; não lhes permitiram justificação! Tiveram de deixar a França levando consigo uma triste ideia da urbanidade francesa, e especialmente da imparcialidade da imprensa política. Napoleão III quis julgar por si mesmo essas fraudes presumidas.

Fez vir ao palácio de St-Cloud esses jovens médiuns, que, na presença de uma trintena de personagens de alta condição, produziram todos os factos contestados pela inveja. A multidão de factos obtidos isoladamente na Europa ao meio das mesas e do das nossas evocações, deixou de nos dominar da injustiça dos homens, e encorajou-nos a continuar a ensinar-lhes o que aprendemos nós mesmos dia a dia!

Maneira de provocar as aparições. Quando se tem um vidente que deu provas de uma boa clarividência, age-se nesta circunstância como se faz nas das visões à distância, pedindo a pessoa falecida pelos seus nome e sobrenomes exatamente. Quando ela está presente, faz-se dar o sinalético como nas visões citadas, e julga-se se é exato...

Se não se diz ao vidente que a pessoa pedida está falecida, pode acontecer que o vidente não se aperceba disso. Se, pelo contrário, se lhe diz, ao começar esta experiência, que a pessoa que se deseja que ele veja está falecida, ele pode objetar, segundo as suas crenças no estado de vigília (crenças mais ou menos persistentes no seu estado presente), que isso lhe é impossível; que os falecidos não aparecem aos votos do primeiro que chega e que prefere ver pessoas ainda no estado material!

Nada se fará de um tal vidente se não se dissimular com ele, pois pode-se muito bem esconder-lhe os pensamentos; mesmo que ele tivesse a faculdade ocasionalmente de os conhecer; e isso por um efeito da vossa vontade, pode-se portanto, neste caso, obter esta aparição, mas ficar-se-á no sinalético, na medida em que ele não poderia chegar ao conhecimento da doença que ocasionou a morte, sem ver expirar o indivíduo, o que tomaria por uma falsa visão. É por isso que, neste género de experiência, é preferível ter um vidente que tenha afeto por este estudo.

Para obter uma prova assegurada de que o sujeito vê bem o falecido pedido, não nos contentamos com o sinalético muito detalhado desse espírito, pedimos conhecer a causa do seu falecimento, qual era o seu caráter? as suas afeções? e algumas particularidades da sua existência material se for possível? Aconteceu-nos várias vezes, como se pôde ler nos Arcanes, obter informações às quais o demandante não esperava.

Tentámos levar as nossas investigações até querer conhecer o estado presente desses espíritos, e pedir-lhes conselhos sobre assuntos de interesse concernentes às pessoas que reclamavam esta benevolência da

sua parte. Obtivemos muitas vezes boas revelações e outras privadas de todo controlo, por isso mesmo parecendo ao sábio observador como ao ignorante argumentador não serem senão devaneios. Não saberíamos dizer o que este género de pesquisas nos custou de pena para as elucidar, e nos trouxe de ridículo?

O vidente, após ter dado o sinalético exato da pessoa pedida, e ter igualmente dado alguns detalhes sobre a sua vida privada, está pronto para servir de intérprete entre vós e este habitante das esferas superiores, mas na linguagem mística como em tudo o que faz o vidente nas outras comunicações, há a vasta parte dos erros!

Compreende-se que deve ser assim, pois se lhe fosse permitido conhecer a verdadeira verdade (como a chamam os nossos homens políticos), em qualquer tempo que fosse e em qualquer lugar que seja, o homem teria a presciência espiritual. É o mínimo das coisas que o mundo agente conserve para si esta poderosa faculdade, que seria para nós uma dor a mais a adicionar às outras e não menos penosa de suportar. No estado sonambúlico, como no estado de vigília, o homem erra.

No estado profético, como no estado extático, ele deixa sempre no fundo do vaso, no qual verte os seus conhecimentos, erros mais ou menos graves! Os livros pretendidos sagrados pululam eles mesmos de erros mais ou menos perigosos de admitir, é o que nos prova que o conhecimento da verdade sobre muitas coisas não é do domínio do homem no seu estado presente. No género de experiência que propomos, há no entanto uma maneira de conduzir os videntes que, sem estar assegurada de não encontrar erros, é mais conveniente do ponto de vista de uma melhor êxito e do respeito que se deve a este interessante estudo assim como às inteligências invisíveis que o conduzem, não podemos portanto admitir que se esqueça a seu respeito de observar as conveniências até rir do mais ou do menos de probabilidade do seu resultado favorável.

Desejamos que se lembre que há entre o vidente e o demandante um nome em jogo, que já não pertence à terra, e que merece pelo menos os mesmos olhares que aqueles de que se usava para com ele quando estava entre nós. O riso ou a indiferença numa tal circunstância dão a medida do apego e do respeito que se tinha por aquele que já não está presente aos nossos olhos, não admitimos, consequentemente, a maneira insolente e vaidosa, diremos nós, com a qual milhares de seres nos nossos dias interrogam os espíritos que, diz-se, produzem as manifestações das mesas giratórias e falantes, assim como todas as que se fazem nos nossos dias neste género.

O tratamento informal (por tu), mais dominador que fraterno que se emprega em relação a esses espíritos, dá-nos a medida do que eles fazem, em revanche, em relação aos seus insolentes questionadores, lançando estes últimos em erros mais ou menos prejudiciais ao seu interesse assim como ao seu futuro espiritual, eles não fazem senão dar-lhes uma lição de

melhor estudo e provar-lhes que o sábio verdadeiro não está sempre à discrição de quem crê dominá-los. Causas dos erros nas aparições.

1° Uma simples experiência, bem-sucedida neste género, oferece instantaneamente a prova irrecusável da existência ulterior à matéria da alma que a animou. Oferece, ao mesmo tempo, a prova da faculdade que têm os videntes magnéticos de entrar em rapport com esta alma. Este facto admitido conduz naturalmente a generalizá-lo dizendo: se uma alma pode aparecer ou ser vista assim, ao simples pedido de um vidente, todas as almas que estão no mesmo estado podem fazer a mesma coisa. Isso é verdade, e é porque isso é verdade que este facto engendra erros incalculáveis.

Sem entrar aqui em matéria sobre as noções que nos foram dadas concernentes às leis da existência futura da alma humana, diremos no entanto que se se vive para além do túmulo, é para pensar, agir e afeiçoar, senão como na terra, pelo menos num sentido mais elevado que, no entanto, não deve oferecer uma transição demasiado brusca às afeções terrestres de cada ser, ao ponto de a transportar demasiado bruscamente do conhecido para o desconhecido, do pressentido para o impressentido.

É diretamente o ponto fundamental das nossas proposições que os nossos antagonistas querem combater e que nós temos consideravelmente em defender, porque estão em rapport e não transgridem as leis naturais conhecidas; que são, além disso, a prova mais positiva da harmonia da criação. A existência do mundo espiritual, ou mundo dos espíritos, não é portanto, e não deve ser aos olhos de todo observador imparcial senão uma sucessão das afeções da vida terrestre, e nada mais, exceto as angústias e os apetites grosseiros da carne; o resto é uma suite das aspirações para tal crença ou tal estudo que nos convém; tal virtude ou tal paixão que acarinhamos; o que fez admitir com razão a existência de bons e de maus espíritos, conselheiros ou guias.

Isto é exato e pode ser controlado por cada um pelo socorro dos videntes magnéticos. 2° Se todos os espíritos bons ou maus, sábios ou ignorantes podem assim aparecer aos ditos videntes, pode e deve acontecer, quando se pede a aparição de Pedro, vosso parente, se se está, assim como o vidente, numa disposição indiferente ou negativa de espírito, que um Pedro desconhecido de vós, tendo mal compreendido o vosso apelo, venha perturbar este estudo apresentando-se ao vosso vidente em ou fora das condições do sinalético do Pedro pedido, visto que todos os espíritos podem, por uma faculdade de pensamento que lhes é própria a cada um, parecer ser o que desejam ser; ou em tal lugar que desejam visitar!

Este falso Pedro pode mesmo levar o seu poder de cognição espiritual até vos responder sobre certas particularidades do Pedro que representa, particularidades que tomará emprestadas à memória do verdadeiro Pedro, visto que pode insinuar-se nela e conhecer o que deseja. O que faz este

falso Pedro não é simplesmente senão a satisfação para ele da afeção que tinha na terra, afeção de enganar que continua a dominá-lo durante um tempo mais ou menos longo. 3° Muitos videntes, em todas as experiências que citámos, dizem-se ser instruídos, iluminados ou conduzidos por espíritos que lhes são mais ou menos superiores em saber e em presciência, espíritos que formulam as suas receitas médicas, ou lhes ditam as suas respostas às questões que lhes endereçais.

Estes mesmos videntes acusam ainda geralmente estar colocados assim sob a tutela de dois espíritos, um de luz e o outro das trevas. Acontece muito frequentemente ao espírito das trevas imitar o espírito de luz e lançar à improviso o vidente em erros muito grosseiros.

Não ousamos entrar aqui em detalhes circunstanciados a este respeito, permitimo-nos apenas assinalar que isso pode acontecer e que é bom tomar nota disso. É-nos fácil, por este fraco percebimento, entrever num instante o vasto domínio de erros no qual podem entrar aqueles que não tivessem nenhum conhecimento dessas coisas ou que não lhes prestassem nenhuma atenção!

Poder-se-á argumentar que se torna muito difícil, neste caso, conhecer se se está em rapport com bons ou maus espíritos, responderemos que os resultados dessas comunicações são as únicas provas irrecusáveis que iluminam sobre este assunto. Diremos além disso que os espíritos desarmónicos, de erro e de perturbações, conhecem e tratam muito mal das questões religiosas, fraternais e honestas, que não fazem neste género senão o que podem. Todo o espírito que, nos conselhos que vos dá, tende a afastar-vos do conhecimento de Deus, e do amor pelos vossos semelhantes, é um espírito tenebroso do qual tendes de vos precaver.

Todo o espírito que procura conduzir-vos em especulações ilícitas, que lisonjeia afeções reprovadas pela moral e pela honestidade, é um agente de perturbações que, mais cedo ou mais tarde, vos mergulhará num pântano horrível do qual não é fácil sair. É mais fácil reconhecer os espíritos de sabedoria e de luz pelas ternas marcas de amor que vos dão aconselhando a confiança na bondade de Deus, o amor pelo próximo, a probidade nas vossas relações sociais, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com aqueles que pensam mal, que vos exortam a acreditar numa vida melhor que esta, vida na qual se encontram a harmonia mais perfeita assim como o conhecimento da utilidade de todas as manifestações terrestres, a compensação de todas as dores, a satisfação de todas as privações, e o gozo calmo e moderado de todas as vossas afeções, tanto quanto elas têm por fim o vosso felicidade fundida na felicidade comum de todos os homens!

4° Dissemos no estudo precedente que o vidente assim como o seu magnetizador tinham o poder de emanar imagens pelas quais representam o sujeito do seu pensamento, imagem que há dois mil anos, Lucrécio chamava simulacros; muito falsa denominação, que não podia convir senão

a homens como Lucrécio, cujos estudos tendiam apenas a provar, como o doutor Buchner nos nossos dias, que a matéria sozinha existe; sem pré-existência nem sobre-existência para a individualidade das partes que a compõem e a governam. As imagens das quais falamos estão longe de ser simulacros sem vida e sem ação; são bem frações da vida mesma dos seres e das formas; frações funcionando e substituindo ocasionalmente o ser do qual estão mais ou menos separadas.

Devemos voltar a esta questão importante, pois o que podem as almas ainda encerradas na matéria, podem-no com mais forte razão aquelas que dela estão soltas! Esta troca de pensamentos assim daguerreotipados serve-lhes, além disso, consideravelmente nos seus meios de comunicação com os videntes; pois pode acontecer, como vimos muitas vezes, que se peça a aparição de um falecido cuja linguagem é totalmente desconhecida do vidente assim como do magnetizador ou do demandante. É então que os videntes acusam geralmente entrar em rapport com tais espíritos por três modos de comunicação que são:

1° Pela palavra, linguagem que conhece e fala o vidente,

2° pelo socorro de imagens representando os seres ou as coisas a conhecer,
3° pela intuição, espécie de sensação falando a não sabemos qual sentido; mas cujas definições valem bem as nossas. Não sabemos ainda hoje, após trinta e cinco anos de estudos neste género, a qual dos dois últimos meios devemos atribuir a língua única dos seres, língua que existe no universo celeste.

O que resta provado para nós nesta questão é que o vidente sabe o que desejamos que ele conheça, quer o saibamos ou não o saibamos nós mesmos; que o expressemos por um meio qualquer ou que não o expressemos; que o ponhamos em rapport com um estrangeiro ou com lugares desconhecidos de nós dois, ele vê e sabe o que não nos é possível ver nem saber. Se se lhe pergunta como vê ou sabe essas coisas? ele responde, vejo, sei ou sinto; é., pois, muito difícil, segundo estas três respostas, pronunciar se a linguagem única dos espíritos é uma troca de imagens ou uma sensação.

Estamos no entanto levado a acreditar que é uma troca de imagens que, em certas circunstâncias, pode ser apoiada pela sensação por uma combinação que determina então o saber. O que nos conduz a admitir esta proposição é que fomos capazes de a estudar diretamente por comunicações especiais, e pelo que nos foi revelado pelo socorro dos videntes em comunicação com o espírito Swedenborg, espírito que nos afirmou que todas as nossas pensamentos são seres vivos oferecendo-se aos olhos da alma sob a forma da coisa da qual a dita alma toma cópia para representar a forma em tudo o que modela materialmente.

Pudemos mesmo fazer compreender a todos aqueles que o desejaram até este dia a realidade desta proposição. Esta comunicação não seria outra coisa senão a visão da forma dos seus pensamentos, em vez de os formular pelo socorro da palavra. Esta proposição é aliás muito admissível perante os resultados que obtemos em sonambulismo, não tem nada que repugne ao nosso exame, especialmente se admitirmos a existência desta linguagem única.

É indubitável que, pelo socorro da palavra, a linguagem da qual falamos parece ser bem menos possível que pelo socorro da visão representativa das coisas passadas, tomemos por exemplo que estivéssemos num país estrangeiro cuja língua não conhecemos, e que tivéssemos necessidade de pão, ou de um utensílio qualquer. Se não soubéssemos como se nomeia nessa língua o que queremos, não podemos fazer compreender o nosso pensamento, mas será de outra forma se pudermos encontrar o objeto ou a imagem do nosso desejo sob a nossa mão, mostrá-lo-emos àqueles de quem desejamos ser compreendidos.

Em todos os países, reconheceremos pão, uma cama, uma mesa, fogo e não podemos em nenhuma língua nomear essas coisas se não falamos essa língua, é portanto admissível acreditar que a linguagem única é uma troca de pensamentos, formas típicas ou imaginadas da coisa que se deseja fazer conhecer ou conhecer si mesmo, em vez de uma palavra sonora e impressionando de diferentes maneiras segundo os lugares e os seres com os quais se está em rapport.

Os primeiros sinais empregados pelos homens para se compreenderem entre si, escreverem os seus conhecimentos e as suas histórias não foram outros senão imagens hieroglíficas, como notamos no obelisco em Paris, e em todos os antigos monumentos egípcios e outros. Esta proposição admitida, não decorrem menos erros incalculáveis para aquele que não tem o hábito de transmitir assim o seu pensamento. Erros aos quais os videntes mais ou menos elevados estão sujeitos.

5° Dissemos que existiam imagens depositadas em todos os lugares onde ficaram objetos quaisquer, imagens que o vidente reencontrava em todos os tempos. Deve decorrer desta proposição que cada fase da vida dos seres deve ser representada neles por imagens dessas fases. É assim, por exemplo, que o vidente pode reencontrar no espírito que lhe aparece os estados nos quais passou, a partir do berço até à sua idade presente. Pode igualmente reencontrar nesse homem todas as ações da sua vida, no domínio da memória deste último.

É assim que nos descreve as roupas que vestíamos em tal idade, as afeções que tínhamos, assim como as particularidades mais salientes dessa idade. O passado, o presente e o futuro não são então senão um presente, cheio de atualidade e de vibrações aos olhos do vidente, o que nos prova que não é por um só ser que ele vê assim, mas bem tantos seres que se sucedem uns

aos outros. Sentimos que arrastamos o leitor aqui apesar dele num labirinto que gostaríamos de lhe evitar visitar; mas não podemos no entanto tratar convenientemente esta questão sem falar desses mistérios. Por mais superficialmente que o façamos, pedimos que nos perdoem em favor do nosso desejo de iniciar o estudante em muito grandes estudos, que encontrará mais ou menos nos nossos outros obras e especialmente nas de Emmanuel Swedenborg.

Afirmamos aqui que não existe e não pode existir um corpúsculo, por pequeno que seja, na criação, que não seja imortal. O mesmo acontece com todas as ações da sua existência terrestre. O que o prova é a perceção que dele fazem os videntes em si mesmos, pelo socorro da sua memória. Sim, é possível, em certas circunstâncias de lucidez, a um sonâmbulo, dizer-vos o que fizestes e dissestes tal dia e a tal hora, pode dizer-vos a que propósito dissestes ou fizestes essas coisas.

Pode, da mesma maneira, dar-vos o sinalético muito exato do vosso corpo e das roupas que o cobriam então. Não acrediteis que ele não possa fazer essas coisas senão porque estais em rapport com ele, e que as vê no vosso pensamento. O que ele pode em relação a vós, pode-o em relação à primeira pessoa que tiverdes a fantasia de lhe nomear assim como em relação a toda a existência passada da qual não tereis nenhum conhecimento presentemente.

Repetimo-lo, o vidente é semelhante a uma onda calma que agita a menor pedra que se lança no seu seio fazendo-lhe perder o belo espelhamento que tinha antes dessa agitação. Vede quanta paciência, observação e precaução é necessário ao homem que procura conhecer e demonstrar proposições tão delicadas como aquelas que tratamos neste dia, para estar ao abrigo de toda a suspeita. Não queremos assustar sobre as dificuldades que oferece este estudo, visto que à primeira obtenção de um dos factos citados, se será encorajado a continuar:

Mas aconselhamos a ser prudente, se se quiser tratar desta questão com os incrédulos, pois talvez não se seja sempre o vencedor. 6° Reconhecemos ainda que os consultantes pediam muito frequentemente com uma espécie de indiferença o seu pai ou os seus parentes, quando teriam tanto desejado pedir um amigo pelo qual tinham uma mais terna afeção, e ao qual pensavam nesse momento. O vidente via então esse amigo ao qual pensavam essas pessoas, e não via o parente pedido, isso provém de que nos basta pensar ardentemente um instante num falecido, tendo a ideia de conversar com ele, para que ele esteja instantaneamente junto de nós, e converse com a vossa alma à revelia do nosso corpo.

Temos todos, nesta circunstância, a mesma faculdade que os videntes, a única diferença que existe entre eles e nós é que não temos nenhum conhecimento dessa comunicação. Este facto não é mais para pôr em dúvida do que fazer questionar uma pessoa terrestre à distância por um

vidente, pessoa que, pelo socorro da sua alma, se entreterá muito bem com o vidente. Este último obterá dela informações exatas que lhe será fácil conhecer mais tarde. Verificámos esta faculdade dos videntes, podeis verificá-la como nós, fazendo-lhes questionar à sua revelia uma pessoa afastada de vós e tomando nota da hora, aprendereis que talvez a essa hora essa pessoa pronunciava um discurso ou cantava um pedaço de música sem ter sido distraída em nada das suas ocupações presentes: o vidente não experimentará mais dificuldade. Pelo facto desta simples experiência, concedereis bem a mesma faculdade à alma dos falecidos, especialmente se já fostes convencido da prontidão com a qual elas vêm falar aos videntes.

Concluireis, pois, que a possibilidade das experiências citadas faz admitir a que vos propomos, que é que podeis, como os videntes, entreter-vos intimamente pelo pensamento com os falecidos. A indiferença que acabámos de assinalar neste género de evocação pode, pois, como fizemos entrever, engendrar uma nova fonte de erros para o vidente. Os erros dos quais acabámos de falar foram apreendidos de imediato pelos nossos antagonistas, para apoiar o seu argumento da comunicação do pensamento para o qual parecem querer conduzir; mas, infelizmente para esses sábios, encontraram na nossa pessoa um homem que tinha estudado esse argumento sem aí encontrar nada de admissível, também lhes propusemos este contra-argumento.

Se o vidente vê apenas a imagem da pessoa falecida impressa na memória do consultante, não pode ver senão o que este último viu ele mesmo. Como poderia ver então o estado presente desse espírito que o consultante não viu vinte ou trinta anos antes do seu falecimento e dar ao consultante detalhes, tanto sobre o sinalético como sobre os atos desse ser, atos posteriores bem entendido àqueles que conheceu. Se os detalhes do vidente são reconhecidos exatos, por via de informações, ainda se terá o direito de dizer que esta aparição é uma comunicação de pensamento entre o consultante e o vidente?

Não, restará provado que a alma do falecido pedido está bem diante do vidente, apresentando-se-lhe em condições para ser reconhecida, condições que estão na corpulência, no físico, nos vestuários e mesmo nas deformidades que o corpo podia ter estando na terra. Experimentámos a este respeito de cem maneiras diferentes, e em todas essas experiências obtivemos uma satisfação que obtereis, estamos certos disso.

Que conhecêssemos ou não esses falecidos; que os consultantes estivessem no mesmo caso, ou que tivéssemos feito essas aparições por correspondência sobre o simples nome do falecido para conta de pessoas que nos eram totalmente desconhecidas, fizemos sempre a mesma operação, e obtivemos o mesmo sucesso. Neste último caso, tomamos mesmo a precaução de não remeter a carta entre as mãos do vidente, a fim

de que não pudesse ligar nenhum rapport com a pessoa que a escreveu. Pelo que nos concerne, não temos mais argumentos a colocar contra a questão que tratamos neste momento, estamos convencidos de que ela é exata, só nos ocupamos da conhecimento das suas leis e dos seus erros. 7° Devemos dizer igualmente que existem aparições múltiplas, aconteceu que ao pedir Jacques Duchesne, por exemplo, o vidente via cinco ou seis membros dessa família antes de ver o pedido.

Esses membros apareciam ao mesmo tempo, ou sucediam-se, de avô ao bisavô, ao pai, ao filho. Cada um deles queria responder ao nome pedido, dizendo que sendo da família, era seguramente aquele que não vinha. Este grupo de espíritos, que nem sempre se reconhecia ao primeiro olhar, lançava a perturbação e a indecisão neste estudo e fazia duvidar que o vidente estivesse em bom estado de lucidez.

Longe de repudiar esta aparição múltipla, encorajávamos pelo contrário o consultante a meditar sobre ela e a procurar nas suas recordações ou nas da sua família se as particularidades descritas pelo vidente não seriam aplicáveis a alguns membros falecidos dessa família. As informações tomadas fizeram muitas vezes reconhecer a exatidão da visão, este facto convenceu-nos ainda mais de que o argumento em favor da comunicação do pensamento era falso. Não é raro também, ao pedir um falecido, que seja um amigo desse falecido que se apresenta o primeiro ao vidente, isso aconteceu-nos algumas vezes. Sem a perseverança que ponhamos em nos fazer dar um sinalético muito detalhado desse amigo, nunca teríamos podido pensar que o vidente via justo.

O consultante acabava por reconhecer esse amigo, que nem sempre queria dizer o seu nome, não sabemos porquê. Dir-se-ia que este género de entraves trazido a este estudo é pelo contrário uma combinação da providência que quer desviar as nossas suspeitas e dar-nos uma afirmação mais poderosa sobre a existência da vida futura (1).

Condições nas quais as evocações têm mais chances de sucesso. Como já dissemos, a primeira das condições a observar nestas sortes de sessões é trazer-lhes o respeito e a benevolência que se tinha para com o ser falecido quando estava entre nós, se não se é obrigado a acreditar na possibilidade desta aparição, é-se obrigado a duvidar pelo menos lealmente, e a desejar vê-la suceder em vez de a ver falhar... Se não se é obrigado a observar nenhum ato religioso, é sempre preferível colocar (1) Ver os Arcanes da vida futura desvendados, e a enciclopédia magnética.

a sua esperança em Deus, e de o rogar que permita a esta alma, mais ou menos aproximada dele, vir junto de nós, trazer-nos a prova irrecusável da sua existência e dar-nos conhecimento da extensão mais ou menos grande da sua felicidade. Nunca adormecemos os nossos videntes para tentar uma tal experiência sem endereçar a Deus, mentalmente, esta curta oração. «Dignai-vos, ó meu Deus! derramar um raio da vossa divina luz sobre este

vidente que lhe permita ver e conversar com a alma de P... M... Se encontrardes esta comunicação útil ao nosso felicidade, e se nos encontrardes digno de a obter. » Endereço-me em seguida assim mentalmente ao espírito evocado. « P... M... nosso irmão no Eterno, peço-vos que apareçais a este vidente em todas as condições necessárias para ser reconhecido, e de responder ao que encontrardes conveniente nas nossas questões, para a consolação da pessoa que vos roga vir junto de nós. »

Ignoramos se os magnetizadores que, desde a leitura dos Arcanes, fazem semelhantes evocações, recorrem a este género de oração mental. Ignoramos mesmo se ela é útil? Mas o que não ignoramos é que nos parece doce fazê-la, e que reforça a nossa fé. Conduta a manter nas aparições. Quando o vidente acusa ver o falecido, endereçamos-lhe estas três questões:

1° Qual é a idade aproximadamente dessa pessoa?

2° De que cor são os seus cabelos?

3° De que tamanho vos parece ser? Se as três respostas feitas pelo vidente são exatas, segundo a afirmação ou a negação do consultante, despedimos o espírito aparecido, ou continuamos rogando ao vidente que complete os detalhes do sinalético. Não endereçamos durante esse tempo nenhuma questão ao consultante, rogamo-lo mesmo de não nos endereçar igualmente nenhuma. Se os detalhes dados pelo vidente são reconhecidos exatos, endereçamos então ao falecido as questões que apraz ao consultante submeter-lhe.

É neste momento que temos necessidade de ser humildes, crentes e francos; pois segundo o sentido capcioso ou duvidoso das questões, encontram-se ser as respostas que lhes serão feitas. Se o consultante endereça ao falecido questões das quais conhece de antemão as respostas, como estas: Estáveis casado? A que idade morrestes? Tinheis filhos? Quantos? todas questões feitas com o fim de surpreender a memória do falecido em defeito, ou de negar a lucidez do sonâmbulo, pode estar certo de que as respostas serão tais como as prepara visto que erros se infiltrarão em profusão.

Dir-se-ia que uma potência superior, que conhece o tolo argumento da comunicação de pensamentos, se compraz em anulá-lo por esses erros que não deveriam existir se esta comunicação tivesse realmente lugar. Encontramo-nos punidos neste caso por onde pecamos. Se, pelo contrário, se deixa o vidente livre de dizer tudo o que vê, e de conversar ao seu gosto com o falecido, obtém-se esclarecimentos e confidências bem superiores muitas vezes ao que teriam produzido as questões duvidosas postas pela desconfiança. É, pois, útil não semear o erro, pois ele cresce depressa no campo do desconhecido.

Não é menos útil não ser indiscreto, pois encontra-se uma reserva muito severa. Nunca questioneis um falecido sobre ciências ou estudos dos quais não tinha afeção na terra, pois poderia acontecer que não soubesse o que vos responder. Não lhe peçais socorro para encontrar um tesouro, ganhar um processo, suceder em tal ou tal empresa mais ou menos leal, pois ele está como vós submetido a leis que não lhe é dado afrontar.

Sede probo e humilde nas vossas questões; que o interesse material não vos domine; como talvez vos tenha ajudado a sepultar com prazer esse falecido; pois estais diante de um ser que já não precisa das riquezas nem das honras da terra, e que as esqueceu o suficiente para já não poder compreender como podeis amar coisas tão passageiras.

Ele conhece o vosso fim mais ou menos próximo, considera o que tendes ainda a ficar na terra como algumas horas, e lança um olhar furtivo sobre vós como uma terna mãe o faz sobre o berço do seu filho adormecido para ver se ele não abre os olhos à luz. Segundo o que pudemos conhecer da existência espiritual, concluímos que não há nada de sobrenatural nessa existência, ela não é senão uma continuação da terrestre, o que afeiçoamos na terra continuamos a afeiçoá-lo no mundo espiritual até inteira satisfação, e saciedade diremos!

Quantas vezes somos separados no nosso globo de um parente ou de um amigo de infância durante longos anos sem pensar nisso. Quantas vezes dizemos a nós mesmos: Se não pudesse mais ver tal pessoa que ficaria feliz! o que não se pode fazer neste género no estado material pode muito bem fazer-se no estado espiritual; pois este estado não sendo senão uma contínua fonte de satisfações, é indubitável que não se desejará o contacto de pessoas que não se afeiçoa. O estado espiritual não é, pois, preferível ao estado material senão na medida em que não nos submete às necessidades, aos usos e às mil e uma macacadas que a alma livre despreza, e que é muitas vezes constrangida a aceitar para viver em paz com aqueles de quem é a afeção.

Como a nossa intenção não é fazer um curso detalhado sobre a existência futura, remetemos de novo, para melhor conhecer esta questão, às obras de Emmanuel Swedenborg, assim como àquelas que publicámos tratando especialmente dessa existência; consequentemente, não ensinamos senão as noções indispensáveis a conhecer para guiar nas experiências que propomos. Que não se acredite igualmente que o vidente poderá conversar segundo os nossos votos com tal ou tal falecido, fá-lo-á mais ou menos facilmente segundo as sensações que experimentar ao seu contacto.

Poderá acontecer que as suas esferas não se unam, consequentemente resultará uma gênese recíproca no seu diálogo. O falecido pode do outro lado não ser comunicativo, estar mais ou menos persuadido do que diz, e estar avançado mais ou menos no seu estado presente, o que o torna menos compreensível, e causa erros de apreciação muito numerosos. É a

este respeito que rogamos não perder de vista o que já dissemos sobre a maneira de conversar dos espíritos entre si, e fazer a parte das dificuldades que oferece. O falecido conserva a memória da sua existência terrestre; mas pode acontecer que não goste mais de a vasculhar do que nós gostaríamos de o fazer em igual caso, se nos fosse preciso, para satisfazer à curiosidade de um importuno, rememorar alguma particularidade da nossa existência que nos impressionaria desagradavelmente, e especialmente se estivéssemos nesse momento num brilhante espetáculo, num harmonioso concerto, ou entregues a um estudo profundo, não teríamos pressa senão de deixar aquele que viria assim perturbar-nos, para nos perguntar se não habitámos há vinte anos uma quarto tal rua, com rogo de lhe dizer de que cor era o papel que a forrava, etc.?

O estado espiritual sendo um estado todo de paz e de alegria, as respostas que os espíritos fazem aos videntes neste género são aquelas que faríamos nós mesmos. Se estivéssemos nesse estado, responderíamos: Lembro-me eu dessas futilidades? sei eu o que me perguntais? de quem ou de quê vindes falar-me? etc. Apresentamos estas observações porque as observações deste género são indispensáveis nos estudos de que tratamos. Se não se as conhecesse, poder-se-ia em primeiro lugar não admitir a possibilidade de tais respostas, na medida em que se crê geralmente que o homem tornado ao estado de espírito deve interessar-se por nós. Assim, que se saiba e que não se espere deles respostas satisfatórias ao seu gosto, pois o saber do espírito questionado pode ser muito restrito, como pode não ter afeiçoado; ou não afeiçoar mais agora as coisas de que se lhe fala.

Os erros dos quais falámos tratando do sonambulismo apresentam-se tais quais nas evocações, tanto em má lucidez como em produções de imagens enganosas, influência malévola; credulidade: artimanhas, alucinações causadas por espíritos tenebrosos, tudo isso se reproduz nas evocações. Não podemos terminar este estudo sem dizer algumas palavras sobre o estado extático. Êxtase. O êxtase produzido pelo sonambulismo é um estado superior a todos os que desenvolve o poderoso agente magnético. Tem fases tão diferentes como numerosas, o que o caracteriza em geral; é uma excitação demasiada da inteligência, e uma submissão incrível da matéria.

Não procuraremos descrever com detalhes todos os aspetos sob os quais se apresenta, não saberíamos fazê-lo e, soubéssemo-lo, que não o poderíamos no quadro estreito destes estudos, assim como pelo socorro da palavra, visto que a nossa está privada de toda a riqueza de estilo que exige um tal sujeito. O extático ele mesmo não pode exprimir o que ressente, nem descrever o que vê. É transportado por uma nota de música num céu de beatitudes inefáveis e indescritíveis, céu que é ao mesmo tempo a fonte do aroma das flores, da vibração dos sons, da harmonia das cores, do nascimento, da luz e da vida eterna de uma primavera sem começo nem fim.

O músico aí goza do doce acordo do canto dos anjos.
O poeta do saber das musas.
O astrónomo da harmonia dos mundos.
O físico das leis que presidem às manifestações terrestres.
O matemático, da feliz combinação dos números, na sua relação do todo com a parte.
O mecânico, da perfeição das esferas e dos quadrados.
O químico, do imenso poder das moléculas etéreas.
O humilde artesão, dos ricos produtos da sua arte.

O sábio religioso, das bondades infinitas do Eterno: assim vemos, no estado de êxtase, uma pobre camponesa, que em música conhece apenas o ar do luar, cantando-o mesmo muito mal, passear os seus dedos inábeis neste género de exercício sobre um piano, cativando o nosso ouvido com notas e um canto tão harmoniosos quanto executados com gosto e justeza. Vem a criança da oficina, que nunca soube em harmonia senão endireitar uma prancha com a ajuda do seu plaina, ou uma barra de ferro com a ajuda do seu martelo, que nos fará versos que não pode repudiar a mais estrita exigência.

Assim é com o físico cujas proposições não poderão ser recusadas pela nossa falsa lógica. Mecânicos, químicos, matemáticos, estando na mesma ignorância no seu estado normal, tornam-se muito superiores estando em êxtase. O conhecimento que adquirem neste estado parece ser devido ao ardente desejo que têm no seu estado de vigília de conhecer o que ignoram.

Pode também acontecer que seja uma troca, uma comunicação do saber do magnetizador, com o qual o extático está tão identificado em certos momentos que não fazem ou parecem não fazer senão uma só alma, não experimentar senão uma só afeição. O que é mais surpreendente é que pode acontecer que o extático e o magnetizador não tenham nenhuma afeição pelo género de estudo que o primeiro conhece como de improviso, ou como por um efeito de possessão espiritual, que faria crer que se tem diante de si um Vaucanson, um Malebranche, um Newton ou outro.

Devemos ver neste facto outra coisa que uma sobre-excitação de uma inteligência que nunca nos deu lugar a pensar que poderia ser o que é neste momento; devemos ver, pelo contrário, neste facto, a infinita sabedoria da criação, que nos esconde o mecanismo em que mal poderíamos explicar o maravilhoso destes fenómenos, deles deduziríamos conclusões que os classificariam nas manifestações ordinárias que nos surpreendem à sua aparição, nos encantam todo o tempo que satisfazem às nossas necessidades, e que desprezamos quando estamos saturados delas...

Sim, a causa a que devemos o ser quis guardar sabiamente no seu santuário sagrado este arcano, que nos prova para sempre que somos os pacientes e ela o agente.

Quanto ao extático religioso, é o último degrau desta escada infinita cujos pés mergulham na lama do nosso globo e cujo cume toca os céus. O extático religioso está numa humilde e nobre contemplação dos domínios do desconhecido, liberto dos laços do estado terrestre, inclina-se perante o que vê, conversa com seres que chama anjos, presta ouvido atento ao coro sagrado dos arcanjos, abre a sua alma a todas as beatitudes celestes, como a todas as dores terrestres.

Reza a Deus pelo seu mais cruel inimigo, como pelo seu amigo mais íntimo. Sofrendo ele mesmo, pede para suportar as dores morais dos seus irmãos e para se carregar das suas feridas incuráveis. A sua vida, o seu sangue, a sua carne já não lhe pertencem, ama tudo o que respira aqui, lá em baixo, lá em cima, e no desconhecido. Divide-se em inumeráveis frações de amor, e cessaria de ser ele, desde que os seus irmãos fossem felizes. As suas exortações são tão doces quanto fraternais, o seu olhar é tão cheio de amor quanto de calma, os seus gestos são tão suplicantes quanto livres. Enfim, o extático é toda uma criação demasiado desconhecida dos homens.

O corpo do extático pode estar na imobilidade mais absoluta, como executar uma ginástica inadmissível pelas leis da anatomia e da física. O extático pode ser elevado a alguns metros do solo; como pode aderir a ele com uma força desconhecida.

Pode ser estigmatizado, e invulnerável a todos os agentes de destruição. Pode cair morto instantaneamente ou tornar-se louco sob uma impressão funesta. Pode curar ou suavizar os males dos doentes que toca e operar prodígios médicos incríveis. A sua vida pode ser, em relação ao seu magnetizador, semelhante a um fio de aranha que quebra a passagem de um inseto, como pode ele mesmo quebrar todos os mecanismos da imaginação e do poder desse magnetizador. Pode tornar-se invisível como obter aportes de objetos materiais, através da ponderabilidade da matéria sem que esta última pareça ser alterada.

O extático pode tantas coisas neste estado que é mais razoável aconselhar a estudá-lo, do que procurar explicar estes factos incríveis, explicação que nos faria perder no espírito do leitor a benevolente confiança que pode colocar na nossa palavra. Como estas coisas não são do domínio da vontade humana, podem portanto, em todos os tempos, ser recusadas por falta de se manifestarem a todo o desejo, podem apresentar-se igualmente acidentalmente, e de improviso, não se pode sempre chamar a si testemunhas para as constatar. Cada magnetizador que obteve de semelhantes, encontra-se convencido da sua realidade, e cessa de pertencer à escola dos argumentadores que frequentava na véspera, mas é apenas um convencido em milhões, e o seu testemunho é tão fraco, que lhe

faz entregar de imediato um brevet de louco! Fazei o que aconselhamos, observai sem prevenção nenhuma, e pouco vos importa se os vossos irmãos vos tratam de louco, não vos queixareis senão mais da sua ignorância.

O êxtase é um estado acidental, repetimo-lo, mas no entanto pode ser provocado por uma vontade firme de o obter, assim como por uma sobrecarga, diremos, do fluido magnético sobre toda a extensão do cérebro, obtivemo-lo muitas vezes pousando uma mão plana sobre o cimo da cabeça do sujeito em estado de sonambulismo, e a outra mão com a palma apoiada sobre o cerebelo, ou a fossa do pescoço (como dizemos vulgarmente), as mãos pousadas de modo que as pontas dos dedos estejam perto de se tocarem.

Obtivemo-lo igualmente, os dedos da mão direita reunidos em ponta, e ajustados a cerca de três centímetros do cimo da cabeça, durante dez minutos.

Assim é com a região do coração, e com a do oco do estômago, pousar os dedos das mãos reunidos sobre estes órgãos.

Um meio menos mecânico e pelo menos tão assegurado, é o da doce quietude da alma do magnetizador, que por uma conversa apropriada ao fim que se propõe, dispõe o seu sujeito a entrar neste estado. A menor exaltação dos pensamentos do magnetizador repercutir-se-á ao quádruplo sobre os do vidente; e eletrificá-los-á (ousaremos dizer) a um tal ponto que atingirão os graus mais superiores.

Empregámos igualmente o poder da música, e o dos estimulantes narcóticos; mas não aconselhamos estes últimos meios, que exigem um grande conhecimento dos poderes destes adjuvantes, dos das forças dos sujeitos e dos vossos, depois sobretudo, dos distúrbios que podem decorrer deles. Nunca é bom deixar sujeitos demasiado sensíveis, demasiado tempo neste estado, sobretudo no êxtase religioso, pois poder-se-ia estar exposto a não poder fazer regressar facilmente esta alma livre aos laços do corpo, que ela despreza soberanamente.

Dez minutos nunca devem ser excedidos sem se expor a graves acidentes, dos quais o não menos a recear para o vidente seria a morte, mas muito a temer para nós. Aconselhamos pois a nunca perder de vista o seu sujeito neste estado, e a ser muito severo para com ele para o fazer regressar ao normal que é (em relação àquele em que se encontra, neste momento) o estado sonambúlico.

Acontece muitas vezes ao extático pedir-vos para o deixar assim à sua vontade, nunca acedais a este pedido, sem concordardes com ele o lapso de tempo que lhe concedais para dele gozar, e de o fazer comprometer-se na presença de Deus, que não excederá as convenções passadas entre vós e ele. Se vos aperceberdes que não pode regressar facilmente de um estado

para o outro à hora convencionada, ajudai-o a fazê-lo, descarregando-lhe a cabeça por alguns passes transversais, e soprando-lhe uma ou duas vezes na testa. Repetimo-lo, que se seja tão severo quanto vigilante a vigiar este estado.

Gostaríamos de poder completar este ensino dizendo por que sinal se reconhece o estado de êxtase; mas aparece sob tantas nuances diferentes, que é muito difícil deter-se mais numa expressão de fisionomia, do que noutra: pois a fisionomia pode ser muito animada, como muito imóvel... muito colorida, como muito pálida, muito graciosa, como muito insignificante, os olhos podem estar muito abertos, muito fixos, como vítreos.

O extático pode falar, cantar, gesticular como pode estar completamente mudo, e numa imobilidade assustadora. Este estado pode ser acidental, como anunciado ou provocado. Viemos de dizer o suficiente nestas poucas observações para dar uma ideia geral que ajudará a conhecer que o vidente não está no seu estado normal.

A menor questão que lhe for endereçada a este respeito, esclarecerá instantaneamente, ele saberá bem dizer em que estado está ou indicá-lo pelo seu silêncio. No primeiro caso, pedirá para o deixar tranquilo um instante, e no segundo, ensinará a chamá-lo ao seu estado normal.

Este chamamento faz-se, como dissemos, descarregando-lhe o cérebro, como se o acordássemos, encontrar-se-á então perante um fenómeno que subjugará a observação ao comandar ao estudante muita humildade, para com estes estudos, que fugimos demasiado com uma imperdoável incúria.

Para resumir todas as questões que mais aflorámos do que tratámos a fundo, diremos que o nosso desejo foi demonstrar que, à semelhança de todos os corpos animados, e ditos inanimados, o homem possui a faculdade de uma emissão corpuscular ou vibratória, chamada geralmente magnética pelos magnetizadores, e fluídica pelos seres dotados da propriedade de apreciar esta emissão. Os corpúsculos dos quais é composta são dependentes e independentes do ser que os emite:

1° São dependentes na ação de magnetizar quando o corpo ao qual pertencem os deposita onde acha conveniente fazê-lo, animando-os do seu pensamento e forçando-os, diremos, a obedecer à sua vontade.

2° São independentes na emissão permanente que fazem sem exceção todos os corpos. É esta emissão corpuscular, que segue o cão e todos os animais que sabem reencontrar o rasto do seu dono ou do seu ninho. Como dissemos no nosso primeiro estudo, não se pode duvidar desta verdade.

O que se convencionou chamar o magnetismo astral ou animal não são senão uma tal emissão de corpúsculos invisíveis ao nosso olho material. Aquele que, entre nós, pudesse duvidar disso, seria obrigado a reportar

estes factos às vibrações das quais falámos, ou a uma faculdade de comunicação da qual mal podemos fazer uma ideia justa no nosso estado presente. É por isso que continuamos a reportar estes factos à emissão de um fluido qualquer, definição a mais recebida nos nossos dias. Se confundimos este fluido com as vibrações, é porque reconhecemos que os dois podem existir e completar-se um ao outro.

Deve resultar da emissão deste fluido corpuscular, que os seres em boa saúde, e plenos de vida não podem emanar de si senão corpúsculos tão sãos, e tão ativos quanto eles mesmos o são. Concluiremos pois que se o homem por exemplo deposita estes corpúsculos num ser que está num estado diferente do seu, num estado doentio, por exemplo: é indubitável que os corpúsculos, plenos de vigor que este doente receberá do seu semelhante, lhe comunicarão o vigor de que estão providos eles mesmos.

Decorrerá irresistivelmente daí uma mudança vantajosa para ele, no estado da sua saúde. É de presumir que este doente pode esperar destes corpúsculos o que espera dos desagregados de uma planta infundida, que chama tisana.

Se admitimos que uma descarga elétrica, que uma corrente galvânica, que a tempestade, a lua, a mudança de temperatura, certos meios, certas ideias influem no nosso estado normal, sem premeditação nenhuma bem entendido, pode-se bem admitir que com premeditação a poderosa vontade do homem possa dirigir as suas próprias emanações corpusculares, em tal lugar que lhe apraza fazê-lo a fim de atingir o fim que se propõe.

Se, como vimos, estes corpúsculos têm o poder de estimular a vida material, e de adicionar óleo à lâmpada (permiti-nos esta expressão), devemos logicamente admitir, que quem se sente melhor pensa melhor, por conseguinte que a inteligência recebe igualmente algo disso.

Estudámos os diferentes estados pelos quais passa o corpo e a alma humana, sob a ação magnética, dos quais o não menos curioso é o chamado sonambúlico. Atribuímos grandes faculdades a este estado, faculdades que apresentámos a título de proposições e que rogamos ardentemente estudar.

Os factos que citámos sendo irrecusáveis, não vemos por que recusaríamos aos sonâmbulos magnéticos as faculdades que a ciência oficial concede sem restrição nenhuma, aos sonâmbulos naturais. A partir do momento em que a ciência oficial reconhece no homem tais faculdades, já não se trata de discutir a sua possibilidade de ser, nem de as conceder apenas àqueles que as possuem naturalmente. O que existe ali, pode existir acolá, o que existe naturalmente, pode existir artificialmente.

Abordámos outras estudos que não apresentam, sabemos, à nossa exigente razão, os mesmos graus de certeza, as mesmas provas materiais, mas também pensamos ter suprido esta falta de provas palpáveis por deduções

irrecusáveis. O que nos conduziu a estas deduções, é que se o vidente pode ver no seu estado, lugares, seres e ações, seja no passado, no presente, ou no futuro, como não deduziríamos nós que se o que já não está presente aos nossos olhos, seja pelo efeito das distâncias, ou de uma aparência de destruição, está presente aos olhos deste vidente que é que estes lugares, estes seres, ou estes objetos existem.

Como não teríamos deduzido, que para ver, ouvir, palpar, e apreciar assim o que já não é para nós, é preciso que uma segunda maneira de ser exista para o vidente ou para as coisas de que nos entretém, a dedução não nos pode ser contestada neste caso, por conseguinte entrámos de pleno direito no templo do desconhecido, que trouxemos dele?

Muitas proposições que são todas mais consoladoras umas que as outras, em que todas nos asseguram uma imortalidade e eternidades de existência, das quais a menos longa e a mais penosa é sem dúvida a que sofremos na terra, trouxemos uma imensidade de estudos tão novos, quanto interessantes, tão dignos do nosso julgamento quanto da nossa veneração.

Aprendemos enfim a erguer a nossa fronte para os céus a nossa pátria saudosa, na qual deixámos os conhecimentos de Deus, da virtude, da fraternidade, e sobretudo da nossa liberdade. Comprometemo-nos, pois, a tentar obter, pelos meios que ensinámos, os estados de que nos entretemos. Que não se ponha neste estudo nem entusiasmo, nem incredulidade, que a verdadeira razão, como a verdadeira verdade nos conduzam e que o eterno nos ilumine.

Saibamos verter pensamentos puros no vaso onde desejamos que frutifiquem, não nos afastemos nunca da humildade, do pudor, nem da fraternidade, pois tal como formos, tais serão os nossos videntes.

Sejamos estudiosos, pacientes e perseverantes, a nossa colheita será digna dos nossos votos.

Gostaríamos de deixar o leitor sobre esta frase; mas sentimo-nos ainda impelido a recomendar a desconfiança para com os falsos videntes, que se tema sobretudo encontrar; estes antídotos do saber, da virtude e da verdade que, em vista de uma óbolo (moeda grega) de um reflexo de glória, ou de paixões sórdidas, fecham os olhos para combinarem mais seguramente as suas patifarias, e não corarem da sua execução. Tenhamos os olhos abertos sobre as coquetes, a observação tensa sobre os pretensos profetas, e o coração em alerta sobre os idiotas; pois estes seres são outras tantas espinhas que não dilaceram apenas as carnes, mas que envenenam a nossa razão e nos deixam em cena sob assobios merecidos.

O homem é uma criatura divina, isso pode ser; mas mal restou divino, estudemos

SABIAMENTE É A NOSSA ÚLTIMA PALAVRA.

Devemos ter parecido longo, detalhado, complicado e enfadonho mesmo; como poder tratar de tantas questões tão pouco conhecidas e de todos os detalhes necessários à sua demonstração; em poucas palavras. Se tivéssemos crido o leitor bastante avançado em física e em metafísica para nos dispensar destes detalhes, ter-nos-íamos contentado em dizer-lhe que os factos do magnetismo provavam a priori, a bela opinião de Buffon que citámos sobre a natureza da alma e da matéria, por conseguinte, teríamos mesmo podido resumir os fenómenos da visão nestas poucas palavras.

O Universo não é composto senão de pensamentos pensando e agindo, pensamentos formando todos os corpos e gerando todo o movimento, compondo o espírito e a matéria. O homem não é senão uma fraca fração destes pensamentos, podendo comunicar com todas as frações do universo pelos seus rapports contíguos com elas, como isso tem lugar em telegrafia elétrica; mas virar-nos-iam as costas, sorrindo do nosso laconismo, preferimos ser mais detalhados para sermos melhor compreendidos.

CAPÍTULO VII

DOENÇAS, REMÉDIOS, A SUA COMPOSIÇÃO E A SUA APLICAÇÃO

Este capítulo pode passar por ser a obra quase inteiramente da nossa mais forte lúcida chamada Adèle Maginot, mas cujos verdadeiros nomes, como dissemos, são Théodule Maginot, nascida em Vitry-le-François (Marne), em 1811, demos a sua Biografia no tratamento das doenças, obra esgotada, mas que esta substitui e completa por fortes adições de remédios, assim como por detalhes que, ousamos esperá-lo, serão tidos em consideração.

Eis trinta e cinco anos que Adèle (conservemos-lhe este nome) faz tais estudos com a mesma lucidez, sem que haja alteração de luz nela. Não podemos fazer melhor do que citar aqui o resultado geral das suas prescrições em todas as doenças que se seguem por remédios que obtiveram um sucesso quase permanente, diremos. Que o leitor tenha pois confiança no que vai ler.

Escrevemos esta obra para aqueles que têm pouca ou nenhuma instrução sobre as questões que trata, questões que cremos serem úteis à saúde pública. Pensámos sobretudo naqueles que, longe das cidades, habitando as aldeias e os lugarejos, não têm médicos ao seu alcance, e naqueles que, por um julgamento desfavorável proferido sobre a sua ciência oficial, não querem chamá-la em seu socorro.

Pensámos ainda que os dois tratamentos pelo magnetismo e os remédios ensinados pelos sonâmbulos, sendo fundidos, instruiriam tanto o ignorante

como o homem de estudo, e que seriam em todos os casos um saber proveitoso para todos aqueles que buscam instruir-se.

Vamos abordar, com esta intenção, a aplicação dos remédios às doenças mais comuns, remédios totalmente extraídos do emprego das plantas mais usuais, plantas que a medicina oficial nos nossos dias despreza demasiado! Tendo abandonado, quase totalmente, o reino vegetal, para buscar no mineral aquilo que aí não encontra, prefere brincar inconsideradamente com forças perigosas! Quantas deceções! Quantos infortúnios se seguem?

Assim, desde esta viravolta feita à virtude das plantas, tem sido o triunfo dos remédios ditos de velhas! Assustado com o insucesso das medicações oficiais, lançou-se de novo para a antiga maneira de tratar as doenças, e viu-se quanto se tinha feito caminho falso ao conceder virtudes imaginárias ou pelo menos mal aplicadas, aos metais como aos minerais de que se serve hoje, não nos erigimos em acusadores contra este género de tratamento, receamo-lo porque o sabemos demasiado heroico para certas naturezas e muito perturbador para outras. Ainda não se está suficientemente instruído sobre o seu valor para os empregar geralmente. Não temos nada de semelhante a recear daqueles que se seguem!

Dores de cabeça.

As dores de cabeça decorrem de causas diferentes; mas geralmente relacionando-se com o sistema nervoso ou com a circulação sanguínea.

As vias urinárias, os intestinos funcionando mal, o estômago febril, o pulmão congestionado, reagem muitas vezes sobre a cabeça, por enxaquecas, nevralgias, lancinações dolorosas, zumbidos de ouvidos, ofuscamentos, etc. Hipócrates, o pai da medicina, deixou, diz-se, por herança à ciência, três recomendações especiais, não de tratar mas de conservar a saúde. Estas três recomendações resumem-se nestas palavras:

«Conservai a vossa CABEÇA FRESCA, o vosso VENTRE LIVRE, e os vossos pés quentes.» Se os nossos pais tivessem seguido este conselho, não teríamos herdado cerca de quinze mil espécies de doenças, que desesperam e desesperarão para sempre a ciência médica. Já não é tempo de lamentar ou discutir; o mal está aí que triunfa, o doente que sofre e o prático que desespera: queiramos pois ao menos não nos assustarmos, e reunirmos todos os nossos pensamentos, para lhes pedir assistência nos casos acima citados e seguintes.

Nas dores de cabeça ocasionadas pelo sangue: recorrer aos banhos de pés simples, ou compostos por adição de uma mão-cheia de sal de cozinha, ou de uma onça de farinha de mostarda, ou de uma boa mão-cheia de cinzas fervidas. Tomá-los em jejum.

Duas sanguessugas, na ocasião, ao nascimento das barrigas das pernas, ou melhor ao ânus, são um bom socorro... Beber de uma infusão de vulnerária,

ou de uma muito pequena pitada de arnica... ou uma colher de sopa de água de flor de laranjeira morna e adoçada, pois os intestinos, o estômago ou a própria cabeça podem conter gases chamados ventos que impedem a circulação... Começar em todos os casos pelas infusões interiormente, depois recorrer aos banhos de pés, e às compressas sobre a cabeça: que sejam à água sedativa cortada de metade de água quente; ou de uma infusão de arnica; ou de hera terrestre...

Experimentar uma aplicação de folhas frescas de bardana; ou de couve de Milão; ou de videira, cujas nervuras (as costelas), devem ser esmagadas previamente. Nas dores de cabeça chamadas nevralgias, beber de uma infusão de flor de laranjeira, ou de folhas de melissa; ou de menta; ou de flor de lavanda; ou de pequena sálvia ou de alecrim.

Pôr sobre a cabeça compressas de verbena fresca ou seca pilada por meio de uma clara de ovo e de uma colher de água sedativa.

Untar a testa e as têmporas, mesmo atrás das orelhas, com óleo de hipericão; ou de camomila (não canforada) ou de flor de cânhamo; ou de folhas de loureiro amêndoa. Estes óleos fazem-se expondo ao sol ou sobre um fogo brando uma garrafa de óleo ordinário na qual se põe uma mão-cheia das flores ou das plantas de que se deseja extrair as virtudes e os aromas; filtram-se e guardam-se para se servir deles na necessidade. Todos os óleos medicinais podem fazer-se da mesma maneira.

Uma pitada de café em pó, ou uma inalação apenas de éter sulfúrico ou de fumo de tabaco, aliviam muitas vezes tão bem como remédios mais complicados. Em magnetismo, acalmam-se os nervos pousando as mãos (os dedos elevados), uma sobre a testa a outra atrás da cabeça, depois após alguns minutos, descê-las suavemente até ao oco do estômago, mas levar principalmente o seu pensamento e a sua força magnética sobre aquela que desce ao longo das costas; visto que a espinha dorsal está forrada de nervos que poderiam, pela sua relação com os intestinos, e com os principais pares de nervos descendentes da cabeça, repercutir sobre o cérebro uma parte da sua agitação.

É bastante difícil conhecer a qual do sistema nervoso ou da circulação se deve atribuir certas dores de cabeça; basta por vezes ter respirado vapores de carvão ou de essências ou de aromas agradáveis em aparência, e muito nocivos ao sistema nervoso. Nestes casos, seria preciso empregar loções sobre a testa e as têmporas, de água acidulada de vinagre ou de sumo de limão; ou de algumas gotas de álcool canforado; recorrer ao ar e beber uma chávena de café preto, ou de camomila se o café não acalma.

Temos também as dores de cabeça provenientes de contrariedades; é ao estômago que nos devemos dirigir, tomando uma infusão de tília, ou de sálvia, ou de alecrim, ou mesmo uma simples colher de água de flor de

laranjeira num quarto de copo de água morna adoçada: depois fazer esforços para afastar os pensamentos que seguem estas contrariedades.

Nas dores de cabeça crónicas; tentar apreender a causa, a fim de lhe aplicar os remédios aconselhados, estudar bem o seu efeito, as condições em que foram salutares, e recorrer apenas a eles ou àqueles da sua ordem se os primeiros vierem a não produzir o efeito desejado.

Nas dores de cabeça ocasionadas pela estagnação do sangue neste órgão, fazer passes magnéticas transversais muito vivas diante da testa, depois passes volantes, igualmente vivas, da cabeça aos pés.

Pôr compressas de água magnetizada sobre o cimo da cabeça, e ao pescoço em gravata, reiterá-las de trinta em trinta minutos. Soprar a frio (a quinze centímetros de distância) sobre a testa. Nas condições acima citadas e seguintes, em que se está afastado de uma ervanária e de um médico, pode-se referir então às plantas do jardim ou às dos campos assim como à mão fraterna de um amigo.

É pois, com esta intenção que simplificamos, tanto quanto possível, os remédios e os detalhes secundários. Mas que não se perca de vista as recomendações de Hipócrates, em que a cabeça demasiado coberta, ou numa pesada atmosfera não pode senão aí encontrar perturbação. As funções do estômago e dos intestinos, paralisadas por embaraços locais, não podem igualmente senão produzir semelhantes perturbações; depois estudai que se atraís aos pés o sangue por meio de banhos de pés ou de calor artificial, para dele libertar a cabeça, é que os pés quentes são uma condição indispensável à circulação, e ao calma dos nervos dos quais parecem ser as primeiras e muito complicadas raízes. Não tomar banhos de pés senão com a digestão feita, o mesmo se passa com as sanguessugas que, saindo de comer, perturbariam.

Dores de olhos

As dores de olhos são, o mais comumente, ulcerações da borda das pálpebras, borbulhas chamadas vulgarmente compadre-lóri, lagrimas e escorrimentos de humor, opacidades, inflamações das pálpebras, e uma estagnação sanguínea nas fibrilas muito delicadas, que forram a córnea. Estes males podem provir: de uma muito má constituição do sangue, de humores, ou de águas acumuladas na capacidade cerebral, ou nas glândulas lacrimais, ou de acidentes que ofenderam este órgão; de embaraços dos intestinos, ou inflamações das vias urinárias.

É, pois, muito difícil aconselhar os remédios, sem noções sobre as causas destes males; esta estudo pertence mais ao doente do que ao médico. As crianças raquíticas, escrofulosas, os velhos herdeiros de uma juventude dissipada, ou na sequência do retorno da idade, que mais particularmente na mulher produz destes males, exigem tratamentos diferentes. Nas crianças escrofulosas, depurativos tais como as decocções: de saponária,

salsaparrilha, centáurea, raiz de paciência, chicória; purgações à magnésia e ao elixir tónico anti-glaires (substância, medicamento ou remédio que funciona como expetorante): depois em último recurso, vesicatório ao braço esquerdo.

Nos velhos, aos humores abundantes, mesma medicação que para as crianças.

Nos adultos, nos casos em que a causa reside nos intestinos ou no estômago; recorrer às purgações suaves: maná, óleo de rícino, limonada ao citrato de magnésia; ajudadas pelo uso da semente de mostarda, duas colheres, e mesmo três por dia; com a ajuda de infusões de violetas de camomila (três cabeças por copo de água) de flores de tussilago (Planta da família das Asteráceas). No caso em que a inflamação fosse demasiado forte, recorrer à borragem, a limonada, (um limão para um litro de água a ferver, juntar uma colher de chá de chá preto).

Nos casos em que existe apenas uma muito grande sensibilidade da borda das pálpebras; lagrimas e opacidades, loções frequentes, e muito limpas, por meio de panos finos embebidos em águas destiladas de centáureas, de rosas de Provins, de meliloto. Infusão de flor de sabugueiro, de alecrim na falta de água da Rainha da Hungria, que não é senão esta flor destilada. Água muito pouco aguçada de álcool canforado, (algumas gotas por copo de água) água zincada, por meio de um pedaço de zinco tendo ficado vários dias num copo de água; esta água é boa contra as opacidades, assim como a alunada: por meio de meio grama de alúmen num copo de água. Infusão de três folhas de pequena sálvia por copo de água, de couperose (rosa cobre) branca, um grama dissolvido num litro de água.

Infusão de hera terrestre, de plantago. A água magnetizada é o mais soberana possível, e em várias circunstâncias fundiu opacidades banhando o olho aberto num óculo, ou num vaso apropriado, banhá-lo frequentemente, e deixá-lo o mais tempo possível.

A saliva humana é ainda um excelente cicatrizante, para as ulcerações das pálpebras. Para os olhos carregados de sangue, banhos de pés reiterados, sanguessugas, na ocasião, quatro ao ânus, pés quentes, compressas sobre a cabeça, seja de água simplesmente, ou de água sedativa, cortada de água morna ou de infusão de arnica.

Repouso dos olhos, evitar os trabalhos de grande aplicação.

Nas crianças tornando-se adultas, a agitação dos órgãos da geração e os hábitos de onanismo produzem ainda causas de oftalmia, seria preciso refrescar estas partes, por banhos locais, à base fria e calmante, infusões de parietária, de mercurial, de semente de linho, de flor de sabugueiro, de raiz de alteia. Beber infusões de cabelo-de-vénus de Montpellier, decocção de semente de linho, de raiz de morangueiro, de dente-de-leão, de aveia, clisteres reiterados, à mercurial, ou à parietária, ou à semente de linho,

fazer muito exercício, alimentação pouco excitante, vigílias longas, ausência de conversas lascivas: e de vistas de quadros excitantes.

Fluxões (Deslocamentos rápidos)

As fluxões provêm, ou de absorção de ar exterior e a sua introdução por maus dentes. Não se pode senão acalmar uma fluxão facilitando o seu desenvolvimento por cataplasmas reiterados, seja à farinha de linho, água de alteia, ou à farinha de arroz, água de semente de linho. Depois por fumigações, à flor de sabugueiro, ou à pervinca; untar com óleo de camomila, ou de hipericão. Banhos de pés, não carregar o estômago nas refeições, cobrir o inchaço de algodão, evitar o ar vivo.

Dores de dentes.

O bálsamo de aço é o melhor remédio quando o mal é ocasionado por maus dentes. Quando é pelo sangue, banhos de pés, mastigar folhas de cochlearia *(plantas herbáceas, da família das Brassicaceae; mesma família da couve e mostarda)* ou de pervinca, ou de tabaco de fumar, beber de uma infusão de vulnerária, restabelecer a circulação pelo exercício, evitar a aplicação de espírito, e da vista. Se houver persistência, estudar se há embaraço, ou inflamação, nos órgãos inferiores, remediá-lo por uma evacuação forçada, ou adoçantes.

A evacuação forçada obtém-se por meio de três colheres de semente de mostarda tomadas em três vezes com três copos de infusão de violeta; ou de duas fortes colheres de chá de magnésia inglesa, em meio copo de infusão de violeta pela manhã em jejum. Os adoçantes são: infusão de flor de borragem, de alteia, clisteres à água de semente de linho, ou à raiz de alteia.

Nas ulcerações das gengivas, friccioná-las com um pouco de alúmen em pó, ou gargarejos de água fracamente limonada, por meio de algumas gotas de essência de limão, num copo de água ou de um pouco de vinho adoçado, ou de um pouco de mel, misturado por metade com bom vinagre e fervido até consistência xaroposa.

Uma grande parte das dores de dentes são ocasionadas pelo pouco cuidado que se tem da boca, os dentes encontrando-se rodeados, e roídos pelos ácidos e os corpúsculos gerados pelos restos da comida, dos quais um pouco de água, e o amor da limpeza os libertariam. A limpeza conservaria o esmalte em melhor estado: e belas bocas substituiriam ignóbeis cloacas.

As águas, o ar viciado dos lugares, o escorbuto, um mau estômago, heranças de família, são outras tantas causas de uma má dentição, que muitas vezes não se pode evitar.

Dores de garganta

Estes males são classificados, o mais geralmente, SOB as designações de amigdalite, de ulcerações, de couenne (couro) de garrotilho (difteria), nas crianças, etc. A amigdalite ou a inflamação das amígdalas, relaciona-se muitas vezes com uma inflamação intestinal, que inflama e localiza o sangue nelas, e aí forma um depósito; é preciso acalmar e refrescar os intestinos por cataplasmas reiterados sobre o baixo-ventre, pô-los o mais quente possível para atrair o sangue para esse lugar; que sejam compostos de farinha de linho diluída com uma decocção de raiz de alteia e de violeta.

Tomar banhos de pés, adicionados de uma mão-cheia de sal de cozinha.

Preferir gravatas embebidas de óleo de camomila não canforada aos cataplasmas sobre a garganta; não pôr os cataplasmas senão quando não se pode dissolver o depósito demasiado pouco avançado; que sejam feitos simplesmente de miolo de pão em leite; pô-los muito pouco quentes.

Gargarejar a garganta com xarope composto de mel e de vinagre tendo passado pelo fogo. Beber infusões estimulantes e calmantes de vulnerária ou de flores de hipericão ou de flores de sabugueiro. Para prevenir a amigdalite, quando se está sujeito a ela, e que se sentem os sintomas; pôr em jejum quatro sanguessugas ao ânus, deixá-las um pouco sangrar, e fechar os buracos com um pouco de fungo.

Nas ulcerações, gargarejos ao xarope mel e vinagre acima citado ou à água fracamente alunada: uma muito pequena pitada de alúmen em pó para um copo de água, ou com uma infusão de folhas de silva. Refrescar o ventre por uma infusão de flores de violeta ou de alteia ou de cabelo-de-vénus.

Na doença dita couenneuse (pele ou casca)em que a garganta se encontra forrada de uma matéria glaireuse (secreção)e gelatinosa que forma um corpo chamado couenne, soprar alúmen em pó desde o começo, no fundo da boca, por meio de um tubo de pena ou de um tubo de palha; mesmos gargarejos que para a amigdalite; untar exteriormente com o óleo de camomila ou de hipericão ou de pomada ao bolbo de lírio (feita de um bolbo de lírio cozido a fogo muito brando num hecto ou multiplicador de cem, de banha de porco); beber de violeta ou de alteia ou de borragem.

Se as urinas estão demasiado carregadas, beber uma fraca decocção de semente de linho, ou uma infusão de cabelo-de-vénus ou de rabos de cereja. No garrotilho, nas crianças, insuflações de alúmen em pequenas doses, beber de uma infusão de sálvia em leite fervido; gravata de óleo de camomila ou de hipericão; pequeno clister à óleo ordinário puro; insuflações a quente reiteradas sobre a garganta e o oco do estômago; banhos de pés magnéticos, atmosfera quente; pôr pequenos cataplasmas sobre o alto do peito, que sejam compostos de erva de São Roberto passada apenas ao fogo em manteiga fresca.

Em todos os males de garganta acima citados, os mesmos meios magnéticos são empregados; a água magnetizada é substituída às tisanas; mas bebida morna e adoçada; faz-se igualmente sobre todo o corpo passes magnéticas a grandes correntes, da garganta ao extremo dos pés, aplicação de flanela ou de algodão magnetizado sobre a garganta e o peito; garrafa de água quente magnetizada aos pés; clister de água magnetizada.

Convulsões espasmódicas

As convulsões ou os espasmos seja dos brônquios — vasos respiratórios que atravessam o pulmão — ou do estômago ou dos intestinos, e do sistema nervoso, em geral, comandam um tratamento pronto, sobretudo nas crianças das quais causam a morte ou paralisias locais. As causas destes distúrbios podem provir de vermes acumulados no estômago, ou nos intestinos; mas nestes casos, os perigos são menores; podem decorrer de arrefecimento, de sobressalto ou de outros casos bruscos; nos adultos, exigem em primeiro lugar uma atmosfera e uma cama quentes, assim como infusões a bases sudoríficas e estimulantes, antes de todas as coisas beber duas colheres de sopa de água de flor de laranjeira, pura, morna e adoçada, uma colher para as crianças; infusões de tília, folhas de laranjeira, pequena sálvia, alecrim, vulnerária, borragem, chá preto, menta, funcho, nobre-espinho, visgo de carvalho; entende-se que geralmente as infusões acima citadas tomam-se separadamente e que uma pitada com dois dedos basta por copo de água.

Garrafa de água quente aos pés, cataplasmas sobre o ventre à farinha de arroz e água de raiz de alteia: algodão quente sobre o peito. Se houver muito tempo que não houve evacuação, um clister ao óleo puro morno, fricções sobre o esterno em cima do peito assim como sobre o plexo solar ou oco do estômago, a pele e mão nuas, com óleo de cânhamo, ou de camomila, ou de azeite simplesmente; não pôr ao ar estas partes.

A cólera que é da família das convulsões trata-se da mesma maneira, mas simplesmente pela infusão de camomila, clisteres à água de camomila e fricções ao óleo de camomila; em que esta planta se encontra ser o veneno que mais receiam os corpúsculos que causam esta doença (ver o artigo doenças epidémicas); magneticamente, força insuflações a quente sobre a garganta, o alto do peito, o oco do estômago e o ventre; estas insuflações fazem-se através de um pano fino e branco dobrado em dois e posto sobre a parte, como já ensinámos, pano sobre o qual se pousam os lábios e através do qual se sopra um sopro doce e morno, com a intenção bem marcada de distender, adoçar e acalmar os movimentos convulsivos espasmódicos dos nervos que forram e apertam os órgãos onde se manifestam; o doente deve em primeiro lugar estar deitado numa cama muito aquecida, uma garrafa de água quente e aos pés duas outras, uma de cada lado do corpo; o calor é muito útil.

Nas convulsões da matriz, soprar da mesma maneira sobre o baixo-ventre.

Nas do estômago, soprar sob o seio esquerdo e o oco do estômago.

Nas dos brônquios, soprar sobre o alto do peito.

Nas do laringe soprar sobre a garganta.

Nas da cabeça, soprar sobre a testa e sobre o cerebelo (fossa do pescoço).

No caso da ineficácia dos remédios aconselhados, que uma mãe se meta na cama com o seu filho sobre ela, peito contra peito, as suas mãos apoiadas sobre os rins da criança, não pensando senão em acalmá-lo, fazendo troca do seu calor recíproco, e que lhe sopre suavemente sobre a testa, que não se assuste. Aqueles que lho confiaram não lho arrebatarão.

Doenças de peito.

Estão compreendidas neste quadro o que os médicos chamam constipação, fluxões de peito, bronquite, pleurisia, catarro, asma, tísica ou decomposição do pulmão. Existem, nas doenças acima citadas, medicações de moda nas quais são empregados remédios de preferência aos outros, e que devem curar estas doenças como tal elixir deve curar todas as do corpo. Dominado por anúncios pomposos o doente desce confiantemente ao túmulo e o doutor adiciona uma substância a mais ao seu remédio até que a sua clientela vá bater a outra porta!.. É lamentável que estas coisas existam e se renovem sem mais apreciação.

Não nos apasionemos por tal remédio favorável ali, e contrário aqui. Busquemos, no maior número possível, aquele após o qual aspiramos para acalmar ou obter o maior número de curas ou alívios. Duvidemos e experimentemos de todos, mas toquemos apenas com a maior desconfiança aos remédios heroicos, àqueles cuja composição nos é desconhecida, não nos adormeçamos esperando efeitos imaginários de tal remédio mais ou menos preconizado, estudemos as suas primeiras manifestações; nas vinte e quatro horas da sua absorção, pois se não obtivermos nenhuma mudança marcada no nosso estado, recorramos a outro; mas se obtivermos o menor alívio, não o deixemos senão quando a sua potência sobre o mal for anulada.

Não esqueçamos que tal remédio que aliviou ou curou tal doente, não produz nenhum efeito semelhante noutro, e mesmo em duas circunstâncias semelhantes, em aparência, no mesmo doente podemos obter dois resultados contrários em que há complicação muitas vezes do mal. Experimentemos pois sempre suavemente para começar; observemos e julguemos da força que devemos empregar para agir mais seguramente. As doenças de peito são do número daquelas que exigem mais prudência e atenção.

Constipações

Dá-se o nome de constipações a uma das doze ou quinze doenças de peito que existem, se se pudesse precisar bem o que causou a constipação, poder-se-ia, com mais sucesso, dominá-la. Mas longe de pensar nesta causa fútil em aparência, contentamo-nos em dizer: Não sei onde apanhei esta constipação, bah! não será nada, se a tratasse, talvez fosse mais de temer. Diz-se ordinariamente que uma constipação bem tratada dura quarenta dias, e que uma a que não se presta atenção, não dura senão trinta e nove.

Não vale, pois, a pena, para ganhar um dia, beber baldes de tisana. Nós não pensamos o mesmo; sem pretender por isso estar assegurado de fazer melhor, mas pretendendo estar mais no dever do praticante. A constipação é causada por um excesso súbito de calor ou de frio. Crê-se ordinariamente que basta passar de um lugar de alta temperatura para um lugar frio, para ficar constipado, basta igualmente passar de uma temperatura fria para um quente, para ser atingido. Segundo a natureza desta passagem se encontra ser a constipação, o tratamento deve ser diferente.

Suponho que caminhei a cinco graus de frio e que entro num apartamento onde haja vinte graus de calor, a diferença é de 25 graus, representando mais de metade do calor do interior do meu corpo. Que deve daí decorrer, não geralmente muito felizmente, mas em raros intervalos? Daí decorrerá que os meus órgãos não estando dispostos a suportar nesse dia esta diferença de calor, se encontram arruinados. Como se produziu este distúrbio? Vamos tentar explicá-lo fisicamente.

No frio, os tubos capilares que formam a epiderme, encontrando-se muito pouco abertos para introduzir o menos possível esses cinco graus de frio que não são pedidos pelos órgãos interiores, sobretudo pelo pulmão, encontram-se muito felizes ao entrar em contacto com uma temperatura mais ao seu gosto, abrem-se e introduzem a prazer este ar tépido no peito e no pulmão.

O ar frio que tinham aspirado encontrando-se por esse facto repelido para o mais interno deste órgão, resulta que as células muito calmas do pulmão se encontram a encher-se deste ar frio, que a circulação aí se encontra paralisada, que o sangue tenta aí decompor-se, e fá-lo comunicando aos brônquios ou vasos respiratórios uma irritação muito viva que engendra a tosse, tosse que se encontra ser mais ou menos dolorosa pelas contrações forçadas e sacudidelas dos ditos vasos respiratórios. Neste caso, estamos sob o império de uma constipação de calor, visto que é o calor que a causou, a constipação de frio adquire-se em condições opostas; ao sair bruscamente de um lugar quente para entrar numa atmosfera fria.

Opera-se neste caso o oposto do que no primeiro, no sentido em que o calor se encontrando comprimido interiormente pelo ar frio que entrou pelos

condutos capilares e pelas vias aéreas, aí produziu os mesmos distúrbios. Temos, por este facto, adquirido uma constipação de frio, visto que é o frio que a gerou. Sente-se então, à primeira vista, que os tratamentos devem diferir, como as constipações diferem entre si.

A constipação causada pela introdução do frio interiormente, que nomeámos constipação de calor, deve ser tratada por bebidas à base de emolientes e quentes; mas nos dois casos, é sempre bom começar por provocar uma boa sudação na cama; depois então entrar em tratamento se a constipação persistir.

Para a constipação de calor, beber o mais frequentemente possível, pouco de cada vez, das infusões seguintes à escolha do doente, infusão de flor de borragem; de flor de verbasco (branqueada com um pouco de leite fervido), de seis pétalas de flor de papoila por copo de água, ou de tisana aos frutos composta de seis jujubas, seis tâmaras, seis figos, uma colherada de passas de Corinto, e uma de Málaga para um litro de água fervidos dez minutos, adoçar com 60 gramas de açúcar cândi, bebida tépida, pouco de cada vez, mas frequentemente, ou um leite de galinha feito de uma gema de ovo bem fresca batida num copo de água quente adoçada, e adicionar uma colher de chá de água de flor de laranjeira; ou um pedaço de manteiga (do tamanho de uma avelã).

De manhã em jejum, um copo de uma fraca decocção de cinco botões de abeto em leite adoçado, os xaropes de muco de vitela ou peitoral incisivo tomados às colheradas ou para adoçar as tizanas, acalmam muito. Untar bem o peito com banha de porco e cobri-lo com algodão em rama, limpar de manhã, e pôr algodão em rama novo.

A constipação de frio causada pela introdução brusca do calor interiormente, trata-se pelas bebidas seguintes: infusão de flor de malvaísco, decocção de musgo perlado leve, de água gomada, de água de cevada, de cabelo-de-vénus, de pulmonária, de hera-terrestre; se uma destas infusões produzisse cãibras, seria preciso recorrer à primeira série, ou aliar as duas, a de base fria e a de base quente, isto é, alternar as duas séries, chamar o calor interno ao externo, untar sempre o peito com banha de porco ou óleo de camomila, e cobri-lo com flanela ou algodão cardado, ou algodão em rama.

Fluxão de peito

Dissemos precedentemente que a fluxão de peito exige no seu início uma emissão sanguínea, seja pela sangria ou pelas sanguessugas, ela não exige menos uma atmosfera quente e pura, e a absorção de infusões estimulantes da família da primeira série citada, aconselhadas para as constipações, o estado é perigoso até ao sexto dia e exige muitos cuidados, no nono dia se um pouco de melhor apareceu, o perigo está afastado e a cura esperada. Tudo o que pode ativar a circulação do sangue no pulmão,

concorre para o restabelecimento, assim sinapismos na parte inferior das pernas, feitos de farinha de linho, polvilhada com farinha de mostarda. Banhos de pés em primeiro lugar, seja à farinha de mostarda, ao sal de cozinha, à cinza, à soda, à arruda.

Os dois primeiros dias apenas colocar uma só vez duas sanguessugas de cada lado do peito, sob as falsas costelas, ou de um só lado se um só lobo do pulmão está engajado; a infusão de vulnerária, papoila, borragem, hera-terrestre, hissopo, salva, rosmaninho, hipericão e cataplasmas reiterados sobre o baixo ventre, compressas sobre a cabeça se houver engorgamento, formam o conjunto do tratamento da fluxão de peito.

Bronquite

A bronquite é uma irritação dos brônquios, vasos respiratórios, ela complica frequentemente a constipação, e trata-se da mesma maneira; há destas irritações muito secas e outras muito húmidas, as secas são ocasionadas pelo calor das células do pulmão, que aquecem o sangue que as atravessa, e este último entretém esta irritação; pode-se tentar neste caso as infusões aconselhadas na segunda série das constipações.

Observar as sensações que, se duplicarem a irritação, exigem recorrer às infusões da primeira série à base quente e aromática. Nas húmidas, pode-se parar estas emissões glaireuses, trabalhando um pouco o estômago, por uma ligeira purgação à maná, ou ao sal de magnésia, como foi ensinado; depois beber em último recurso infusões de papoila, de rosmaninho; e tomar o regime da semente de mostarda branca, duas colheradas por dia, seja com as infusões aconselhadas ou com água pura. Esta semente toma-se sempre uma hora antes das refeições, põe-se uma colher de sopa na boca e engole-se — sem a mastigar; — devagar com a ajuda de goles de água ou tisana.

Pleurisia

A pleurisia complica frequentemente a constipação, ela é ocasionada por uma inflamação da pleura, forte membrana que forra interiormente o peito. O ar quente ou frio que ocasiona a constipação não tendo muitas vezes atingido senão ela, localiza-se aí, e aí produz um distúrbio que exige cuidados assíduos, mas muito frequentemente consegue-se vencê-la, colocando um vesicatório voante sobre o peito.

Aconselhamos antes recorrer ao emplastro do pobre homem, ao papel Fayard e Blany, ou ao emplastro de Argélia, meios menos ativos, mas muito mais suaves; o emplastro de Argélia não afeta as vias urinárias como fazem os vesicatórios, o papel Wlinsy, é mais suave mas menos ativo, as tisanas à base quente, que já se devem conhecer, são empregadas com sucesso, manter-se quente como para a constipação, depois untar o peito com pomada à flor de hipericão ou manteiga de noz-moscada ou com óleo de camomila não canforada ou com pomada de loureiro.

Reconhece-se a pleurisia por uma forte inalação de ar que se faz, que permite sentir uma pressão bastante viva interiormente nos lados do peito; reconhece-se a bronquite, pela mesma inalação de ar que não pode ser longa sem provocar uma tosse viva. Reconhece-se qual lobo do pulmão está engorgado (entupido, inchado)na constipação, ou na fluxão de peito pelas sensações lancinantes que se sentem mais de um lado que do outro, pelo facto desta inalação de ar forçada.

Catarro e asma

O catarro e a asma são da mesma família, localizados no pulmão; provêm ou de herança ou de constipações negligenciadas, as células pulmonares puderam resistir à decomposição que produz a tísica, e deram asilo a uma doença, longa, muito penosa, e até ao presente pouco curável, exceto nos tempos do seu nascimento. As diversas temperaturas jogam um grande papel nestas doenças, e fornecem ao pulmão um ar mais ou menos suportável; ar que demasiado frio e demasiado húmido provoca contrações dos brônquios, acarreta acessos de tosse carregados de escarros viscosos que não se emitem facilmente, o ar demasiado quente não é tão de temer; mas é bom estudar aquele que é o mais irritante para o evitar ou modificar no interior dos apartamentos, colocando aí um vaso contendo um pouco de alcatrão vegetal, ou regar o soalho com água fenicada a dez gramas de ácido fénico por mil de água.

O uso da Água-Boa de manhã, em jejum e à noite uma hora antes da última refeição é excelente, um copo de cada vez cortado com um quarto de copo de leite fervido. A semente de mostarda é ainda boa no sentido em que ao descer se enrola nas glaires que forram o estômago e aí produzem um foco, que se repercute no pulmão. Tomar duas colheradas por dia, uma hora antes das refeições, com a ajuda de um copo de infusão de hera-terrestre e de hissopo para acalmar os acessos, beber de uma infusão de flor de papoila ou de flor de rosmaninho ou de hipericão; de camomila; água de alcatrão, água galvanizada ensinada pelo meu vidente Ravet, água que se faz depositando uma rodela de zinco do tamanho de uma moeda de dez cêntimos perfurada no meio para aí passar um fio de ferro, adicionar, cobrindo a rodela de zinco, um prego de peso quase igual, encher de água depois uma colher de chá de bom vinagre; fazer sobressair do copo, dobrando-o para fora, o fio de ferro que segura o zinco e o prego de maneira que mergulhe noutro copo de água pura, até ao terço do copo. Deixar assim vinte e quatro horas, depois de manhã em jejum beber este copo de água, que se encontrará suficientemente galvanizado. Voltar a pôr outra água até ao dia seguinte. Cortar o vinho com água de Vichy, tomar algumas pastilhas de Vichy (ver o artigo tísica.)

Tísica

Quantos remédios foram empregados; quantos regimes foram seguidos; quantos climas foram procurados para, no fim de contas, não curar, mas

proporcionar um fraco alívio aos doentes? A nossa lúcida Adèle, que consideravelmente mais tratou desta terrível doença que das outras, e à qual se dirigem quando todas as medicações conhecidas estão esgotadas, pois ela recebe ordinariamente apenas abandonados, condenados pelo praticante oficial; a nossa lúcida, dizemos, reconheceu geralmente que as tisanas à base quente são preferíveis às à base fria, também ela aconselha ordinariamente, de manhã em jejum, um copo de infusão de cinco botões de abeto em leite fervido adoçado, durante o dia, beber pouco de cada vez, mas muito frequentemente, tépida, da tisana seguinte:

Fazer ferver durante dez minutos num litro de água, 15 gramas de passas de Corinto, 15 gramas de passas de Málaga, 6 tâmaras, aí fazer derreter 60 gramas de açúcar cândi, depois deitar (apenas para infundir) sobre uma pitada de flor de tussilagem, ou se a tosse for demasiado irritante, sobre uma pitada de flor de papoila. À noite, untar bem o peito com óleo de camomila não canforada e cobrir com algodão em rama, ou com um pedaço de flanela. Limpar bem antes de untar de novo, e pôr outro algodão em rama para o dia.

Seguem-se as infusões que substituem a tisana anterior quando dela não se sente mais bem. Infusão de flores de verbasco passada através de um pano fino, e branqueada com um pouco de leite fervido (adoçado) ou de líquen, tomar apenas a segunda infusão, deitar fora a primeira, e branqueada de leite igualmente ou de hera-terrestre e de hissopo, uma pitada de dois dedos de cada uma por copo de água (adoçar) ou de tomilho em leite, ou de sálvia pequena, de flor de rosmaninho, de menta, de melissa, igualmente em leite.

Estas infusões tomam-se ordinariamente à noite ao deitar-se, assim como um leite de galinha, como indicámos, à água, composto de uma gema de ovo bem misturada num copo de água quente, adoçar e aí adicionar uma colher de chá de água de flor de laranjeira. Ela emprega igualmente diferentes xaropes tomados às colheradas várias vezes durante o dia. Xarope de muco de vitela, de tolu, peitoral, de goma.

Cortar o vinho das refeições com água de Vichy, fonte Mesdames, de água de alcatrão, de água galvanizada, a que precede; de água púmice, feita deixando ficar uma pedra-pomes num litro de água, vinte e quatro horas. Esta água é excelente, bebida em jejum, na asma e no catarro, ou de uma infusão de hera-terrestre, ou de quatro folhas de laranjeira por litro de água. Nada de vinho puro nem de licores.

Café muito fraco. Esta doença tem três fases diferentes: a primeira é a constipação, não oferecendo nenhum perigo, quando tratada como ensinámos, sem demora. A segunda é mais inquietante, no sentido em que o pulmão se cobre de pústulas, que, enquanto não se juntam umas às outras, podem ser cicatrizadas por grandes cuidados. A terceira oferece perigo, no sentido em que estas pústulas (ou borbulhas) se estenderam, se

juntaram formando por esse facto o que se chama caverna. Pode-se esperar cicatrizar as cavernas, mas elas são o último período, no sentido em que os tecidos do pulmão derretem depressa e trazem a morte.

A ciência médica oficial, após tantas estudos, cuidados penosos, esperanças dececionadas não sabe no fim de contas, senão aconselhar o ar do campo e o leite de burra ao tísico, ela não abandona por isso a esperança de ser mais feliz no futuro, e de curar esta cruel doença; mas, para o presente, sente com pesar a sua impotência, o sonâmbulo tem como ela, as suas deceções, seria injusto negá-lo.

Nós não somos daqueles que creem que o homem tem a faculdade de marcar as horas de entrada e de saída deste mundo, o criador do ácaro ao elefante, só ele montou as engrenagens de cada existência, para horas que contou. É verdade que nos deixou a faculdade de untar os pivôs destas engrenagens para suavizar os atritos; mas aí se limita o nosso poder! Cada doença é curável e mortal, ela é uma encenação ou um fim de ato, o seu autor aí arranjou golpes de teatro imprevistos que causam o nosso espanto, e nos forçam a baixar a cabeça!

Na tísica ao primeiro grau, tratá-la como as constipações de frio ou de calor, estudar o efeito dos remédios, passar de um para o outro, ou combiná-los.

No segundo grau, que ameaça demasiado gerar o terceiro, para temer o emprego de remédios mais enérgicos, e que, como o terceiro grau, autoriza jogar o tudo pelo tudo, pode-se tentar os meios seguintes, meios que, para nós pessoalmente, não foram senão benéficos; pois segundo as apreciações da ciência oficial, pudemos cicatrizar o lado esquerdo do nosso pulmão ao ponto de não oferecer agora senão metade do seu volume.

Cremos dever este sucesso mais completamente às manipulações fotográficas que nos permitiram absorver vapores metálicos, de um efeito cicatrizante muito enérgico. De facto, se aconselhamos o emprego do sal de prata (ou a pedra infernal) para as cicatrizações das ulcerações interiores e exteriores, o emprego dos pós de ferro, e da bola de aço de Nancy, com o fim de cicatrizar ruturas internas, ocasionadas por quedas ou golpes; ou ainda para cicatrizar ulcerações do estômago, dos intestinos e dos outros vísceras; é que estes metais são realmente de uma natureza adstringente e cicatrizante.

Se admitimos que os pobres operários que trabalham o albayalde (alvaiade, ou em branco) que aqueles que douram com mercúrio, são atingidos por espécies de envenenamentos lentos e mortais; é que o reino mineral não é menos ativo que o reino vegetal sobre a economia animal; por consequência, porque não admitiríamos que ao aspirar vapores metálicos, em condições muito restritas, se poderia cicatrizar suavemente, e fortificar as células do pulmão em decomposição?

Não admitimos que as nossas papilas táteis dos dedos endurecem excessivamente ao contacto dos ácidos? Toquemos frequentemente em ácido sulfúrico com a ponta dos dedos, não paralisamos a grande sensibilidade das terminações nervosas que aí se encontram, ao ponto de poder tocar o fogo com uma quase insensibilidade? Aconselhamos pois quando o ar do campo ou o leite de burra aconselhados em último recurso são impotentes, de seguir o regime seguinte: alimentação tónica, composta de carnes grelhadas ou assadas, tais como vaca, carneiro, pato, pombo e vinho generoso; tisanas à base aromática, como precede; exercício segundo as forças a um ar puro, depois, duas vezes por dia, entre as refeições, fazer três ou quatro inalações do aroma emanado, por um banho composto de 10 gramas de nitrato de prata fundidos em 100 gramas de água destilada, aí adicionar algumas gotas de éter, agitar tudo e aspirar suavemente tanto pela boca como pelo nariz os vapores saídos deste banho, contido numa cuvete de porcelana ou de vidro; ou num frasco de abertura larga, que sirva apenas para este banho, guardá-lo ao abrigo da luz, pode servir indefinidamente adicionando algumas gotas de éter, quando o primeiro se evaporou, as pessoas que temeriam os vapores deste banho, podem substituí-lo por um ao sal de ferro; pôr a fundir para esta intenção 10 gramas de protossulfato de ferro (sulfato ferroso) em 100 gramas de água ordinária, aí adicionar 2 gramas de ácido cítrico, e 2 gramas de ácido acético, depois algumas gotas de ácido sulfúrico; aspirar o aroma como do banho de prata. Não há nenhum distúrbio a esperar deste remédio, que nas condições citadas é inofensivo e que é cicatrizante a um alto grau; três inalações, não mais.

Doenças do coração

O coração como o sistema nervoso não pode quase estar doente, mas estar simplesmente entravado nas suas funções, por deformações das artérias ou das veias que o atravessam, deformações que criam reservatórios de sangue nomeados aneurisma: ou reservatórios de água, nomeados hidropisia.

Os distúrbios do coração manifestam-se por pulsações irregulares muito fortes e muito vivas por vezes, ou muito fracas, e mesmo quase insensíveis; a digital empregada até ao presente com confiança, não produz nenhuma cura nos casos citados, e não supomos que seja fácil remediar estas deformações e estas criações, de outra maneira que por uma regularização da circulação, ao meio do conselho de Hipócrates, manter a cabeça fresca, o ventre livre, e os pés quentes, evitar a alimentação de carnes vermelhas que fornece sangue, recorrer às carnes brancas que fornecem pouco. Evitar as demasiado grandes fadigas de corpo e de espírito, os movimentos petulantes, as sensações morais vivas, temperaturas bruscas, recorrer às infusões à base suave e fria, e não desesperar de viver pouco, as doenças que deixam morrer o paciente de velhice, não têm de perigoso senão as incomodidades que causam.

Doenças do fígado e do baço.

Os distúrbios do fígado são o mais frequentemente ocasionados por um excesso de bile no reservatório que a contém; assim como pela natureza do sangue que o atravessa e do qual é o purificador. Pode daí seguir-se uma icterícia ocasionada por uma mistura da bile e do sangue, e este último virar e engendrar uma hidropisia local ou geral.

É pois bom recorrer às purgações e às tisanas à base refrescante embora depurativas, tais como a camomila, a centáurea, a saponária, a raiz de paciência, de consolda maior, salsaparrilha, alterná-las no entanto com a limonada, água gomada, cabelo-de-vénus, laranjada. As purgações são, a limonada ao citrato de magnésia, o óleo de rícino, a maná, o elixir tónico anti-glaireux.

No caso em que não se pudesse obter limonada ao citrato de magnésia, pode-se substituí-la por trinta gramas de sal de magnésia dissolvidos em três copos de limonada ordinária, bem adoçada e filtrada através de uma flanela, tomar cada copo em jejum de quinze em quinze minutos. A maná e o elixir são mais ativos tomados numa infusão de violeta (trinta a quarenta e cinco gramas de maná), uma a duas colheradas de elixir.

Nos distúrbios do baço que se manifestam por dores no lado esquerdo, como os distúrbios do fígado ocasionam no lado direito perto das falsas costelas, assim como ideias tristes, inquietas, desgostadas da vida; deve-se seguir o mesmo tratamento que para o fígado; no sentido em que o baço que deve sempre ser atravessado por um ar puro e fresco, se encontra pelo foco que acendeu o excesso de bile neste víscera, estar muito agitado, pelo calor desta substância, calor que não é de modo nenhum o seu.

Em todos os distúrbios de que acabamos de falar, deve-se pressentir de que maneira é preciso magnetizá-los: é, antes de tudo, opor órgãos em melhor estado de função que os doentes. Depois pondo as mãos sempre em oposição, sobre as partes afetadas, por exemplo para os brônquios, sobre o alto do peito, para a pleura, sobre o meio do peito, para o coração, um pouco mais perto do oco do estômago, ao meio do peito numa inclinação de direita a esquerda, para o fígado sob o seio direito, mais perto das falsas costelas, para o baço sob o seio esquerdo, e sobre o rim mesma direção; a mão esquerda ou direita sobre o rim em frente da outra, após cinco minutos de permanência, descê-las lentamente até ao baixo do busto, sacudir os dedos, recolocar as mãos assim duas ou três vezes, e descê-las da mesma maneira. Recomendamos o uso da água magnetizada interiormente; depois de lavar bem as mãos como dissemos precedentemente, para não se inocular alguns germes das doenças que se lamentaria possuir.

Doenças do estômago e dos intestinos.

A nomenclatura das doenças do estômago e dos intestinos é demasiado complicada para que não a reduzamos sob dois únicos nomes: Gastrite e

inflamação dos intestinos, nomes que as contêm todas. Deve-se pensar que cada uma destas doenças diversas e que cada uma das suas fases exigiria detalhes muito extensos que devem ser consideravelmente simplificados, para não fatigar o leitor a seguir-nos em explicações, que o inquietariam mais do que acrescentariam à sua instrução. As palavras gastrite, gastralgia, afeção do piloro, do pâncreas, peritoneu, hidropisia, escirro (duro ou endurecido) pólipos, ulcerações, cancro, convulsões nervosas do estômago e dos intestinos, cólicas nefrites, diabetes, são tantas causas diferentes que geram todos os distúrbios notados nestes principais órgãos da vida.

O engorgamento ou o empastamento das mucosas e das vilosidades que forram estes órgãos seja por glaires, mucosidades de toda composição, excesso de bile, de ácido clorídrico, acético, que são tantos dissolventes necessários à divisão das substâncias nutritivas, não poderão senão produzir um foco que trará os maiores estragos em toda a economia. A superabundância de vermes de toda natureza, do helminto ao lombriga e ao ténia são outras causas de novos distúrbios.

Embargos intestinais, uma paragem na circulação das matérias fecais ou na do sangue, como de todos os líquidos e dos fluidos, perturba e corrompe no seu nascimento as substâncias que devem fortificá-los e substituí-los na ocasião. O ar tão útil, como dissemos, à circulação tanto do sangue como das substâncias nutritivas; encontrando-se superaquecido pelos focos que encontra nestas localidades, comprime-se aí e dilata-se de maneira a aí produzir os maiores distúrbios.

Os nervos ao seu contacto retiram-se sobre si mesmos, atam-se e produzem contrações e espasmos que provocam até à síncope, e acabam por sair sob o nome de ventos, que, quando saem por cima ou por baixo, desengajam os intestinos e o estômago da sua causa de distúrbio.

O ar que se encontra sequestrado assim nas condições citadas, torna-se a causa da maior parte das doenças que assediam a humanidade. Que se encontre engajado numa artéria, numa veia, em alguns vasos que seja, concorrendo para uma parte qualquer ao movimento de todos os constituintes da matéria, todo o corpo o sente, por um efeito de contiguidade, de repercussão. Uma só gota de sangue parada na sua corrida torna-se uma espécie de barragem, que retém o escoamento da vida, ousaremos dizer. Estas paragens na circulação podem ainda ser produzidas por um estado sedentário, ocupações de gabinete, ou excessos de trabalho, ou de mesa, ou de alcova.

O que acabamos de dizer gera os distúrbios que devem resultar destas más funções, distúrbios que são uma paragem na passagem das matérias nutritivas, por consequência um inchaço geral do grande tubo digestivo portando diferentes nomes, do esófago ao reto.

Que se lance um simples olhar sobre este embargo e que se admita como existe, a fermentação das substâncias que este longo tubo contém! Se acontecer que válvulas intestinais às vilosidades do estômago estejam na mais completa inação por não poderem absorver e destilar sucos novos, como poderão funcionar os inumeráveis sugadores intestinais que deitam cada um a sua gotícula da substância que é a base do sangue, na veia cava que é o primeiro rio sanguíneo do corpo! Que se siga bem pelo pensamento, as esperas, e as deceções de cada órgão e de cada fibrila, assim como as agitações dos pensamentos que percorrem esta mágica máquina humana.

Vejamos do mesmo modo as miríades de vermes, de animais diferentes que cada um esperam em vão a sua nutrição quotidiana, e que são reduzidos à mais completa abstinência? Não admitiremos que estas necessidades de absorção geram o distúrbio, a cólera, o combate, uma irritação geral até à satisfação das suas necessidades! Ai! Não roçamos por este facto as ulcerações de todos os géneros, os entorpecimentos de toda natureza e a decomposição lenta e em pequeno do edifício humano? Não reconhecemos que Hipócrates tinha razão, e que uma absorção de um líquido ativo por cima, ou de um líquido laxativo por baixo seriam do melhor efeito?

Não falamos das criações incríveis que estes distúrbios podem gerar, já dissemos demais para não mais ousar pensar em germes tão complicados de distúrbios. Ocupemo-nos por enquanto apenas em limpar, se o pudermos, este grande rio da vida, se não ousamos nomeá-lo esgoto da vida.

Para conhecer melhor o que se passa interiormente, estudemos o que emitimos exteriormente. As matérias fecais e as urinas ser-nos-ão de grande socorro para esta intenção. Se estas matérias não têm saídas regulares, devemos inquietar-nos. Se estas saídas são a intervalos de dois, três dias e mais, devemos tentar regularizá-las a um dia. Se são duras, secas, pretas ou de uma cor verde escuro, anunciam um temperamento bilioso elétrico. Se são menos duras, mas verdes, é ainda um temperamento bilioso, mas menos quente.

Se são amarelo aurora, e mesmo sanguinolentas, decorrem de um temperamento sanguíneo bilioso. Se são de um amarelo mais pálido, rodeadas de glaires esbranquiçadas, é um temperamento linfático glaireux; se estão no estado de diarreia verde ou amarelo verde, é um transbordamento de bile, amarela, ou de glaires; nos dois casos, é o sinal de um grande foco causado por uma destas substâncias. As urinas devem corresponder a estas matérias, sendo de um amarelo aurora e arenosas para as naturezas bilio-elétricas, de um amarelo menos escuro para as naturezas bilo-linfáticas, e, de um amarelo palha para as naturezas glaireuses.

Estas urinas mesmo tomam em gelatina no fundo do vaso, em todos estes casos, que devemos fazer? Dar uma vassourada que nos permita esta

expressão, neste cloaca para dele expulsar para fora as imundícies que o encombram (sobrecarregam). A semente de mostarda cumpre bastante bem o ofício de vassouradora, no sentido em que descendo e atravessando lentamente este longo tubo, rolando sobre si mesma, embaraçar-se-á nas matérias glaireuses que paralisam as vilosidades do estômago e forram as paredes dos intestinos; acabará por arrastá-las consigo, por um efeito de gravidade; e produzirá uma verdadeira ramonagem mecânica (limpeza de fuligem) que forçará o orifício do estômago, como o reto, a deixá-la passar, e com ela o que arrastará.

O uso desta semente convém melhor aos temperamentos húmidos que aos temperamentos secos, no sentido em que absorve forçosamente um pouco de humidade; também, na hidropisia, é de um efeito salutar; mas os temperamentos secos encontram-se menos bem pelo distúrbio que produz, a longo prazo, na ansa do grosso intestino, é preciso recorrer aos lavamentos; depois suspender o uso uma semana em duas: tomá-la além disso com infusões à base fria se o estômago o permitir. É ainda aí onde pedimos ao estudante que fixe a sua atenção.

Se o estômago é o primeiro degustador das substâncias que o atravessam, deve ter removido a quintessência; e se tiverdes vontade, por exemplo, de refrescar o baixo do corpo, a vossa infusão não pode aí atingir nas condições desejadas. Pode acontecer também que esta infusão à base fria seja muito contrária ao estômago ou ao peito, e útil às vias urinárias; é pois nesta circunstância onde é preciso atacar o mal dos dois lados. Conciliar os remédios com os órgãos aos quais se dirigem.

Se o estômago não pode suportar a infusão endereçada ao grosso intestino, enviemo-la a este último ao meio do irrigador, e demos ao estômago a que aceita. No entanto não introduzamos, como dissemos, remédios heroicos por baixo. A lista dos lavamentos mais usuais compõe-se aproximadamente assim: Lavamentos laxativos ou purgativos, mel grosso, leite, no qual se fará ferver alguns brancos de alho-francês, infusão de folhas de violeta ou de sena, adoçantes, azeite puro, água de semente de linho, de malvaísco, e algumas flores de papoila; ou um quarto de cabeça de papoila: são calmantes: São refrescantes: parietárias, mercurial, água de farelo, de arroz.

À semente de mostarda, pode-se substituir a semente de linho e as purgações suaves, para os temperamentos biliosos, no sentido em que os nervos já estão bastante agitados pela natureza da bile que os avizinha, sem os agitar mais por purgativos mais ou menos heroicos; o aloés mesmo deve ser empregado com muita prudência, e principalmente como anti-vermífugo de primeira ordem. Os temperamentos glaireux podem, ao contrário, fazer o emprego desta goma e principalmente de elixir tónico anti-glaireux, cuja composição um pouco heroica, é de uma boa combinação para este efeito.

A maná e o óleo de rícino convêm aos biliosos elétricos: a limonada ao citrato de magnésia, e o sulfato de magnésia, trinta gramas em dois copos, camomila (adoçar) convém aos temperamentos bilio-linfáticos.

Para diminuir a dose de elixir, e ativar a purgação, pôr uma colher de sopa de elixir tónico anti-glaireux num copo de uma decocção de uma colher de sopa de mel de Narbona, fervido dois minutos na água, nesta decocção pôr-se-á infundir apenas uma pequena pitada de fumária.

Trinta gramas de maná numa infusão de doze folhas de sena, torna-a mais ativa, duas colheradas de chá de magnésia calcinada num caldo de vitela purgam suavemente; pôr infundir vinte e cinco gramas de folhas de sena em cem gramas de azeite durante quarenta e oito horas, tomar uma ou duas colheradas distanciadas de uma hora.

Faremos observar que se puséssemos num vaso, como um chifre, por exemplo, a digerir sobre um fogo de 40 graus, uma sopa de couves, um pedaço de pão, fígado salteado, ou uma costeleta, um copo ou dois de vinho, uma salada, uma chávena de café preto e um pequeno copo de álcool; que o vaso não deixasse escapar nenhuma das vapores que devem espalhar estas substâncias; não se admitiria que o contacto da sua heterogeneidade geraria mudanças de estado, vapores condensados a um tal excesso que fariam esforços inauditos para encontrar o meio de sair deste laboratório, muito fisicamente químico.

É, pois, o que deve acontecer em toda digestão paralisada, e estagnante no estômago; os distúrbios físicos da experiência citada são os do outro. Admiti também que analisássemos quimicamente estas substâncias após uma permanência de algumas horas neste foco de decomposição, aí encontraríamos líquidos carregados de ácido acético, clorídrico, sulfúrico, todos mais ou menos necessários à nutrição, mas em condições de dosagem que não se deve desprezar, são destes dosagens que se engendram os constituintes do sangue, da bile, das glaires, da linfa, dos líquidos e humores de todas as espécies; e das substâncias ósseas, ou cartilaginosas, pilosas, etc.

O estômago é pois o grande vestiário destes povos diversos, que formam o nosso domínio. É nele que depositam o seu vestuário, demasiado material, para revestir outro, mais diáfano: é neste laboratório onde as modificações de estado, dos pensamentos, e das manifestações futuras se preparam: é preciso pois que este lugar funcione metodicamente; que não esteja nem sobrecarregado, nem paralisado nas suas operações; cabe à razão estudar os meios de direção deste entretenimento da vida.

Nas digestões penosas, notámos que, geralmente, uma colherada de absinto marinho tomado num quarto de copo de água, as precipitava e desengajava o estômago; é bem erradamente que se toma desta liqueur antes da refeição para aguçar o apetite, tudo o que não é feito

naturalmente produz um mau resultado. Esta liqueur faz-se pondo infundir uma mão-cheia de absinto maninho, fresco, num litro de boa aguardente, ao sol durante alguns dias, ou a uma atmosfera quente.

A magnésia inglesa é ainda de um bom socorro contra os embaraços do estômago e como anulando azedumes, vapores queimantes que sobem na garganta, pituitas (um dos quatro humores do sangue)e águas acres que inundam frequentemente a boca; esta pó tomada à dose de uma colher de chá em um pouco de água adoçada, após a refeição, ajuda à digestão como o absinto, e, além disso, destrói o fogo dos ácidos citados, duas pastilhas de Vichy são ainda de um bom efeito, ou duas pastilhas de menta pimenta, que agem contra os ventos.

Está, pois, bem entendido que seguimos uma higiene aplicável às nossas necessidades, que entretemos um livre percurso nestes vastos vasos, tal como o ensinamos e que deixamos de lado as ideias, e os seus nomes: gastrite, piloro, convulsões, etc. Não nos droguemos por fraqueza ou por inexperiência. Quanto menos absorvermos de remédios, melhor operarão: quanto menos atenção fizermos a distúrbios passageiros, menos estaremos doentes.

O emprego interiormente da água magnetizada é de um salutar efeito, nesta ocasião, adoçá-la ligeiramente e fazê-la tépida. O chá é demasiado conhecido para que o aconselhemos. Pode-se além disso magnetizar-se a si mesmo por passes descendentes a partir do meio do peito, contornando o debaixo do seio esquerdo, voltando em serpenteando ao oco do estômago, depois passando sob as falsas costelas de direita, voltar e permanecer um pouco sobre o umbigo, ou umbigo, depois terminar descendo para a virilha esquerda.

Se gases fazem esforços para sair, que se os deixe à vontade; que se aja do mesmo modo para com as pessoas que se magnetiza facilitando-os a sair: quando saem, são frequentemente muito numerosos e tão ruidosos que não se pode supor uma tal força nem uma tal capacidade de extensão como a que apresentam no estado de dilatação. Na falta das magnetizações pode-se facilitar a saída pela absorção de algumas gotas de álcool de menta sobre um pedaço de açúcar, ou em um pouco de água adoçada, ou de uma colher de chá de água de flor de laranjeira, de água de melissa dos carmelitas, de casca de noz, de essência de rosmaninho, de lavanda, ou algumas pastilhas de menta pimenta; se não se tiver nenhuma destas coisas, recorrer a panos quentes que se aplicam sobre os lugares afetados. As cólicas muito agudas desaparecem frequentemente ao só contacto do calor destes panos. Reiterá-los até ao inteiro alívio.

Doenças das vias urinárias.

As doenças das vias urinárias são excessivamente complicadas e numerosas, sobretudo as venéreas, que, por cada fase que passam,

adquirem um tal aumento de intensidade, que delas fazem tantas doenças diversas e perigosas. As naturais, ou acidentais, são igualmente muito complicadas. De agitações nervosas, aos estreitamentos dos canais ureterais, existem manifestações diferentes, que são tantos males exigindo remédios apropriados. Tratados especialmente consagrados a estas afeções existem, e estão longe de serem completos, podendo tratar delas em todas as suas variedades!

Dizemos que a limpeza destas partes no homem e na mulher, ao mesmo tempo que é uma marca de distinção entre o bruto e o animal civilizado, revela-se uma segurança nas relações dos dois sexos, dizemos além disso, que se a razão, mais do que a lascívia presidisse a estas relações, ela afastaria muitos distúrbios deste género.

Acrescentamos que o rapprochement (aproximação) deve ser muito restrito nas mulheres afetadas de fluxos brancos, assim como nos primeiros dias da cessação do fluxo menstrual, ou das sequelas de parto. Evitar estas relações ao sair de tomar as refeições, e ao começar o dia. A noite permite ao sono repousar estas perdas, que, todas naturais e necessárias que sejam, não deixam de gerar um relaxamento do sistema nervoso, manifestando-se por uma fraca lassidão, e uma prostração em certos seres.

Se é razoável dispor bem deste ato, é muito irrazoável dispor mal dele. Por consequência, a natureza deve comandá-lo, e não as agitações da embriaguez, ou de conversas lascivas. A repetição, sem intervalos razoáveis, prova uma desordem da matéria e do espírito.

Se vos acontecer infelizmente ter de lidar com a rapariga submetida, ou com aquela que se submete a si mesma, com menos garantia, frequentemente, de segurança, e que ressentis algumas desordens nestas partes, não esperai nada de mais pronunciado para lhes trazer primeiros e úteis cuidados; depois, após completá-los pelos conselhos de médicos especiais.

Nas fracas ulcerações, designadas cancros voantes, que ordinariamente atacam o gland da verga, ou os grandes lábios na mulher, lotionai frequentemente com água fresca ou muito fracamente tocada de álcool canforado, ou de algumas gotas de extrato de saturno. Em alguns dias não aparecerá mais.

Nos fogos de urinas causados por um fluxo, recorrei de imediato a beber três copos por dia, de uma decocção de salsaparrilha, de raiz de paciência, de raiz de morangueiro, de uma colherada de semente de linho adoçada ao pau de alcaçuz, dez gramas de cada para um litro de água; com esta tisana, o mal não pode piorar, não pode senão extinguir-se. Se após um mês, o fluxo for tão forte, purgai-vos, e continuai ainda algum tempo a tomar o depurativo aconselhado.

Nos bubões, depósitos, etc., que vêm ordinariamente nas virilhas ou sob os braços, tomai do mesmo depurativo, e ajudai ao seu desenvolvimento por pequenos cataplasmas. Quando eles são supurantes e taris, purgai-vos e continuai o depurativo citado. Não trateis nunca brutalmente estas doenças, isto é, não acrediteis na virtude assegurada destes remédios que, de um dia para o outro, operam uma cura, eles encerraram o lobo no curral, cuidado com os estragos ulteriores.

Banhos locais e banhos de assento são de um grande socorro, que sejam à água de farelo, de semente de linho, de parietária, de mercurial; lavagens e injeções à infusão de cerefólio, de parietária, de fumária; privações de licores, de alimento aquecedor, e do rapprochement dos sexos, os distúrbios naturais, manifestados por raridades de urina, urinas quentes, carregadas de sal úrico, ou de areia vermelha ou de glaires, etc.

Pedem antes de todas as coisas boas funções intestinais, depois o socorro de infusão de cabelo-de-vénus, de malvaísco, de rabos de cerejas, de limonada ou laranjada, de água de semente de linho, de peles de favas de pântano, banhos de assento ou locais, loções saturadas de essência de cidra, de álcool canforado, de água fenicada a 5 gramas por 1000, lavagens refrescantes, injeções emolientes, a água magnetizada é das mais soberanas contra estes desordens.

A limonada, para as pessoas que a podem bem digerir, como a laranjada, são de um bom socorro para as mulheres, oito dias antes das suas regras; refrescam o sangue e preparam-no a evacuar abundantemente, muito frequentemente sem provocar cólicas àquelas que a elas estão sujeitas. Este regime é igualmente muito salutar às jovens raparigas não núbeis, que têm dificuldade em ser reguladas.

Pode-se alternar a limonada com a infusão de artemísia, tomando oito dias de uma e oito dias da outra: a arruda é igualmente muito ativa nestas circunstâncias; mas para certos temperamentos, oferece alguns desordens que é bom evitar. (Infusão de uma muito pequena pitada de açafrão por copo de água de manhã em jejum), nos fluxos de fluxos brancos assim nomeados, que não são senão o fluxo do suco gástrico do estômago, segundo certos médicos, é bom tratar os intestinos que nisso estão por alguma coisa seguramente, assim como o estômago que se encontrou ser muito enfraquecido. Reconhecemos que as infusões de camomila, de flor de erva a mil folhas, dita erva ao carpinteiro, a semente de mostarda, são muito salutares, alimentação tónica, exercício ao ar livre, evitar comer crudidades (estado cru) e os temperos ácidos.

Não queremos terminar assim as poucas apreciações que precedem, sem vos dar um conselho sobre os penosos estados da mulher no parto e no parto, estados que se relacionam demasiado aos órgãos da geração para deles serem separados. Este conselho consiste em empregar o magnetismo, tanto para acalmar os distúrbios da gravidez como os do parto; na gravidez,

a mãe e a criança encontram-se muito bem da ação magnética, a passes voantes; como pela aplicação das mãos sobre os rins, contornando os flancos e voltando sobre o abdómen (a barriga) todos os dias ou todos os dois ou três dias. Nas mulheres suscetíveis de inflamação neste estado, por consequência tendo guarda-roupas pouco regulares, etc., a absorção contínua da semente de mostarda e de água magnetizada, são de um excelente socorro, e dão um não menos bom resultado, na falta de água magnetizada, da infusão de cabelo-de-vénus.

No parto penoso, é bom pousar as mãos do umbigo ao ângulo das virilhas, e sobre o monte de Vénus mesmo, a ponta dos dedos sobre o vagina; e fazer força insuflações a quente, acima destas partes; ser-se-á tanto mais encorajado nesta magnetização, que a paciente ela mesma acusará o maior bem do seu efeito. Deve-se compreender que deve seguir-se uma grande detenção nervosa; por consequência um relaxamento deste sistema, que permite aos músculos mais elasticidade; e oferece à doente a força e a coragem, tão necessárias nesta dolorosa circunstância.

Fazer-lhe tomar um copo de vinho quente e adoçado no qual se teria feito infundir uma pitada de flor de centáureas dos campos, esta infusão é tão ativa, e bem menos perigosa que a do sal ergotado (exaurido) que se emprega ordinariamente.

Cancro no seio, úlceras na matriz, descida deste órgão.

O cancro no seio é uma das mais terríveis doenças que existe. A sua cura é difícil, é preciso no fim de contas recorrer à operação, que não é muito frequentemente senão um derivativo. O cancro não ataca só o peito, nota-se na boca, no estômago, e em outras partes do corpo, mas o do seio é muito mais comum sobretudo nos nossos tempos, seja que o sangue não esteja geralmente mais no estado de pureza que estava precedentemente, está mais pronto a entrar em decomposição.

É ele que é a primeira causa, o primeiro germe do cancro, deste presumido animal que devora a vida a quem lhe dá asilo. A medicina não está ainda em condições de definir esta afeção mortal, basta no que nasce no seio, que um golpe qualquer tenha atingido esta fonte da vida na maternidade, que os nervos tão numerosos que contém, tenham sido esmagados; que o sangue aí se tenha fixado para lentamente gerar uma varicocela (sensação de peso ou desconforto escrotal) ou uma sarcocela (tumor carnoso ou fibroso no escroto).

A varicocela é formada de uma deformação das veias como nas varizes, esta deformação é ocasionada pela tensão dos nervos à volta delas, várias veias podem assim encontrar-se como estranguladas pelos filetes nervosos que as avizinham e as rodeiam. O curso do sangue não tendo mais lugar livremente, inflama-se, o que inflama os nervos eles mesmos, daí segue-se uma decomposição do sangue que contém o seio.

O humor pede dia, o escalpelo dá-lho.

Que havia a fazer; que havia a fazer! havia a fazer logo após o golpe recebido, de aplicar em cima uma compressa de arnica, e segundo a sua extensão de aí pousar uma ou duas sanguessugas; faz-se o contrário, dizendo isso não será nada, o que na maior parte dos casos é verdade, mas o que não o é infelizmente nos outros. Deixa-se o mal implantar-se, tomar posse e estender-se em toda a localidade, e quando se quer expulsá-lo, já não é tempo.

A sarcocela declara-se de outra maneira, é o sistema nervoso que se encontrou ofendido e que reage sobre o sistema venoso, endurecendo-se, atando-se, formando feixe e adquirindo a dureza de um corpo duro assim como a insensibilidade de um corpo sem vida; foi-me dado apreciar com algum cuidado, esta terrível criação. Uma brava mulher, viúva, viticultora de profissão, tendo cerca de cinquenta anos, pedia socorro a Adèle contra um mal no seio que tinha, mal que não era outro senão uma sarcocela. Após muitos untos e cuidados de toda a sorte, Adèle não pudera senão suavizar, mas não curar este mal.

Encontrei-me perseguido pela ideia de empregar o magnetismo para ver se seria mais feliz, propus à doente deixar-me magnetizar o seu seio, o que ela aceitou de todo o coração. Quando tive palpado a grossura que continha, fiquei indeciso de empreender tal cura; mas estava-me demasiado avançado para recuar, teria desesperado esta pobre mulher; tê-lo-ia feito por amor fraterno, e não de outra maneira, pois nunca quis receber um centavo, por este género de serviço.

Comecei, pois, uma noite, combinando com a doente que todas as noites após o seu dia, viria submeter-se à minha ação. A criação que tentava anular, podia ter na sua base cinco centímetros de diâmetro e dois centímetros e meio de espessura formando um cone. Esta glândula, disse-o, era de uma dureza e de uma insensibilidade incríveis, a primeira noite após uma manipulação de vinte minutos, pareceu-me ter um pouco amolecido este corpo. A doente dormiu esta noite de um sono que não lhe era ordinário.

O dia seguinte e dias seguintes, obtive os mesmos resultados. Continuei assim durante seis meses, obtendo melhorias que me faziam presumir que obteria um sucesso completo, chegara a não sentir mais entre os meus dedos senão uma grossura de uma pequena noz. Nos últimos tempos esta grossura retomava todos os dias o seu primeiro volume. Vários dos meus amigos puderam tocá-la, e comparar a que tinha quando a magnetização estava terminada com a precedentemente de cinco centímetros, restava a dois apenas de cada vez, tinha contra mim que esta mulher era uma trabalhadora de primeira ordem, nervosa extra, boa e franca criatura, mas como se diz, tendo a cabeça perto do chapéu! todas as noites deixava o seu seio a fazer crer que no dia seguinte estaria curado, mas no dia seguinte,

recomeçava ao nascer do dia a cavar as suas terras e podar as suas vinhas, o que destruía o bem-estar que obtivera na véspera.

Acontecia também demasiado frequentemente que uma vizinha que lhe queria mal, lhe procurava discussão, o que punha a minha doente fora de si! oh! nesses dias reencontrava o seu pobre seio como da primeira vez; tinha de recomeçar este penoso trabalho: digo penoso trabalho no sentido em que saindo de apertar, de pressionar esta glândula entre os meus dedos na intenção de a dissolver, o que podia fazer sem temer fazer-lhe mal, encontrava-me, dos dedos ao alto do ombro, tão cramponhado (preso com grampos) e doloroso que estava por vezes algumas horas antes de recuperar o uso livre, esqueço de dizer que não havia só a glândula a dissolver; mas que havia uma criação nervosa e sanguínea, mais grossa que o polegar, longa de dez a doze centímetros, que lhe estava ligada e se perdia sob a axila.

Foi esta criação que ataquei em primeiro lugar e a fiz desaparecer para sempre, após um mês de magnetização. Pedi a esta mulher quinze dias completos de repouso absoluto e que respondia de uma cura perfeita. Não pude fazê-la consentir, a guerra de 70 chegou, que nos separou. Ela empregou todos os remédios que um e outro lhe aconselhavam, e não quis recorrer à operação, o seu mal piorou e levou-a. Fiquei convencido que teria conseguido curá-la, se ela tivesse querido ouvir-me, aconselho, pois, nestes casos empregar as compressas de água magnetizada: magnetizações horárias; e manter o sangue num estado de frescura por tisanas refrescantes, e de suaves purgações reiteradas.

Úlcera da matriz. Encontramo-nos, pela úlcera, perante outro mal que não oferece os mesmos perigos, longe disso, mas que é preciso conjurar por um tratamento apropriado, a úlcera da matriz pode provir de diferentes causas.

1° O abuso do prazer venéreo;

2° Erosão do colo da matriz (nomeado focinho de tenca) pelo engajamento desta última no útero, ou o encontro mais ou menos bruscamente da verga do homem;

3° Um engajamento mais forte empurrando-a até ao orifício do útero, o atrito, na marcha, dos grandes lábios sobre ela (a úlcera);

4° O emprego dos pressários demasiado duros, de balões e de anéis de mesma natureza, não tardam a produzir escoriações que suam um muco sanguinolento, escoriações que vão cada vez mais ampliando-se e atingem os pequenos lábios mesmo do focinho de tenca, os entalham de maneira a que não podem mais reter o sangue mensal; daí seguem-se perdas e distúrbios muito graves;

5° A introdução sem necessidade do espéculo, e o abuso de cauterizações pelo nitrato de prata. Fracas ulcerações que simples injeções de uma

infusão de folhas de nogueira, ou de cerefólio, ou de sálvia pequena, de água fracamente salgada, ou de um pouco de vinho tépido, fariam desaparecer cicatrizando-as; quando, ao contrário, as ampliam pelos meios citados. O rapprochement (aproximação) do homem e da mulher deve ser suprimido, até à cauterização perfeita.

descida de matriz. A descida deste órgão provém igualmente de várias causas. 1° Uma gravidez colocada muito baixo puxa sobre os ligamentos suspensores da matriz, e faz que esta, desembaraçada do seu fardo, não possa mais subir e tomar o seu lugar.

2° Um parto laborioso produz os mesmos resultados, se a criança sai a parteira ou o médico não repelem interiormente este órgão; nos dois casos que cito, deve-se fazer tomar uma posição à doente que facilite os ligamentos a endurecerem fazendo-a ficar deitada de costas durante alguns dias, as pernas mais elevadas que o busto, a descida não terá mais lugar.

3° Levantar um fardo com as pernas afastadas.

Atingir algum objeto colocado a uma altura que força a alongar os braços para o atingir,

Uma queda sobre o traseiro.

O exercício do ginásio ou da esgrima são tantas causas que produzem a descida. O emprego das cinturas muito caras que se aconselham nesta ocasião, não cumprem sempre o fim que se propõe atingir; certas delas, ao contrário, fazem-na descer ainda mais baixo. Fiz um modelo neste género cujo execução dei a uma pobre mãe de família que já vendeu muitos. Pois devo dizer que sobre vinte mulheres casadas, encontra-se metade que estão nesta situação, que a matriz está mais ou menos engajada de um lado ou do outro no útero, e isso por um alongamento das fitas suspensoras deste órgão.

A cintura de que falo é antes um suspensório que uma cintura, no sentido em que passa por cima dos dois ombros, e desce em duas partes, por trás e por diante, de forma a passar entre as duas pernas, envolvendo toda a vulva, e encontrando-se poder ser esticada à vontade, de maneira que sustenta o baixo-ventre em vez de pressionar em cima: depois que não custa senão cinco francos quando as outras custam trinta a quarenta francos.

Os únicos remédios a trazer nesta ferida, são evitar os pessários, os balões e os anéis que duplicam o incómodo em vez de o suavizar. Manter o vagin e o útero num bom estado de limpeza, tomar frequentemente as injeções aconselhadas mais acima, assim como fumigações sobre o vaso de noite, como é ensinado no artigo fumigações, depois de recorrer ao suspensório do género de que acabamos de falar. Evitar o mais possível o ato venéreo, de não levantar fardos pesados, apertar sempre as pernas em todo ato de

força, nas fezes raras, evitar os esforços, facilitar a saída das matérias fecais pousando-se sobre o vaso de noite contendo água quente, não deixar os intestinos embaraçados.

Peritonite (sequela de parto).

Poderia acontecer, que por um acidente, ou uma contrariedade qualquer, a camada não marchasse, e que se declarasse uma peritonite; (invasão do peritoneu pelo sangue); caso muito perigoso; é reconhecível pelo inchaço rápido e forçado da barriga, e à acusação que leva a doente de sufocar; este caso podendo tornar-se mortal, seria bom, parteira ou médico ausentes, pousar de imediato algumas sanguessugas de cada lado das virilhas, e sempre tentar pelo magnetismo abrir um livre passagem ao sangue pelas vias naturais. A infusão de artemísia, assim como os cataplasmas, são necessários.

Nos casos ordinários, se a doente está disposta a amamentar, pode tomar logo, com prudência, alimento: mas se não amamenta, deve abster-se durante três dias, depois trabalhar a fazer passar o seu leite. Eis-nos ainda perante um ponto de partida de distúrbio-saúde, e de grandes males; de facto, uma camada feliz, pode mudar em boa, uma saúde até então vacilante, e de uma fraca mulher fazer uma mulher vigorosa; como o caso contrário pode apresentar-se.

É preciso pois desembaraçar-se, convenientemente, do leite que a criança não é chamada a absorver, é uma questão à qual se fica demasiado indiferente frequentemente. Médico e parteira não atribuem suficiente importância a este trabalho. Quantas infelizes, na sequência, são perturbadas de cem maneiras, cobertas de chagas, ou encerradas numa casa de saúde, privadas que estão da sua razão.

É pois urgente bem fazer passar o leite; e para isso, é aconselhado tomar durante oito dias, três copos por dia de uma infusão de flores de cravina amarela sem açúcar, depois purgar-se. Continuar então durante quinze dias a beber dois copos por dia e purgar-se de novo. Cortar o vinho das refeições de uma infusão de cabelo-de-vénus de Montpellier.

Nos engorgamentos ocasionados pelo leite, engorgamentos que ameaçam produzir glândulas, e pela sequência ulcerações e fluxos, é bom untar os seios duas vezes por dia com a pomada seguinte: Pôr sobre um fogo brando duzentos gramas de banha de porco, dez gramas de raiz de orpim e de joubarbe; uma pitada de folhas de pervinca e uma cebola de lírio. Cozer tudo ao banho-maria ou ao fogo de cinzas, e passar através de uma flanela. Pôr igualmente sobre estas glândulas papel Fayard, e cobrir com algodão cardado.

No caso de ulceração (ditas fendas), lavá-las três vezes por dia com bom vinho adoçado. Untar o contorno com cerato saturnado, para estreitar a chaga.

No caso de leite derramado (nome vulgar dado a um leite que não foi bem cuidado e que se dirigiu para um lugar qualquer do corpo); seguir o regime seguinte a fim de fazer evacuar este leite e de devolver a calma às localidades que perturba.

Beber durante um mês do depurativo seguinte, três copos por dia, sempre uma hora antes das refeições. Fazer ferver durante dez minutos num litro de água:

15 gramas de salsaparrilha.

5 — de saponária.

5 — raiz de paciência.

10 — pau de alcaçuz.

Purgar todos os quinze dias, com trinta gramas de sal de magnésia.

Sal úrico, Areia, Gravilha, Pedra.

Abordamos aí uma grave doença que aquela gerada pelas criações citadas? Onde está a fonte destas criações, de que são compostas? Pode-se interrompê-las no seu parto; pode-se desembaraçar delas quando nasceram? Fomos mais em condições que muitos outros de fazer este estudo, no sentido em que a nossa boa lúcida, Adèle, foi atingida pela pedra em 1872, na sequência das emoções penosas que experimentou, nas peripécias da triste guerra de 1870-1871.

Em 1872, encontrou-se a expelir areia em abundância; à areia sucedeu a gravilha, e a esta última pequenas pedras. Empregou remédios sobre remédios durante seis anos, e não experimentou nenhum alívio. Não saberia enumerar a quantidade de drogas que absorveu sem nenhum sucesso. Era preciso seguir um sistema com perseverança, mas a perseverança nem sempre está à disposição daquele que sofre, sobretudo quando não experimenta nenhum alívio.

Não queria mais visitar-se, assustada que estava de ver o estado do rim direito sobretudo que lhe parecia ser quase perfurado pelas pequenas pedras que aí ficavam, e que eram bastante numerosas para expelir até quinze por mês. Estas pedras eram de todas as formas, mas geralmente quadradas, tendo cinco milímetros em todas as faces, expeliu também duas pedras a intervalos bastante afastados; eram grossas como um forte feijão de Soissons, mesma forma, tendo um forte centímetro em comprimento.

Foi-me fácil ver com a ajuda de uma forte lupa, que eram formadas de agregados de pequenas gravilhas de cor amarelo ferrugem: Não me ocupando de recolher a areia nem a gravilha, que, neste lapso de tempo, teriam podido encher um alqueire, mantive-me às pedras citadas, recolhi

assim mais de quatrocentas e cinquenta de todas as grossuras, que possuo e guardo numa caixa como peças de convicção.

Adèle não quis mais tratar-se e, por este facto, fez-me recorrer a médicos especialistas, que não foram mais felizes que ela. Pedi ao meu vidente Ravet, um dia que estava em sono, de me ajudar com os seus conselhos visitando Adèle, e de pedir que o iluminassem para esse efeito. Após um estudo calmo como ele sabe fazer, disse-me:

«O que causa, o que gera a pedra, é o sangue demasiado carregado de cal, de albumina e de glaires, quando a circulação o conduz ao fígado, trabalhado, inflamado por uma bile acre e quente, encontra-se ser aquecido além da medida, a cal que contém no estado invisível assim como as glaires e a albumina tomam um corpo, que este foco seca e coze, diria; daí nascem do pequeno areia vermelha ou amarela, e da gravilha à pedra; dir-vos-ei para ser melhor compreendido, são pequenos pães que cozem no forno.

Acontece o mesmo para as criações que se fazem nos rins, onde passa a urina; os mesmos depósitos aí se fazem e aí se cozem como no fígado, pelos mesmos meios, e pelo calor desta grossa veia (1) que passa entre eles, cujo sangue está inflamado por um acréscimo de bile quente e de glaires recozidas, que são tantos alimentos para o foco geral. »

(1) Artéria, aorta.

Que seria preciso fazer então para aniquilar este incêndio? refrescantes, refrescantes e purgações reiteradas! não me faltou mais, para influenciar Adèle por demonstrações e encorajamentos prementes, a fazê-la seguir exatamente estes conselhos. Recorri então a voltar às tisanas refrescantes que ela se tinha aconselhado; mas que tinham sido absorvidas negligentemente: depois às purgações que tinham sido tomadas incidentalmente. Foi então uma escravatura de um ano, a seguir pontualmente o regime seguinte, que foi coroado de um pleno sucesso.

Após ter bebido infusões e decocções das plantas que seguem, plantas que produziram urinas mais ou menos claras ou turvas, e mais ou menos abundantes.

Camomila infundida nas dores nefréticas, e as fricções ao óleo de camomila não canforada.

A perfura-pedra, desentope os condutos ureterais.

A hera-terrestre cicatriza as chagas dos rins.

A figueira é boa.

A limonada ao limão é um fundente das glaires e faz bem.

As folhas de videira orelha de urso em infusão são boas.

A flor de hipericão infusão.

Cabelo-de-vénus de Montpellier em infusão, cortar o vinho das refeições.

A decocção de estigma de milho ou cabelos de trigo da Turquia, é excelente.

Água de bicarbonato de sódio.

Água de Vichy, cortar o vinho das refeições.

Hissopo, infusão.

Parera brava infusão, aquelas que Adèle tomou mais frequentemente são hera-terrestre, cabelo-de-vénus, videira orelha de urso, estigma de milho dito cabelos de trigo da Turquia, água de bicarbonato a cinco gramas sobre um litro de água. Lavagens todos os dois dias corretamente ao azeite puro, à malva selvagem, à parietária, à raiz de malvaísco e flor de sabugueiro. Nas dores dos rins, e nas urinas fétidas, tomar à noite duas cápsulas de terebintina de Veneza, continuar uma quinzena de dias.

Depois purgar todos os meses com 30 gramas de sal de magnésia fundidos em dois copos de infusão de três flores de camomila muito adoçada, bebê-los de manhã na cama a quinze minutos de intervalo, e beber após cada dejeção do caldo de vitela. Evitar vinho puro e licores, café preto muito leve. Não tocar na azeda, evitar os feijões, as ervilhas, as lentilhas, ou comê-los com muita moderação, nada de excessos em todas as coisas.

Após um ano deste tratamento, Adèle foi curada completamente, supomos, no sentido em que eis dois anos que não expulsa mais areia, gravilha, nem pedra, também ensinamos com prazer o que precede às pessoas que se encontrassem no mesmo caso.

Edema.

Esta terrível doença é um dos pontos angulosos que encontram a medicina oficial como a magnética e sonâmbula. Uma emoção na mulher durante o curso das suas menstruações, más sequelas de partos; um agarramento, um medo no homem, perturbam o sangue de certa maneira e levam-no à decomposição, uma má função do fígado, um sangue empobrecido por excessos de lubricidade e de bebedeiras, ou por privações; ou trazendo ao nascer o germe, são tantas causas de onde decorre esta doença.

Notamos que é local ou geral, pode afetar o cérebro na criança hidrocéfala; como o coração e os outros órgãos do corpo. Manifesta-se por uma espécie de separação dos constituintes do sangue o que perturba a circulação, e gera criações de substâncias diferentes, e principalmente de água em superabundância? o ar que aspiramos por todas as partes do nosso ser, em vez de se aliar aos componentes do sangue, separa-se ao contrário e condensa-se em vapores que se reduzem em água. As funções da bexiga

param por sua vez, e oferecem certa resistência à passagem da urina que fica nos seus canais, e impede a água de se espalhar pelo canal uretral. É preciso a todo o custo que esta água saia naturalmente ou pela punção. Evita-se este último meio tanto quanto se pode, tentando fazer funcionar melhor as vias urinárias.

Adèle teve ocasião muitas vezes de tratar esta penosa afeção, e muito frequentemente pôde evitar a punção pelo emprego dos diuréticos seguintes. Beber de uma infusão de estigmas de milho, de folhas de videira orelha de urso, de flor de urtiga branca, de cabelo-de-vénus de Montpellier, peles de favas de pântano; estas peles encontram-se bastante dificilmente nos droguistas; mas pode-se tomar destas favas secas, pô-las a molho em um pouco de água tépida, de maneira a que a pele possa ser retirada bastante facilmente.

Pôr então uma pitada de três dedos por copo de água, sofrer um ou dois fervores. Adoçar e beber três copos por dia, no caso em que uma icterícia se anuncia ou que existe, beber três copos por dia de uma infusão de flores de pequenos malmequeres dos campos, no cuspir de sangue, beber de uma decocção de raiz de consolda maior; purgar com um copo de água himyadi-janos (água mineral purgativa) tomado todos os dois dias, até desaparecimento da icterícia, beber após cada dejeção de uma infusão de flores de amores-perfeitos dos campos, pousar além disso sobre o baixo ventre um cataplasma composto de farinha de trigo sarraceno diluída com uma infusão de flores de camomila.

Reumatismos; gota; ciática; dores nervosas ou sanguíneas, herpes, hemorroidas.

Se as dores morais são penosas e numerosas, as físicas não o são menos; estas últimas são o mais geralmente conhecidas sob os nomes de reumatismos, de gota e de ciática. Pararemos nestes três únicos que são os mais espalhados.

Em medicina, classificam-se estas afeções como sendo da mesma natureza, salvo que o reumatismo ordinário e não o reumatismo agudo, é mais suportável que a gota e a ciática, as causas são absorções de frio ou de ter habitado lugares húmidos; como podem ser hereditárias e provir de outras fontes cujo primeiro e último palavra não está dito. Estas dolorosas afeções existem, fazem sofrer horrivelmente, e parecem ter fases crónicas; como de dependerem muito dos diferentes estados atmosféricos.

Quantos bálsamos, quantos óleos, gorduras, remédios e tentativas de toda a sorte foram empregados sem outros sucessos que o de esperar uma nova crise: não há até ao galvanismo, a eletricidade, exercícios gimnásticos, e os banhos que não tenham sido tentados em vão. Se é verdade como afirma o sábio fisiologista Sr. Flourens, que todas as partes do nosso corpo se

renovam sem cessar; não é menos verdade que as afecções das quais falamos não estão submetidas à mesma lei.

Não temos pois a aconselhar senão vigiar para manter o interior num estado de boas funções, o que facilita à circulação dos líquidos e dos fluidos de ser menos dependente das variações do tempo, e dos focos internos que não contribuem pouco para alimentar estes sofrimentos. Aconselhamos além disso os remédios mais usuais que são empregados em fricções; escolhê-los entre as pomadas canforadas, de cebola de lírio, gordura de ganso, gordura de pato, de vulnerária ou de papoila; bálsamo de nerval, bálsamo tranquilo, manteiga de noz-moscada, óleos de loureiro, de hipericão, de camomila, papel Fayard, químico, de Argélia, álcool canforado, álcool de menta, essência de terebintina, terebintina de Veneza, cataplasmas à farinha de arroz, água de papoila e de malvaísco, depois uma colherada de banha de porco.

Compressas de água de melissa dos Carmelitas, de infusão de arnica, de água sedativa; enfim de água magnetizada. Isolar do ar a parte afetada (nos casos em que isso produz calma) ao meio de ligaduras de seda, ou de tela fina encerada. Pode-se encontrar um grande alívio no magnetismo; mas há perigo para o magnetizador se não se desembaraçar com muito cuidado do que terá podido absorver do mal. O que não sentirá de imediato nem em vários dias, poderá senti-lo num ano. Falamos com conhecimento de causa. A nossa mão fez prodígios neste género e o nosso corpo fez aquisições, que bastante hipotecaram a sua saúde. Como preservativo e mesmo como curativo, pode-se fazer uso do Maté.

Esta planta é cultivada no Paraguai e aí se bebe em infusão como tomamos o chá, doze milhões de seres fazem uso dela há mais de três séculos. Vários obras trataram das suas virtudes e as olham como sendo superiores às nossas plantas da sua ordem. Pelo seu uso seguido, não se conhecem nestas contradas (bairros ou distritos) as nossas doenças nervosas, a ciática, a gota, os reumatismos, a gravilha, a pedra, etc. Faz-se dela uma panaceia. Desejei consultar Adèle sobre esta planta tendo absorvido dela, e fazendo-me visitar para que melhor apreciasse os efeitos, respondeu-me o que segue:

Esta planta é superior às nossas da mesma família, no sentido em que é estimulante, muito tónica e refrescante ao mesmo tempo, virtude dupla que não têm as nossas plantas. A sua ação sustenta-se pelo menos vinte e quatro horas. Não aconselharia tomá-la após a refeição, como o chá, no sentido em que a sua natureza é mais fria e poderia perturbar a digestão em certos doentes, mas deve ser tomada em jejum de manhã ou durante o dia, como se toma o café e o chá em infusão, um grama para três chávenas, que se fará vertendo a água a ferver em cima em duas vezes (adoçar), bebê-la quente, ouço dizer que se deixa no fundo de um vaso para o dia seguinte fazer uma segunda infusão, e assim da terceira sem pôr

outra. Esta planta é preferível ao chá no sentido em que não agita como ele, e não é menos ativa. Faz uso dela, encontrar-te-ás bem, tive dificuldade em obtê-la, mas um amigo fez-me vir dos lugares mesmos, encontro-me bem cada vez que tomo.

Herpes e hemorroidas.

Há herpes vivos e herpes farinhentos, decorrendo cada um de causas mais ou menos diferentes, e conduzindo, como quantidade de outras afecções da epiderme, a complicações e a nomes separados. É bastante admitido que são gerados por um sangue viciado, que é bom purificar, pela absorção de depurativos, nos quais a saponária e a salsaparrilha devem tomar os primeiros lugares; quanto a fazê-los desaparecer, nada é mais fácil ao meio de loções reiteradas e de compressas permanentes de água magnetizada para esta intenção, não tardareis a reconhecer a virtude essencial desta água ao sucesso que obterá; mas aí não está terminada a cura; é preciso que o depurativo limpe o sangue destes agentes de distúrbios. A semente de mostarda é ainda de um grande socorro nesta ocasião, pelo curso forçado que impõe à circulação geral.

As hemorroidas são uma doença muito frequentemente salutar: exceto algumas pessoas sedentárias, sempre sentadas e muito aquecidas dos intestinos, não são senão aquelas que entram no retorno de idade, como se diz ordinariamente, que delas são penosamente afetadas; as mulheres estão-lhe mais sujeitas que os homens; pelo facto de que fornecem mais ao sangue, não há senão alívio a trazer a esta afeção, no sentido em que suprimir este fluxo natural, é incorrer nos perigos, semelhantes ao incorrido pelas mulheres que suprimem as suas regras: ajudar a esvaziar as células que contêm este sangue, ou a suavizar o fogo, são as únicas coisas a tentar.

Algumas sanguessugas no ânus, abreviem e aliviem muito, fumigações sobre um vaso de noite, ao meio de infusões muito quentes de pervinca, ou de cerefólio, são de um bom efeito, untá-las com uma pomada feita de raiz de orpim bem limpa, cozida a um fogo brando em manteiga bem fresca, é muito soberano. Esta raiz é composta de pequenos tubérculos aglomerados que representam bastante a figura das hemorroidas, o que terá sem dúvida convidado a usá-la para esta intenção.

O populeum passa igualmente por ser muito bom, pequenos cataplasmas de farinha de linho e de folhas de pervinca piladas, diluídas a água de pervinca, aliviam muito. Se se quiser distanciar as aparições, é preciso cuidar dos intestinos, e refrescar o sangue por infusões à base fria, se não contrariarem o estômago, ou então tomá-las em lavagens. Se no entanto se tivesse o sangue em demasiado más condições, do que se pode julgar pelos distúrbios que leva, seria preciso recorrer ao depurativo, e ao regime da semente de mostarda. Se esta semente aquecesse demasiado, poder-se-ia tomá-la apenas com limonada, ou laranjada; não se tomaria então senão

uma vez de manhã, e o resto do dia, a infusão depurativa, de que falámos; a hérnia, folhas e raízes são muito recomendadas em decocção ou em infusão em todos os casos em que se supõe ulcerações internas. Assim como da erva a mil folhas, já citada contra os cuspimentos de sangue e as hemorragias.

Doenças mentais, alucinações, possessões, enfeitiçamentos, loucuras.

Esta importante questão só pode ser tratada filosoficamente, não de cabeça erguida, mas, pelo contrário, muito baixa, na medida em que ameaça o eu, ao pôr em dúvida a permanência da sua existência, e, em suma, faz do homem apenas um ser dependente do menor acidente, de uma fugacidade da vida.

Vejamos este sábio químico absorvido pelo estudo dos agregados que compõem a matéria, que toma notas sobre as suas observações, crê ter surpreendido a natureza nos seus partos, e que, por sua vez, espanta os amigos com as coisas bizarras que lhes debita sobre esses mesmos agregados.

Vejamos este sábio professor religioso que, à força de entreter os seus ouvintes com os seus rapports com Deus, se diz ser o próprio Deus e comanda em consequência; vejamos este astrónomo erudito que, à força de pesquisar nos espaços atrás de uma estrela nova, se torna essa estrela, e crê ocupar o primeiro lugar entre as últimas.

Vejamos este jurista, que quer ultrapassar os sábios Minos, Licurgo e outros, e acaba por ser considerado um homem perigoso!

O mesmo se passa com este general que, querendo ser um César, se torna um idiota que foge perante as ameaças de uma criança!

Vejamos este pobre homem de trabalho, que se crê o primeiro banqueiro do mundo.

Esta cozinheira, que se faz tratar como condessa,

Este carregador dos mercados que se crê ser um Hércules, e diz carregar a terra sobre os ombros.

Vejamos esta velha devota, que se crê ser a esposa de Cristo, o seu Deus.

Ou este beato capuchinho, que não quer alimentar o corpo, e o submete à tortura, para ganhar uma parte maior do céu.

Ou esta jovem e tímida rapariga, que faz voto de resistir às leis da natureza, e que crê fazer melhor obedecendo-lhes nos braços do seu professor religioso.

Vejamos nos reputados não loucos todos estes reis e senhores, vivendo à Luís XV à custa dos tolos que os incensam...

Ou estes banqueiros e comerciantes de toda a ordem, que se dizem ser os suportes de uma sociedade que exploram em proveito próprio, para, no fim de contas, devolver à terra o seu corpo como dele saiu...

Sejamos francos ao perguntar se, do altar ao trono, do tribunal ao jurista, do académico ao artista, do professor ao aluno em toda a ciência e em todos os trabalhos, a loucura não ocupa o melhor lugar? Fala-se pouco dessa, mas daquela em que basta um qualquer distúrbio trazido na ordem dos pensamentos que, sozinhos, constituem o ser pela sua memória,

que esta memória não funcione, não aja, e não seja mais o que era, o nome à volta do qual esses pensamentos se agruparam, o corpo que eles habitaram e conduziram já não são eles. É outro nome que lhes é dado por outros grupos de pensamentos providos de faculdades diferentes daquelas que habitavam o mesmo local há apenas um instante.

Este pobre Pierre, simples sapateiro, tornou-se instantaneamente Deus ou imperador ou tal dignitário do reino. Outro menos feliz, perseguido pela justiça por um crime que não cometeu, teme a vista do gendarme e vive apenas de terrores! Tal outro vê assassinos que lhe querem os dias! A maior parte não vê senão inimigos que os perturbam, na sua existência, na sua fortuna, nas suas afeições e até no seu sono.

Alucinações, possessões, loucuras não são senão um mesmo estado produzido por pensamentos que se deslocaram, e parecem dominar-se uns aos outros. O eu, a família, os amigos de Pierre ou de Paul já não existem, o eu, a família, os amigos de Pierre e de Paul é o mesmo corpo, mas os pensamentos que o habitaram cederam a propriedade a outros. Esta morada mesma toma outro aspeto, e contém coisas que não se sabia que possuía.

É todo um atelier diferente: é uma memória completamente outra, as prateleiras da anterior estão ocupadas agora por outros factos, por outros quadros que eclipsam os primeiros... o que é então o eu, a alma de cada ser nesta aparição de outro eu e de outra alma, que habitam e conduzem por turnos estes corpos, estas propriedades que, por esse facto, não pertencem a ninguém visto que são todas de todos?

Que remédio aplicar a estes distúrbios da existência? Hospícios, duches, tisanas; ensaios de todo o género, que duplicam as crises e não trazem nenhum alívio. Homem que te dizes feito à imagem do teu criador: tu és bem não o todo mas o nada, onde te crês mais seguro da tua personalidade, da direção dos teus pensamentos, já não és senão uma idealidade, um erro!..

Na decomposição do corpo que te aloja: reaparecerás na cena de outro mundo, para aí gozar de uma existência menos submetida a estas desarmonias da nossa? Ousamos crê-lo, e esperá-lo; devemos crê-lo e

esperá-lo, se admitimos a equidade da criação. Mas não choramos menos sobre as suas obscuridades!

Saibamos que neste deslocamento do eu, cedendo a sua morada a outro eu, não há outra coisa senão uma mudança de inquilino principal e do seu pessoal, como isso se opera nas nossas mudanças de moradas no estado material!

Saibamos que nestes pensamentos de grandeza, de divindade, de realeza, de dominação sobre os homens e sobre as coisas do estado terrestre, não há senão esta faculdade que notamos nos sonâmbulos naturais ou artificiais, de gozar da objetividade dos seus pensamentos de ver fora deles o que está neles, de fazer agir segundo os seus desejos, as criações inexplicáveis que a natureza depositou em nós para, ousaremos dizê-lo, servir de materiais à edificação, e à manutenção do edifício humano, materiais que são chamados, como uma matéria plástica, a tomar todas as formas que deseja produzir o ser que os tem sob a sua dependência.

Notamos esta faculdade na nossa existência normal como na anormal, na normal, tomamos estes materiais fora de nós, como por exemplo pedras nas pedreiras para construir as nossas casas, madeira nas florestas para fazer os nossos móveis, etc., na anormal, de sonambulismo como de sonhos e de loucuras, fazemos o contrário ao tirar de nós os materiais das nossas criações, na medida em que estes materiais são da mesma natureza que os nossos próprios pensamentos.

Este trabalho é uma simples transposição da nossa ótica e dos nossos outros sentidos, que nos faz crer ser o criador das coisas que vemos neste estado, quando não somos senão curiosos que nos passeamos, diremos, no domínio dos nossos pensamentos, sem suspeitar que somos decalques, álbuns de imagens de tudo o que existe fora de nós: que somos um universo em miniatura, um verdadeiro microcosmo como pensaram os antigos!

O que há a fazer nestes casos? Tentar dar aviso aos inquilinos que se apoderaram da morada material do possuído, do louco, do alucinado, e chamá-lo de volta para casa por distrações; por entraves trazidos ao gozo dos ditos inquilinos não autorizados a habitar este domicílio, combater os seus pensamentos, por palavras que não têm nenhuma relação com os deles. Se falam como reis, falai-lhes de negócios e combinações financeiras, se são medrosos, sede bravos, se são caseiros e amuados, levai-os a museus, e ao teatro, aí ver peças alegres; não lhes deis repouso aos seus pensamentos, perturbai-os por sua vez, como eles fizeram.

Os padres chineses como os católicos têm os seus terços e as suas orações contínuas que recomendam utilizar contra as possessões, e as alucinações. É um facto incontestável que, quanto mais opuserdes pensamentos de

outra ordem àqueles que vos obcecam, mais tereis esperança de os expulsar do vosso domínio.

Acabamos de tratar de um género de enfeitiçamento e de possessão que resultam, como dissemos, dos pensamentos do próprio indivíduo -, mas existe outro género de possessão estranho a esses mesmos pensamentos, possessão de que os livros religiosos relatam factos estranhos e inexplicáveis para a nossa razão, estas possessões são devidas a seres desencarnados que tomam possessão do corpo cuja alma negligencia a vigilância, ou ao qual consente entregá-lo assim, durante um tempo qualquer, à direção desses espíritos que se servem dele para operar coisas extraordinárias que derrubam todas as leis recebidas em física.

As possuídas de Loudun e de outros lugares; aquelas chamadas convulsionárias de Saint-Médard, a bela Cadière sob a direção do padre Girard, Marie Alacoque sob a do padre Lacolombière, e tantas outras de que tratámos na magia magnética, oferecem os mesmos factos que aqueles que notamos nos nossos dias nos nossos êxtases magnéticos e nos nossos médiuns, factos que merecem um estudo muito sério e muito independente das ideias recebidas, tanto em metafísica como em física; tanto em crença religiosa como em crença filosófica.

Perante estes factos, o estudante pergunta-se quem prova que as manifestações dos médiuns, o saber dos videntes são mais devidos a esses espíritos estrangeiros de que acabamos de falar do que aos corpos eles mesmos? Quem prova que um ser desencarnado, isto é, existindo após a morte do corpo, possa, no seu estado presente de invisibilidade, no seu estado de imponderabilidade, ter um poder semelhante, senão superior sobre a matéria do que aquele que tinha quando estava todo nela? Enfim, estamos bem seguros deste poder de agir, tal como supomos que age naquilo que chamamos possessões?

Eis questões muito justas e muito difíceis de resolver, mas eis outras que não o são menos.

Como as possuídas de Loudun podiam falar línguas que lhes eram desconhecidas? Conhecer o passado, o presente e o futuro? Estar suspensas no ar sem nenhum ponto de apoio, ou caminhar em equilíbrio sobre molduras aplicadas às paredes sem cair? Manter posturas que nenhum ginasta poderia manter? Portar no corpo estigmas, sem apresentar nenhum meio de os produzir?

Como aquelas de Saint-Médard se faziam apertar entre traves, até que o crânio e os lados fossem achatados a fazer supor não poder retomar a forma primeira? Como se faziam crucificar por bons e fortes pregos enfiados nas mãos e nos pés, e isso até vinte e sete vezes num certo lapso de tempo? Como podiam receber no peito até trinta golpes de um atiçador que pesava trinta libras sem que se notasse na pele nenhuma equimose? Como

podiam ficar até quinze minutos, a cabeça, os cabelos soltos, num braseiro incandescente, sem ter um só dos cabelos queimado? Como um oficial sabendo que a mulher se misturara a estas convulsionárias e se dava como elas em espetáculo, veio encontrá-la furioso, tirou a espada da bainha e ameaçou trespassá-la; a mulher deitada no chão de costas, desafiou-o dizendo:

Queres mesmo trespassar-me um olho que não o poderás fazer; o que duplicou a cólera do marido que logo ajustou a ponta da espada no olho e apertou de modo que a lâmina se curvou até à guarda, em vez de entrar nesse olho? Como outras se faziam fender a língua em toda a sua longitude, e logo cicatrizada, recomeçavam de novo à saciedade? A polícia fez cessar este género de espetáculos que durou muitos anos; mas não pôde aniquilar os processos-verbaux que relatavam estas coisas.

Quem explicará melhor os rapports do padre Girard com a bela Cadière cujo processo célebre desvendou coisas não menos estranhas, sobretudo em transfusão dos corpos destes dois amantes divinos presumidos, factos que foram apreciados a diversos pontos de vista sem que se pudesse conhecer ao seu justo valor este género de magnetismo espiritual?

O mesmo se passou com Marie Alacoque e o padre Lacolombière, sábio jesuíta, que chegara, pela sua ação magnética sobre esta pobre tonta, ao ponto de a fazer dizer e certificar ser tornada a amante de Cristo, entregando-se com delírio a carícias amorosas para com o seu divino mestre de que o padre Lacolombière recebia o proveito. Estas coisas existiram em todos os tempos, existem e existirão eternamente.

Qual é a lei delas? Qual é a explicação? O que as prova são os factos mencionados anteriormente. Como admitir a maior parte sem recorrer à intervenção de espíritos que só eles são capazes de os produzir? Eis uma pobre rapariga iletrada que fala uma língua que não conhece, onde a empresta? A um membro da sociedade presente, dir-se-á, mas não há sociedade nem membros quando esta coisa se faz à distância! Quando um vidente questiona um defunto estrangeiro, e conversam muito bem juntos, como se entendem?

Como outro que nunca tocou num violino, num piano, em pincéis, poderá tocar no violino como o faria um excelente violinista; ou no piano como o faria um pianista eminente, ou cobrir uma tela de uma paisagem admirável? É aí onde somos conduzidos apesar de nós, a admitir que um ser desencarnado se reincarna momentaneamente e convencionalmente no corpo do vidente para executar por meio dos seus braços e das suas mãos o que não sabe, o que não aprendeu, o que não pode fazer ele mesmo este vidente; o que se encontra provado quando muda de estado, ao repassar ao seu estado normal.

Já tivemos vários pequenos camponeses com doze a catorze anos, que não tinham noções de cálculos, que foram apresentados e estudados pelos sábios da Academia das Ciências, que lhes submeteram problemas algébricos, cálculos astronómicos de grande dificuldade, que se encontraram resolvidos em alguns segundos, quando o sábio astrónomo Arago confessou que lhe eram precisos vários meses para verificar a exatidão; o que fez e reconheceu a justeza.

Quem fazia estes cálculos: quem os explicava pela boca destas crianças? Certamente que parece ser mais razoável admitir que era algum espírito astrónomo desencarnado, que estava bem contente de assim estupefazer os seus ex-colegas pelo socorro desta criança, do que admitir que é um facto de cognição deste ser. Admitir tal proposição, seria fazer do homem um ser universal podendo, em certas condições, ser o que não pode ser em outras? Seria transpor uma questão muito difícil de resolver para outra não menos difícil.

Não prosseguimos este estudo que poderia estender-se até nos fazer escrever vários volumes sobre ele; para talvez não o elucidar melhor. Mas para a nossa opinião individual, somos levados a admitir estas relações de homens materiais e de homens espirituais? Estas ligações, estas transfusões mesmo dos corpos e dos pensamentos; mas em casos muito restritos, é por esta razão que a proposição também obscura como as dos enfeitiçamentos e das possessões, deve ser estudada com prudência e sobretudo com sabedoria.

Eis sobre este facto um fraco percebimento das crenças existentes nos nossos dias, sobretudo no habitante das campanhas; que o leitor aprecie o valor, e quão grande é o socorro que podem trazer bons videntes nos casos que seguem. Copiamos para esta intenção um discurso que pronunciámos em 26 de março de 1882, perante os estudantes Swedenborgianos, no dia aniversário da espiritualização de Emmanuel Swedenborg!

F... e S... em estudos,

Encontro-me sempre com prazer no meio de vós, não porque tenha um ano mais a adicionar àqueles que me são penosos de suportar; mas porque mais uma vez, vejo com satisfação a vossa perseverança em continuar os nossos estudos, sob a égide do nosso bom guia Emmanuel Swedenborg, e que fazeis pouco caso das diatribes que ainda, nos nossos dias, são debitadas contra nós por sábios atingidos de cegueira sobre elas, e de ódio sobre nós. Diatribes nas quais nos tratam de idiotas e de charlatães que exploram a credulidade humana!...

Ai! se estes homens tivessem passado trinta e cinco anos ao meu lado, que tivessem visto o que eu vi... que tivessem ouvido o que eu ouvi; e que tivessem feito o que eu fiz, seriam mais esclarecidos sobre a questão do magnetismo e não a cobririam com o seu desprezo! Vou, para este efeito,

passar em revista algumas das consultas que foram dadas pela nossa excelente Adèle, a homens mais crentes que os nossos adversários e que delas recolhiam uma satisfação que os tornava felizes; e a mim muito pensativo.

Certamente que os factos que vou contar-vos prestam-se a legitimar as acusações portadas contra nós; mas devem prestar-se também a fazer-nos apreciar melhor do que somos. Vou citá-los sob este título:

O feiticeiro apesar de si.

PRIMEIRO FACTO. — Um dia vimos entrar um homem do campo; de uma força hercúlea, tipo franco e crente do corajoso cultivador! Homem que, com ar embaraçado, nos disse: Não sabeis por que venho ver-vos?

— Quando mo disserdes sabê-lo-ei.

— Vedes, senhor, nós outros no campo, acreditamos em feiticeiros, deveis saber isso, vós que se diz o mais forte feiticeiro do mundo?

— Quem vos disse isso?

— Um amigo que leu um grosso livro onde falais disso, depois vê-se na vossa cara.

É por isso que vim ter convosco para que impeçais os malefícios que estão sobre a nossa casa, as nossas vacas morrem ou não dão leite, não sabemos o que tem o nosso cavalo? A minha mulher morre de languidez? O meu genro, que é um homem da minha força, que carrega novecentas libras sem se incomodar, está mole como uma galinha molhada, a minha filha bate a campainha, o nosso pequeno está meio louco. Oh! Se eu apanhasse o tipo que nos faz isso, esmagava-o como um verme. Assim vede se podeis tirar-nos daí? Se não o fizerdes, a nossa casa está f.....!

Fui, há algum tempo, encontrar um pastor, que passa por um homem muito instruído, tem cheio de velhos livros em casa; encontra-se sempre com um na mão; viu logo que estávamos arruinados por um mau tipo, que não quis dizer-me o nome porque eu o esborrachava; mas deu-me fio para retorcer, dizendo-me para voltar para casa calmo e logo fazer sair as nossas vacas do estábulo, (eram onze horas da noite) mas fazê-las sair pelo oposto ao que entram, o que não era nada fácil; também o meu genro e eu suámos sangue e água; ele puxando pela cauda; eu empurrando com o ombro no peito, as cabras não queriam mexer-se!

Enfim conseguimos, não sem pena, como ele tinha dito. Uma vez fora, fizemos-lhes o que ele aconselhara, e pronunciámos as palavras que nos dissera; depois fizemo-las entrar de cabeça para a frente, foi tudo sozinho mas não fez nada; estão tão doentes como antes e quase não dão leite... até o nosso cavalo que tem ar embotado... vós que sois mais sábio, sentis-vos à altura de fazer melhor? Esperai ainda, os nossos gatos não querem

tocar nas ratazanas, que comem todo o nosso grão ao nariz e à barba delas, até a nossa pobre rola que não arrulha mais, tentai pois expulsar o sapo que se diz que depositou debaixo do degrau da porta do nosso forno onde comemos.

Todo espantado com tanta crédula simplicidade, tive de manter o meu sério enquanto me contava esta história; o que pareceu agradar a este bravo homem que deve ter dito para si:

Eis um que rumina o nosso caso e que vai bater forte; contentei-me em responder-lhe: encarrego-me do combate; confiai em mim!

— Oh! É bem o que me disseram de vós, é um duro de roer este.

Chamei Adèle que comecei a adormecer; o que me vendo fazer, este bravo homem piscando o olho, disse-me: o que fazeis assim à vossa mulher?

— O que devo fazer, para a colocar sob a proteção dos bons Espíritos!

— Oh! Temos bem necessidade, fazei sempre!

Adèle estando em estado de responder, fiz-lhe conhecer o objetivo da visita do consultante, ela compreendeu logo, e, sem mais tardar, visitou a morada deste homem, o estábulo, a cavalariça, o chiqueiro, o galinheiro, o celeiro, o forno, viu que estes lugares estavam no pior estado possível de abandono e de sujidade: dirigiu-se assim que se segue a este bravo homem: Tendes duas vacas no estábulo, uma cor ruiva e manchada de branco; a outra preta, o peito e as baixas das pernas brancas.

— É bem isso, estais lá.

— O vosso cavalo é todo branco, e um pouco velho!

— Sim, a pobre besta tem mais de vinte anos.

— O vosso porco é todo jovem?

— Sim, tem a pena quatro meses.

— Os vossos gatos são passavelmente gordos; vejo dois?

— Sim, estão como lesmas!

— A vossa mulher está acocorada diante do fogo?

— Não sai dali.

— O vosso genro está triste, e abatido?

— É verdade, tem ar de imbecil?

— A vossa filha tem ar de ser mais desperta?

— Pardié, tagarela todo o tempo.

— O pequeno sofre da cabeça?

— Acredito, envenenaram-no este pobre criança!.. vede, senhora, digo no entanto três missas por dia, mesmo estando nos campos; sem isso acredito que estaríamos mortos?

Temi um momento que Adèle não pudesse manter o sério: mas sentiu como eu a necessidade de ficar impassível!

— Fareis tudo o que vos aconselhar a fazer?

— Pardié, se o faremos, vim aqui só para isso.

Pois bem, retomou Adèle, vamos começar por limpar bem, e lavar o estábulo, raspar as paredes e branqueá-las com cal; depois depositaremos nos dois ângulos de entrada, duas terrinas contendo cada uma quatro sous de alcatrão vegetal... Poremos uma cama fresca que mudaremos regularmente, pois precisamos de limpeza.. é nas sujidades que se comprazem os maus espíritos, e pelas quais agem os feiticeiros... Suprimireis as vigílias no estábulo este inverno, e tereis um grande cuidado das tetas e dos úberes das vacas, lavando-os todos os dias com uma decocção de raiz de alteia na qual poreis um pouco de leite... mudá-las-eis todos os dias das dez ao meio-dia.

— Dam' não temos muito tempo.

— É preciso!

— Fá-lo-emos.

Agireis da mesma forma para com a cavalariça; e poreis uma treliça em fio de ferro com malhas um pouco apertadas num respiradouro que vejo acima da manjedoura: respiradouro pelo qual se pode introduzir más ervas nesta manjedoura. Escovareis e friccionareis o vosso cavalo todos os dias... pouca aveia, água branca para beber, que agitareis durante alguns minutos com a mão, não será senão melhor... quanto ao porco e às galinhas, palha fresca, e vassoura... para o que concerne os gatos que fogem dos ratos; deixai-os durante oito dias sem lhes dar comida...

— Mas estas pobres bestas rebentarão de fome?

— Pelo contrário, comerão os ratos.

— Mas a mulher não quererá deixar as bestas sem comer?

— Dizei à vossa mulher que é preciso, ou estais todos perdidos!

Passemos agora a vós outros; sois o mais sólido, aconselho-vos apenas a ter fé e a continuar a dizer as vossas missas.

Para a vossa mulher, o vosso genro, a vossa filha e o pequeno, que façam cada um exatamente o que vou aconselhar-lhes, seguem alguns conselhos

médicos apropriados ao estado de cada um... dizei à vossa mulher que, em quinze dias, as vossas vacas vos darão leite em abundância; e que todos terão reencontrado a calma e a saúde.

— Que Deus vos ouça!

Um mês após ter seguido os conselhos de Adèle, a saúde, a esperança, a alegria tinham regressado à casa., as vacas mais limpas davam leite, o cavalo acreditava ter passado pela muda, sendo limpo das placas de sujidade que lhe davam febre... os gatos tinham retomado o seu ofício; os ratos tinham mudado e o feitiço estava levantado!... se tivéssemos combatido as ideias destas pobres gentes, não teriam mais crido no nosso poder, mas fazendo o feiticeiro à força, fazíamos uma boa ação... tenho um volume em manuscrito sobre os nossos rapports com esta família durante vários anos, contendo coisas muito curiosas.

Segundo facto. Uma brava mulher veio um dia para consultar Adèle sobre um roubo de que acabava de ser vítima, não sem ter feito previamente um sinal da cruz antes de entrar!

Quando Adèle esteve em sono, esta mulher disse-lhe chorando: «Não é infeliz, senhora, ser roubada assim? Não é o primeiro azar que nos acontece, temos no nosso país um pastor que nos faz todo o mal possível! Nada anda mais... julgai; o nosso patrão tinha depositado na manjedoura do nosso cavalo doze mil francos que recebera de várias vendas de porcos que fizera, Fecha a porta e vai para os campos, depois, quando voltou, não encontrou mais o pobre dinheiro! Podeis ver onde está, e como isso se fez?

Adèle responde logo: o ladrão não teve de forçar a porta da vossa cavalariça, a chave estava em cima. Entrou para pegar uma mão cheia de feno para o seu cavalo, na medida em que sois amigos; vendo o saco, pegou nele!

— Ele no-lo devolverá?

— Não logo, serve-se dele para fazer construir uma casa que será mais bela que a vossa!

— É possível que vejais assim, como o vedes?

É um homem de tal idade (segue a indicação, este homem deve ser pedreiro de ofício, pois vejo-o vestido como eles!

— Como, meu Deus, poderia ser? Tivemos suspeitas sobre um pedreiro, o nosso vizinho, com o qual somos amigos, que neste momento constrói uma casa sem que se saiba onde tira o dinheiro para o fazer. Falámos disso ao prefeito do nosso país, mas disse-nos: Tomai cuidado, faltam-vos provas, ele poderia processar-vos como atentando ao seu honor, e fazer-vos chegar pena! Mas o nosso prefeito é amigo do pastor. Ai! Meu Deus, o nosso pobre dinheiro, perdido assim?

— Sim, minha brava mulher, respondeu Adèle, outra vez fechai ao menos as vossas portas!

É o que disse ao patrão, mas ele é tão confiante que não tem desconfiança por dois liards (moeda do tempo da Ver. Francesa).

Esta mulher deixou-nos, pedindo-nos perdão por nos ter incomodado. Eis uma mulher que põe na conta do pastor, o que deve ser reportado na da estupidez do marido. Não foi a única que cometeram todos!

Outro dia, voltou para consultar sobre a saúde de um jovem de dezassete anos, que tinham recebido em casa, abandonado que era dos irmãos do país deles, que o tinham recolhido sendo órfão, e o ocupavam em diferentes trabalhos; mas tomado de ataques de epilepsia, não puderam guardá-lo, e introduziram-no nestes bravos!

Era pelo estado doentio deste jovem que esta mulher desejava uma consulta. Quando Adèle esteve em sono, esta mulher disse-lhe: quando este jovem é tomado pelo seu mal, vê como vós; foi ele que me disse vir pedir-vos socorro: parece que lhe lançaram um feitiço, e que é isso que o põe nesse estado, viu bem aqueles que nos fazem mal, e aconselhou-nos a não os tornar bruscos. Que ele era dirigido por outro grupo de homens que nos querem bem, e aos quais é preciso que nos submetamos no que nos aconselharem por ele, fazer; porque é preciso que digam orações, e façam esmolas aos pobres! Há entre eles um padre, que tem um grande poder sobre os maus espíritos.

Durante este relato, olhava os olhos de Adèle que estavam fortemente agitados sob as pálpebras; a sua testa franzia-se, o que via não lhe agradava absolutamente. Disse a esta senhora: sim, o vosso jovem vê, mas não vê justo; desconfiai do que vos repete; digo repete, na medida em que não tenho fé no padre de que vos fala, e que lhe dita o que tem a dizer-vos. Já destes dinheiro?

— Ai! Sim, minha boa senhora, pois sem isso iam pôr fogo à nossa casa!

— Queirais trazer-me o vosso jovem, retomou Adèle, para que aprecie melhor o seu estado.

— Quero bem, senhora, vou falar-lhe disso.

— Sim, disse Adèle, isso é necessário.

Esta mulher deixou-nos, assegurada de que éramos os seus protetores, e que os distúrbios da sua casa iam cessar.

Quinze dias após esta consulta, a nossa mulher volta; mas não acompanhada do seu jovem, que o grupo que o dirigia impedira de vir. Adèle em sono perguntou-lhe por que não forçara este jovem a acompanhá-la? Ela respondeu-lhe: porque não deve deixar o pequeno da minha filha

que, sem ele, não existiria mais hoje! Os nossos inimigos ameaçam fazê-lo desaparecer! Pensai, senhora, fa-lo-iam cozer numa marmita este pobre pequeno para fazer malefícios!

— Deste dinheiro para lhe salvar a vida?

— Mas sim senhora, deveis pensá-lo.

— Temo que o vosso jovem seja o joguete inconsciente do padre de que me falastes. Deveríeis dizer uma palavra ao vosso confessor, pois vejo que sois religiosa; contar-lhe toda esta história, pedir-lhe informações sobre os irmãos de onde o vosso jovem saiu, e sobre este cura de que vos falou. Vejo que sois vítima de escroques que nos cumpre conhecer e perseguir?

— Ai! Senhora, acreditais que isso se poderia! O meu jovem fala-me no entanto do nosso Senhor Jesus-Cristo, e da sua santa mãe com um grande respeito.

— Repito-vos, retomou Adèle, que o vosso jovem não tem nada a ver com esta história, a sua doença tornou-o meio imbecil, caiu nas mãos deste presumido padre e dos seus acólitos, que lhe contam histórias absurdas que ele crê e vos repete; reporta-lhes integralmente o dinheiro que vos pedem por seu intermédio, o que os faz rir às vossas custas e da vossa credulidade.

— Acreditais, acreditais nisso, senhora? Pois bem! Vou seguir os vossos conselhos falando disso ao senhor cura, e dir-vos-ei o que me terá respondido.

Está combinado, disse Adèle.

Oito dias após esta sessão, esta corajosa mulher regressou com um ar muito triste; quando Adèle adormeceu, perguntou-lhe se tinha feito o que lhe havia aconselhado, e ela respondeu dizendo: sim, senhora, contei tudo ao senhor cura, que me disse que os irmãos onde o nosso jovem tinha estado eram incapazes de se prestarem a cometer tal infâmia; mas que não conhecia o padre em questão; que todos os que conhecia eram pessoas honestas que não fariam coisas semelhantes; disse-me ainda que vos peço que nos deis a conhecer esse homem; que via bem que vos interessáveis por nós e que éreis criaturas honestas, que nos informaríeis melhor do que ele sobre este mau assunto.

Adèle, após um momento de reflexão, respondeu-lhe: esta coisa não me é fácil no momento, mas ficai persuadida de que em breve esse padre será apanhado na armadilha, visto que os bons espíritos o vigiam.

Três semanas após esta sessão, vimos regressar esta pobre mulher acompanhada pelo genro e pela filha. Pus Adèle a dormir, foi a filha quem tomou a palavra e se exprimiu nestes termos com muita desenvoltura.

«Imaginai, senhora, que se passaram muitas coisas desde que a mamã veio consultar-vos, os nossos inimigos, direi os nossos exploradores que, há tanto tempo, nos fazem pagar dinheiro, para nos salvarem ora de uma doença que nos esperava, a nós ou aos nossos animais, ora para salvar alguém de nós da morte, ora é a nossa casa que deve ser queimada, ora as nossas vacas não deviam mais dar leite, deviam-nos roubar o vinho da nossa adega; os nossos carneiros teriam o pietim (carbúnculo gangrenoso) os nossos cavalos a morve (ou mormo, doença infeciosa que afeta os equinos) que sei eu, mil e uma misérias!

Como a senhora disse à minha mãe que não acreditava no padre que dirigia este assunto, e que o senhor cura não o conhecia, comecei a duvidar que tudo isso fosse uma fraude; quis partilhar o meu julgamento com o meu marido, o meu pai e a minha mãe, todos me responderam que eu era uma incrédula! Um destes dias recentes, o padre devia fazer uma cerimónia para romper para sempre o feitiço que fora lançado sobre nós. Era preciso pagar adiantado, eu não queria cair nessa armadilha, mas a minha pobre mãe e o meu marido, que são medrosos como crianças, pagaram! Eu disse para mim mesma, bom, vou assistir à cerimónia com eles.

Eis-nos vestidos como se fôssemos a uma grande missa; os nossos vizinhos deviam pensar, ao ver-nos assim, que íamos a um casamento; não sei a corrida que fizemos para chegar a uma barraca de casa à entrada de um bosque, isolada e bem longe da nossa, éramos conduzidos pelo nosso imbecil do jovem! Bom, eis-nos entrados numa pequena peça sem móveis, passamos para outra, era a capela do padre em questão; uma mesa estava coberta com uma toalha; um grande Cristo no meio; uma vela num castiçal de cada lado, algumas velhas cadeiras para nos sentarmos; o quadro da Virgem pendurado na parede.

Após um bom momento de espera, vejo um grande diabo de padre sair de uma pequena porta do fundo, estava vestido mais como um juiz do que como um padre, pois não tinha sobrepeliz branca por cima da sotaina preta; trazia os olhos baixos, uma espécie de santo cibório coberto com um pano, o que mais me espantou foi vê-lo com uma grande barba preta cobrindo quase o peito; depositou o santo cibório sobre a mesa e começou a murmurar algumas palavras em latim, creio, eu estava toda pensativa e dizia para mim mesma, talvez me engane?

Após ter murmurado ainda algumas palavras, vira-se para nós elevando os dois grandes braços e os olhos ao céu, com um ar de compunção que impunha respeito; eu estava confusa e agitada ao mesmo tempo; mas apesar de mim, as minhas dúvidas voltaram de novo. Num movimento que fez, pareceu-me ver a sua grande barba deslizar pela face: Oh! então a coragem voltou-me, saltei sobre a sua barba que arranquei dizendo-lhe: já vos haveis rido bastante de nós, hoje é a nossa vez, o comissário vai ser informado das vossas fraudes! O meu falso padre, todo envergonhado, não

me tirou a barba das mãos, logo entrou pela pequena porta por onde saíra e não voltou: eu queria que o meu marido e o meu pai o perseguissem, mas a minha mãe opôs-se dizendo que íamos fazer um escândalo que nos tornaria ridículos no país. Eis como nos livrámos desses canalhas.»

Adèle disse à mãe: não vos disse eu que em breve vos livraríeis e que esse padre seria desmascarado? Ele deve ter-vos extorquido não algumas centenas, mas alguns milhares de francos?

— Oh! sim, senhora!

— Isso chega bem aos dez mil?

— Acrescentai mais dez mil!

— E não o denunciastes ao procurador da República?

— Ai! não, pensai no que diriam de nós? Isso não nos devolveria o nosso pobre dinheiro, seríamos o riso de toda a gente.

— Não guardais esse jovem?

— Não, senhora, está no hospício pela sua doença.

Finalmente, retomou Adèle, eis-vos todos de regresso à calma, graças à energia da senhora vossa filha que, nesta circunstância, deu prova de coragem e de espírito. Agradecei aos bons espíritos que vos protegem, e não sejais no futuro tão prontos a acreditar nessas sortes de coisas, sei que na vossa terra há gente má, invejosa dos outros, envenenadores de animais, e fazendo toda a sorte de truques, que os fazem temer por aqueles que têm medo, e que não se mantêm em guarda, mas chega-se a conhecê-los e a paralisá-los nos seus projetos!

Finalmente, quisemos dizer-vos, retomou a filha, o que se passara e agradecer-vos pelo que fizestes por nós.

Fiquei estupefacto perante tanta audácia da parte desse presumido padre, e tanta estupidez da parte dessa pobre família, perante a do marido, principalmente jovem, forte, figura inteligente, que sorria quando a mulher nos contava o que fizera, e parecia dizer para si mesmo, tenho uma mulher que não tem frio nos olhos! Sim, dizia eu para mim, quando tu tens frio nas costas!

Terceiro facto. Desta vez é um jovem, lavrador, com olhar inquieto e medroso, parece não ousar dizer o motivo da sua visita: no entanto, após me olhar duas vezes, diz-me: «Desculpai, senhor, mas tal como me vedes, sou um homem muito infeliz, fui enviado para junto de vós por uma pessoa que salvastes, se pudesse ter a mesma sorte, agradeceria a Deus e a todos os santos do paraíso; parou.

Continuai, disse-lhe eu.

— Vedes, senhor, temos um pastor na nossa terra que faz o maior mal que pode a toda a gente, é temido a mais de três léguas à volta, é um homem que murmura sempre entre dentes; não se sabe o que diz, os seus carneiros andam sozinhos, os seus cães entendem-se com eles, nunca tem doentes, tem sempre ervas debaixo do braço, quando os nossos morrem, que todas as nossas bestas estão doentes, e nós também!

A minha pobre mulher perdeu o leite, e a nossa cabra também, de modo que o nosso pequeno não tem mais nada para beber! O nosso cavalo está magro como eu, e a nossa vaca tem vertigo, creio que quer o touro. Mas senhor, vedes, sou comerciante de semente de cebolas; isto é, cultivo cebolas, e colho a semente para a vender, tínhamos o mais belo campo de cebolas que se viu; mas agora que o pastor lançou um feitiço sobre a minha terra, quase nada colho.»

Vendo que este homem ia contar assim os seus infortúnios até ao esgotamento, disse-lhe: Compreendo, ides contar estas coisas à senhora que vou pôr em estado de vos compreender e de vos aconselhar o que tendes a fazer. Quanto a mim, encarrego-me do vosso pastor.

— Sei bem, senhor, que não pesará muito nas vossas mãos o velho canalha.

— Ponho Adèle a dormir, à qual ele recomeça a contar a sua história, e continua assim:

«Sim, senhora, há muito tempo que somos vítimas, nós e muitos outros, desse pastor. Já perdemos um cavalo das trincheiras que ele lhe dera, e uma vaca que morreu ao parir. Não podemos mais dormir tal é o ladrar do nosso cão, e os gritos das nossas gansas (fêmea considerada simplória ou ingénua). Vede tudo isso, senhora, e dizei-nos o que devemos fazer para sair deste mau passo.»

Vejo, disse-lhe Adèle, que não cuidais bem das vossas bestas. A vossa vaca tem estrume podre até meio da perna.

— Mas, senhora, não temos mais palha!

— É preciso tê-la, esta besta não pode ficar num tal lamaçal. O vosso cavalo morre de fome; não vejo um fiapo de feno no seu comedouro, nem um grão de aveia no cofre, de que vive então?

— Ora, da erva dos campos.

— Isso não é suficiente, ireis perdê-lo, como o outro, das trincheiras. A vossa mulher faz pena, só tem pele sobre os ossos, deve faltar-lhe alimento! Como quereis que tenha leite nesse estado?

— Ora, não vivemos de ortolãs (pássaro canoro apreciado na cozinha Francesa) desde que esse tipo nos enfeitiçou, temos estado sempre pior.

— O vosso cão ladra, e as vossas gansas gritam, isso não é de espantar, estais roídos pelos ratos.

— É ele que no-los envia!

— Não adubais frequentemente a vossa terra?

— Não temos estrume.

— O que vejo em excesso na estrebaria, na cavalariça e no pátio estaria melhor colocado na vossa terra do que a envenenar-vos a vós e aos vossos animais, pois isso cheira a uma infeção na vossa casa.

— Que quereis, senhora, não temos coragem para trabalhar; vemos que estamos perdidos? O proprietário vai pôr-nos na rua, não sabemos para onde iremos?

— Ficai na vossa casa e retende coragem, limpai-me a fundo essa estrebaria e o vosso pátio, vendei o vosso cavalo, e alugai um quando precisardes; pois não vos é de grande utilidade; com o dinheiro que receberdes, comprarei palha para fazer boas camas à vossa vaca, e comprai alimento para lhe dar leite de novo; ela não precisa do touro, o seu vertigem é ocasionado pela fome, fornecei-vos de dois bons gatos aos quais não dareis senão água como toda a comida, eles vos livrarão da vermina, as vossas gansas e o vosso cão dormirão em paz, e vós fareis o mesmo; comprai farinha para cozer, e um pequeno porco para criar. Lavrai profundamente a vossa terra e adubai-a largamente, garanto-vos que as vossas sementes germinarão bem e vos trarão proveito.

Seguiram-se alguns conselhos suplementares.

— Oh! senhora, farei tudo o que me dizeis, que o bom Deus venha em nosso socorro, mas o proprietário que fará?

— É um homem corajoso que, ao ver-vos retomar o trabalho, não vos atormentará.

— E o pastor?

— O pastor vai ser paralisado pelos bons espíritos que vamos rogar com essa intenção. Regressai a casa cheio de fé e esperança; dizei à vossa mulher o que vistes e ouvistes, isso lhe porá bálsamo na alma, e vereis que a vida e a calma regressarão à vossa casa com a boa colheita que fareis.

— Oh! meu Deus, que felicidade ter-vos conhecido, obrigado, muito obrigado, farei que proveis da minha cebola!

Este corajoso homem deixou-nos cheio de esperança, o ano não passou sem que acontecesse o que Adèle predissera, o pobre pastor caiu naturalmente doente alguns dias após esta consulta, o nosso jovem acreditou que fora eu quem o pusera na cama!

— Oh! pobres irmãos! quanta ignorância, quanta inocência, quanta humildade e fraqueza.

— Que não tendes professores honestos que vos iluminem com amor? Sois o fruto do padre, é ele quem primeiro vos inspira essas crenças; é ele quem amassa a vossa inteligência, e a mantém sob a sua férula tirânica, enquanto a vossa mulher o encontrar superior a vós, esperai ficar o que sois!

Os poucos factos que acabo de contar são tirados de centenas de outros do mesmo género; mas eis alguns que são de outro género, cheiram às paixões, aos vícios e aos crimes dos homens.

Quarto facto. — É um homem quase vizinho, que entra com ar assustado, está sem dúvida nesse estado, disse eu para mim, na sequência de um mau sonho ou de uma disputa.

— Desejo informações, diz ele, sobre a minha casa. Adormeci Adèle, à qual, quando mal tinha os olhos fechados, ele diz: A minha mulher engana-me, vede?

A pergunta era brutal: Como se chama a vossa mulher, perguntou-lhe Adèle?

— Rosalie C...

— É baixa de estatura, cerca de trinta anos, morena de cabelos, rosto oval, tez muito pálida, olhar doce, belos olhos.

— Sim, a malandra; é isso que me atormenta.

— Doce de carácter?

— Sim, a jesuíta.

— Amando muito?

— Demasiado.

— Achais que ela vos ama demasiado?

— Ela não me ama nada ao contrário.

— Credes que a vossa mulher vos engana?

— Pois, se o creio, a vadia! Oh! ela vai pagar caro?

— Pobre homem que sois, possuir uma criatura tão doce, tão nobre, tão amorosa, e chamá-la vadia? querer matá-la? É bem mau da vossa parte, não a valeis.

— E o vizinho onde ela vai passar todas as noites?

— Sim, enquanto vós ides ao vendedor de vinho gastar o vosso dinheiro. Onde quereis que ela vá? Correr as ruas! É aí que a acusaríeis ainda mais.

Ela vai a casa de gente honesta, cujo marido é um modelo de bondade e de conduta sábia para com a mulher que, aliás, o merece; quando vós, maldizeis e até bateis na vossa, que não tem menos mérito que a vizinha! Porque vindes consultar-me? Porque tendes fé em mim?

— Sim, senhora.

O rosto deste homem estava menos contraído nesse momento, uma lágrima humedecia as suas pálpebras.

— Em duas palavras, retomou bruscamente, a minha mulher engana-me?

— Em duas palavras, regressai a casa, abraçai a vossa mulher, e dizei-lhe que credes na sua fidelidade, e que a amais demasiado para a tornar infeliz no futuro, que ela esqueça o passado e conte apenas com dias felizes!

Sois uma corajosa mulher, disse este homem à lúcida, acabais de me tirar um peso enorme da consciência! Fazes-me reencontrar aquela que amava, e que amo tanto. Mudais-me! resgatais-me, ia tornar-me criminoso! Obrigado, senhora, obrigado, lembrar-me-ei de vós.

Soubemos mais tarde que este pobre casal tão perturbado, voltou a ser o que devia ser, calmo e feliz!

Quinto facto. — Desta vez, é uma velha viticultora que entra com medo na nossa sala de receção. Está acompanhada pelo neto, jovem de cerca de dezanove anos. Quer consultar sobre um roubo que foi feito em seu prejuízo. Adèle não gosta de fazer este género de pesquisas visto que pode enganar-se, o que avisamos à consultante, mas esta diz: Isso não faz mal, é para a minha satisfação, tomarei o que achar bom.

Adormeci Adèle, à qual a velha mulher diz: Procurai bem, senhora, tínhamos feito algumas economias, que tínhamos colocado num pote de manteiga em grés que tínhamos enterrado no nosso jardim por medo dos ladrões, devo dizer-vos (a estas palavras a boa mulher olhou orgulhosamente para o neto, que pareceu não prestar atenção) que era durante o dia, ao entardecer, havia pedreiros não longe dali que construíam uma casa e que podiam ver-nos, finalmente algum tempo depois, precisávamos do nosso dinheiro (havia mil e duzentos francos no pote); não pudemos encontrá-lo, vede quem o roubou?

Após um bom momento de pesquisas, Adèle exclamou: Mas o vosso pote não foi roubado, está sempre no mesmo lugar, cavastes pelo menos dois metros mais longe. Regressai, cavai dois metros mais à vossa direita, de frente para a parede, está lá; e encontrá-lo-eis: (a esta afirmação, o jovem soltou um suspiro, como se algo o oprimisse e dele se livrasse).

A velha disse: Tendes a certeza; vedes bem?

— Ide imediatamente assegurar-vos, e prometei-me dizer se vi certo.

— Dir-vos-ei, e dar-vos-ei um molho de espargos.

— Aceito.

Logo no dia seguinte, soubemos que o pote e o seu conteúdo haviam sido encontrados onde Adèle indicara, o neto ao trazer o molho de espargos disse-nos, a minha avó falou-vos de pedreiros, é verdade, mas suspeitava de mim. Estou bem contente com o rumo que tomou este assunto.

Sexto facto. Não é uma velha mulher que vem fazer pesquisas pelo seu pote de moedas. É uma jovem rapariga com a sua honra comprometida segundo a lei dos homens. Com apenas dezassete anos, de um rosto dos mais belos, vestida com simplicidade, ar cheio de pudor, pede uma consulta secreta à qual no entanto sou admitido. Adèle mal está adormecida, que esta pobre criança lhe agarra as duas mãos, e lhe diz soluçando: Oh! senhora, salvai-me, só me resta morrer de vergonha e de dor!

— É difícil, responde Adèle, tirar-vos deste mau passo. É uma falta, é um esquecimento, é um extravio aos quais todas as jovens raparigas estão sujeitas e onde a maioria cai. Não vos desespereis, a criança está bem colocada e cheia de vida. Virá a termo, e as coisas correrão melhor do que pensais!

— Mas o meu pai matar-me-á antes desse tempo! nunca terei coragem de informar a minha mãe que, ela também me amaldiçoará! o meu irmão que amo tanto não quererá mais ver-me! oh! não, preciso morrer, ou que me livre desta marca viva da minha desonra!

Após uma grande pausa na qual Adèle a deixou sem resposta, retomou dizendo: Disseram-me, senhora, que podíeis ensinar-me um meio de me livrar? oh! salvai-me, salvai-me! Adèle disse-lhe: é porque quero salvar-vos, que não posso aceder ao que me pedis. É um crime! não cometi até hoje, não começarei agora. Engajo-vos a afastar esse pensamento do vosso coração, e a fazer o vosso dever de mãe, sereis recompensada; eis o que vos acontecerá, escutai-me bem, e segui os meus conselhos:

Deveis ter uma tia que é viúva, e que vos ama como ao seu filho, mora a algumas léguas de Paris. Fareis de doente daqui a três meses, estais no vosso terceiro mês de gravidez, isso fará seis meses, simulareis ter tido medo, logo ao entrar em casa, o que ocasionará uma pretensa supressão que já existe. Não apertareis o vosso espartilho, o inchaço que se notará será tomado por ter sido engendrado pelo medo que causou a supressão. O médico tratar-vos-á como tendo o sangue virado, passando à hidropisia, aconselhará enviar-vos para o campo, e enviar-vos-ão à vossa tia. Aí, podereis informá-la do vosso estado, ela tem o coração excelente, terá

pena de vós, e encontrará o meio de informar suavemente a irmã, vossa mãe, em primeiro lugar, que, por sua vez, informará o vosso pai. Haverá cenas tempestuosas, que vos matariam se assistísseis.

— Seria bem feliz, exclamou a pobre criança.

— Não digais isso, sê-lo-eis sem isso.

— Mas como, estou abandonada! o autor da minha falta ri de mim.

— Ele não ri de vós, pelo contrário, sofre tanto como vós, mas de outra maneira. Maus relatos foram feitos sobre vós por uma das vossas amigas que o queria para si. O tempo que passará para o conhecimento do vosso estado pelo vosso pai, e o momento em que dareis à luz terá apaziguado a sua cólera. Ele ama-vos demasiado, para não vos rever. Tereis um rapaz, o que alegrará o vosso amante e o trará de volta para junto de vós; três meses depois casar-vos-eis, e vivereis muito felizes juntos. O tempo das lágrimas terá passado.

— Mas o da vergonha ficará, disse chorando a pobre pequena.

— Passará como o outro, respondeu Adèle.

— Quem me afirma que será como dizeis, senhora, e que não vos enganais?

— Roguei para não me enganar. Sois uma criança que desejo salvar. Credes no que vos digo, tende coragem para fazer o que acabo de vos aconselhar, e vereis se não sereis mais feliz por ter adquirido tal felicidade ao preço de algumas dores.

— Obrigada senhora, que Deus tenha piedade de mim e permita que tenhais visto certo!

Tal como Adèle predissera, assim as coisas se passaram. Um crime, por este facto, não foi cometido.

Esta jovem rapariga não era a primeira à qual Adèle impedira de recorrer a esse meio monstruoso, seja pelo medo que lhes fazia de não conseguirem, e de poderem morrer, ou de ficarem feridas, ou acusadas; sempre, conseguiu levar o terror ao seu coração e fazer que as coisas seguissem o seu curso. Paro aqui as minhas citações, e digo que é por ter realizado tais coisas que a lei inexorável nos condenaria à prisão e que os nossos adversários nos tratariam de charlatães. Oh! pobre civilização dos nossos dias, quanto te resta fazer para ensinar o verdadeiro! praticar o bem, e recompensar a virtude! Se fui um pouco longo, meus irmãos e irmãs, queirais não mo levar a mal em favor da necessidade que sentia de vos instruir sobre coisas que só conheceis de nome!

É preciso fazer a parte da credulidade humana; e se esta credulidade é mais extensa do que se supõe, não se deve deduzir que só é apoiada por contos fantásticos. Existem realmente naturezas que só sonham em fazer mal, que

por ciúme, falso julgamento, orgulho de passar por ser o que não são, se entregam tanto ao estudo dos venenos como ao das potências ocultas, dos espíritos libertos da matéria e ao de um magnetismo maléfico; questões que tratámos na nossa obra: Magia magnética, e sobre as quais nos resta muito a dizer. Acabamos de ser postos de novo em condições de apreciar o valor da ação oculta do homem sobre o homem, tanto por magnetizações ocultas, como por imprecações feitas em termos ditos mágicos, e que são revelados aos homens sob forma de desenhos e de caracteres de composições bizarras; depois de certos talismãs dos quais possuímos uma boa coleção. O facto seguinte de que falamos acaba de se passar na Argélia, eis o seu histórico:

O Sr. Duparc, habitante de Paris, acabava de receber uma carta de uma amiga de Argel, que lhe pedia para nos interessarmos por uma pobre família dizimada pela doença e pela morte, e isso pelo facto, crê-se, de um enfeitiçamento de que essas regiões são atormentadas. O último filho de um velho estava num estado pelo qual haviam passado os seus irmãos; estava condenado a morrer como eles. Adèle visitou este doente e o seu entorno, tanto do ponto de vista da doença, como do enfeitiçamento presumido. Reconheceu a existência desse enfeitiçamento, e deu alguns conselhos concernentes à saúde do doente. O Senhor Duparc enviou à sua amiga o resultado deste estudo e acrescentou alguns conselhos.

Eis o que o Sr. D... me escreve hoje, 27 de janeiro de 1883, sobre este assunto.

Meu caro senhor Cahagnet,

Junto uma carta de Argel; peço que ma devolvas, para que possa responder-lhe.

Sabeis que há alguns meses, falastes-me de um camponês dos vossos arredores, que viera consultar-vos, por causa de feitiçaria. Prescrevestes-lhe uma grande limpeza na casa dele e na sua estrebaria, etc. Ao enviar a vossa resposta a Argel, veio-me a ideia de aconselhar essa grande limpeza. É pois a vós só que cabe o mérito da cura.

Sabeis que esses enfeitiçamentos são prodigiosamente perigosos. O mal domina demasiado no nosso planeta; e é porque ele é muito inferior que precisa de socorros não maléficos, mas protetores. Na nossa luta pela vida, não temos já combates suficientes a sustentar, para ainda termos de sofrer os atentados dos invisíveis? eis a carta que recebo. Todo vosso,

Duparc.

Argel, 24 de janeiro de 1883.

Caro Senhor,

É ainda em lugar e vez dessa boa senhora Klein, impedida pelos seus numerosos trabalhos, que tenho o prazer de pegar na pena e de me fazer a sua intérprete, para vos transmitir assim como ao vosso amigo, o bom e venerável Sr. Cahagnet, todos os seus agradecimentos, por terdes querido interessar-vos pelo seu doente.

Tudo correu perfeitamente. Acabamos de receber a visita do velho pai, anunciando-nos a cura completa do seu filho. Este pobre homem não sabia como testemunhar a sua profunda reconhecimento, e rogar-nos para agradecermos por ele, a vós e ao senhor Cahagnet, o que tenho prazer em fazer! É tão agradável anunciar uma boa notícia! mas a maior parte dos agradecimentos deve dirigir-se a vós; pois foi seguindo o vosso conselho, de proceder imediatamente a uma limpeza completa, que este jovem que fora condenado por todos os médicos, e mesmo por certos médiuns, que esteve vários dias em agonia, pois quando o pai veio rogar-nos, acreditava que não era mais que uma questão de horas: que este jovem, digo, foi curado.

À receção da vossa carta, puseram-se ao trabalho: estrebaria, garagem, casa, tudo foi lavado e purificado. Desfizeram almofadas e colchões, nos quais encontraram uma grande quantidade de lã torcida, trançada e atada de certas maneiras, com trapos cheios de pó amarelo, penas colocadas em cruz com picos para fora, e em forma de coroas, de corações atravessados por picos; enfim toda a sorte de formas estranhas e cabalísticas, que não se fizeram sozinhas certamente.

Puseram lã nova, outras penas, e o doente melhorou imediatamente, como por encanto. Diga-se o que se disser, as populações mouriscas, espanholas e napolitanas que abundam aqui, entregam-se a essas sortes de sortilégios, e fazem muito mal. Neste caso, é uma Espanhola, irmã da primeira mulher! Enfim, regozijemo-nos, o bem venceu o mal, e temos a vitória.

Esperemos que seja o mesmo em relação ao pequeno epilético que a senhora Klein trata, é uma obsessão, uma vingança, mas o espírito obsessor foi desmascarado. Veio duas vezes tomar posse da senhora K... em transe, com uma violência inaudita. Tentou várias vezes matá-la golpeando-a no coração, ao ponto de a tornar bem doente; mas libertaram-na, e asseguram-nos que a criança ressente pouco dos restos dos seus maus fluidos, pois não pode mais entrar nela. É preciso ter visto isso, para fazer uma ideia exata.

A vossa devota, C***

P. S. Queirais comunicar ao Sr. Cahagnet, e agradecê-lo.

Esta comunicação prova-nos que não é só nas nossas campanhas que essas crenças e esses factos têm lugar, na Pérsia, em Ceilão, no Tonquim, na China, no Japão, entre os Hotentotes, no Canadá, entre os Virginianos, no Peru, no México, nas ilhas Caraíbas, no Brasil, no Kamchatka, na Lapónia, na Grécia, na Abissínia, em toda a África, na Oceânia; enfim, quase em todos os lugares, essas crenças estão mais ou menos difundidas; são a consequência das concernentes aos espíritos, ao poder das plantas e dos homens em certas condições e em certos casos. Estudemos, mas sem entusiasmo, nem negação.

Doenças epidémicas e contagiosas: Cólera, colerina, febre tifoide, febre amarela, vómito, vírus venéreo; sarna, varíola, raiva, morve, etc., etc.

As doenças epidémicas e contagiosas, dependem das esferas dos globos?

Dos globos eles mesmos ou daqueles que os habitam?

São gerais ou locais?

Pode-se evitá-las, paralisá-las, ou anulá-las?

Responderemos à primeira destas questões, que se fossem as esferas desses globos suscetíveis de mudar de estado, para de harmónicas que parecem ser ao homem, se tornarem desarmónicas e destruir o que parecem conservar com tanta sabedoria, o globo que encerram nos seus flancos seria influenciado então por elas em todas as suas superfícies ao mesmo tempo, e apresentaria em todo o lugar os mesmos desordens, o que não se nota, e o que aparentemente não é.

É o globo ele mesmo que entra nesse género de revolta contra os seres que o habitam?

A localização notada nesse género de destruição, poderia fazê-lo supor, na medida em que certas regiões da América, por exemplo, têm o seu género de epidemias como a febre amarela, o vómito, e a Ásia o seu cólera e as suas pestes diferentes.

A África, as suas disentrias, e as suas febres tífoides.

A Oceânia, as suas doenças locais nesse género.

A Europa parece ser um recetáculo de todos os géneros de contágios conhecidos, do cólera à colerina, do mal venéreo à varíola, da febre pútrida à tifoide, da sarna ao eczema, do vírus raivoso à morve, etc., etc.

Notamos que essas doenças são mais locais que gerais, e muito menos contagiosas do que se supõe, o que faria pensar que poderiam ter a sua sede tanto no ser como na terra, ou no ar que respira.

Vemos naqueles que cuidam dos doentes, que estão em contacto com as suas dejeções, que lavam a sua roupa e as suas vestes, que os sepultam, e usam por ocasião as suas roupas, que o contágio não os atinge!

Os nossos marinheiros, viajando nos países atingidos por esses flagelos, por vezes pagam com a sua pessoa um tributo, mas é o acidente. Regressam com o seu navio carregado das colheitas feitas nesses países, seja em açúcar, café, algodão, cacau, etc., todas substâncias que, se é a terra que contém os germes dessas doenças, deviam estar infetadas, e transmiti-las a nós que delas fazemos as nossas delícias. Não é uma quarentena de alguns dias que pode mudar a natureza desses germes pestilentos. Tal viajante que terá afrontado dez vezes essas epidemias e que é vítima à décima primeira vez, não faz pensar que é antes uma disposição do seu corpo ou dos seus pensamentos que terão ajudado à eclosão desses germes?

Um homem em dez será atingido pelo vírus venéreo.

Dez crianças vacinadas serão atingidas pela varíola e vinte outras que não o foram não o serão?

Uma pessoa deitar-se-á na cama de um sarnento, sem apanhar a sarna. Outro deitar-se-á numa cama onde lhe dirão (falsamente) que acaba de morrer um colérico. Este homem morrerá, oferecendo no seu corpo todas as marcas dessa doença.

Na peste de Marselha, onde metade dos habitantes pereceu tanto de medo como dessa peste, os cadáveres ficavam expostos nas ruas não encontrando ninguém para os enterrar; recorreu-se aos forçados para fazer essa triste tarefa; não morreu um só desses homens despreocupados, que faziam festins, rodeados dessas carnes em decomposição, e pelo seu coragem, reanimaram os medrosos, que regressaram à cidade e repararam os desordens trazidos por esse flagelo.

A tosse convulsa nas crianças é contagiosa; vê-se muitas vezes numa casa todas as crianças atingidas, quando na casa vizinha onde vão brincar com as que a habitam, não se vê que estas últimas sejam atingidas!

A morve também se contrai, mas encontra obstáculos nas disposições físicas dos animais, que a enfrentam impunemente.

A ftise (consunção, definhamento) a epilepsia, os cancros, parecem ser hereditários em certos seres, mas na maior parte das famílias, isso não acontece. O que prova que há certas condições pelas quais estes factos ocorrem, mas que não estão submetidos a uma lei sem apelo.

Que estas doenças sejam inerentes aos corpos; submetidas a horas de eclosão; ou que tenham a sua sede numa atmosfera viciada, em alimentos alterados de estado, elas não deixam de existir, e convidam-nos, se não

podemos conhecer a fonte de onde saem, a tentar ser as suas vítimas o menos possível.

O primeiro e o mais soberano dos remédios a empregar é o estado moral do ser. Que não se assuste com elas; que as enfrente com indiferença, e não se deixe dominar pelo medo mesmo ao ser atingido por elas.

Afirmou-se que a sujidade tem grande influência nisso, assim como a falta de limpeza: as cidades com ruas estreitas e lamacentas, a falta de escoamento das águas, os depósitos de esterco e de lixo estagnados em lugares mal arejados, são tantas causas que determinam as epidemias e as pestes, crê-se.

Pode haver alguma verdade nesta proposição, mas certamente não pode ser generalizada, pois os lugares mais arejados, as cidades melhor cuidadas, os interiores mais confortáveis são atingidos como os lugares mais negligenciados. A Bretanha, que certamente deixa muito a desejar em matéria de limpeza, a Normandia, a Picardia, a Auvérnia, e um bom número de outras localidades não são mais vítimas do que as regiões melhor cuidadas. Vendo nisso o pró e o contra, não se pode afirmar mais um do que o outro?

Há preservativos?

Uma conduta sóbria, uma constituição sã, cuidados de limpeza, uma força de carácter suficientemente poderosa para não se emocionar e não temer o que quer que seja, funções regulares dos intestinos, são tantos preservativos desejáveis, mas que não impedem que os direitos do destino sejam sagrados.

Usou-se muito de aromáticos nesta ocasião como sendo preservativos.

O cânfora, o alcatrão, o cloro, o fenol ou ácido fénico; a salva, o rosmaninho, a lavanda, o açafrão, o almíscar, o tomilho, a melissa, a hortelã-pimenta, a absinto, o funcho, o bálsamo, o limão, etc., etc., foram empregados com esse fim.

A cânfora ataca os nervos e leva à loucura.

O alcatrão não garante os nossos marinheiros de terem a febre amarela, a cólera e outras doenças.

O cloro foi destronado pelo ácido fénico à espera de que este o seja por outro.

A salva, que os antigos consideravam uma panaceia universal, deixa-nos morrer como as suas irmãs da flora terrestre.

O rosmaninho, base da água da rainha da Hungria, perdeu a reputação que esta boa rainha lhe concedeu, o mesmo acontece com todos os preservativos do reino vegetal; os perfumistas, os farmacêuticos, os

droguistas que estão rodeados deles, abrem muitas vezes esta marcha fúnebre que nos conduz ao Estige?

Se forem um meio de força e de fé, que se usem.

Restam os meios de cura; existem? Quais são?

Quando o destino o permite, existem; que se experimentem.

Cólera.

Remédios. — Na cólera, por exemplo; é bom empregar os seguintes remédios que empregámos com sucesso em muitas ocasiões. Começar por pedir fogo para aquecer água ou tijolos, que se colocam aos pés do doente, assim como aos seus lados para tentar produzir um forte suor, dar-lhe a beber várias chávenas de infusão de três flores de camomila por chávena, e uma colher de sopa de água de flor de laranjeira, friccionar bem os ombros, peito, rins e coxas até aos pés com óleo morno de camomila não canforada. Colocar sobre a barriga continuamente panos muito quentes. Soprar a uma pequena distância para a raiz do nariz em várias reprises diferentes.

Adicionar na ocasião um bom copinho de rum numa chávena de infusão de chá preto. Após os panos quentes, colocar cataplasmas sobre a barriga, que sejam feitos com farinha de arroz diluída com uma decocção de raiz de alteia e de meia cabeça de papoila.

Se as cãibras continuarem, recorrer a duas colheres de sopa de água de flor de laranjeira morna e adoçada. Se persistirem, colocar num copo de água quente dez gotas de éter, dez gotas de láudano e dez gotas de álcool de hortelã, beber muito quente por colheres de sopa espaçadas, de dez em dez minutos, colocar sobre o oco do estômago e sobre o umbigo um pano branco dobrado em quatro, e soprar através dele em várias reprises, os lábios pousados sobre ele com a intenção de aquecer e acalmar essas partes. Tranquilizar o doente, estar penetrado de obter um sucesso. Quanto mais calmo for o vosso moral, maior será a vossa ação.

Este tratamento teve sucesso em nós mesmos, e em um grande número de doentes para os quais o aconselhámos desde 1847.

Se empregamos a camomila de preferência a qualquer outra flor, é porque Adèle, a nossa lúcida, disse ser um veneno para os animálculos coléricos que, segundo ela, são a causa primeira da cólera. O resto do tratamento entra no quadro dos da ciência oficial. As dejeções por cima e por baixo serão paradas pela camomila.

Colerina. — A colerina trata-se simplesmente com o calor, infusão de camomila, os mesmos cataplasmas sobre a barriga; e o emprego do óleo de camomila para untar apenas o estômago e a barriga, que deve ser coberta continuamente com algodão em rama. Lavagens com óleo puro, alternadas com uma decocção de raiz de alteia e de flor de sabugueiro.

Se a diarreia continuasse, adicionar meia cabeça de papoila à lavagem em vez de flor de sabugueiro e de uma decocção de arroz em vez de alteia.

Febre tifoide.

Esta febre não é outra coisa senão a invasão de uma espécie de animálculos, não da mesma família dos coléricos, mas não menos perigosos, que atacam principalmente as mucosas das vias digestivas, e mais particularmente os intestinos; paralisam as suas funções, destroem os tecidos e levam à morte pela decomposição. Esta doença tem algumas relações com o envenenamento pela triquina. Influi na circulação do sangue, carregando principalmente a cabeça. O tratamento deve visar todo o conjunto do corpo.

Para a cabeça, colocar compressas sobre a testa, principalmente de água sedativa cortada com metade de água quente, compressas de infusão de arnica alternadas com as anteriores. Beber de uma infusão de três flores de camomila por copo, adoçar e adicionar uma colher de chá de água de flor de laranjeira para facilitar a emissão de gases que se encontram contidos no estômago. Alternar com uma infusão de vulnerária apenas nos primeiros dias; depois alternar a infusão de camomila com uma infusão de cabelo-de-venus de Montpellier, que contrabalançará o que a camomila tem de aquecedor, colocar sobre a barriga muitos cataplasmas de farinha de linho, água de raiz de alteia e de flores de papoila, lavagens reiteradas, isto é, todos os dias com óleo puro, alternadas com uma decocção de alteia e flor de sabugueiro, um dia uma, um dia outra.

Purgar de dois em dois dias com dez gramas de sal de magnésia fundidos num copo de infusão de duas flores de camomila muito adoçada, e beber após cada dejeção, da infusão de amor-perfeito-do-campo. Esta febre dura ordinariamente vinte e um dias. Evitar toda a comida sólida, exceto caldos de vaca e de galinha.

Quando a convalescença se declara, o apetite torna-se ardente, é aí que reaparece o perigo, é preciso moderar a comida, evitar as substâncias duras, difíceis de digerir, pois os intestinos não são mais compostos senão de uma fraca película, que o menor corpo duro perfuraria e levaria ao que se queria evitar, a morte. A convalescença exige mais cuidados no seu tratamento do que a doença em si. Aí, a infusão de cabelo-de-venus sozinha basta; cortar o vinho da refeição; nada de valentia, da prudência.

A febre amarela e o vómito negro são doenças locais, rebeldes a todos os remédios conhecidos; brutais e sem piedade, levam aqueles que tocam em tão pouco tempo, que são quase sem tratamento. No entanto, nas regiões que habitam, há alguns remédios do domínio dos lugares, mas que na maioria das vezes só têm efeitos e resultados insignificantes.

Vírus venéreo.

Este vírus tem um preservativo e remédios apropriados?

Tem um e outro, o preservativo está na sabedoria e na prudência, conhecer os seres com os quais se ligam relações amorosas, evitar os dos lugares de prostituição; e das raparigas demasiado complacentes. Quando se perde nesses lugares, não esquecer de se cobrir com a capote inglesa; não beijar nos lábios e limpar previamente os copos nos quais se bebe.

Os remédios. — Já tratámos deles nas doenças das vias urinárias, estes remédios consistem nos depurativos, seja qual for a natureza destes males. A partir da simples úlcera, ao reaquecimento a gonorreia simples e a cordada, dos bubões nas virilhas ou debaixo dos braços; das ulcerações fracas ou complicadas, é preciso purificar o sangue que se encontra viciado por este vírus.

Na gonorreia ordinária, produzindo um fluxo permanente, apressa-se, nos nossos dias, a secá-lo por meio de cápsulas de copaíba ou outras, sem se preocupar que se encerra o lobo na ovelha; o que faz com que o mal reapareça na próxima ocasião; é preciso ao contrário cortar este mal lentamente, bebendo uma hora antes de cada refeição um copo da tisana depurativa que segue:

Fazer ferver durante dez minutos num litro de água.

15 gramas de salsaparrilha.
5 — de raiz de paciência.
5 — de raiz de saboeira.
5 — de raiz de morangueiro.
10 — de pau de alcaçuz.

Uma colher de chá de semente de linho.

Lavar as partes com água fénica composta de cinco gramas de ácido fénico num litro de água, se estiverem ulceradas, ou com água limonada. Um limão cortado em rodelas para um litro de água a ferver.

Após três semanas deste tratamento, tomar duas cápsulas de copaíba manhã e à noite, durante todo o tempo que o fluxo ainda tiver lugar. Se tivesse cessado apenas pelo curso do depurativo, não tomar estas cápsulas.

A ordem restabelecida, purgar com quarenta e cinco gramas de óleo de rícino ou sessenta gramas de maná comum numa infusão de camomila, ou com uma garrafa de limonada ao citrato de magnésia. Se aparecesse ainda um pouco de fluxo, retomar o depurativo anterior, e algumas cápsulas; nos bubões, recorrer aos cataplasmas reiterados, de farinha de linho, água de raiz de alteia; ou pode ativar, pelos de miolo de pão fervido em leite; adicionar um pouco de gema de ovo cru fora do cataplasma sobre o pano

mesmo. Purgar da mesma maneira quando tiver terminado, durante todo o tempo beber do depurativo que precede, evitar beber vinho puro, licores e álcoois; como a coabitação, nada de lascívias com as mulheres tendo corrimentos brancos; ou logo após as suas épocas passadas. Não ousamos pensar que a ação do coito tenha lugar durante o seu curso; seguir-se-ia uma gravidez malsã, e uma criança escrofulosa e raquítica.

Sarna

A sarna é uma doença da pele, ou para dizer mais justo, esta última torna-se o sede de animálculos que se incrustam nela, mas que se destroem nos nossos dias muito facilmente por meio de banhos ao sulfureto de potássio, e pela untura com a pomada sulfurosa. Mas é sempre bom beber, durante uma quinzena de dias, do depurativo citado, e purgar-se depois.

Varíola

Esta doença exige uma atmosfera quente, e tisanas sudoríficas, a fim de facilitar a saída dos botões que, se estivessem em contacto com um ar fresco, entrariam e ocasionariam a morte, ou em caso contrário, deixariam marcas mais profundas na pele. Garrafa de água quente aos pés, estar bem coberto, beber de uma infusão de borragem, ou de flor de sabugueiro adoçada. Esponjar o pus que rendem os botões especialmente da cara, com uma esponja fina embebida numa decocção de raiz de alteia, ou de uma infusão de flor de sabugueiro quente.

Quanto menos ficar desta matéria nos buracos que apresentam os botões, menos eles deixarão de buracos. Uma ligeira purgação passado o período. Evitar o contacto com outras crianças, e lavar-se a si mesmo as mãos e a cara com água fénica a 5 gramas sobre 1000 de água. A natureza age melhor do que o médico nestes casos, especialmente quando se a ajuda com os cuidados citados.

Raiva e morve

A raiva exige a cauterização em primeiro lugar, ou não podendo fazê-la, se a mordedura for nos membros, fazer uma forte ligadura acima dela à espera de socorro. As opiniões são muito divididas sobre a cura desta terrível doença.

Cada um tem fé na eficácia dos remédios apregoados em muitas localidades; recorre-se a eles, e morre-se a hora chegada. Sente-se que neste caso, deve-se sustentar o moral do doente por asserções verdadeiras ou mentirosas, que têm o mérito de o ajudar a esperar mais corajosamente o momento fatal. Adèle aconselha sugar a ferida em primeiro lugar, depois cauterizá-la com ácido fénico puro.

Eis um remédio que me foi comunicado no qual Adèle tem fé, transcrevo-o aqui tal como me foi ensinado pelo Sr. Ory, contabilista em Cholet, dizendo-

me tê-lo de um médico do hospital, que o tem ele mesmo de um simples camponês que tinha o segredo. Este médico fez a experiência ele mesmo sem nenhum insucesso sobre cento e quarenta e duas pessoas tendo sido mordidas por cães raivosos, e perfeitamente curadas.

Este remédio consiste em pôr a infundir, após serem bem piladas, num litro de vinho branco, durante vinte e quatro horas, as substâncias seguintes, uma mão-cheia de cada uma.

Folhas de pequenas margaridas ditas páquerettes (pequena flor da Páscoa).

Folhas de salva.

Folhas de arruda.

Alho em dente.

Segunda casca de roseira-brava.

Sal de cozinha. Beber durante três dias de manhã em jejum um copo e comer apenas duas horas depois.

Todas as plantas citadas têm uma virtude estimulante muito ativa, cremos que se se adicionasse um exercício ginástico que levasse ao suor, como por exemplo uma forte corrida, que, acelerando a circulação faria melhor penetrar o sumo destas plantas no sangue e em toda a economia animal, que se obteria um sucesso mais assegurado.

Nesta doença, os pensamentos jogam um grande papel lançando o terror em todo o organismo; as pessoas que vos rodeiam tomam ares de circunstância, encorajando-vos o melhor que podem, mas não combatem com firmeza os vossos medos. Elas não fazem entrar suficientemente em vós a convicção de que o cão não estava raivoso, que vive, que foi encontrado e de apresentar um ao doente que se parecesse com o que o mordeu, o que operaria nele uma contra-revolução que poderia ao menos fazê-lo esperar com mais segurança o momento fatal, se não houvesse remédio.

Os jornais falaram nestes tempos de um homem que tinha um gato que afetava muito. Um dia, ao acariciá-lo, o seu gato mordeu-o ao sangue e escapou durante algum tempo, o seu dono acreditou que ele estava raivoso, e por esse facto acreditou-se também atingido de raiva, teve todos os sintomas, e esperava de dia para dia morrer, quando um dia em que estava absorvido pelos seus tristes pensamentos, o seu gato entrou no quarto e marcou-lhe toda a sua satisfação de o rever, o seu dono encontrou-se instantaneamente livre da sua ideia fixa e não pensou mais na raiva.

Quantos seres se encontram nestas condições, tendo sido mordidos por cães, mais assustados do que raivosos, mordedura que perturba assim o espírito destas pessoas e as conduz a uma morte, que poderia ser evitada,

não perdendo de vista esse cão, agarrando-o na ocasião e acorrentando-o para se assegurar do seu estado. Enquanto a pessoa mordida o visse viver daria menos curso aos seus medos, e os dois seriam salvos ao mesmo tempo.

A morve exige grandes cuidados de limpeza nas cavalariças, e de separar os animais que estão atingidos daqueles que não estão: não misturar os arreios, tomar a si mesmo precauções, recorrer à água fénica ou à água acidulada de alguns gramas de ácido acético cristalizado para lavar as mãos. Branquear as paredes com cal, na qual se porá um pouco de flor de enxofre. Depositar um vaso contendo um pouco de alcatrão vegetal, num ângulo da cavalariça, lavar bem o pavimento e não poupar a palha fresca para a cama, são precauções que afastam o vírus contagioso da morve.

CAPÍTULO VIII

DA PREPARAÇÃO DOS REMÉDIOS E DA SUA APLICAÇÃO

Cataplasmas

Que de pessoas não entendem nada da preparação dos remédios e da sua aplicação. No entanto, um remédio mal preparado como mal aplicado pode perturbar tanto quanto pode fazer bem, estando em boas condições. O cataplasma, por exemplo, exige ser preparado fora do fogo, e colocado estando em jejum. Quando é sobre a barriga, não deve atingir o peito, ser antes colocado sobre o baixo-ventre, visto que a sua virtude é atrair o sangue para baixo para libertar o peito, por exemplo; como refrescar os intestinos e as vias urinárias.

Não deve arrefecer sobre a barriga, nem ser colocado demasiado quente, é preciso que o dorso da mão colocado sobre ele possa suportar o calor. É necessário, ao colocá-lo, secar bem a barriga com um pano morno. Em grandes inflamações, é muitas vezes útil colocá-lo de hora em hora, até seis seguidos. São compostos de diferentes substâncias resistentes e líquidas. Resistentes, como a farinha de linho, a farinha de arroz, a farinha de batata, o miolo de pão, etc., líquidas que são infusões ou decocções de plantas ou de raízes, com as quais se diluem as substâncias resistentes. Eis os mais usuais.

Farinha de linho diluída fora do fogo, com uma decocção de raiz de alteia e de flores de violetas como refrescante, ou farinha de arroz, como calmante, diluída com uma infusão de flor de sabugueiro e de flor de papoila, ou de miolo de pão diluído com uma infusão de folhas de alteia para depósitos e bubões, adicionar metade de uma gema de ovo fresca e crua sobre o pano que toca na pele. Os de farinha de batata, diluídos com a mesma infusão, refrescam. Os feitos de alhos-franceses cozidos em leite, engrossar com farinha de linho, aplicar tudo misturado junto, são dos mais calmantes, ou

farinha de linho diluída com uma decocção de semente de linho, adicionar uma colher de banha, ou farinha de linho diluída com infusão de uma boa pitada de flores de camomila e adição de algumas gotas de láudano, ou farinha de linho com decocção de meia cabeça de papoila, muito calmante. Os feitos aos alhos-franceses ensinados, são muito soberanos como emolientes.

Compressas

As compressas são feitas de pano ou de flanela dobradas em quatro, embebidas nas mesmas infusões e decocções quentes que as indicadas para lavagens, as que se aplicam sobre a barriga são aconselhadas para os doentes que não podem suportar o peso de um cataplasma.

Nas congestões à cabeça, aplicam-se sobre o topo dela, em gravata, aos pulsos e aos tornozelos dos pés, são ordinariamente de água sedativa cortada com metade de água quente.

Nas dores de cabeça nervosas, as de água fénica a dez gramas de ácido fénico sobre um litro de água ordinária, colocá-las mornas, acalmam e purificam o ar viciado dos cabelos.

As compressas de água salgada colocam-se sobre as feridas sangrentas.

As de infusão forte de arnica, convêm aos golpes recebidos produzindo equimose, têm uma virtude muito estimulante, dividem e expulsam o sangue dos lugares onde está estagnado.

Convêm igualmente nas dores de cabeça por engorgements sanguíneos, cobrindo toda a testa e as têmporas, e pondo à volta do pescoço.

Sinapismos

Os sinapismos aplicam-se ordinariamente na parte de baixo das pernas a partir da barriga da perna, até aos tornozelos dos pés. São compostos de farinha de linho, polvilhada com farinha de mostarda; quando se querem mais ativos, fazem-se simplesmente de farinha de mostarda diluída com água muito quente, fazê-los bastante espessos para formar uma pasta um pouco clara, que se aplica sobre um pano, e não entre pano duplo como os cataplasmas; que não sejam demasiado quentes, pois seguir-se-ia uma queimadura muito sensível à pele, queimadura ocasionada mais pela acuidade da farinha desenvolvida pelo calor, do que por este último. Empregam-se nas febres cerebrais, a febre tifoide, e geralmente contra a ascensão do sangue para o alto do corpo.

Sanguessugas

As sanguessugas só se colocam em casos forçados, nas dores de cabeça ou de olhos ocasionadas pela estagnação do sangue. Uma atrás de cada orelha é um bom derivativo. Quatro no ânus nos embaraços do peito duas debaixo

do seio, do lado onde se sente um ponto que impede a respiração, desviam muitas vezes uma fluxão de peito de que esse ponto é o precursor; quatro, igualmente colocadas no ânus, esvaziam as hemorroidas, e muitas vezes curam-nas; quatro no baixo-ventre, ou entre as coxas, aliviam as mulheres em retorno de idade, como as jovens raparigas não reguladas, ou tendo uma supressão por acidente.

Colocam-se também nos tornozelos dos pés com o mesmo fim, mas no interior das coxas estão melhor colocadas. Basta molhar a parte onde se as coloca, com um pouco de água adoçada, estar em jejum para fazer esta operação. Quando caem gorgadas de sangue, fazer sangrar os buracos, se for necessário, por meio de pequenos cataplasmas, e fechá-los com um pouco de papel Fayard colado no contorno dos buracos, ou um pouco de amadou (acendedor de fogo, com pederneira). Beber depois duas pequenas chávenas de infusão de tília.

Fricções por meio de gorduras, óleos ou pomadas

Estas fricções são muito úteis em todas as afeções de peito, pleurisia, constipação, bronquite, ftise (tuberculoso pulmonar) catarro, asma, e todo o género de perturbação da garganta, do peito, do estômago e da barriga. Fazem-se estendendo as gorduras ou óleos sobre um pouco de flanela, e friccionando várias vezes os lugares que precisam. Untar com a mão nua é de longe preferível. Depois, cobrir a parte com algodão em rama, ou um pedaço de flanela. Nos casos em que estas fricções se dirigissem aos rins ou às costas, e que não se tivesse uma mão amiga para as fazer, pode-se fazê-las a si mesmo, aplicando estas pomadas no dorso da mão que pode atingir mais facilmente do que o oco da mão, até entre os ombros, e isso pela constituição dos braços que se prestam melhor a esta operação.

Emprega-se geralmente a pomada canforada, que tem o seu bom e mau lado, a cânfora não convindo a toda a gente, ao óleo de camomila canforado preferimos o não canforado, pomada ou óleo à flor de hipericão, à flor de cenoura selvagem ou de calêndula dos campos, à arnica, à raiz de orpim, flor de sabugueiro, e de páquerettes dos prados.

Indicaremos a maneira de fazer estes óleos e estas pomadas.

Lavagens

As lavagens tomam-se sempre em jejum, não se está em jejum só de manhã, está-se também durante o dia, quando a última refeição está digerida. O irrigador vale mais do que o clister, e a seringa. O irrigador pode ser moderado pela chave que permite à água sair mais ou menos abundantemente. Muitas pessoas não podem tomar uma lavagem inteira porque, entrando demasiado brutalmente, provoca uma convulsão do reto, que força a devolvê-la instantaneamente. A posição do corpo não é indiferente para a tomar e guardar. A melhor é estar deitado à vontade de

costas, especialmente para as lavagens com óleo puro, que são as melhores de todas as que conhecemos.

Pela sua natureza gorda, pedem apenas para sair, como são um pouco caros, e que para produzir o efeito desejado, devem ser guardados pelo menos alguns minutos, convém, pois, estar numa boa posição.

Colocar debaixo de si um pano dobrado em vários duplos para, em caso de necessidade, não sujar a cama. Estas lavagens são de um calmante superior! Pela sua natureza gorda, apoderam-se dos odores pútridos do corpo, e não trazem ao sair um aroma agradável. A decocção de raiz de alteia e de flor de sabugueiro convém às pessoas ventosas. As à flor de violeta e semente de linho são refrescantes. Como as à parietária, à mercurial, ao mel grosso fundido em água quente, as à flor de papoila e semente de linho, as à cabeça de papoila e semente de linho são muito calmantes.

As à maná comum, quinze gramas como as citadas ao mel grosso, uma colher, são laxativas, isto é, purgativas. A lavagem é um preservativo das constipações. As pessoas cujas dejeções não são regulares deveriam tomar uma de dois em dois dias.

A barriga não funcionando regularmente, vicia o ar que contém, ar que causa os maiores distúrbios, manifesta-se em primeiro lugar por ventos que são causa de dois terços das doenças intestinais e do estômago que existem, contrariam a circulação do quilo e de todos os líquidos do corpo; sangue, mucos, bílis, urinas, albumina, ácidos, etc. A lavagem é de uma utilidade maior do que geralmente se supõe, serve muitas vezes para introduzir infusões que o estômago não poderia suportar, e ataca diretamente os lugares que a reclamam.

Banhos grandes

Deve-se estar em jejum para tomar um banho grande, a fim de que a água não faça nenhuma transição, seja em calor, seja em frio sobre a pele. Que se entre e que se fique um momento de pé na banheira, e que se estenda suavemente a fim de não fazer refluir o sangue para o peito e a cabeça, o que ocasiona a muitos banhistas opressões e zumbidos de ouvidos; não ficar mais de uma hora, e mantê-lo na mesma temperatura.

Para se retirar, aquecê-lo fortemente, e ficar um instante de pé para atrair o sangue às pernas antes de sair. Para os doentes é melhor tomá-los em casa, e meter-se uma hora na cama ao sair para dar tempo ao sangue de retomar o seu curso normal. Que a cama seja previamente aquecida se possível. Ficar de trinta a sessenta minutos.

Estes banhos são simples ou compostos; à água natural; ou adicionando um quilo de sal de cozinha, para o caso de dartros farinhentos, de comichões e de toda a doença da pele, ou adicionar igualmente um quilo de sal de soda,

ou de fortes infusões de ervas aromáticas, como estimulantes; ou de decocções de semente de linho, ou de raiz de alteia como calmantes, ou um alqueire de farelo numa fronha cosida, sobre a qual se senta, este banho é muito refrescante. Banhos ao sulfureto de potássio para os nervos e as dores (banhos ditos de Barèges). Banhos à gelatina; dois quilos fundidos previamente em água suficiente, que se verte então no banho.

Banhos de assento

As mesmas composições têm lugar, evitar ser tomado pelo frio ao estar e ao sair, envolver-se bem para esse efeito com uma manta todo o tempo que se fica. Trinta minutos bastam. As mulheres grávidas encontram-se bem com estes banhos reiterados no fim da gravidez. As pessoas sujeitas a inflamações dos intestinos e das vias urinárias experimentam bem. Estar em jejum especialmente.

Nas descidas da matriz, não abusar delas, afundar-se menos na banheira e ficar apenas quinze minutos, e adicionar uma forte infusão de folhas de nogueira.

Banhos de pés

Os banhos de pés tomam-se para desobstruir a cabeça ou o peito sobrecarregados de sangue, como para facilitar o escoamento do sangue mensal na mulher. Tomam-se mornos, aquece-se constantemente até que os pés fiquem muito vermelhos. Dez minutos bastam, quando é para fazer descer o sangue para as pernas, mas quando é a título de limpeza, pode-se ficar mais tempo, quando se deseja torná-los mais fortes, mete-se uma mão-cheia de sal de cozinha, ou trinta gramas de potassa, ou quinze gramas de farinha de mostarda, ou de água de cinzas. Fazer ferver algumas vezes duas mãos-cheias de cinza, deixar repousar e verter no banho, o efeito é semelhante ao produzido pela potassa, ou às decocções e às infusões empregadas nos banhos grandes.

Banhos das partes sexuais no homem

Estes banhos tomam-se num vaso suficientemente grande para conter os testículos e o pénis, na inflamação que experimentam estes órgãos; inflamação causada na maioria das vezes pelo mal venéreo, onde a glande do pénis é coroada de chagas; ou que uma gonorreia desceu no escroto, que sejam banhos emolientes, à água de semente de linho, ou à flor de sabugueiro, ou à raiz de alteia, para o último caso; mas para o primeiro caso, é preciso tomá-los à água fénica feita de cinco gramas de ácido fénico por litro de água ordinária; ou de água acidulada de algumas gotas de vinagre ou de essência de limão, estes banhos cicatrizarão as chagas; tomar três por dia.

Infusões

As infusões fazem-se vertendo água a ferver sobre as plantas escolhidas. Dez minutos bastam para que estejam prontas a ser bebidas. Todas as flores e folhas de plantas quaisquer tratam-se pela infusão, uma pitada de cada uma basta ordinariamente para um copo de água, bebê-las mornas especialmente nos frios.

Decocção

A decocção exige que as plantas ou raízes sofram de cinco a dez minutos de fervura, a fim de melhor se apoderar do sumo das plantas.

Destilação

A destilação faz-se mais por destilação do que por decocção, mas como nem toda a gente possui retorta ou cucúrbita, pode-se obter o mesmo resultado, adicionando a mesma quantidade das plantas que já ferveram a estas que se faz ferver de novo; por esta nova operação obtém-se uma quintessência das ditas plantas.

Purgas

Entende-se que se purga estando em jejum, na cama, tendo-se preparado pelo menos na véspera por algumas chávenas de infusão de três flores de camomila por copo (adoçar), ou de infusão de violeta, ou de caldo às ervas. Falaremos apenas das purgas húmidas, Adèle e as nossas outras lúcidas nunca tendo admitido as purgas secas, entendemos por estas últimas, os pós, as pílulas, o aloés triturado, que, segundo Adèle, irrita as vilosidades do estômago pela sua infusão neste órgão, o que, consequentemente, é prejudicial aos nervos que as tocam. As purgas húmidas ao contrário, passam sem resistência, e correm com mais facilidade nos intestinos.

Eis os nomes das empregadas por esta lúcida, segundo a necessidade que sente de o fazer, mas das quais cada um pode usar ao seu grado.

Elixir toni-anti-glaires, uma colher de sopa numa chávena de café de infusão de camomila, não tomar mais de duas colheres, tomá-las a quinze minutos de intervalo uma da outra.

Limonada ao citrato de magnésia, de 30 a 40 gramas, para uma garrafa, bebê-la em três copos a quinze minutos de intervalo.

Maná comum, de 30 a 60 gramas numa semelhante infusão de camomila.

Óleo de rícino, de 30 a 45 gramas num caldo gordo, ou de café preto.

Água de Pullna, uma garrafa em três copos espaçados de quinze minutos.

Água de Hunyadi-Janos, um copo ou dois espaçados de quinze minutos.

Água de Sedlitz, um copo ou dois espaçados de quinze minutos.

Maná comum, 30 gramas, fundida num copo de infusão de 6 folhas de sene e de 3 flores de camomila.

Magnésia calcinada, 20 gramas num copo de infusão de três flores de camomila.

Sal de magnésia, 30 gramas fundidos em dois copos de laranjada e adoçar convenientemente. Cortar uma pequena laranja em rodelas, depositar num vaso, meter o dobro de açúcar que de sal, depois verter os dois copos de água a ferver por cima; deixar fundir e infundir quinze minutos, decantar e bebê-los a quinze minutos de intervalo. Esta purga é das mais suaves e ativas que conhecemos. A água de Marienbad é um bom purgativo, especialmente nos hidrópicos dos quais faz evacuar a água, dois copos tomados a quinze minutos de intervalo.

Duas pastilhas de tamarindo, ou quatro cápsulas de óleo de rícino dão uma dejeção forçada.

Xaropes laxativos para as crianças.

Xarope anti-escorbútico, uma colher de criança, de manhã ou à noite.

Xarope de clérambourg, uma colher de criança na dentição.

Xarope de quinces, contra a diarreia.

Xarope de groselhas contra a diarreia igualmente.

Xarope de cerejas, — — —

Xarope de laranja, — — —

Xarope de chicória, — — —

Xarope de ipecacuanha, para provocar a saída das expetorações.

Todas as purgas citadas exigem ser tomadas um pouco mornas para não gelar o estômago; e após cada dejeção beber uma pequena chávena, ou de caldo de vitela, ou de caldo às ervas, ou de uma infusão de duas flores de camomila adoçada, ou de uma pitada de amor-perfeito-do-campo, ou de tussilagem, ou de flor de violeta, uma pitada por chávena. Não sair antes que o efeito esteja terminado, pois uma purga paralisada pode produzir os maiores distúrbios. No dia seguinte, sempre tomar uma lavagem, ou colocar um cataplasma no baixo-ventre.

O Muco ou Catarro (Morve) também se contrai, mas encontra obstáculos nas disposições físicas dos animais, que a enfrentam impunemente.

A ftise (tuberculoso pulmonar) a epilepsia, os cancros, parecem ser hereditários em certos seres, mas na maior parte das famílias, isso não acontece. O que prova que há certas condições pelas quais estes factos ocorrem, mas que não estão submetidos a uma lei sem apelo.

Que estas doenças sejam inerentes aos corpos; submetidas a horas de eclosão; ou que tenham a sua sede numa atmosfera viciada, em alimentos alterados de estado, elas não deixam de existir, e convidam-nos, se não podemos conhecer a fonte de onde saem, a tentar ser as suas vítimas o menos possível.

O primeiro e o mais soberano dos remédios a empregar é o estado moral do ser. Que não se assuste com elas; que as enfrente com indiferença, e não se deixe dominar pelo medo mesmo ao ser atingido por elas.

Afirmou-se que a sujidade tem grande influência nisso, assim como a falta de limpeza: as cidades com ruas estreitas e lamacentas, a falta de escoamento das águas, os depósitos de esterco e de lixo estagnados em lugares mal arejados, são tantas causas que determinam as epidemias e as pestes, crê-se. Pode haver alguma verdade nesta proposição, mas certamente não pode ser generalizada, pois os lugares mais arejados, as cidades melhor cuidadas, os interiores mais confortáveis são atingidos como os lugares mais negligenciados.

A Bretanha, que certamente deixa muito a desejar em matéria de limpeza, a Normandia, a Picardia, a Auvérnia, e um bom número de outras localidades não são mais vítimas do que as regiões melhor cuidadas. Vendo nisso o pró e o contra, não se pode afirmar mais um do que o outro?

Há preservativos?

Uma conduta sóbria, uma constituição sã, cuidados de limpeza, uma força de carácter suficientemente poderosa para não se emocionar e não temer o que quer que seja, funções regulares dos intestinos, são tantos preservativos desejáveis, mas que não impedem que os direitos do destino sejam sagrados.

Usou-se muito de aromáticos nesta ocasião como sendo preservativos.

A cânfora, o alcatrão, o cloro, o fenol ou ácido fénico; a salva, o rosmaninho, a lavanda, o açafrão, o almíscar, o tomilho, a melissa, a hortelã-pimenta, a absinto, o funcho, o bálsamo, o limão, etc., etc., foram empregados com esse fim.

A cânfora ataca os nervos e leva à loucura.

O alcatrão não garante os nossos marinheiros de terem a febre amarela, a cólera e outras doenças.

O cloro foi destronado pelo ácido fénico à espera de que este o seja por outro.

A salva, que os antigos consideravam uma panaceia universal, deixa-nos morrer como as suas irmãs da flora terrestre.

O rosmaninho, base da água da rainha da Hungria, perdeu a reputação que esta boa rainha lhe concedeu, o mesmo acontece com todos os preservativos do reino vegetal; os perfumistas, os farmacêuticos, os droguistas que estão rodeados deles, abrem muitas vezes esta marcha fúnebre que nos conduz ao Estige?

Se forem um meio de força e de fé, que se usem.

Restam os meios de cura; existem? Quais são?

Quando o destino o permite, existem; que se experimentem.

Cólera.

Remédios. — No caso da cólera, por exemplo; é bom empregar os seguintes remédios que empregámos com sucesso em muitas ocasiões. Começar por pedir fogo para aquecer água ou tijolos, que se colocam aos pés do doente, assim como aos seus lados para tentar produzir um forte suor, dar-lhe a beber várias chávenas de infusão de três flores de camomila por chávena, e uma colher de sopa de água de flor de laranjeira, friccionar bem os ombros, peito, rins e coxas até aos pés com óleo morno de camomila não canforado. Colocar sobre a barriga continuamente panos muito quentes. Soprar a uma pequena distância para a raiz do nariz em várias reprises diferentes.

Adicionar na ocasião um bom copinho de rum numa chávena de infusão de chá preto. Após os panos quentes, colocar cataplasmas sobre a barriga, que sejam feitos com farinha de arroz diluída com uma decocção de raiz de alteia e de meia cabeça de papoila.

Se as cãibras continuarem, recorrer a duas colheres de sopa de água de flor de laranjeira morna e adoçada. Se persistirem, colocar num copo de água quente dez gotas de éter, dez gotas de láudano e dez gotas de álcool de hortelã, beber muito quente por colheres de sopa espaçadas, de dez em dez minutos, colocar sobre o oco do estômago e sobre o umbigo um pano branco dobrado em quatro, e soprar através dele em várias reprises, os lábios pousados sobre ele com a intenção de aquecer e acalmar essas partes. Tranquilizar o doente, estar penetrado de obter um sucesso. Quanto mais calmo for o vosso moral, maior será a vossa ação.

Este tratamento teve sucesso em nós mesmos, e em um grande número de doentes para os quais o aconselhámos desde 1847.

Se empregamos a camomila de preferência a qualquer outra flor, é porque Adèle, a nossa lúcida, disse ser um veneno para os animálculos coléricos que, segundo ela, são a causa primeira da cólera. O resto do tratamento entra no quadro dos da ciência oficial. As dejeções por cima e por baixo serão paradas pela camomila.

Colerina. — A colerina trata-se simplesmente com o calor, infusão de camomila, os mesmos cataplasmas sobre a barriga; e o emprego do óleo de

camomila para untar apenas o estômago e a barriga, que deve ser coberta continuamente com algodão em rama. Lavagens com óleo puro, alternadas com uma decocção de raiz de alteia e de flor de sabugueiro.

Se a diarreia continuasse, adicionar meia cabeça de papoila à lavagem em vez de flor de sabugueiro e de uma decocção de arroz em vez de alteia.

Febre tifoide

Esta febre não é outra coisa senão a invasão de uma espécie de animálculos, não da mesma família dos coléricos, mas não menos perigosos, que atacam principalmente as mucosas das vias digestivas, e mais particularmente os intestinos; paralisam as suas funções, destroem os tecidos e levam à morte pela decomposição. Esta doença tem algumas relações com o envenenamento pela triquina. Influi na circulação do sangue, carregando principalmente a cabeça. O tratamento deve visar todo o conjunto do corpo.

Para a cabeça, colocar compressas sobre a testa, principalmente de água sedativa cortada com metade de água quente, compressas de infusão de arnica alternadas com as anteriores. Beber de uma infusão de três flores de camomila por copo, adoçar e adicionar uma colher de chá de água de flor de laranjeira para facilitar a emissão de gases que se encontram contidos no estômago. Alternar com uma infusão de vulnerária apenas nos primeiros dias; depois alternar a infusão de camomila com uma infusão de cabelo-de-venus de Montpellier, que contrabalançará o que a camomila tem de aquecedor, colocar sobre a barriga muitos cataplasmas de farinha de linho, água de raiz de alteia e de flores de papoila, lavagens reiteradas, isto é, todos os dias com óleo puro, alternadas com uma decocção de alteia e flor de sabugueiro, um dia uma, um dia outra.

Purgar de dois em dois dias com dez gramas de sal de magnésia fundidos num copo de infusão de duas flores de camomila muito adoçada, e beber após cada dejeção, da infusão de amor-perfeito-do-campo. Esta febre dura ordinariamente vinte e um dias. Evitar toda a comida sólida, exceto caldos de vaca e de galinha. Quando a convalescença se declara, o apetite torna-se ardente, é aí que reaparece o perigo, é preciso moderar a comida, evitar as substâncias duras, difíceis de digerir, pois os intestinos não são mais compostos senão de uma fraca película, que o menor corpo duro perfuraria e levaria ao que se queria evitar, a morte. A convalescença exige mais cuidados no seu tratamento do que a doença em si. Aí, a infusão de cabelo-de-venus sozinha basta; cortar o vinho da refeição; nada de valentia, da prudência.

A febre amarela e o vómito negro são doenças locais, rebeldes a todos os remédios conhecidos; brutais e sem piedade, levam aqueles que tocam em tão pouco tempo, que são quase sem tratamento. No entanto, nas regiões

que habitam, há alguns remédios do domínio dos lugares, mas que na maioria das vezes só têm efeitos e resultados insignificantes.

Vírus venéreo.

Este vírus tem um preservativo e remédios apropriados?

Tem um e outro, o preservativo está na sabedoria e na prudência, conhecer os seres com os quais se ligam relações amorosas, evitar os dos lugares de prostituição; e das raparigas demasiado complacentes. Quando se perde nesses lugares, não esquecer de se cobrir com a capote inglesa; não beijar nos lábios e limpar previamente os copos nos quais se bebe.

Os remédios. — Já tratámos deles nas doenças das vias urinárias, estes remédios consistem nos depurativos, seja qual for a natureza destes males. A partir da simples úlcera, ao reaquecimento a gonorreia simples e a cordada, dos bubões nas virilhas ou debaixo dos braços; das ulcerações fracas ou complicadas, é preciso purificar o sangue que se encontra viciado por este vírus.

Na gonorreia ordinária, produzindo um fluxo permanente, apressa-se, nos nossos dias, a secá-lo por meio de cápsulas de copaíba ou outras, sem se preocupar que se encerra o lobo na ovelha; o que faz com que o mal reapareça na próxima ocasião; é preciso ao contrário cortar este mal lentamente, bebendo uma hora antes de cada refeição um copo da tisana depurativa que segue:

Fazer ferver durante dez minutos num litro de água.

15 gramas de salsaparrilha.

5 — de raiz de paciência.

5 — de raiz de saboeira.

5 — de raiz de morangueiro.

10 — de pau de alcaçuz.

Uma colher de chá de semente de linho.

Lavar as partes com água fénica composta de cinco gramas de ácido fénico num litro de água, se estiverem ulceradas, ou com água limonada. Um limão cortado em rodelas para um litro de água a ferver.

Após três semanas deste tratamento, tomar duas cápsulas de copaíba manhã e à noite, durante todo o tempo que o fluxo ainda tiver lugar. Se tivesse cessado apenas pelo curso do depurativo, não tomar estas cápsulas.

A ordem restabelecida, purgar com quarenta e cinco gramas de óleo de rícino ou sessenta gramas de maná comum numa infusão de camomila, ou com uma garrafa de limonada ao citrato de magnésia. Se aparecesse ainda

um pouco de fluxo, retomar o depurativo anterior, e algumas cápsulas; nos bubões, recorrer aos cataplasmas reiterados, de farinha de linho, água de raiz de alteia; ou pode ativar, pelos de miolo de pão fervido em leite; adicionar um pouco de gema de ovo cru fora do cataplasma sobre o pano mesmo.

Purgar da mesma maneira quando tiver terminado, durante todo o tempo beber do depurativo que precede, evitar beber vinho puro, licores e álcoois; como a coabitação, nada de lascívias com as mulheres tendo corrimentos brancos; ou logo após as suas épocas passadas. Não ousamos pensar que a ação do coito tenha lugar durante o seu curso; seguir-se-ia uma gravidez malsã, e uma criança escrofulosa e raquítica.

Sarna

A sarna é uma doença da pele, ou para dizer mais justo, esta última torna-se o sede de animálculos que se incrustam nela, mas que se destroem nos nossos dias muito facilmente por meio de banhos ao sulfureto de potássio, e pela untura com a pomada sulfurosa. Mas é sempre bom beber, durante uma quinzena de dias, do depurativo citado, e purgar-se depois.

Varíola

Esta doença exige uma atmosfera quente, e tisanas sudoríficas, a fim de facilitar a saída dos botões que, se estivessem em contacto com um ar fresco, entrariam e ocasionariam a morte, ou em caso contrário, deixariam marcas mais profundas na pele. Garrafa de água quente aos pés, estar bem coberto, beber de uma infusão de borragem, ou de flor de sabugueiro adoçada. Esponjar o pus que rendem os botões especialmente da cara, com uma esponja fina embebida numa decocção de raiz de alteia, ou de uma infusão de flor de sabugueiro quente.

Quanto menos ficar desta matéria nos buracos que apresentam os botões, menos eles deixarão de buracos. Uma ligeira purgação passado o período. Evitar o contacto com outras crianças, e lavar-se a si mesmo as mãos e a cara com água fénica a 5 gramas sobre 1000 de água. A natureza age melhor do que o médico nestes casos, especialmente quando se a ajuda com os cuidados citados.

Raiva e morve

A raiva exige a cauterização em primeiro lugar, ou não podendo fazê-la, se a mordedura for nos membros, fazer uma forte ligadura acima dela à espera de socorro. As opiniões são muito divididas sobre a cura desta terrível doença.

Cada um tem fé na eficácia dos remédios apregoados em muitas localidades; recorre-se a eles, e morre-se a hora chegada. Sente-se que neste caso, deve-se sustentar o moral do doente por asserções verdadeiras

ou mentirosas, que têm o mérito de o ajudar a esperar mais corajosamente o momento fatal. Adèle aconselha sugar a ferida em primeiro lugar, depois cauterizá-la com ácido fénico puro.

Eis um remédio que me foi comunicado no qual Adèle tem fé, transcrevo-o aqui tal como me foi ensinado pelo Sr. Ory, contabilista em Cholet, dizendo-me tê-lo de um médico do hospital, que o tem ele mesmo de um simples camponês que tinha o segredo. Este médico fez a experiência ele mesmo sem nenhum insucesso sobre cento e quarenta e duas pessoas tendo sido mordidas por cães raivosos, e perfeitamente curadas.

Este remédio consiste em pôr a infundir, após serem bem piladas, num litro de vinho branco, durante vinte e quatro horas, as substâncias seguintes, uma mão-cheia de cada uma.

Folhas de pequenas margaridas ditas páquerettes.

Folhas de salva.

Folhas de arruda.

Alho em dente.

Segunda casca de roseira-brava.

Sal de cozinha. Beber durante três dias de manhã em jejum um copo e comer apenas duas horas depois.

Todas as plantas citadas têm uma virtude estimulante muito ativa, cremos que se se adicionasse um exercício ginástico que levasse ao suor, como por exemplo uma forte corrida, que, acelerando a circulação faria melhor penetrar o sumo destas plantas no sangue e em toda a economia animal, que se obteria um sucesso mais assegurado.

Nesta doença, os pensamentos jogam um grande papel lançando o terror em todo o organismo; as pessoas que vos rodeiam tomam ares de circunstância, encorajando-vos o melhor que podem, mas não combatem com firmeza os vossos medos. Elas não fazem entrar suficientemente em vós a convicção de que o cão não estava raivoso, que vive, que foi encontrado e de apresentar um ao doente que se parecesse com o que o mordeu, o que operaria nele uma contra-revolução que poderia ao menos fazê-lo esperar com mais segurança o momento fatal, se não houvesse remédio.

Os jornais falaram nestes tempos de um homem que tinha um gato que afetava muito. Um dia, ao acariciá-lo, o seu gato mordeu-o ao sangue e escapou durante algum tempo, o seu dono acreditou que ele estava raivoso, e por esse facto acreditou-se também atingido de raiva, teve todos os sintomas, e esperava de dia para dia morrer, quando um dia em que estava absorvido pelos seus tristes pensamentos, o seu gato entrou no quarto e

marcou-lhe toda a sua satisfação de o rever, o seu dono encontrou-se instantaneamente livre da sua ideia fixa e não pensou mais na raiva.

Quantos seres se encontram nestas condições, tendo sido mordidos por cães, mais assustados do que raivosos, mordedura que perturba assim o espírito destas pessoas e as conduz a uma morte, que poderia ser evitada, não perdendo de vista esse cão, agarrando-o na ocasião e acorrentando-o para se assegurar do seu estado. Enquanto a pessoa mordida o visse viver daria menos curso aos seus medos, e os dois seriam salvos ao mesmo tempo.

A morve exige grandes cuidados de limpeza nas cavalariças, e de separar os animais que estão atingidos daqueles que não estão: não misturar os arreios, tomar a si mesmo precauções, recorrer à água fénica ou à água acidulada de alguns gramas de ácido acético cristalizado para lavar as mãos. Branquear as paredes com cal, na qual se porá um pouco de flor de enxofre. Depositar um vaso contendo um pouco de alcatrão vegetal, num ângulo da cavalariça, lavar bem o pavimento e não poupar a palha fresca para a cama, são precauções que afastam o vírus contagioso da morve.

CAPÍTULO VIII

DA PREPARAÇÃO DOS REMÉDIOS E DA SUA APLICAÇÃO

Cataplasmas

Que de pessoas não entendem nada da preparação dos remédios e da sua aplicação. No entanto, um remédio mal preparado como mal aplicado pode perturbar tanto quanto pode fazer bem, estando em boas condições. O cataplasma, por exemplo, exige ser preparado fora do fogo, e colocado estando em jejum. Quando é sobre a barriga, não deve atingir o peito, ser antes colocado sobre o baixo-ventre, visto que a sua virtude é atrair o sangue para baixo para libertar o peito, por exemplo; como refrescar os intestinos e as vias urinárias.

Não deve arrefecer sobre a barriga, nem ser colocado demasiado quente, é preciso que o dorso da mão colocado sobre ele possa suportar o calor. É necessário, ao colocá-lo, secar bem a barriga com um pano morno. Em grandes inflamações, é muitas vezes útil colocá-lo de hora em hora, até seis seguidos. São compostos de diferentes substâncias resistentes e líquidas. Resistentes, como a farinha de linho, a farinha de arroz, a farinha de batata, o miolo de pão, etc., líquidas que são infusões ou decocções de plantas ou de raízes, com as quais se diluem as substâncias resistentes. Eis os mais usuais.

Farinha de linho diluída fora do fogo, com uma decocção de raiz de alteia e de flores de violetas como refrescante, ou farinha de arroz, como calmante,

diluída com uma infusão de flor de sabugueiro e de flor de papoila, ou de miolo de pão diluído com uma infusão de folhas de alteia para depósitos e bubões, adicionar metade de uma gema de ovo fresca e crua sobre o pano que toca na pele. Os de farinha de batata, diluídos com a mesma infusão, refrescam.

Os feitos de alhos-franceses cozidos em leite, engrossar com farinha de linho, aplicar tudo misturado junto, são dos mais calmantes, ou farinha de linho diluída com uma decocção de semente de linho, adicionar uma colher de banha, ou farinha de linho diluída com infusão de uma boa pitada de flores de camomila e adição de algumas gotas de láudano, ou farinha de linho com decocção de meia cabeça de papoila, muito calmante. Os feitos aos alhos-franceses ensinados, são muito soberanos como emolientes.

Compressas.

As compressas são feitas de pano ou de flanela dobradas em quatro, embebidas nas mesmas infusões e decocções quentes que as indicadas para lavagens, as que se aplicam sobre a barriga são aconselhadas para os doentes que não podem suportar o peso de um cataplasma.

Nas congestões à cabeça, aplicam-se sobre o topo dela, em gravata, aos pulsos e aos tornozelos dos pés, são ordinariamente de água sedativa cortada com metade de água quente.

Nas dores de cabeça nervosas, as de água fénica a dez gramas de ácido fénico sobre um litro de água ordinária, colocá-las mornas, acalmam e purificam o ar viciado dos cabelos.

As compressas de água salgada colocam-se sobre as feridas sangrentas.

As de infusão forte de arnica, convêm aos golpes recebidos produzindo equimose, têm uma virtude muito estimulante, dividem e expulsam o sangue dos lugares onde está estagnado.

Convêm igualmente nas dores de cabeça por dilatações sanguíneas, cobrindo toda a testa e as têmporas, e pondo à volta do pescoço.

Sinapismos

Os sinapismos aplicam-se ordinariamente na parte de baixo das pernas a partir da barriga da perna, até aos tornozelos dos pés. São compostos de farinha de linho, polvilhada com farinha de mostarda; quando se querem mais ativos, fazem-se simplesmente de farinha de mostarda diluída com água muito quente, fazê-los bastante espessos para formar uma pasta um pouco clara, que se aplica sobre um pano, e não entre pano duplo como os cataplasmas; que não sejam demasiado quentes, pois seguir-se-ia uma queimadura muito sensível à pele, queimadura ocasionada mais pela acuidade da farinha desenvolvida pelo calor, do que por este último.

Empregam-se nas febres cerebrais, a febre tifoide, e geralmente contra a ascensão do sangue para o alto do corpo.

Sanguessugas

As sanguessugas só se colocam em casos forçados, nas dores de cabeça ou de olhos ocasionadas pela estagnação do sangue. Uma atrás de cada orelha é um bom derivativo. Quatro no ânus nos embaraços do peito duas debaixo do seio, do lado onde se sente um ponto que impede a respiração, desviam muitas vezes uma fluxão de peito de que esse ponto é o precursor; quatro, igualmente colocadas no ânus, esvaziam as hemorroidas, e muitas vezes curam-nas; quatro no baixo-ventre, ou entre as coxas, aliviam as mulheres em retorno de idade, como as jovens raparigas não reguladas, ou tendo uma supressão por acidente.

Colocam-se também nos tornozelos dos pés com o mesmo fim, mas no interior das coxas estão melhor colocadas. Basta molhar a parte onde se as coloca, com um pouco de água adoçada, estar em jejum para fazer esta operação. Quando caem engasgadas de sangue, fazer sangrar os buracos, se for necessário, por meio de pequenos cataplasmas, e fechá-los com um pouco de papel Fayard colado no contorno dos buracos, ou um pouco de amadou (pederneira, também foi usado como **material hemostático**, para estancar sangramentos leves). Beber depois duas pequenas chávenas de infusão de tília.

Fricções por meio de gorduras, óleos ou pomadas.

Estas fricções são muito úteis em todas as afeções de peito, pleurisia, constipação, bronquite, ftise, catarro, asma, e todo o género de perturbação da garganta, do peito, do estômago e da barriga. Fazem-se estendendo as gorduras ou óleos sobre um pouco de flanela, e friccionando várias vezes os lugares que precisam. Untar com a mão nua é de longe preferível. Depois, cobrir a parte com algodão em rama, ou um pedaço de flanela. Nos casos em que estas fricções se dirigissem aos rins ou às costas, e que não se tivesse uma mão amiga para as fazer, pode-se fazê-las a si mesmo, aplicando estas pomadas no dorso da mão que pode atingir mais facilmente do que o oco da mão, até entre os ombros, e isso pela constituição dos braços que se prestam melhor a esta operação.

Emprega-se geralmente a pomada canforada, que tem o seu bom e mau lado, a cânfora não convindo a toda a gente, ao óleo de camomila canforado preferimos o não canforado, pomada ou óleo à flor de hipericão, à flor de cenoura selvagem ou de calêndula dos campos, à arnica, à raiz de orpim, flor de sabugueiro, e de páquerettes dos prados.

Indicaremos a maneira de fazer estes óleos e estas pomadas.

Lavagens

As lavagens tomam-se sempre em jejum, não se está em jejum só de manhã, está-se também durante o dia, quando a última refeição está digerida. O irrigador vale mais do que o clister, e a seringa. O irrigador pode ser moderado pela chave que permite à água sair mais ou menos abundantemente. Muitas pessoas não podem tomar uma lavagem inteira porque, entrando demasiado brutalmente, provoca uma convulsão do reto, que força a devolvê-la instantaneamente. A posição do corpo não é indiferente para a tomar e guardar. A melhor é estar deitado à vontade de costas, especialmente para as lavagens com óleo puro, que são as melhores de todas as que conhecemos.

Pela sua natureza gorda, pedem apenas para sair, como são um pouco caros, e que para produzir o efeito desejado, devem ser guardados pelo menos alguns minutos, convém, pois, estar numa boa posição.

Colocar debaixo de si um pano dobrado em vários duplos para, em caso de necessidade, não sujar a cama. Estas lavagens são de um calmante superior! Pela sua natureza gorda, apoderam-se dos odores pútridos do corpo, e não trazem ao sair um aroma agradável. A decocção de raiz de alteia e de flor de sabugueiro convém às pessoas ventosas. As à flor de violeta e semente de linho são refrescantes. Como as à parietária, à mercurial, ao mel grosso fundido em água quente, as à flor de papoila e semente de linho, as à cabeça de papoila e semente de linho são muito calmantes.

As à maná comum, quinze gramas como as citadas ao mel grosso, uma colher, são laxativas, isto é, purgativas. A lavagem é um preservativo das constipações. As pessoas cujas dejeções não são regulares deveriam tomar uma de dois em dois dias.

A barriga não funcionando regularmente, vicia o ar que contém, ar que causa os maiores distúrbios, manifesta-se em primeiro lugar por ventos que são causa de dois terços das doenças intestinais e do estômago que existem, contrariam a circulação do quilo e de todos os líquidos do corpo; sangue, mucos, bílis, urinas, albumina, ácidos, etc. A lavagem é de uma utilidade maior do que geralmente se supõe, serve muitas vezes para introduzir infusões que o estômago não poderia suportar, e ataca diretamente os lugares que a reclamam.

Banhos grandes

Deve-se estar em jejum para tomar um banho grande, a fim de que a água não faça nenhuma transição, seja em calor, seja em frio sobre a pele. Que se entre e que se fique um momento de pé na banheira, e que se estenda suavemente a fim de não fazer refluir o sangue para o peito e a cabeça, o que ocasiona a muitos banhistas opressões e zumbidos de ouvidos; não ficar mais de uma hora, e mantê-lo na mesma temperatura. Para se retirar,

aquecê-lo fortemente, e ficar um instante de pé para atrair o sangue às pernas antes de sair. Para os doentes é melhor tomá-los em casa, e meter-se uma hora na cama ao sair para dar tempo ao sangue de retomar o seu curso normal. Que a cama seja previamente aquecida se possível. Ficar de trinta a sessenta minutos.

Estes banhos são simples ou compostos; à água natural; ou adicionando um quilo de sal de cozinha, para o caso de dartros farinhentos, de comichões e de toda a doença da pele, ou adicionar igualmente um quilo de sal de soda, ou de fortes infusões de ervas aromáticas, como estimulantes; ou de decocções de semente de linho, ou de raiz de alteia como calmantes, ou um alqueire de farelo numa fronha cosida, sobre a qual se senta, este banho é muito refrescante. Banhos ao sulfureto de potássio para os nervos e as dores (banhos ditos de Barèges). Banhos à gelatina; dois quilos fundidos previamente em água suficiente, que se verte então no banho.

Banhos de assento.

As mesmas composições têm lugar, evitar ser tomado pelo frio ao estar e ao sair, envolver-se bem para esse efeito com uma manta todo o tempo que se fica. Trinta minutos bastam. As mulheres grávidas encontram-se bem com estes banhos reiterados no fim da gravidez. As pessoas sujeitas a inflamações dos intestinos e das vias urinárias experimentam bem. Estar em jejum especialmente.

Nas descidas da matriz, não abusar delas, afundar-se menos na banheira e ficar apenas quinze minutos, e adicionar uma forte infusão de folhas de nogueira.

Banhos de pés

Os banhos de pés tomam-se para desobstruir a cabeça ou o peito sobrecarregados de sangue, como para facilitar o escoamento do sangue mensal na mulher. Tomam-se mornos, aquece-se constantemente até que os pés fiquem muito vermelhos. Dez minutos bastam, quando é para fazer descer o sangue para as pernas, mas quando é a título de limpeza, pode-se ficar mais tempo, quando se deseja torná-los mais fortes, mete-se uma mão-cheia de sal de cozinha, ou trinta gramas de potassa, ou quinze gramas de farinha de mostarda, ou de água de cinzas.

Fazer ferver algumas vezes duas mãos-cheias de cinza, deixar repousar e verter no banho, o efeito é semelhante ao produzido pela potassa, ou às decocções e às infusões empregadas nos banhos grandes.

Banhos das partes sexuais no homem.

Estes banhos tomam-se num vaso suficientemente grande para conter os testículos e o pénis, na inflamação que experimentam estes órgãos; inflamação causada na maioria das vezes pelo mal venéreo, onde a glande

do pénis é coroada de chagas; ou que uma gonorreia desceu no escroto, que sejam banhos emolientes, à água de semente de linho, ou à flor de sabugueiro, ou à raiz de alteia, para o último caso; mas para o primeiro caso, é preciso tomá-los à água fénica feita de cinco gramas de ácido fénico por litro de água ordinária; ou de água acidulada de algumas gotas de vinagre ou de essência de limão, estes banhos cicatrizarão as chagas; tomar três por dia.

Infusões

As infusões fazem-se vertendo água a ferver sobre as plantas escolhidas. Dez minutos bastam para que estejam prontas a ser bebidas. Todas as flores e folhas de plantas quaisquer tratam-se pela infusão, uma pitada de cada uma basta ordinariamente para um copo de água, bebê-las mornas especialmente nos frios.

Decocção

A decocção exige que as plantas ou raízes sofram de cinco a dez minutos de fervura, a fim de melhor se apoderar do sumo das plantas.

Cohobação

A cohobação faz-se mais por destilação do que por decocção, mas como nem toda a gente possui retorta ou cucúrbita, pode-se obter o mesmo resultado, adicionando a mesma quantidade das plantas que já ferveram a estas que se faz ferver de novo; por esta nova operação obtém-se uma quintessência das ditas plantas.

Purgas

Entende-se que se purga estando em jejum, na cama, tendo-se preparado pelo menos na véspera por algumas chávenas de infusão de três flores de camomila por copo (adoçar), ou de infusão de violeta, ou de caldo às ervas. Falaremos apenas das purgas húmidas, Adèle e as nossas outras lúcidas nunca tendo admitido as purgas secas, entendemos por estas últimas, os pós, as pílulas, o aloés triturado, que, segundo Adèle, irrita as vilosidades do estômago pela sua infusão neste órgão, o que, consequentemente, é prejudicial aos nervos que as tocam. As purgas húmidas ao contrário, passam sem resistência, e correm com mais facilidade nos intestinos.

Eis os nomes das empregadas por esta lúcida, segundo a necessidade que sente de o fazer, mas das quais cada um pode usar ao seu grado.

Elixir toni-anti-glaires, uma colher de sopa numa chávena de café de infusão de camomila, não tomar mais de duas colheres, tomá-las a quinze minutos de intervalo uma da outra.

Limonada ao citrato de magnésia, de 30 a 40 gramas, para uma garrafa, bebê-la em três copos a quinze minutos de intervalo.

Maná comum, de 30 a 60 gramas numa semelhante infusão de camomila.

Óleo de rícino, de 30 a 45 gramas num caldo gordo, ou de café preto.

Água de Pullna, uma garrafa em três copos espaçados de quinze minutos.

Água de Hunyadi-Janos, um copo ou dois espaçados de quinze minutos.

Água de Sedlitz, um copo ou dois espaçados de quinze minutos.

Maná comum, 30 gramas, fundida num copo de infusão de 6 folhas de sene e de 3 flores de camomila.

Magnésia calcinada, 20 gramas num copo de infusão de três flores de camomila.

Sal de magnésia, 30 gramas fundidos em dois copos de laranjada e adoçar convenientemente. Cortar uma pequena laranja em rodelas, depositar num vaso, meter o dobro de açúcar que de sal, depois verter os dois copos de água a ferver por cima; deixar fundir e infundir quinze minutos, decantar e bebê-los a quinze minutos de intervalo. Esta purga é das mais suaves e ativas que conhecemos. A água de Marienbad é um bom purgativo, especialmente nos hidrópicos dos quais faz evacuar a água, dois copos tomados a quinze minutos de intervalo.

Duas pastilhas de tamarindo, ou quatro cápsulas de óleo de rícino dão uma dejeção forçada.

Xaropes laxativos para as crianças.

Xarope anti-escorbútico, uma colher de criança, de manhã ou à noite.

Xarope de clérambourg, uma colher de criança na dentição.

Xarope de quinces, contra a diarreia.

Xarope de groselhas contra a diarreia igualmente.

Xarope de cerejas, — — —

Xarope de laranja, — — —

Xarope de chicória, — — —

Xarope de ipecacuanha, para provocar a saída das expetorações.

Todas as purgas citadas exigem ser tomadas um pouco mornas para não gelar o estômago; e após cada dejeção beber uma pequena chávena, ou de caldo de vitela, ou de caldo às ervas, ou de uma infusão de duas flores de camomila adoçada, ou de uma pitada de amor-perfeito-do-campo, ou de tussilagem, ou de flor de violeta, uma pitada por chávena. Não sair antes que o efeito esteja terminado, pois uma purga paralisada pode produzir os maiores distúrbios. No dia seguinte, sempre tomar uma lavagem, ou colocar um cataplasma no baixo-ventre.

Fumigações

A fumigação dirige-se à cabeça como às partes sexuais na mulher, à cabeça nas fluxões que não saem e que se deseja atrair para o exterior. Para esse efeito, deita-se uma certa quantidade de uma forte infusão de flor de sabugueiro numa bacia, coloca-se a cabeça por cima para receber o vapor, com a cabeça coberta de modo a envolver-se juntamente com a bacia para não deixar escapar o vapor que esta contém. Uma dezena de minutos nesta posição é suficiente. Secar bem o rosto e o cabelo ao retirar-se, e cobrir a face com um pedaço de flanela ou de algodão em rama.

A fumigação na mulher aplica-se às partes sexuais inflamadas, às descidas da matriz; às ulcerações que este órgão possa ter. Para esse efeito, coloca-se a infusão muito quente no vaso noturno e senta-se por cima durante dez a quinze minutos para dar tempo ao vapor de se introduzir pelo útero até à matriz, cujo vapor acalma o foco e as agitações nervosas. A infusão de flor de sabugueiro é calmante, a de cerefólio é cicatrizante, como a de sálvia; ou de folhas de nogueira. A de sulfato de ferro, no caso de ulcerações hemorrágicas, cauterizá-las-ia tão bem e até melhor do que o nitrato de prata dito pedra infernal de que os médicos se servem habitualmente. Pedra infernal que produz mais mal do que bem, além disso a mulher que receia ser assim tratada pelo médico, torna-se a sua própria médica. Cinco gramas de sulfato de ferro dissolvidos num litro de água quente são suficientes. Evitar tocar no linho que ficaria manchado de ferrugem.

A fumigação com água quente simplesmente facilita nas fezes difíceis.

Injeções

As injeções empregam-se como as fumigações nos distúrbios e nas doenças das vias urinárias; como nos zumbidos de ouvido, pequenas seringas preparadas para esse fim são muito úteis. Estas injeções são compostas, como as fumigações na mulher, segundo a natureza do mal. As para os ouvidos são compostas de segurelha infundida no leite, de flor de alteia, de flor de sabugueiro, de flor de alecrim.

Limonada

A limonada faz-se ao meio de um limão cortado em rodelas depositadas num vaso, adicionar uma colher de chá de chá preto, não poupar o açúcar, deitar um litro de água a ferver por cima. Após infusão de quinze minutos, separar o limão e o chá por decantação. O chá modera o frio do limão.

Bebê-la não em suores, nem saindo de tomar as refeições. Que as mulheres não a tomem durante as suas épocas; mas, oito dias antes, ela clarifica o sangue e prepara-o para uma melhor evacuação. Esta tisana é muito sã e refrescante.

Laranjada

A laranjada faz-se como a limonada e toma-se da mesma maneira, produz os mesmos efeitos, mas é menos fria.

Gargarejos

O gargarejo emprega-se nos males de garganta ou na inflamação da fossa bucal, são ordinariamente compostos de uma infusão de folhas de silva, de água levemente alunada uma pequena pitada de alúmen em pó para um copo de água, de mel misturado em fogo brando a uma quantidade igual de vinagre. Este remédio é muito bom nos cancros da boca nas crianças e nas pessoas adultas, friccionando as gengivas ou as partes afetadas; a infusão de sálvia pequena, de hissopo, de hera terrestre são ainda bons gargarejos.

Linimentos

Os linimentos empregam-se geralmente em fricções contra todo o tipo de dores, de estagnação do sangue, da paralisia mesmo. São de diferentes composições. Eis alguns dos que tiveram mais sucesso, aconselhados pela nossa boa lúcida Adèle.

1° Uma colher de sopa de álcool de menta.

— — Água sedativa.

— — Rum. Agitar bem antes de usar, friccionar cinco minutos à mão e à pele nuas.

2° Óleo de rícino duas colheres.

Álcool de menta dez gotas. Misturar bem.

3° Terebintina de Veneza cortada por quantidade igual de essência de terebintina.

4° Quantidade igual de cada uma das substâncias seguintes:

Água-de-vida canforada, água de melissa, óleo de oliva, óleo de camomila, éter.

5° Duas colheres de óleo de oliva, do tamanho de uma ervilha de alcatrão vegetal, dissolvido em duas colheres de essência de lavanda, adicionar uma colher de álcool de menta.

6° Óleo de cânhamo, óleo de camomila, água fenicada a cinco por cento de água, quantidade igual de cada uma. Experimentar uns e outros, depois ver no artigo pomadas, não friccionar saindo de comer, mas fazê-lo de preferência à noite ao deitar-se.

Pomadas

As pomadas preparam-se de diferentes maneiras, mas a escolhida por Adèle, como sendo a melhor segundo ela, é a seguinte: Colocar as plantas das quais se deseja extrair a virtude numa caçarola ou numa frigideira cobertas simplesmente pela espessura de um dedo de água, colocar em fogo brando para cozer, de modo a que a água na qual estão fique quase seca; depois adicionar a quantidade de banha de porco aconselhada, esta gordura estando derretida, retirar do fogo, passar através de um pano claro para separar as plantas. Deixar arrefecer, depois retirar a gordura para a separar do pouco de água que resta no fundo do vaso, para que não se altere ao contacto desta água que se decomporia mais tarde, colocar em pote e usar ao necessidade. Eis as proporções a observar.

1° Calmante.

5 gramas valeriana.

5 — flor de camomila.

5 — flor de hipericão.

125 — de banha de porco.

2° Contra as dores no lobo direito do fígado 5 gramas de agrimónia.

Uma pitada de flor de camomila.

Uma pitada de flor de espinheiro nobre.

125 gramas medula de boi.

3° Dores de rins.

5 gramas açafrão.

15 — valeriana.

125 — banha de porco.

4° Contra agitação dos nervos, dança de São Guido, untar as articulações.

10 gramas visgo de carvalho.

5 — cucos dos campos.

5 — flor de cenoura selvagem.

5 — flor de espinheiro nobre.

125 — banha de porco.

5° Para feridas e borbulhas, untar o contorno. 15 gramas raiz de consolda maior.

5 — flor de camomila.

Uma cebola de lírio.

Uma cabeça de sempervivo.

Uma pitada de flor de calêndula dos campos.

1 grama sulfato de sulfato de ferro.

125 — banha de porco.

5 gramas flor de hipericão

5 gramas de flor de camomila

5 gramas de raiz de herníola

5 gramas arnica

5 gramas chá preto

125 — banha de porco, friccionar na paralisia do pescoço, na base dos rins, seguindo os pares de nervos que estão ligados a cada vértebra, isto é, partindo de cada lado da espinha dorsal afastando as mãos, fazendo-as voltar para os ombros e os flancos.

7° Para hemorroidas. — Cozer em fogo brando em 125 gramas de manteiga fresca, 25 gramas de raiz de orpim bem lavada, separar as raízes da manteiga, e untar-se manhã e noite, para a noite, fazer aí ficar um pano fino, que esteja untado.

8° Contra dores por arrefecimento nas doenças de pele. — Em 125 gramas, banha de porco derretida adicionar e misturar 10 gramas de flor de enxofre; passar através de um pano. Untar as borbulhas ou friccionar fortemente as dores.

9° Para varizes e ativar a circulação. — Cozer como dito anteriormente em um pouco de água 15 gramas de flores de hipericão, e adicionar 125 gramas banha de porco, passar e colocar em pote.

Óleos medicinais

Uma grande parte dos óleos vendidos pelos farmacêuticos como sendo óleos essenciais extraídos pela destilação das plantas são óleos preparados pela infusão das ditas plantas em óleo comum; feitos a quente, na medida em que as plantas na maior parte contêm muito pouco, outras muito, e outras nada, como, por exemplo, a camomila, etc. A grande quantidade empregada em medicina exige pois que se faça em abundância, basta para esse efeito depositar 15 gramas de flor de camomila em 250 gramas de óleo comum, numa caçarola, sobre uma cápsula cheia de areia, ou em banho-maria, infundir lentamente até quase ebulição.

Retirar, deixar arrefecer e passar através de uma flanela. Colocar em garrafa.

Tem-se óleo de camomila tal como o farmacêutico o vende, tem-se a bem melhor preço, está entendido. Todas as plantas aromáticas ou não, tratam-se da mesma maneira e nas mesmas proporções de 15 a 25 gramas sobre 250 gramas de óleo, conforme se deseje que sejam fortes, recomendamos, o de cânhamo e o de lírio.

O de cânhamo faz-se com as folhas e a flor quando se pode obter, é excelente para os sistemas nervosos agitados, como na dança de São Guido e na epilepsia. Untar o pescoço por trás e toda a espinha dorsal, todo o peito, e as articulações; o de lírio faz-se colocando uma cebola forte de lírio cozer suavemente, como as outras plantas na mesma quantidade de óleo. Este óleo é bom contra os bubões, as queimaduras, e contra as inflamações de toda a natureza.

Licores

cordiais, digestivas, antiespasmódicas e anti-ventosas.

O mais simples e não menos bom meio de fazer estas licores é colocar: raízes, folhas ou sementes, das quais se deseja extrair os sucos, os aromas e as virtudes, infundir durante uma vintena de dias em boa água-de-vida, agitando de tempos a tempos. Depois, decantar ou filtrar se necessário através de um pouco de algodão cardado depositado no fundo de um funil, ou através de papel de filtro, um pano fino ou uma flanela. Açucarar depois de filtrado com açúcar em pó que funde mais depressa e mais facilmente, agitando-o funde-se em alguns minutos e a licor pode ser bebida.

licor de anis estrelado, colocar infundir como dito num litro de água-de-vida, 20 gramas de anis, e açucarar com 350 gramas de açúcar, fazê-lo fundir, como aconselhado na própria água-de-vida, e não em água, o que enfraqueceria a força e o calor da licor.

licor de funcho (mesma família que o anis), mas possuindo mais calor e virtude. 20 gramas funcho (a semente e não as folhas que são empregadas na falta de semente), açucarar com 350 gramas de açúcar.

LICOR À FLOR DE LARANJEIRA, 30 gramas

de flor 350 gr. de açúcar.

LICOR DE MENTA PIMENTA, 30 gr. folhas

e 350 gr. açúcar.

LICOR À MELISSA, 30 gr. folhas e 350

gr. açúcar.

LICOR À ANGÉLICA, 30 gr. folhas e caules e 350 gr. açúcar.

licor ao caroço, uma boa mão cheia de caroços de alperce esmagados, amêndoas esmagadas, colocar tudo infundir e açucarar com 350 gr. açúcar.

licor ao groselha. Esmagar e deixar macerar quarenta e oito horas 250 gr. groselha tal qual; pressionar para extrair o sumo, passar, e açucarar com a mesma quantidade de açúcar, mas substituir álcool a 36 graus à água-de-vida, visto que a groselha dá demasiada água para que a licor seja tão encorpada como as outras.

licor grande chartreuse.

Essência de melissa limonada.. 2 gramas.

Essência de hissopo..... 10 —

Essência de angélica..... 10 -

Essência de menta inglesa... 20 —

Essência de noz-moscada..... 2 —

Essência de girola..... 2 —

Álcool mais ou menos retificado... 2 litros.
Açúcar..... 700 gramas,

ou não açucarar se se preferir tal. Receita emprestada ao Cosmos de 16 de agosto de 1809, experimentada e reconhecida o valor. Um pequeno copo de licor destas licores é suficiente, embora muitas vezes algumas gotas deitadas sobre um pedaço de açúcar ou em um pouco de água quente açucarada produzam o mesmo efeito quando estas licores dele estão privadas; mas geralmente são açucaradas seja com açúcar candi ou açúcar branco.

Vinho de quina

O vinho de quina é calmante, aperitivo e antifebrífugo. Depositar, infundir em suficiente água-de-vida para cobrir apenas as substâncias seguintes durante quarenta e oito horas, depois deixá-las e encher o litro de vinho de Málaga, ou outro de boa qualidade, deixar infundir novamente durante oito dias.

Quina amarela (a madeira dividida). 30 gramas. Amêndoas de cacau Caraue esmagadas..... 30 —

Uma forte pitada de cascas secas de laranja, beber um copo de licor de manhã em jejum, ou após a refeição. A manhã é preferível.

Vinho aromático contra dores.

Colocar infundir em bom vinho tinto durante oito dias e mais, 10 gramas de cada uma das plantas seguintes:

ALECRIM, SÁLVIA, LAVANDA, MENTA PIMENTA, ARNICA camomila, hipericão, empregá-lo em fricções e em compressas nos reumatismos e outras dores locais.

Vulnerário em licor composto por nós.

O vulnerário é composto de um número bastante grande de plantas que fazem esperar que todas juntas devem apresentar uma força superior a uma só ou a algumas. Isso pode ser, como poderia acontecer que se neutralizassem umas às outras; como me disse um dia a minha lúcida Adèle, que pretendia que era a mais forte que era a mais ativa. Se se aceitasse esta proposição, nenhuma mistura em química deveria ter lugar; é o contrário que se apresenta, gerando um estado misto que se encontra ser o recipiente diremos, dos constituintes as matérias tratadas. Pode haver verdade no que diz Adèle, para certos misturas onde as substâncias mais poderosas dominariam as mais fracas, como as plantas sem aromas ou com aromas fracos são dominadas por um aroma poderoso, é natural admitir que este último prevalece sobre o primeiro, como o almíscar prevalece sobre a flor de malva.

Admitamos que um vulnerário bem composto possa ter mais potência do que algumas plantas só. Mas admitamos que é à condição de que todas as plantas que o compõem serão absorvidas em partes tão fracas que assim seja. É o que não tem lugar numa infusão de vulnerário aconselhada como sendo um estimulante maior, infusão que não é composta senão de uma pitada destas plantas por copo de água. Que pode haver de plantas numa pitada! Duas ou três? se não houver senão uma só? Não é vulnerário na aceção da palavra, que se absorve, mas uma simples infusão no máximo de três plantas. Encontrámos pois preferível compor um vulnerário por infusão no álcool do que fazê-lo na água; na medida em que tomando quantidade tão fraca que seja desta infusão estamos assegurados de absorver nesta fraca quantidade uma parte por mínima que seja de cada uma das plantas que compõem o nosso vulnerário; aconselhamos pois fazer o seguinte nas condições que vamos indicar:

Colocar infundir durante vinte dias num litro de boa água-de-vida:

Flor de camomila, 5 gramas, expulsa a

bílis do estômago.

Arnica, 5 gramas, estimulante do sangue.

Sálvia, 5 gramas, acalma os nervos.

Alecrim, 5 gramas, acalma o cérebro.

Erva das mil flores, 5 gramas, contra hemorragia.

Tomilho, 5 gramas, fortificante e anti-vermífugo.

Melissa, 5 gramas, acalma, fortifica o coração.

Tomilho citronela, 5 gramas, refrescante, estimulante.

Funcho, 5 gramas, anti-ventoso.

Folhas de groselha, 5 gramas, fortificante do estômago.

Casca de limão, 5 gramas, anti-vermífugo.

Flor de espinheiro nobre, 5 gramas, acalma os nervos, a epilepsia, a dança de São Guido.

Flor de meliloto, 5 gramas, calmante do nervo ótico.

Menta pimenta, 5 gramas, anti-ventosa e antiespasmódica.

Flor ou folhas de cânhamo, 5 gramas, calmante do cérebro.

Flor de tussilagem, 5 gramas, calmante do pulmão.

Flor de lavanda, 5 gramas, contra dores de cabeça, enxaqueca.

Hissopo, 5 gramas contra a asma.

Flor de hipericão, 5 gramas, desobstrui os vasos capilares.

Folhas e ramos de angélica, 5 gramas, estomacal e cordial.

Açafrão, 5 gramas, calmante, estimulante do sangue e das menstruações.

Pequena centáurea, 5 gramas, contra a febre do sangue.

Consolda maior, 5 gramas, contra as palpitações do coração, e os golpes no interior. Rime, 5 gramas, acelerando a circulação.

Após vinte dias, tirar ao claro e tomar duas colheres de chá num copo de água quente (açucarar), ou tomar sobre um pedaço de açúcar.

Friccionar as dores reumáticas, entorses, fluxões de cabeça, etc. Todas estas plantas, entrando no estômago, dividem-se aí como faz a comida e vão para as localidades das suas afeções; é todo um exército que entra em campanha para aí tomar as posições que lhe são atribuídas. Sabe-se que o corpo do homem é uma combustão contínua de todas as substâncias absorvidas por ele com vista à manutenção da sua existência. Sabe-se igualmente que não são estas substâncias que se consomem assim, mas que elas substituem as que sofrem esta lei.

Por consequência, como são todas as partes formando o nosso corpo que se desunem assim após terem contribuído um certo tempo para o fazer o que ele é, e que estas partes formam os sistemas ósseo, nervoso, sanguíneo, bilioso, glaireux, linfático, pancreático, ganglionar, etc., etc., sistemas que, cada um por sua vez podem ser a causa do mal que se sente; é preciso pois para vir combater estes desordens e restabelecer a harmonia, que combatentes lhes sejam enviados, combatentes que estão nas diversas plantas anteriormente mencionadas.

Se estas substâncias não fossem cheias de vida, nem de saber agir, tanto valeria absorver poeira da estrada, por drogas, e sílex por comida: seria a passagem da areia no relógio de areia que serve para marcar as horas. O ser, não recebendo nada disso, não lucraria em nenhum sentido! Não é assim, não há inércia na natureza, todas as suas divisões, todos os seus trabalhos são tão cheios de vida como ela mesma; cada uma depende de leis que são editadas para ela, leis concordando entre si, por diferentes que pareçam ser, em proveito do todo. Assim pois, contemos com a ação de cada uma destas substâncias, que, em suma, nos darão o resultado desejado.

Água de alcatrão

A água de alcatrão faz-se depositando um pouco de alcatrão vegetal, dito alcatrão da Noruega, num vaso que se enche de água, água que se renova à medida que se toma, agita-se um pouco com uma vareta, bebe-se a toda a hora. Atribui-se-lhe nos nossos tempos muitas virtudes; é aperitiva, antisséptica, anti-pestilencial; assaindo o interior do corpo, cicatrizando os tubérculos do pulmão, etc.

As cápsulas de alcatrão são igualmente boas.

Água fenicada

A água fenicada tem as mesmas virtudes anti-pestilenciais, que a água de alcatrão; possui além disso a de apaziguar as inflamações causadas pelos bubões e as feridas de toda a natureza. Destronou o cloro nos hospitais e nos lugares infetados por maus odores; espalha-se nos apartamentos para assainir o ar (limpar); espalha-se da mesma forma entre os colchões das camas dos doentes, aplica-se em loções para banhos de limpeza, nas mulheres sobretudo que têm a vagino muito inflamado, nas crianças, cuja urina entama (lesionar ou macerar) a epiderme; emprega-se um pouco em todos os distúrbios deste género.

O ácido do qual é extraída, é uma produção do carvão e é um tóxico violento; também não se entrega sem receita médica. A água fenicada entrega-se mais facilmente. A que aconselhamos é composta de 5 a 10 gramas sobre um litro de água comum. Para esse efeito leva-se um litro cheio de água ao farmacêutico e pede-se-lhe para depositar dentro, 5 ou 10 gramas de ácido fénico cristalizável, ao que ele não se opõe, não oferecendo assim nenhum perigo a ser empregada ao exterior, e mesmo interiormente onde foi administrada à dose de 4 gramas sobre 100 gramas de água, mas interiormente. é preferível que não atinja senão cinco gramas sobre mil de água; interiormente assainiza (desinfeta) os órgãos, e abre o apetite; não abusar, um copo de licor a 5 gramas sobre 1000 gramas de água, basta por dia. Emprega-se nos mesmos casos nos animais como no homem. É boa a 2 gramas sobre um litro de água, na tosse, o catarro e a asma.

Água de Lyon

Esta água é soberana nos sufocamentos causados pela asma e todo outro distúrbio do pulmão, toma-se de manhã em jejum, e à noite, uma hora antes da última refeição. Bebe-se um copo cortada por um quarto de copo de leite quente tendo fervido, não açucarar. Dá uma evacuação forçada a certos doentes.

Água de Vichy

Há várias fontes desta água que é muito digestiva e refrescante, para as vias urinárias principalmente. A fonte Madame é preferida por Adèle, mas como esta água se vende cara, pode-se fazer ao meio de pequenos pacotes de sal de Vichy preparados para esse fim. Colocar um pacote num litro de água, preferir os que trazem o selo azul a qualquer outro.

Estes pacotes vendem-se a 10 cêntimos quando a garrafa custa 80. O operário não podendo beber segundo as suas necessidades, pode melhor satisfazê-las usando dos pacotes, emprega-se no vinho das refeições cortando-o por metade.

Água ao bicarbonato de sódio

Esta água tem as mesmas propriedades que a de Vichy, e custa menos cara. Convém sobretudo às pessoas que têm as urinas raras, arenosas, gravilhentas; bebe-se no vinho das refeições cortando-o por metade. Este sal é muito barato, e entrega-se a toda a gente; basta colocar uma colher de chá num litro de água. Deposita nas paredes das garrafas, um pó branco, que se dissolve facilmente com um pouco de água de que se serve para limpar os cobres, ou de água de potassa. A água Rogat César, no vinho das refeições, é também boa contra a pedra. A de Contrexéville, bebida da mesma maneira ou pura, é boa nas afeções do fígado, e da gravilha.

Água ferrada

Esta água aconselhada na pobreza do sangue, as cores pálidas, as fluxões brancas, os estômagos debilitados, é composta de uma mão cheia de pregos forjados, depositados num litro de água. Estes pregos oxidam-se facilmente, e é neste óxido que está a virtude desta água; corta-se o vinho das refeições como as precedentes.

Água de bola de aço de Nancy

Esta água é boa nos golpes ou nas quedas, onde se supõe sangue extravasado no interior. Bebe-se um copo de manhã em jejum, como se faz do vulnerário, durante nove dias, esta água faz-se agitando no copo de água, a bola de aço (que se vende toda preparada para esse efeito), até que a água fique turva pelas partes que se desprendem. Retira-se a bola que serve novamente, até que esteja inteiramente dissolvida.

Água púmice

Esta água foi-me ensinada pelo vidente Ravet, faz-se deixando ficar uma pedra-pomes em água, bebe-se de manhã em jejum um copo, tem quase as virtudes da água boa pré-citada e convém aos asmáticos, aos pulmões fracos, e aos estômagos glaireux (má digestão). Vi bons efeitos dela.

Água zincada ou galvanizada.

Esta água faz-se depositando (como já dissemos) um pedaço de ferro forjado num copo e um pedaço de zinco de mesmo volume, pesando cada um cerca de 10 gramas; atá-los juntos os dois com um fio fraco de ferro, bastante longo para poder ganhar a borda do copo e ser recurvado, para que entre bastante profundamente noutro copo colocado perto do primeiro. Encher estes dois copos de água, mas colocar algumas gotas de bom vinagre no copo que contém o ferro e o zinco, deixar assim durante vinte e quatro horas.

Depois beber de manhã em jejum, o copo de água no qual mergulhou só a extremidade do fio de ferro. Esta água, segundo Ravet, é soberana contra o defeito de circulação dos líquidos e das substâncias no estômago. É um estimulante do qual nos encontramos bem nós mesmos. O seu trabalho é muito visível a olho nu no copo, mergulha-se simplesmente a extremidade do fio de ferro, por pequenos globos gasosos que aí estão por vezes numerosos, o copo no qual estão dispostos o ferro e o zinco serve indefinidamente. Adicionar só todos os cinco dias, algumas gotas de vinagre.

Água de Orée

Esta água cuja receita é pouco conhecida e muito antiga, foi-nos comunicada e experimentada por nós, com sucesso; emprega-se contra as dores reumáticas, e contra as feridas, em fricções, e por compressas.

Colocar em dois litros de água de rio:

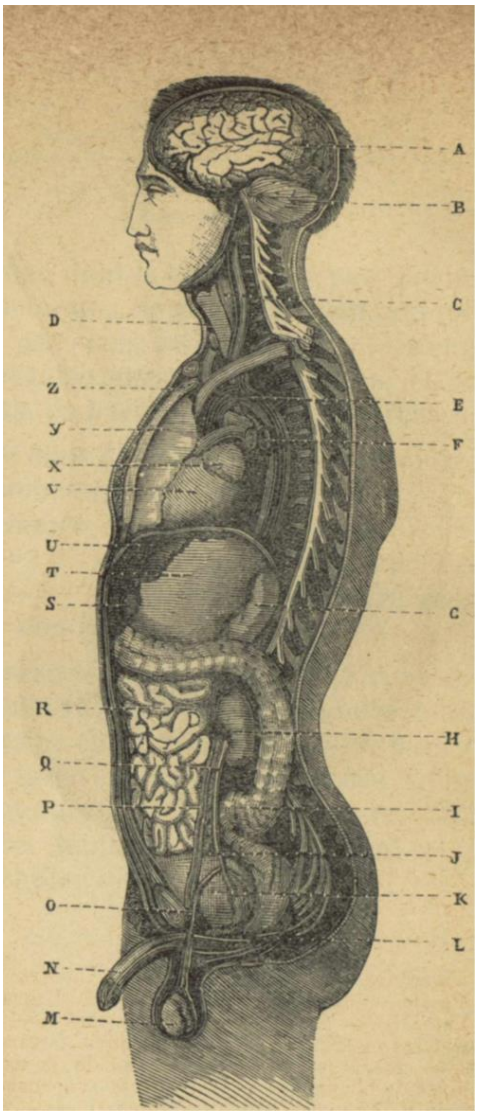
Meio copo de conhaque.

60 gramas, vitríolo branco.

15 — vitríolo de Chipre em pó.

3 — de cânfora em pó. Agitar antes de usar.

Terminamos os nossos conselhos sobre a preparação e sobre a aplicação dos remédios pensando ter feito uma coisa útil a conhecer para todos aqueles que ignoram que uma má preparação e aplicação dos remédios destrói todo o efeito salutar que se espera deles e pode mesmo duplicar o mal.



A. Cérebro. — B. Cerebelo. — C. Artéria carótida. — D. Esófago. — E. Artéria, aorta. — F. Veia cava. — G. Baço. H. Rim. — I. Intestino grosso. — J. Vaso espermático. — K. Bexiga. — L. Glândula próstata. — M. Testículo. — N. Pénis. — O. Osso púbico. — P. Ceco. — Q. Duodeno. — R. Intestino delgado. — S. Vesícula biliar. — T. Estômago.

U. Fígado, lobo direito. — V. Coração. — X. Aurícula do coração — Y. Pulmão direito. — Z. Pleura.

Pensou por 21s

A. A. Rins. — B. Veia cava. — C. Artéria, aorta.

— D. Bexiga. — E. Intestino grosso. — F. Útero. — G. Colo do útero. — H. Vagina, grandes lábios. — I. J. Condutos ureteres. — K K. Grupos ováricos. Ovários. — L. Matriz. — M. Museau de tanche, colo da matriz. — N. Trompas de Falópio. — O. Ligamentos suspensores da matriz. — P. Abdómen. Umbigo. Umbigo. — Q. Osso púbico.

— R. Monte de Vénus. — S. Meato, canal uretral. — V. V Cápsulas suprarrenais. — X. Espinha dorsal. Vértebra. — Z. Superfície interior da coxa.

CAPÍTULO IX

RESUMO DE ANATOMIA DO CORPO HUMANO

ASSIMILAÇÃO, FUNÇÕES DOS ÓRGÃOS EM GERAL,

ESTUDO SOBRE A VIDA ÍNTIMA E DE RELAÇÕES DOS CONSTITUINTES DA MATÉRIA ANIMAL,

OPINIÃO DE BUFFON SOBRE A REPRODUÇÃO DOS SERES,

OPINIÃO IGUALMENTE DO DOUTOR JOZAN SOBRE OS GERMES E SOBRE A SUA FORMA

Ao olhar para o homem exteriormente e abstraindo da sua nobre origem, assim como das suas incomparáveis faculdades de pensar e de locomoção, sente-se muito pouca admiração perante esta massa informe de carne cujos membros, mais ou menos proporcionados ao todo, oferecem muito pouco atrativo. Se fixarmos atentamente a cabeça, esta espécie de capitel no qual parece condensar-se a destilação dos pensamentos, só nos maravilhamos

perante a composição do olho e a expressão do olhar; o todo representa-nos uma criação de uma combinação muito simples; mas se dirigirmos as nossas pesquisas para a sua constituição e para as suas faculdades externas, não podemos dar conta dos seus meios de locomoção e de equilíbrio; da sua potência de alavancas em sentido contrário, isto é, levantando os fardos pelas extremidades destinadas em toda a mecânica a dar, pelo contrário, a força à alavanca. Vede-o dobrar-se em esquadria e erguer-se com um fardo mais pesado do que ele, e defini esta força se puderdes. Vede-o igualmente estender o braço carregado com um peso de vinte e cinco quilos, etc.

Se observarmos o envelope adiposo da forma humana, descobrimos nele inumeráveis tubos, pelos quais entram e saem correntes de ar, de fluidos, de suores, de mucosidades mesmo; correntes que criam um vai e vem destas coisas de onde resulta uma manipulação das mais ativas dos constituintes da vida.

Se fixarmos mais atentamente a textura destes tubos, podemos, com a ajuda do microscópio, contar milhares deles em alguns centímetros quadrados.

Estes tubos são em certas localidades prolongados para o exterior, saindo de um ovário que é a raiz do sistema piloso, produzindo filamentos de um comprimento desigual: da simples penugem aos pelos, da barba e dos cabelos. Estes filamentos, que passam por ser da mesma natureza que as produções do reino vegetal, não são menos curiosos, vistos ao microscópio, na medida em que apresentam uma artéria central de uma grande regularidade, que é percorrida por quem? por quê? Fiquemos pelos fluidos, teríamos medo de dizer demasiado sobre este assunto.

Se na mulher, dirigirmos a nossa atenção para o órgão que serve de entrada e de saída à nossa querida espécie neste mundo, ficamos confundidos na obscuridade do lugar de gestação do presumido rei da criação! Se elevarmos o nosso olhar um pouco mais alto, sentimo-nos cheios de admiração perante estes dois globos, maravilhas de destilação de existência, de amor, de doce quietude e de loucura! A

o atingir o cume do ser, notamos dois olhos que marcam a mesma surpresa que aquela que nos agita, o mesmo amor de conhecer que aquele que nos domina, e que derramam em nós próprios emanações de um fluido, de que nenhuma corrente elétrica pode dar uma ideia.

Vem este fronte, vasto pórtico do recinto sagrado da inteligência humana, este nariz, delicado degustador dos aromas da criação, esta boca, vasta hecatombe pela qual passam tantas substâncias destinadas às nossas necessidades e causando a nossa eterna escravatura, vasta tribuna pela qual se manifestam todas as nossas alegrias e todas as nossas penas morais, todas as nossas apreciações, todos os nossos amores mais ou

menos disfarçados, mais ou menos necessários para serem concebidos e conhecidos?

Eis o homem externo em resumo, mas o homem interno o que é? Visitá-lo-emos como anatomista ou como filósofo? Observá-lo-emos das duas maneiras para o conhecer melhor se isso for possível. Se começarmos pela cabeça, encontramos esta localidade cheia de órgãos, de compartimentos, de vísceras, de matérias diferentes, de ramificações nervosas, galegionárias e sanguíneas; grupos de pensamentos diretivos e contendo um mecanismo de ótica que pode disputá-lo com sucesso aos melhores telescópios conhecidos, na medida em que atinge os horizontes mais afastados, como os pontos mais próximos, sem alongar nem encurtar o seu foco, na medida em que não inverte os objetos para os daguerreotiparem, na medida em que opera sem o socorro aparente de substâncias químicas, deixando passar as imagens das coisas por meios pouco em relação com os diâmetros daqueles que elas representam, tudo sem serem elas próprias senão imagens infinitamente pequenas. Aqui ainda, este órgão age como as alavancas do corpo em contrassenso das leis da ótica, sem estar submetido a essas leis.

Este órgão é, portanto, uma verdadeira lanterna mágica na aceção rigorosa desta palavra, que reflexões e observações a fazer sobre esta daguerreotipia divina, diremos, daguerreotipia que forma a imensa biblioteca da nossa memória.

Acima deste panorama da vida, reside o cérebro, composto por dois hemisférios, víscera cujas funções foram tão estudadas, tão elogiadas e tão contestadas pelos sábios anatomistas, víscera que é o santuário sagrado das meditações do homem, rico foco do grande teatro dos sonhos humanos, éden de encontro dos pensamentos mais sábios, mais sábios e mais artísticos do ser.

A dura-máter, que sobrepõe o cérebro, é para um filósofo da nossa ordem, outro lugar, outro recinto habitado por pensamentos de ordem e de atribuições harmónicas; dizemos pensamentos, não ousando dizer espíritos, na medida em que nos devemos algum cuidado; passamos por ser suficientemente loucos assim. Que estudos inúteis foram feitos; que discussões apaixonadas tiveram lugar entre sábios para saber qual do cérebro que pesa mil e quinhentos gramas e daquele que só pesa mil, deve fornecer a maior soma de inteligência; como se a matéria cerebral contém mais a inteligência do ser, do que as outras vísceras?

Como se esta inteligência não está contida em todas as frações do corpo? Como se os pés, os braços, não pensam e não agem de acordo com a sua própria inteligência local, coletivamente com a das outras partes do corpo. Ai! onde estão os nossos sábios para emitir tais proposições?

Após a dura-máter, vem o cerebelo, esta pequena víscera é, diz-se, o lugar de partida dos germes da nossa espécie, e no entanto nenhum anatomista seria tentado a fazê-lo ser habitado por espíritos invejosos de aproveitar o primeiro comboio de prazer para irem alojar-se durante nove meses na sala de espera da gare terrestre: não, esta proposição parecer-lhes-ia demasiado arriscada para a admitirem, e no entanto o que é este germe se não for o espírito condutor dos nobres trabalhos que vai empreender para tomar lugar no foco doméstico?

Atrás do cerebelo estão oito pares de nervos, que não são os piores cabos do vaso humano. Se descermos para a coluna vertebral, encontramos outra quarentena de pares de nervos atados dois a dois a cada vértebra; o que nos prova que não estamos mal fornecidos de cordagens para a grande e penosa viagem terrestre.

Mas subamos um pouco a esta entrada magistral que nomeámos boca, não nos ocupemos dos lábios, eles sabem mentir e dar beijos enganadores! Os dentes são armas demasiado terríveis para que toquemos no seu arsenal, a língua, mensageira orgulhosa e disfarçada dos habitantes deste interior, não é digna da nossa atenção senão pela sua textura que lhe serve para discernir e apreciar o valor dos entrantes neste inesgotável entreposto, depois para o comunicar ao faringe e ao estômago, grande diretor do colocação de tais substâncias, e severo, muito severo inspetor das encomendas feitas por corretores dos quais é expedidor! encontramos-nos apesar de nós, a observar este sublime trabalho do esófago, do estômago e dos intestinos; o que resumiremos?

Continuemos para o fazer melhor observando as atribuições do esófago ao reto, esta víscera ou tubo, representa, diz-se, seis a sete vezes o comprimento do homem, e é dividido sob os nomes: de estômago, intestino delgado, duodeno, ceco, intestino grosso, reto. Todos nomes dados a certos inchaços, e estreitamentos deste tubo que, em suma, representa bastante a forma de uma trompa de caça, cujo extremo maior é por baixo, o que é uma sábia combinação do construtor desta máquina!

O estômago, o inchaço mais forte e espaçoso deste tubo é toda uma burocracia, todo um ministério cujas ramificações no seu emprego mais simples, são um mistério que não é fácil ao estudante resolver; o que se pode concluir grosso modo, é que nesta recinto de receção, dos envios feitos pelo esófago, existe uma tal combinação de distribuição, uma tal método de classificação e uma tão grande delicadeza de tato, concernente ao triagem e aos escoamentos destas mercadorias, que seria impossível encontrar melhor no escritório central dos correios de Paris.

Toda a gente conhece o gras-double (estômago de boi) que se vende nos tripeiros, e pode apreciar à vista, a complicada textura destas carnes; pois bem! o estômago humano não é combinado de outra forma interiormente, todas as papilas nomeadas tecnicamente vilosidades, são tantos

empregados prepostos à visita e à expedição das substâncias que chegam ao lugar. Existe nestas coisas como em todas as do nosso comércio, não se duvida, uma muito grande inteligência de entrega, e uma muito ativa manipulação química. Saibamos que um legume, por exemplo, ou uma substância qualquer, contêm em si, matérias gordurosas e espirituosas; substâncias anódinas (medicamento ou substância que alivia a dor) ácidas, ou mucilaginosas, sais: magnésia, fosfato de cálcio, etc., acontece que, o que uma destas substâncias não contém em si mesma, ela o arrasta quimicamente ao contacto de outra, o que constitui a combustão, como a assimilação das partes que compõem a economia animal. Destes contactos, destes movimentos diversos, destes estados dissemelhantes, pelos quais passa, do átomo à molécula, entretém-se a vida, entretêm-se a doses reguladas por uma lei que só podemos admitir, mas não explicar, os líquidos biliares, glaireux, albuminosos, linfáticos, pancreáticos, clorídricos, acéticos, gástricos, espermáticos, sanguíneos, lácteos, depois as substâncias nervosas, ósseas, pilosas. Por este fraco vislumbre encontramo-nos perante um laboratório, no qual hábeis destiladores sabem combinar, destilar, coobar, precipitar, e sublimar!

Voltemos às nossas vilosidades estomacais, que veem descer com prazer ou com receio, os materiais dos seus trabalhos, e olhemos para elas cada uma como fatores de um escritório de triagem de cartas, enviando-se umas às outras, as substâncias ao seu endereço, vejamos além disso toda uma miríade de outros triadores, que expedem em todas as direções do seu âmbito, estes constituintes do existir material.

Isso passa-se como nos mercados centrais de Paris, onde se encontram fornecedores das bocas delicadas, às menos exigentes, varredores destes mercados que pelo seu trabalho se tornam, por sua vez, os fornecedores da grande boca faminta da terra. Os primeiros estão ao serviço dos senhores do lugar que são os nervos e todos os órgãos que se nutrem das primícias da terra. Os segundos dirigem-se à classe laboriosa que fica pouco tempo à mesa, ainda menos na cama, mas muito no trabalho.

O escoamento faz-se pelo piloro, orifício do estômago, espécie de passagem estreita comparável ao ânus. Este orifício é uma porta de descarga que não se abre cada vez que se bate, acreditemo-lo bem, pois é uma vigilante supervisora das necessidades, dos lugares que serve, e nunca envia para esses lugares sem ter pedidos da sua parte, visto que haveria confusão e perturbação entre os aspirantes.

A cada descida das substâncias, há tantos vestíbulos que se abrem por meio de portas chamadas válvulas, que são uma garantia contra a brusquidão da chegada e, ao mesmo tempo, que permitem uma estadia no seu domínio e aos habitantes destes lugares de escolher o que lhes é necessário neste envio; é assim que chegam à porta de saída matérias menos preciosas, que são no entanto as mais preciosas de todas, pois são

aguardadas com impaciência por outro gastrónomo, a terra, que se preocupa pouco com o seu estado, visto que as transforma de novo na sua primeira condição.

Se não houvesse senão as partes que formam esta vasta artéria que aproveitassem do contacto e da passagem destas substâncias o resto do domínio humano estaria numa completa escassez, pois o que recebe do exterior pelas inalações aéreas que faz, não bastaria ao seu sustento. Não, não é assim, cada um encontra a sua conta. Os habitantes deste percurso não são senão lojistas que se apressam a trocar contra valor tendo curso a vida, estas aquisições, é então onde os grandes ateliers químicos funcionam com celeridade e saber para expedir noutro estado, noutras direções, as mercadorias recebidas.

Todo o sistema intestinal entra então em funções nesta intenção, e despeja em canais preparados para esse efeito os seus envios à veia cava, espécie de rio das amazonas, que transporta em ondas este suco lácteo que recebe dos intestinos, o conduz e o deposita com prazer no lobo direito do pulmão, que, bom tintureiro, o tinge de rosa, depois o envia tal qual ao coração, grande transformador de todas as partes desta substância, que lhe adjunta certos princípios metálicos, que devem dar-lhe uma potência elétrica, de que anima o sistema ganglionar, telegrafia elétrica do corpo humano, o lobo esquerdo recebe por sua vez esta substância que lhe envia o coração e modifica-a de modo a mudá-la em sangue arterial e em sangue venoso, depois faz um envio considerável pela artéria aorta e a artéria carótida.

Esta conduzindo-o aos órgãos superiores, e a outra às partes inferiores descendo ao longo da espinha dorsal bifurcando-se então em duas partes para os rins, depois espalhando-se em milhares de canais! Eis em suma a passagem de um rabanete, de um pedaço de pão, de um copo de água ou de um copo de vinho nestes órgãos. Esquecia-me de dizer que do seu ponto de entrada nos intestinos à sua saída do domínio abdominal, cada porção destas matérias é submetida a um sistema de eclusagem (passar por uma eclusa) que pela sua força ascensional e a sua retidão descensional, deixa muito para trás o das nossas canalizações industriais.

O pulmão, por outro lado, é um dos alimentadores em chefe das vias aéreas, como as brânquias que avizinham as têmporas são um segundo, diz-se, e o sistema capilar o terceiro; assim o cicerone destes glóbulos sanguíneos, etc., é um simples glóbulo de ar; é ele que comanda às válvulas para darem passagem aos seus protegidos. Não acabaríamos se continuássemos este estudo neste tom, permitimo-nos abreviá-lo passando ao do fígado, da rate e das vias urinárias no homem e na mulher.

O fígado como a rate, ao olhá-los tal qual, não são, como as outras vísceras, senão corpos compostos de sangue, de carne e de nervos, mas quando se observam as funções, encontram-se muito distintas e muito complicadas. O fígado é em certo sentido o alimentador do foco elétrico da

circulação; a rate pelo contrário é o corretivo deste foco. O fígado purifica e peneira, diremos, o sangue e a bile. Esta é uma espécie de substância sabonosa (que tem aspeto de sabão) que, quando está em boas condições, repara, harmoniza, excita o movimento vital de todos os líquidos e de todos os fluidos do corpo; mas que, quando está em más condições, isto é, quando é mais ácida do que anódina (analgésico) perturba, inflama e corrompe os ditos líquidos e fluidos. É nestas condições que o fígado se torna duro e pétreo, estando gorgado (sem dor) de resíduos biliares e sanguíneos, que não podem entrar em circulação.

Pode mesmo, em certos animais, como no carneiro, por exemplo, engendrar uma espécie de semente de animais da forma mais ou menos dos escaravelhos; como a bolsa poeirenta nomeada assim vulgarmente dá nascimento a uma miríade de piolhos no homem, assim como esta verminosa contém os vermes.

A rate não está submetida a estas criações, mas não pode suportar um excesso de calor do sangue que contém, nem mais um excesso de ar nos milhares de tubos que a compõem, sem estar muito perturbada, e perturbar consequentemente as vísceras suas vizinhas, tais como o estômago e o coração. Foi-nos afirmado, pelo nosso excelente vidente Ravet, que as funções especiais da rate eram destilar um ar fresco e peneirado que envia para a região do coração, para modificar o calor: ar fresco que entretém neste estado, por um movimento de dobragem sobre si mesma, que lhe facilita uma contínua absorção e emissão deste ar. Paramos nestas simples noções, que cada uma exigiria um estudo muito longo e muito detalhado, que talvez não elucidasse o que nos resta conhecer. Tratamos mais em resumo do que em detalhe, o que nos é útil saber sobre a composição do nosso corpo, do que conhecer a fundo o mecanismo misterioso que o faz agir.

Passaremos igualmente em silêncio as funções dos sistemas peritoneal (peritônio — a membrana que reveste a parede abdominal e cobre os órgãos internos) pancreático, linfático, ganglionar, ósseo, nervoso, etc., não prevendo que este estudo seja necessário para completar a nossa educação magnética. O químico, o médico, o anatomista, têm mais interesse do que nós em fazê-lo.

Os órgãos das vias urinárias e do parto poderiam igualmente ser passados em silêncio se demasiado frequentemente não fôssemos obrigados a dirigir a nossa ação magnética sobre eles, é por isso que vamos dizer uma palavra sobre eles.

Os órgãos das vias urinárias, embora sendo mais ou menos conformes no homem e na mulher, sendo compostos dos mesmos constituintes, são no entanto muito diferentes, exteriormente na sua forma, os do homem são aparentes, e os da mulher são escondidos. No homem, fora a sífilis, as doenças das vias urinárias parecem concentrar-se em agitações e

estreitamentos dos canais ureterais, assim como na formação de um sedimento calcário, arenoso, que ajudado de glaires e de albumina, solda-se e chega a formar pedras de todas as formas e de todas as dimensões.

A urina, causa presumida destas criações, é ela própria perturbada pelos constituintes e pelos condutos que percorre. Intestinos funcionando mal, pela sua inflamação, influem por contiguidade sobre os rins, primeiros secretores da urina, diz-se, e daí, passando para a bexiga, aí ficando mais ou menos tempo, este órgão, por este facto, encontrando-se em contacto com a ansa do intestino grosso, no qual ficam demasiado frequentemente matérias fecais, deste contacto, nascem criações amoniacais, fosfóricas e siliciosas, segundo a densidade do foco, se encontra ser a potência de cozedura, diremos, consequentemente a calcinação dos sais úricos e outros, que engendram naturalmente a gravilha e as pedras de que acabamos de tratar.

A bexiga, vizinha do intestino de que falamos, pela sua natureza húmida, concorre para desenvolver nele igualmente gases, por meio do foco que a domina, gases que aí se dilatam, e trazem uma muito grande perturbação em toda a economia, e sobretudo no estômago para o qual sobem; aí encontram resistência no seu orifício, que forçam na ocasião, de se abrir para lhes dar passagem, e saem em profusão fazendo um ruído espantoso. A criação e a potência destes gases é para três quartos na causa das doenças que assediam a nossa espécie, na medida em que intercetam toda a circulação dos constituintes do nosso corpo.

Por este simples vislumbre, pode-se dar conta, que as perturbações das vias urinárias podem (pela aliança que têm estas partes com todo o sistema nervoso do qual são elas próprias quase compostas), engendrar uma agitação que se estende até ao cérebro, e perturbar consideravelmente a ordem dos pensamentos. É por esta relação, que perturbações que em medicina se nomeiam hipocondria, doença negra, histeria, anemia, ideias fixas, nascem. O emprego da água magnetizada é de um grande socorro interiormente, assim como as purgações suaves e reiteradas, como o dissemos na parte que trata da gravilha e da pedra.

A descida da matriz é muito mais comum na mulher do que a hérnia no homem, não seria temerário levar o número a 25 %, nas mulheres que têm comércio com os homens; estas descidas são demasiado pouco observadas em medicina, cujo principal tratamento é o pessário, inconsequentemente aplicado, na medida em que corpos duros como o buxo, o marfim ou o cauchu de que são formados, empregados com a intenção de fazer subir este órgão, são meios de ulceração e de introdução de ar no corpo, que trazem desordens enormes nas vias digestivas; os anéis em forma de salsicha, os pequenos balões em cauchu não são de um melhor emprego, um simples bandagem suspensor como tivemos a ideia de confecionar um, apoiando fortemente sobre os lábios, sustentando o baixo-ventre, é de um

melhor emprego do que as cinturas complicadas e muito caras de que se serve sem outro sucesso do que apoiar fortemente sobre a barriga, e por este facto ajudar a matriz a descer ainda mais.

Sem recorrer a um médico, para pronunciar se há descida ou não, a mulher ela própria pode assegurar-se introduzindo o dedo da mão no útero, onde se este dedo aí encontrar um corpo redondo como ele próprio tendo entrado até à segunda falange, este corpo é o colo da matriz, nomeado focinho de tenca, que está engajado neste conduto e que só pede para descer até às bordas e mesmo sair para o exterior.

É aí onde as cinturas suspensórias são úteis, sobretudo de dia; para a noite pode-se aí introduzir uma esponja muito fina embebida numa infusão adstringente como ensinámos. Manter estas partes muito limpas, e evitar levantar pesados fardos; as descidas de matriz são engendradas o mais frequentemente nos partos laboriosos, ou por falsas posições, ou pelos exercícios que exigem um deslocamento de forças mal calculadas; a matriz que muitas mulheres confundem com a vagina, e mesmo com o útero, conduto necessário ao ato do coito, é, pelo contrário, um órgão, tendo a forma de uma pera suspensa no abdómen por quatro ligamentos, como se vê pela nossa prancha, dos quais dois se prendem aos rins e os dois outros ao peritoneu. Estes ligamentos ou cordões, são de uma grande flexibilidade e alongam-se tão facilmente como se fossem de cauchu; é por este alongamento que a descida tem lugar.

À matriz prendem-se dois tubos tendo a forma de mãos na sua extremidade, chamam-se trompas de Falópio; o seu papel é colher os ovos que contêm os dois cachos, que estão igualmente unidos à matriz, ovos que absorvem para os introduzir no interior desta última, onde os animálculos espermáticos os encontram, quando aí são introduzidos, e aí se alojam para o grande e misterioso trabalho da confeção do corpo humano.

No golpe de vista que acabamos de lançar à socapa sobre o nosso organismo, só descobrimos carnes no estado de coesão, e divididas na circulação do sangue, só nervos no estado material e no estado fluídico pelos fluidos que os percorrem, e dos quais são formados; só artérias transportando no seu seio todos os materiais necessários ao seu sustento; só ossos, formados de substâncias magnésicas, de cal, de sílica, de albumina, etc., formando a estrutura que sustenta o edifício humano. Se estivéssemos armados com o microscópio do sábio Button, descobriríamos neste vasto domínio seres de todas as espécies e de todas as formas; ficaríamos assustados à vista destas numerosas criações, que enriqueciam o nosso saber com os conhecimentos seguintes:

Lemos com esta intenção em Buffon, tomo décimo, página 16, edição 1804: «Vejamos em geral (diz este autor), os fenómenos da reprodução, reunamos factos para nos darmos ideias, e façamos a enumeração dos diferentes meios de que a natureza faz uso para renovar os seres

organizados. O primeiro meio é, segundo nós, o mais simples de todos, de reunir num ser uma infinidade de seres orgânicos semelhantes, e de compor de tal modo a sua substância, que não haja uma parte que não contenha um germe da mesma espécie, e que por consequência não possa ela própria tornar-se um todo semelhante àquele no qual está contida!

«Este aparelho parece à primeira vista supor uma despesa prodigiosa e arrastar a profusão, no entanto não é senão uma magnificência bastante ordinária à natureza, e que se manifesta mesmo em espécies comuns e inferiores, tais como são os vermes, os pólipos, os ulmeiros, os salgueiros, os groselheiros e vários outros plantas e insetos dos quais cada parte contém um todo que, pelo simples desenvolvimento, pode tornar-se uma planta ou um inseto, considerando sob este ponto de vista os seres organizados e a sua reprodução, um indivíduo não é senão um todo uniformemente organizado em todas as suas partes exteriores, um composto de uma infinidade de figuras semelhantes e de partes similares: um assemblage de germes e de pequenos indivíduos da mesma espécie, os quais podem todos desenvolver-se da mesma forma segundo as circunstâncias e formar novos todos compostos como o primeiro!»

Vê-se que não avançamos nada de mais, segundo o sábio Buffon ao falar do sistema corpuscular de que o corpo do homem é formado. Acrescentaremos simplesmente que não existe uma partícula tão pequena que seja deste corpo que não seja composta de semelhantes agrupamentos de corpúsculos de forma e de potência diferentes. O que deve levar o químico médico a estudar a forma, a força e o valor dos corpúsculos que causam as desordens do corpo na doença, para lhes opor corpúsculos superiores em força e em saber, para reduzir os outros a nada; como o notamos nas purgações por exemplo, ou uns expulsam os outros após combate travado entre eles. Mas este estudo não é do gosto da maioria dos médicos, o que lhes causa insucessos lamentáveis.

Emprestamos ao Tratado prático das doenças das vias urinárias e dos órgãos geradores do doutor Jozan, as linhas seguintes: (como lhe emprestámos a figura representando um corpo de mulher), para melhor nos fixarmos sobre a natureza do esperma contendo o germe humano sob forma de animálculos, eis como se exprime este sábio médico sobre esta questão.

«O exame microscópico faz descobrir no esperma partículas espermáticas, zoosperma, spermatozoários, espermatozoides

corpos mouventes.....

..... A sua forma, na espécie humana, foi

comparada à do girino da rã; compõe-se de facto de uma parte inchada ovoide um pouco achatada, é a cabeça, de um prolongamento filiforme que vai afinando e que se chama a cauda, a sua pequenez é tal que cinquenta

mil reunidos não podem igualar a grossura de um grão de areia, de facto a sua longitude total é de um vigésimo de milímetro, e o grande diâmetro da cabeça não excede um trezentos avos a um duzentos avos de milímetro. São maiores noutras espécies animais e a sua forma, embora análoga, oferece diferenças notáveis. Se se examina ao foco do microscópio com um aumento de quatro a cinco centenas de vezes uma gota de esperma no momento da sua emissão, vêem-se aí os animálculos moverem-se com uma agilidade extrema.

Agitam-se, movem-se em todos os sentidos, nadam no líquido à maneira das enguias, fazendo ondular a sua cauda, superando os obstáculos que lhes apresenta a corrente do líquido, distingue-se um ponto branco na união da cabeça com a cauda, pouco a pouco os seus movimentos abrandam e a vida abandona-os. A duração da vida dos zoospermas, após terem saído das vesículas seminais, depende do vigor do indivíduo de onde saem, e dos órgãos nos quais são depositados. Se são expostos ao ar livre, os seus movimentos prolongam-se pouco tempo, quatro, seis, oito e mesmo doze horas.»

Faremos observar que é do homem de que falamos, homem tão pequeno, e nadando assim numa gota de esperma, rodeado de uma cinquenta mil homens semelhantes a ele, pois este número não apresenta senão o volume de um grão de areia, uma gota de esperma sendo mais volumosa do que um grão de areia. O que pode tornar-se um número tão grande de homens ou de germes de homem o que é tudo um, batendo à porta de entrada da existência material?

Estamos bem no direito perante uma tal proposição que resolve melhor o microscópio, do que todas as razões do mundo, de negar a possibilidade de agrupamentos de espíritos no nosso corpo; se este mesmo corpo não é em inteiro senão o composto de tais seres (1)? voltemo-nos todos ao estudo do

(1) Ler as citações que contém, sobre este assunto, a nossa obra sobre a Cosmogonia e a antropologia ou Deus, a terra e o homem, estudados por analogia.

homem; temos trabalho cortado de antemão. A proposição dos antigos sobre o homem microcosmo, sobre o homem universo em pequeno poderia ter chance de ser tomada em consideração após mais de dois mil anos de existência! por que meio nos dirão? responderemos pelo da ótica modificada pelo microscópio. À obra crianças, à obra.

Começai por meditar sobre as duas pranchas anatómicas anexas, e sobre as proposições que acabais de ler sobre a composição e sobre a vida íntima que concedem aos corpos que representam e queirais ser os diretores vigilantes dos meios desta vida se quiserdes dela retirar proveito. Que imenso e instrutivo viagem faríeis pelo pensamento, se quisésseis verificar estas proposições, deixando os vossos lugares de prazer e de loucura, para

visitar o grande, o vasto, o universal domínio do corpo do homem: mas ficai por hoje em cuidá-lo.

Juízes encerrados em togas vermelhas ou em togas pretas; que chamais os gendarmes, os carcereiros e os carrascos ao vosso socorro para truncar o curso dos pensamentos que empurraram o vosso irmão na criação a cometer um crime do qual não se dá conta e não pode dar-se conta.

Vós, executores de leis feitas por homens como vós, não tendo estudado mais do que vós quais são as liberdades e as dependências do corpo que punem! Homens que não se dobraram sobre si mesmos para apreciar quem põe em movimento da circulação do sangue à dos fluidos? quem põe em movimento todos os órgãos e os apêndices do corpo? quem faz agir os seus braços, as suas pernas, os seus cinco sentidos: olhos, orelhas, boca e o sentido tátil?

Quem faz mover a sua língua para dizer coisas cuja valor só conhece tendo-se ouvido pronunciá-las? Homem que não sabe quem reuniu as palavras que pronuncia; quem lhes dá a acentuação calmante ou irritante que produzem, ser que depende da dentada de pão que o nutre, da gota de água que acalma a sua sede, de emitir para o exterior o que absorve por exutórios aos quais deve obediência, que arrasta em todos os lugares e a toda a hora consigo a dependência de entreter os seus meios de existência.

Suspendei a vossa pena de morte olhando o interno deste homem; estudai esta criação incalculável de seres que concorrem como ele à sua conservação individual antes da dele, e que perturbam por este facto a harmonia deste corpo do qual fazem parte tornando-o responsável da sua própria desarmonia, que o atiram para os vossos calabouços.

Sequestrai-o da sociedade que perturba, é o vosso direito, mas não ides mais longe, ignorais até que ponto ele era livre de agir como o fez.

Vós mesmo, no vosso assento de juiz, tão sábio, tão grave, tão justo, pudésseis ser, ouvindo este homem defender-se com mais ou menos conveniência, podeis reprimir as agitações do vosso coração às palavras que pronuncia e aos gestos com que as acompanha? Podeis responder que estas agitações, na aplicação das circunstâncias atenuantes, não vos farão saltar de 16 fr. de multa para 500 fr. e de quinze dias de prisão para dois anos? Podeis responder que a impressão agradável ou desagradável que produzirá em vós a defesa, menos do que isso o órgão mesmo do advogado, que falará em favor do culpado, não lhe prejudicarão no vosso julgamento?

De juiz austero e probo, não vos tornareis por este facto culpado de injustiça impondo a este homem mais sofrimento do que o que causou?

Se ele é responsável das suas ações, não sois responsável das vossas? Atrás dele não há uma família, uma mulher, crianças, um presente, um

futuro, uma reputação, destruídos? Destruídos por quem, por quê? Por um combate interior entre animálculos que ignora conter; combate que se travou numa das suas vísceras, combate que perturbou esta víscera, assim como o sistema nervoso que a tapiza; seguiu-se uma tensão do braço que golpeou um golpe condenável quando o culpado uma hora antes ou uma hora depois teria beijado a parte que golpeou.

A língua, por outro lado, pôde pronunciar uma palavra que, na intimidade, teria sido recebida rindo, e que, acentuada de certa maneira, perturba para além de toda a compreensão. O juiz só vê o valor académico da palavra, e não o seu valor vulgar! Condena em vez de absolver.

Se o juiz ouvisse a educação dada à criança do pobre, pelos autores mesmo da sua existência, a mãe fazendo chamar o pai porco, e este fazendo-a chamar por sua vez rameira, o que lhes proporciona um certo prazer ao ouvir sair estas palavras dos lábios rosados da sua criança; palavra que, pronunciadas numa idade mais avançada, lhes parece ser condenável. Diria então: O que há de condenável neste caso, é a sementeira de tais grosserias.

Se perguntarmos ao juiz, sobre o que incide o seu julgamento, quem condena, o ser ou a ação? O ser, é o todo, a ação é a parte. A ação é uma manifestação fugitiva de um grupo de pensamentos. É então condenar a casa por um locatário que a habitou um instante!

Quem pode dizer que o estado de embriaguez, por exemplo, engendrando mais do que todo o outro a agitação, a cólera, a pancadaria e o assassinato, não é engendrado ele próprio por um foco aceso por um excesso de bile, de glaires, de ar viciado, de eletricidade sulfurosa, que consomem uma víscera qualquer, e que força o ser a tentar apagá-lo por substâncias que, pelo contrário, o alimentam até que se siga um delírio que se torna crime!

Se ousasse, acrescentaria, quem pode dizer que não são espíritos bêbados e barulhentos que se apoderaram de uma localidade qualquer deste corpo, que o forçam a dar-lhes a beber o espiritual destas substâncias e que o deixam pagar os potes partidos por eles? Esta proposição decorre naturalmente daquela filosófica que apresenta o homem como sendo um microcosmo, um universo em resumo. Estudemos, repito-o, e não pronunciemos em todas as questões desta ordem, senão após um perfeito conhecimento das coisas.

RESUMO

Acabamos de estudar superficialmente questões que decorrem naturalmente e fazem cortejo àquela médica. Como tratar de uma, sem abordar as outras? Questões que talvez não resolvam melhor os séculos futuros, do que os séculos passados, na medida em que as faculdades do homem são demasiado limitadas para tratar das do todo.

Em medicina, devemos admitir que o que conduziu o homem ao conhecimento das virtudes medicinais das plantas foi o bem-estar, ou o mal-estar que experimentou das suas absorções! que pesquisas, que vítimas para tão fracos resultados que delas decorreram!

Em magnetismo, cremos que a potência do homem sobre o homem, deve ter sido admitida desde as suas primeiras observações pelas impressões diferentes que experimentou ao contacto de certos toques sobre o seu corpo e por certas potências de atração e de repulsão que experimentou ao contacto dos seus irmãos e das coisas que o rodeavam. Atração e repulsão às quais deu os nomes

de ARQUÉ, de FLUIDO VITAL, de od, de MAGNETISMO astral ligando os globos como os seres por uma necessidade, por uma potência de amor universal. Se não podemos estudar nos seus detalhes esta potência, admiremos pelo menos a harmonia que dela decorre!

Tudo o que se oferece aos nossos olhos e cai sob os nossos sentidos existe em virtude de leis editadas, por quem? em vista de quê? Sente-se que uma criação, tal como aquela que conhecemos, só pode ser devida a uma inteligência, que, cremos, se desenvolve sucessivamente para completar um pensum (missão) que só pode cair sob os nossos sentidos diminuindo-o e individualizando-o nos nomes Deus, Jeová, Brama ou qualquer outro. Enfim fazendo dele um ponto central animando e movendo a máquina universal composta de uma poeira (diremos), impalpável de pensamentos que formam o universo no seu todo, como nas suas divisões.

O nosso primeira estudo foi consagrada a estudar a força e a atividade deste fluido desconhecido, saindo e ligando todas as frações do universo, fluido ao qual concedemos o nome de magnetismo astral e animal, digamos geral.

No nosso segundo estudo, apreciámos as proposições físicas que se ligam mais às do magnetismo animal, e provam consequentemente a existência, estudámos igualmente os estados anormais produzidos pela sua ação.

No nosso terceiro estudo, tratámos do sonambulismo, estado que não é para nós senão uma mudança de estado; que um aperfeiçoamento da ótica. Descrevemos os meios de nos servirmos desta ótica, se não dissemos todo o nosso pensamento sobre o seu valor e sobre as imperfeições, é que não encontramos necessário fazê-lo.

No nosso quarto estudo, continuámos as nossas apreciações sobre esta faculdade, e ensinámos os meios de conhecer o seu valor, e de evitar os erros.

No nosso quinto estudo, tratámos da maneira de conduzir e de questionar os videntes cuja especialidade é tratar das doenças; da sua força e da sua fraqueza neste género; ensinámos a maneira de os conduzir na pesquisa e no emprego dos remédios e nas vistas à distância; tratámos das relações da matéria com o espiritual, da alma e da imensidade das suas faculdades, do mecanismo da ótica no estado sonambúlico.

No nosso sexto estudo, continuámos a tratar da alma humana e da sua imortalidade, do meio de evocar as almas dos defuntos, provocar o êxtase, da natureza dos pensamentos e das imagens que depositam em todos os lugares.

No nosso sétimo estudo, tratámos amplamente das doenças que nos assediam, dos remédios a trazer-lhes assim como da higiene a seguir nesta ocorrência.

O nosso oitavo estudo foi empregado inteiramente a ensinar a preparação e a aplicação dos remédios, com detalhes que não deixam nada a desejar, senão de não recorrer a eles.

No nosso nono estudo, tratámos em resumo da anatomia do corpo humano para fazer compreender (ajudado das figuras anatómicas que emprestámos a outros obras), em todos os seus detalhes, os órgãos do corpo para que cada um possa conhecer de visu o que são e como estão colocados estes órgãos no domínio do seu corpo, conhecimento que ignoram em grande maioria os homens. Tratámos segundo o nosso fraco saber nestas matérias, das funções dos ditos órgãos, assim como da sua vida íntima e de relação. Citámos o que Buffon e o doutor Jozan dizem sobre esta questão e sobre a dos germes, tendo já citado a múltiplas reprises nas nossas outras obras o que numerosos sábios tinham dito e admitiam.

Cremos ter feito uma obra útil tentando vir em socorro daqueles que sofrem, e alargando segundo os nossos meios os conhecimentos daqueles que só desejam aprender; o que lhes é difícil, com os livros que tratam destas matérias, livros mais escritos para as classes ricas e instruídas, do que para as pobres e ignorantes. Evitámos servir-nos de termos técnicos que exigem muito estudo e fadiga de memória para serem retidos e compreendidos do simples operário do pensamento e do labor; ficámos no domínio que nos foi atribuído pelo desconhecido, e não quisemos deixar este globo antes de ter feito conhecer a todos o que aprendemos como o dissemos em trinta e cinco anos de estudos e de prática. É porque cremos ter feito algum bem, que desejamos estendê-lo publicando esta obra, que o leitor tenha fé no seu conteúdo, somos incapazes de o induzir em erro

FIM